
Baseado no aterrorizante videogame,
um romance sobre o apocalipse zumbi.
DEAD ISLAND
MARK MORRIS
Galera

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MARK MORRIS



Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera
Rio de Janeiro | 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M858d

Morris, Mark, 1956-

Dead island [recurso eletrônico] / Mark Morris ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2015.

recurso digital

Tradução de: Dead island

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10506-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título.

15-22018

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

Dead Island

Copyright © Koch Media Ltd, 2011

Publicado originalmente por Transworld Publishers.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Adaptação de layout de capa: Renata Vidal

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10506-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

PRÓLOGO

— Tragam-na.

Vestido com o traje cerimonial completo, o xamã era uma visão aterrorizante. Sua pele enrugada, adornada com miçangas que chacoalhavam, estava pintada com espirais simbólicas brancas e vermelhas. Sobre os ombros, ele vestia uma capa de pele de crocodilo curada, e os cabelos longos e embaraçados enroscavam-se em nós de tecido colorido. O homem usava braceletes e tornozeleiras feitos de ossos humanos, e no cinto, sobre o estômago, havia um crânio sorridente.

O xamã liderou a procissão colina acima, por um caminho sinuoso entre os bambus e as almecegueiras, entre aglomerações intensamente coloridas de belas-emílias, alamandas e helicônias vermelhas e serrilhadas. Ali na selva, a vegetação crescia rápido, e, em geral, os rapazes precisavam seguir na frente do xamã para abrir uma trilha pela vegetação rasteira com facões.

A jovem à qual o xamã havia se referido tinha os punhos amarrados com cordas e era arrastada por dois homens fortes que vestiam apenas tangas. Seus corpos musculosos estavam pintados com os mesmo símbolos espirais ritualísticos daqueles exibidos pelo xamã. A garota, por outro lado, embora tivesse a pele escura como a dos nativos que a cercavam, vestia roupas ocidentais: jeans e camiseta de algodão fina. As roupas estavam rasgadas e sujas no entanto,

e o rosto mostrava-se arranhando e ensanguentado. Suas unhas haviam se quebrado quando tentara agarrar e arranhar os corpos de seus agressores. Ela chorava e implorava por misericórdia, com os braços estendidos à frente do corpo, cambaleando ao longo do caminho, descalça.

Em uma fileira mais afastada, atrás da garota, vinham os aldeões, cantando e murmurando os encantos sacrificiais que haviam sido passados de geração em geração. Eles balançavam e se inclinavam, os olhos arregalados, como se tivessem sido hipnotizados ou enfeitiçados.

Finalmente, encerrando a procissão, amarrados juntos pelos pescoços, punhos e tornozelos, as bocas amordaçadas com cipós espessos para que não mordessem, vinham os *zumbis*. Havia 16 deles. Arrastavam os pés e tropeçavam, os olhos esbranquiçados, sem cor, a pele descolorida pela morte e manchada por escaras verdes e brancas de podridão. Quatro homens, dois de cada lado, açoitavam os zumbis com chicotes de crina de cavalo, para que se mantivessem em fila e se movimentassem. O estalar dos chicotes ressoava pelo ar, misturando-se ao vozear dos papagaios acima e ao chamado dos sapos em algum lugar na selva mais densa e protegida, com suas vozes de sino.

Foram necessárias quase quatro horas para que chegassem ao cemitério. O local situava-se a meio caminho do alto de uma montanha árida de pico irregular, que se erguia na massa verde espessa da selva e se conectava com outra cadeia de montanhas que se estendia a distância. Lá em cima, o sol brilhava impiedoso, e a jovem, sedenta e exausta, estava quase desfalecendo. Durante os últimos trinta minutos, ela havia tropeçado e caído repetidas vezes, e seus punhos estavam esfolados e cobertos de sangue após ser puxada, incessantemente, por seus captores para que se levantasse de novo.

À frente do cemitério havia um amplo mausoléu de pedra, construído ao redor da entrada de uma caverna, a qual se estendia para o fundo da montanha. Ele tinha sido construído centenas de anos antes, com pedras retiradas da rocha matriz e, então, cuidadosamente esculpidas e moldadas até que as lascas se encaixassem com perfeição, como peças de um quebra-cabeça tridimensional.

Símbolos antigos semelhantes àqueles pintados no corpo do xamã haviam sido entalhados nas paredes do mausoléu — cujo significado era proteger os mortos de espíritos maligno e certificar-se de que as almas deles fariam uma jornada rápida e segura rumo à pós-vida.

Ao caminhar até o mausoléu, o xamã apoiou as mãos sobre a enorme rocha que fora arrastada até a entrada. Ele murmurou algumas palavras, solicitou ingresso aos espíritos dos mortos, então voltou e ergueu os braços.

Instantaneamente, a cantoria da multidão se extinguiu e o estalar dos chicotes cessou. O único som era o arrastar e o grunhir dos *zumbis* acorrentados e o guizalhar baixinho dos insetos na vegetação rasteira seca e irregular.

— Meus amigos — proclamou o xamã, na língua centenária do povo Kuruni —, viemos aqui hoje para retirar a maldição de nossa aldeia. — Ele apontou para a garota, que, ajoelhada curvava a cabeça para a frente como em uma reverência suplicante diante de seu deus.

— Esta aqui — disse o xamã, com desdém — trouxe vergonha e sofrimento para nosso povo. Com ações egoístas e inconsequentes, ela irritou os espíritos que nos protegem e trouxe a ira deles na forma de pestilência, praga e banimento do reino divino. Há somente um modo de convencermos os espíritos a retirar esta maldição. — Ele fez uma pausa dramática. — Devemos oferecê-la aos espíritos, de corpo e alma, para que eles possam exercer sua punição sobre ela.

O povo vibrou, bateu palmas e cantou.

— Não — gaguejou a jovem. — Isso é errado. Isso é assassinato. — Ignorada, sufocada pela gritaria, ela balançou a cabeça devagar, com o rosto escondido sob as cortinas oscilantes dos cabelos pretos.

Dois rapazes saíram do meio da multidão agitada para segurar as pontas das cordas que prendiam os punhos da jovem, enquanto os dois homens que a haviam arrastado pela selva e para cima da montanha deram um passo à frente, para que ficassem ao lado do xamã. Após um aceno de cabeça dele, os dois estenderam os braços e começaram a empurrar a pedra que cobria a entrada do mausoléu. O suor reluzia dos corpos musculosos dos homens, e veias grossas

saltavam protuberantes de suas testas e seus bíceps enquanto erguiam-na com todo o peso e a força. Finalmente, após um ruído de tritura e areia, a rocha começou a se mover. A princípio, vacilou, então, impulsionada pela própria inércia, rolou para um lado.

As pessoas caíram em silêncio de novo, como se esperassem de certa forma ver os espíritos dos mortos surgirem flutuando e girando das profundezas da montanha. Revelava-se atrás da pedra a entrada arqueada do mausoléu, através da qual se via somente escuridão sombreada.

— Tragam-na para a frente — ordenou o xamã, apontando para a garota. Os dois homens que haviam empurrado a pedra para o lado se precipitaram, pegaram as pontas das cordas das mãos dos rapazes que momentaneamente a estavam vigiando, então deram um puxão violento nas cordas, o que fez com que a garota gritasse de dor e caísse com o rosto no chão empoeirado.

— Levante-se — exigiu o xamã, a voz dele abafando os soluços da jovem. — Se não caminhar para seu destino, nós simplesmente vamos arrastá-la até ele.

Ainda soluçando, a garota se levantou de modo desengonçado. Sangue escorria-lhe pelas mãos agora e pingava dos dedos para o chão. Os dois homens deram outro puxão e ela cambaleou alguns passos para a frente. Exausta e ensanguentada, mas ainda claramente desafiadora, a jovem ergueu a cabeça, os cabelos se afastaram do rosto dela, e, de repente, ela gritou:

— Isso é uma barbaridade! Não enxergam? Não existem espíritos! Não existe maldição! A única coisa que estão fazendo aqui hoje é cometer *assassinato*!

O povo se espantou, mas o xamã simplesmente sorriu com triunfo selvagem e ergueu os braços mais uma vez.

— Estão vendo? — gritou ele. — Estão vendo como a escuridão dentro dela tenta nos enganar mesmo agora?

O povo concordou e murmurou. Com seu ódio momentaneamente consumido, os ombros da garota se curvaram, mas ela encarou o xamã com um olhar acusador.

— Como pode fazer isso? — murmurou. — Você, de todas as pessoas?

O xamã fez um ruído de escárnio, expôs os dentes que haviam sido lixados até que ficassem pontiagudos.

— Não fale comigo, demônio — retrucou ele. — Levem-na para dentro.

Implorando por misericórdia, para que seus captores enxergassem a razão, a garota foi arrastada para dentro da caverna. O xamã a seguiu, enquanto o povo esperava do lado de fora, silencioso e ansioso. Depois de um minuto, os gritos por misericórdia da garota se tornaram gritos de pânico. Conforme os ruídos irrompiam da entrada da caverna e ecoavam pela encosta da montanha, o povo se entreolhava, assentia e murmurava com satisfação. Finalmente, os gritos da jovem se tornaram abafados, e um momento depois o xamã e os companheiros emergiram da entrada da caverna.

— Está feito — anunciou o xamã.

Conforme os homens empurravam a rocha de volta para o lugar, ele ergueu as mãos e disse as palavras ritualísticas de lealdade e devoção. O xamã declarou a esperança de que os espíritos aceitassem o sacrifício deles como penitência e os libertasse do fardo terrível que sofriam. Quando terminou o encanto, o povo murmurou as palavras de resposta, antes de cair em silêncio. O xamã olhou para além da multidão por um momento, o rosto sombrio. Então, de repente, ele sorriu e gritou:

— Que comece o banquete!

O povo comemorou e se virou ao mesmo tempo, empurrando para se posicionar de forma a conseguir uma boa visão do massacre do ritual. Os quatro homens que guiavam o grupo de zumbis prenderam os chicotes em espessos cintos de pele de animal ao redor das cinturas e pegaram facões reluzentes, os quais brandiram no ar em reconhecimento à comemoração do público. Então, com a habilidade prática de açougueiros ou carrascos, eles deram um passo à frente e começaram a golpear os zumbis, separando suas cabeças rápida e precisamente dos ombros. O povo gargalhou quando os zumbis caíram e os rostos, os braços e os peitorais dos matadores ficaram respingados com sangue vermelho-escuro fedorento. As cabeças foram coletadas e passadas pela

multidão, para que fossem colocadas, em fila, aos pés do xamã. Ele demonstrava sua aprovação conforme cada cabeça era enfiada no minguado tronco que serviria de pescoço diante dele. Finalmente, 16 cabeças estavam alinhadas, os olhos arregalados e brancos, as bocas inertes abertas.

Então, uma criança foi empurrada para a frente, de dentro da multidão, um menino de 4 ou 5 anos. O povo murmurou, de modo encorajador, conforme ele caminhava, tímido, até o xamã, carregando um embrulho de tecido nos braços estendidos. O xamã agradeceu com solenidade e, cuidadosamente, desdobrou as camadas de tecido. Aninhada ali estava uma faca curva com símbolos entalhados no cabo. O xamã pegou a faca e a ergueu no alto. O povo comemorou.

Sentado com as pernas cruzadas no chão, o xamã pegou a primeira das cabeças de zumbi e a apoiou entre os joelhos. Então, ele enterrou a faca na têmpora do zumbi, logo acima dos olhos, e começou a bater e a serrar a carne morta e o osso por baixo, cortando, em círculo, o topo do crânio. Levou diversos minutos de trabalho vigoroso antes que finalmente pudesse retirar a tampa do crânio. Quando o fez e expôs o cérebro em putrefação preto-acinzentado, os aldeões entraram em êxtase.

Sorrindo, o xamã afundou os longos dedos dentro da cabeça do zumbi e raspou um pedaço molenga de matéria cerebral. Ele o ergueu na direção de um garotinho, que ainda estava sentado em frente ao xamã, com os olhos arregalados de espanto. O garoto o encarou, hesitante, mas o homem sorriu e assentiu. Encorajado pelos sussurros da mãe, a criança deu um passo à frente, abriu a boca e sugou o pedaço de cérebro brilhante dos dedos do xamã.

Um suspiro de satisfação percorreu o público.

— Comam! — gritou o xamã, e enfiou os dedos no crânio do zumbi mais uma vez. Conforme os aldeões faziam fila para receber sua parte do banquete, ele ofereceu outra porção daquela iguaria das mais sagradas para o segundo receptor. — Comam! — gritava ele. — Comam! Comam! — Quando a primeira cabeça ficou vazia, ele pegou a segunda.

Atrás do xamã, dentro da tumba, sufocados pelo clamor agitado do banquete,

os gritos abafados da garota eram ignorados.

Capítulo 1
ENTRETENIMENTO A BORDO

— Ei, você! Pegue outro deste para mim, pode ser?

O homem com cabelos pretos de corte moicano, com os braços cobertos por tatuagens tribais, inclinou-se tanto para fora do assento que quase caiu aos tropeços no corredor, enquanto tentava despertar a atenção da comissária de bordo que passava. Ele estendeu o braço e, em vez de segurar a atenção dela, acidentalmente segurou a bunda coberta por uma saia azul, enquanto ela se abaixava para conversar com um passageiro idoso que não conseguia fazer os fones de ouvido funcionarem.

— Nossa, desculpa — falou o homem de moicano, com uma risadinha maliciosa, impulsionando o corpo de volta para o assento, então ergueu as mãos com inocência enquanto a comissária de bordo o encarava. — Não quis fazer isso. De verdade. Bela bunda, de qualquer forma.

Depois de lidar com o paciente idoso, a comissária se voltou para o homem de moicano.

— Precisa de alguma coisa, senhor? — perguntou com severidade.

Imediatamente, o sorriso do homem sumiu e a expressão dele ficou raivosa.

— Preciso de muitas coisas, querida — falou ele —, e uma delas é que você se lembre de quem são as porras dos clientes pagantes aqui.

Com um sorriso gentil, a comissária respondeu:

— Ah, eu me lembro, senhor. Lembro-me disso o tempo inteiro.

— É? Bem, talvez devesse se lembrar de deixar essa porcaria de atitude em casa também.

Ainda sorrindo, a comissária retrucou:

— E talvez o senhor devesse se lembrar de manter as mãos quietas. Neste emprego, assédio ainda é crime, independentemente de quem esteja pagando.

— Ei, foi um acidente, está bem? — falou o homem do moicano, alto o bastante para atrair olhares. — Perdi o equilíbrio.

— Nesse caso, aceito suas desculpas — replicou a comissária.

O homem do moicano fez uma expressão emburrada.

— Não vou pedir desculpas a você. Não tenho *por que* pedir desculpas.

O passageiro no assento ao lado era um homem negro, jovem e musculoso, com a barba modelada com perfeição. Ele vestia calças jeans *baggy* e uma camiseta preta justa, além de uma bandana vermelha. Embora tivesse dado todos os sinais de que estava dormindo, ele abriu os olhos e retirou dos ouvidos os fones.

— Por que não para de dificultar a vida da moça simpática? — murmurou o homem.

O moicano se virou para fitá-lo, projetando o maxilar de forma beligerante.

— Quem diabos te chamou à conversa?

— Ninguém — respondeu o homem negro. — Só tô dizendo.

— É, então cai fora, mano. Isso não tem nada a ver com você.

O negro deu um sorriso, exibindo um canino superior revestido com ouro em uma boca que recebera, obviamente, tratamento dentário caro.

— "Mano"? Isso é algum tipo de insulto racial? — inquiriu ele.

O homem do moicano revirou os olhos.

— O que é isso? A semana do assassinato do caráter? Primeiro ela me acusa de ser um agressor sexual, agora você me acusa de ser uma droga de racista.

— Eu não o acusei de agressão sexual, senhor — falou a comissária.

— Assédio, foi o que disse. Basicamente dá no mesmo.

— Bem, você *agarrou* a bunda da moça — respondeu o homem negro.

— Eu estava tentando atrair a atenção dela, foi só isso — protestou o moicano. — Só queria uma porcaria de bebida.

— Que tal se eu pegar uma bebida para você e nós não falarmos mais sobre isso? — sugeriu a comissária. Ela virou os olhos para a fileira de minigarrafas de uísque na mesa dobrável do passageiro, todas vazias. — O mesmo de novo, senhor?

O homem do moicano hesitou. Por um momento, parecia querer prolongar a discussão. Então, finalmente assentiu.

— Claro. E leve estas vazias, pode ser?

— Com certeza, senhor — respondeu a comissária com educação.

Depois que ela foi embora, o moicano se virou para o negro, que o olhava como se ele fosse uma forma de vida esquisita e particularmente repulsiva saída de um lago.

— O quê foi? — perguntou o moicano.

O homem negro balançou a cabeça devagar e deliberadamente.

— Nada. Nada mesmo.

Ele abaixou a mão para pegar os fones de novo, mas antes que pudesse colocá-los, o moicano falou:

— Ei, não conheço você?

O homem negro se encolheu de leve.

— Provavelmente não.

— Sim, claro que conheço. É aquele rapper. Sam alguma coisa.

— Sam B — desistiu o negro, suspirando.

— Sam B! Isso mesmo! Você tinha aquela música, não tinha? Nos anos 1990. Qual era mesmo? "Vudu Hudu"?

— "Who Do You Voodoo, Bitch" — corrigiu-o Sam.

O homem do moicano deu uma gargalhada entrecortada.

— Essa mesma! Nossa, eu amava essa música quando estava no colégio. — Ele parou. Os olhos, meio rosados devido ao álcool, se semicerraram com

desconfiança. — Então, o que aconteceu com você, cara?

— Nada aconteceu comigo — respondeu Sam. — Estou bem aqui.

O cara do moicano riu, como se o rapper tivesse feito uma piada.

— É claro que está. Mas por que não fez mais músicas depois daquela?

Sam fechou os olhos rapidamente. Havia respondido àquela questão tantas vezes que passara a odiar quando lhe perguntavam.

— Eu era jovem — disse ele. — Jovem e burro. Tinha 19 anos e achava que sabia de tudo. Levei muito tempo para perceber que não sabia merda nenhuma. Aquela música foi uma bênção e uma maldição, sabe? Foi um sucesso no mundo inteiro, me tornou uma estrela instantaneamente, mas foi fama demais, rápido demais. — Sam bateu na lateral do crânio com o indicador. — Eu era só um garoto burro de Nova Orleans, e o sucesso subiu direto para a minha cabeça. Perdi a noção das minhas raízes e abandonei os amigos com os quais havia crescido para festejar com os ricos e famosos.

— E parou de escrever música? — perguntou o moicano.

Sam deu de ombros.

— Não aguentei a pressão. Quanto mais as pessoas me diziam que eu precisava criar outro sucesso, mais isso me paralisava. Comecei a tocar em hotéis grandes em Vegas, depois fui para salões imundos em Reno e então para cruzeiros de terceira categoria. — Ele balançou a cabeça. — Mas por que diabos estou contando isso a você?

— Porque reconhece um espírito semelhante?

Sam soltou um risinho.

— É, claro.

A comissária voltou com a bebida do moicano.

— E para o senhor, alguma coisa? — perguntou ela a Sam.

Sam fez que não com a cabeça.

— Estou bem, obrigado.

A comissária sorriu e foi embora. O moicano abriu a minigarrafa e tomou um gole. Depois de esfregar um lábio no outro, ele se virou para Sam de novo.

— Você não me reconhece, não é?

— E deveria?

O sujeito do moicano fez uma pausa e falou:

— Sou Logan Carter.

Sam encarou-o inexpressivo.

O outro homem, Logan, pareceu um pouco desnorteado.

— A estrela do futebol americano, Logan Carter? — esclareceu. — Escolhido na primeira rodada da seleção de jogadores universitários para os times da NFL?

Sam deu de ombros.

— Foi mal, cara. Não acompanho esportes.

Logan engasgou ao ouvir.

— Não acompanha esportes? Isso é como dizer que não acompanha a vida.

Sam deu de ombros de novo.

— Sinto muito. — Ele ficou em silêncio por um momento, então, quase relutante, perguntou: — Então... Ainda joga?

O rosto de Logan ficou sombrio. Ele entornou o restante da garrafa de um gole só.

— Não, eu... Hã... Tive de me aposentar.

— Por que não conta a ele o motivo? — disse uma voz vinda do assento em frente.

Logan piscou e se esticou, como se alguém o tivesse estapeado.

— Como é?

A passageira se virou e ficou de joelhos sobre o assento, a cabeça dela se ergueu acima do encosto da poltrona. A garota era linda, com a pele da cor de madeira e os cabelos, uma cascata preta sedosa. Tinha o nariz arrebitado e lábios grossos e quase violeta, que Sam achou que podiam se abrir e sorrir, mas que no momento estavam pressionados em uma expressão como reprovação, e olhos pretos grandes e intensos.

— Eu disse: por que não conta a ele por que teve de se aposentar? — repetiu a menina, a voz rouca e acolhedora.

— Que diabos isso tem a ver com você? — perguntou Logan.

A garota apontou para ele.

— Ele não te reconheceu, mas eu reconheço. Sei o que você fez.

— O que eu fiz? Eu não fiz nada.

— Você matou uma garota.

A acusação foi tão direta que por um momento ninguém se moveu ou falou. Então Logan, com o rosto vermelho de ódio, disparou:

— Não matei ninguém.

— Não? — disse a jovem, e inclinou a cabeça para um lado. — Então como *você* chama isso?

— Eu chamo de acidente. E foi disso que o juiz chamou também. Então largue do meu pé, moça!

Pela primeira vez, a garota voltou a atenção para Sam. Ele sentiu um revirar no estômago quando os olhos escuros dela o analisaram, uma sensação que ficava entre o desejo e o desconforto. A garota era incrivelmente linda, do modo como uma pantera é linda. Sam teve a sensação de que ela podia ser predatória, perigosa.

— *Você* já matou alguém, Sam? — desafiou ela.

O primeiro instinto de Sam foi perguntar à garota como sabia o nome dele, mas percebeu que ela devia estar escutando a conversa. Então balançou a cabeça.

— Não.

— Que bom saber. Essa culpa corrói por dentro. Não é, Sr. Carter?

Logan fuzilou-a com um olhar.

— Que parte do "largue do meu pé" você não entendeu?

Sam ergueu as mãos. Pacificador não era um papel que costumava fazer, mas, também, não se deparava com frequência com pessoas que pareciam ainda mais na merda do que ele.

— Vamos apenas nos acalmar um pouco aqui, tudo bem? — disse, e se virou para Logan. — Ouça... Logan. Por que não me conta o que aconteceu?

Logan deu um suspiro mal-humorado e olhou para a garota de um jeito

ameaçador. Ela sorriu.

— É, *Logan*, por que não faz isso?

— Não preciso me justificar para você — falou Logan para a jovem.

Ela deu de ombros como se não se importasse de qualquer forma, com uma expressão de leve divertimento no rosto. Sam tocou o braço de Logan rapidamente.

— Ei. *Eu* gostaria de saber, cara. Estou interessado. E tenho a mente aberta aqui. Nossa, nem mesmo tinha ouvido falar de você até dez minutos atrás. Sem ofensa.

Logan quase sorriu para aquilo. Então se endireitou na poltrona e falou:

— Preciso de mais uma bebida.

— Por que *todos* não bebemos? — propôs a garota. — Por minha conta. Sam?

Sam deu de ombros.

— Acho que quero um refrigerante.

— Nada mais forte?

Sam apontou na direção da minigarrafa de uísque na mesa de Logan.

— Já tive problemas o bastante com essa coisa. Não vou repetir o erro.

A garota chamou a comissária e pediu as bebidas: o mesmo para Logan, um refrigerante para Sam, um coquetel de vinho branco para ela.

Quando as bebidas chegaram, a jovem falou:

— Então, Sr. Carter?

Logan semicerrou os olhos na direção dela.

— O que você é? Policial?

— Já fui — admitiu a garota.

— Faz sentido. — Logan tomou um gole pequeno da bebida, dessa vez servira o uísque em um copo de plástico, e então falou para Sam: — Acho que, como você, eu era jovem e burro. Ao contrário de você, no entanto, eu tinha mesmo tudo. Fui estrela do futebol americano no ensino médio e na faculdade, então eu era... Protegido.

— Mimado, quer dizer? — falou a garota.

Logan exibiu uma expressão de raiva.

— Quem está contando a história? Eu ou você?

A garota ergueu as mãos, como se desse a palavra a ele.

Ainda com expressão irritada, Logan falou:

— Nem mesmo sabemos quem você é.

Depois de dar de ombros, como se não fosse importante, a garota falou:

— Meu nome é Purna.

— Purna? — repetiu Logan. — Que tipo de nome é esse?

— É australiano — respondeu ela. — Aborígine, na verdade.

— Você é aborígine? — perguntou Sam, interessado.

— Metade... Por parte de mãe. — Ela voltou a atenção para Logan e de repente sorriu. Sam quase engasgou. O sorriso dela era tão radiante quanto ele havia imaginado, como o sol saindo de detrás de uma nuvem. — O que dizia, Sr. Carter?

Por um momento, Logan pareceu espantado, como se tivesse sido enfeitiçado pelo sorriso dela também. Então assentiu rapidamente e falou:

— Então... Hã, é. Como eu dizia, era protegido. Tinha basicamente tudo o que queria: fama, dinheiro, mulheres, carros velozes. — Ele fez uma careta de tristeza. — Este último foi minha ruína. Bem... Os dois últimos, acho. Eu deveria ter cuidado mais de mim mesmo, mas, bem... Havia muitas festas naquela época. *Muitas* festas. De qualquer forma, certa noite, eu havia bebido demais, cheirado muito... Sabem como é. E esse cara começou a implicar comigo por causa do meu carro, chamou de porcaria e tal.

— Que tipo de carro era? — perguntou Sam.

— Um Porsche Spyder. Como o que James Dean costumava dirigir. Carro de classe, cara... — Por um momento, o rosto de Logan se suavizou e ele quase pareceu prestes a chorar.

Sam assentiu bruscamente.

— Com certeza. Então, o que aconteceu?

Logan respirou fundo.

— Eu o desafiei para uma corrida. O Buick velho e fodido dele contra meu Spyder. Quero dizer, ele não tinha chance, mas o babaca burro aceitou. — Ele deu de ombros. — Eu queria ensinar uma lição ao cara. Não apenas derrotá-lo, mas derrotá-lo *de verdade*, sabe.

— Mas acabou derrotando a si mesmo, não foi? — disse Purna, baixinho.

Logan deu uma risada de escárnio, mas foi ríspida, sem humor.

— Pode-se dizer que sim. Fiz uma curva rápido demais. Perdi o controle. Bati contra uma parede a... Sei lá... 130 ou 150 quilômetros por hora? — Ele estremeceu e tomou um gole da bebida. — Destruiu meu joelho. Fim da minha carreira. Mas essa não foi a pior parte.

Sam olhou de relance para Purna, então de volta para Logan.

— A garota? — perguntou ele.

Logan fez que sim.

— O nome dela era Drew Peters. Pegou carona na corrida. Ela absorveu todo o impacto...

— Mas você se safou — disse Purna. Seu tom de voz era indecifrável.

Logan confirmou e olhou para Purna, a expressão quase desafiadora.

— É, eu me safei. O que posso dizer? Tive um bom advogado.

— O dinheiro fala mais alto — rebateu ela, e dessa vez havia definitivamente amargura no tom de voz.

— É o que faz o mundo girar, querida — murmurou Logan. — Sempre fez e sempre fará.

Antes que Purna pudesse responder, houve um estalo vindo do comunicador e a voz do piloto, o qual havia se apresentado mais cedo como capitão Avery, fez um anúncio.

— Senhoras e senhores, começaremos em breve nossa aterrissagem no aeroporto da ilha Banoi. Queiram, por favor, voltar a seus assentos, colocar os cintos de segurança e retornar as mesas à posição vertical. Está um dia lindo na ilha hoje, com temperaturas na região de 27° C, e a hora local é 11h52. Em alguns momentos atravessaremos a cobertura de nuvens e aqueles do lado direito do

avião poderão ver a ilha conforme iniciamos a aproximação. Espero que todos tenham tido um voo agradável e, em nome das Linhas Aéreas Internacionais da Nova Guiné, agradeço por voarem conosco.

A voz do piloto foi desligada e, alguns segundos depois, o som dos motores começou a aumentar. Purna, Logan e Sam apertaram os cintos. Sam, agarrado aos braços da poltrona, olhava pela janela conforme nuvens brancas rarefeitas ondeavam pelo avião. Ele não ficava nervoso ao voar de avião, mas estava ansioso com relação ao que o esperava na ilha. O show no melhor hotel resort de Banoi, o Royal Palm, caíra em seu colo como por milagre, e Sam estava determinado a não arruiná-lo. Aquela poderia ser sua última chance de provar que não era uma piada, talvez sua *única* chance de mostrar o novo material diante de um público considerável. E, quem sabe, se pelo menos um ou dois executivos de gravadoras para quem seu empresário avisara do show fizesse o esforço de aparecer, aquilo poderia até levar a um novo contrato, o primeiro de Sam em mais de seis anos. Ele estava desesperado para mostrar ao mundo que não era uma estrela de um sucesso só, que era muito mais do que "Who Do You Voodoo, Bitch". Sam engoliu em seco para aliviar a pressão nos ouvidos conforme o avião investia na direção do solo, mas estava com a boca seca.

— Ei, veja só aquilo! — exclamou Logan ao lado de Sam, inclinando-se para a frente o máximo que o cinto de segurança permitia.

Sam acompanhou o olhar dele e viu um paraíso tropical luxuriante abaixo, cercado por um oceano tão plácido e cristalino que parecia reluzir como uma planície de diamantes azuis e brancos. Do lado esquerdo da ilha estava a área do resort: hotéis, restaurantes, bares e lojas aglomerados ao redor de uma praia ampla de areia branca imaculada. Para além disso, cobrindo facilmente setenta por cento de Banoi, havia uma floresta tropical densa, a qual, em certo momento, dava lugar, do lado mais afastado da ilha, a uma cadeia montanhosa árida, de picos irregulares, que se erguia acima do verde como o dorso áspero de um animal pré-histórico.

— Parece mesmo o paraíso — falou Sam, embora ainda não conseguisse

acalmar o nervosismo no estômago.

Logan apontou para a direita da ilha.

— O que é aquilo?

Mais ou menos alguns quilômetros afastada da costa, havia uma ilha menor, pouco mais do que uma rocha, com talvez 800 metros de circunferência, com um prédio cinza retangular situado em uma elevação no centro. O prédio parecia um enorme, porém sombrio, edifício comercial, e era subjugado por uma torre de terraço reto em um canto que despontava em direção ao glorioso céu azul como se fosse um dedo acusatório.

— Parece uma prisão — ponderou Sam, ao reparar na enorme cerca eletrificada que circundava o prédio.

O rosto de Purna surgiu no espaço entre os assentos.

— É a prisão de segurança máxima de Banoi — confirmou ela. — Cheia de psicopatas e terroristas. Os habitantes locais a chamam de... Bem, não me lembro da palavra exata, mas quer dizer "inferno no paraíso".

— Como você sabe tanto? — perguntou Logan.

— Leio bastante — respondeu Purna. — Você deveria tentar.

A prisão girou para longe deles conforme o avião se inclinava levemente para fazer a aproximação final da ilha. Logan olhou para Sam com os olhos um pouco embaçados pela bebida.

— Bem-vindo ao paraíso — disse ele.

Capítulo 2
HONRA DE FAMÍLIA

— Royal Palm Hotel. Como posso ajudá-lo?

Enquanto lidava com o pedido do cliente, Xian Mei se perguntou, não pela primeira vez, o que estava fazendo ali. Ela odiava viver uma mentira, odiava se arriscar e, mais do que tudo, odiava o fato de que sua vida, atualmente, parecia não ter direção. Fora informada de que estava fazendo um "trabalho importante para seu país", mas o que havia de tão importante em observar os hábitos de um bando de turistas ocidentais ricos? Banoi não era exatamente a linha de frente, e ser recepcionista no balcão de um hotel de luxo no meio do nada, longe da família e dos amigos, estava bem distante do modo como imaginara honrar a memória do pai.

Xian Mei ainda se lembrava daquela noite terrível em outubro de 1999 como se fosse ontem. Tinha 12 anos na época, estava em casa com a mãe, Jiao, e o dever de casa se espalhava sobre a mesa da cozinha do apartamento no sexto andar em Pequim. Ela estava tentando terminar mais cedo porque a avó, Li, as visitaria. Quando a campainha da portaria soou, Xian Mei, a princípio, presumiu que a avó havia chegado mais cedo. Jiao, que estava preparando bolinhos de carneiro para o jantar, ergueu as sobrancelhas de forma bem-humorada para a filha e caminhou até o corredor, após secar as mãos na toalha. Quando atendeu à campainha, Xian Mei ficou surpresa e, de início, aliviada ao ouvir a voz de um

homem pelo interfone. Seu primeiro pensamento foi que talvez tivesse tempo de terminar o dever de casa antes que a avó chegasse, afinal de contas. Não tinha como saber naquele momento que jamais terminaria o dever de casa, que os bolinhos de carneiro que a mãe preparava com tanto amor jamais seriam comidos, e que a vida dela, e a de sua mãe, jamais seria a mesma.

O visitante era o sargento-detetive Paul Ho, amigo e parceiro de seu pai. Muitas vezes, Paul e sua linda esposa Huan haviam sido convidados para a casa dos pais de Xian Mei, e as noites deles juntos eram cheias de risadas e boa diversão, e em geral — para os adultos — um pouco de vinho demais. Xian Mei gostava de Paul, não apenas porque ele era cheio de piadas e elogios, mas também porque costumava levar algum presentinho para ela — um arco para o cabelo, uma bonequinha de bolso para a coleção, um cofrinho em formato de um gato gordo e sorridente.

Paul não levou um presente para Xian Mei naquela noite, no entanto. Nem estava cheio de piadas e risadas. Chovia e quando ele surgiu à porta, água escorria-lhe pelo rosto e pingava do casaco. Paul murmurou um pedido de desculpas, mas Jiao disse que não se preocupasse. Ela pegou uma toalha e, enquanto o homem secava os cabelos e o rosto, Jiao perguntou com a voz sussurrada — quase como se tivesse medo da resposta — qual era o problema.

Quando recordava, o que Xian Mei particularmente se lembrava em relação à noite era a tensão estranha e desconfortável que acompanhara a chegada de Paul. Era quase como se um tipo de escuridão estivesse agarrada ao homem, fazendo com que o estômago da menina se apertasse, a boca secasse e as pontas dos dedos formigassem de modo desagradável. Xian Mei sentiu isso assim que ele atravessou a porta. Era tão forte que a atraiu, quase contra sua vontade, para fora da cozinha. Xian Mei sentia como se Paul fosse um ímã e ela, um pedaço de metal sendo arrastado, indefeso, em sua direção. A menina avançou com timidez para o corredor, mas agarrou-se à lateral da porta, o único modo de se ancorar. Paul ergueu o rosto e a viu parada ali, relanceando-o quase com medo, e os olhos dele foram tomados por tanta tristeza e pena que aquilo aterrorizou Xian Mei.

— Podemos conversar em particular? — perguntou ele a Jiao.

Jiao se encolheu e fechou os punhos, como se as palavras a tivessem perfurado como uma torrente de flechas, mas fez que sim. Olhou rapidamente para Xian Mei, que ficou chocada ao perceber que a mãe parecia tão estarrecida quanto ela. Quando Jiao indicou a sala para Paul, Xian Mei deu um passo à frente. Embora estivesse com a boca seca, obrigou-se a falar:

— O que aconteceu com meu pai?

Mais uma vez, Paul voltou aqueles olhos desesperadamente tristes para ela. Em geral tão confiante, naquele momento ele parecia perdido, incerto quanto ao que dizer. Jiao o salvou de ter de falar qualquer coisa ao se colocar diante dele.

— Volte para a cozinha e termine o dever de casa — murmurou ela, quase com raiva.

— Mas... — começou Xian Mei.

— Não discuta! Apenas faça o que mando. Sua avó chegará em breve.

Jiao só faltou empurrar Paul para a sala e fechar a porta. Xian Mei se retirou para a cozinha, mas não terminou o dever de casa. Em vez disso, sentou-se de pernas cruzadas sob o batente da cozinha e ouviu. Escutou Paul falando, mas a voz dele estava baixa e abafada demais para que entendesse as palavras. Então ele ficou em silêncio e houve uma pausa que pareceu a Xian Mei se prolongar para sempre.

Então — de repente e de forma chocante — a mãe dela gritou. Foi um som áspero, do tipo que se espera ouvir de alguém sendo esfaqueado no coração. Aquilo fez com que Xian Mei desse um salto, então se envolvesse com os braços de modo protetor. Mas, embora o grito tivesse sido terrível, o som que se seguiu foi muito, muito pior. Xian Mei jamais ouvira a mãe choramingar antes, mas agora ela tinha começado não só a choramingar, mas a *chorar*, até quase gritar. Era um som terrível, de partir o coração; para Xian Mei, parecia conter todo o desespero e a tristeza que existia no mundo. Assustada com a intensidade do luto da mãe, ela levou as mãos aos ouvidos e fechou os olhos bem apertados. Se tivera alguma dúvida, os sons que a mãe fazia agora confirmavam, sem dúvida, que o

que quer que tivesse acontecido naquela noite era a pior de todas as coisas.

O restante da noite pareceu se passar sob uma terrível névoa obscura. Quando a porta para a sala finalmente se abriu, não foi Jiao quem surgiu, mas Paul Ho. Ele emitiu um suspiro longo e esfregou a mão trêmula no rosto. Então percebeu que Xian Mei estava sentada à porta da cozinha, encarando-o. Por um momento, Paul pareceu quase culpado, como se tivesse sido pego fazendo algo que não deveria, então caminhou e se sentou ao lado da menina. O casaco encharcado tinha o cheiro da cidade: de chuva, gasolina e cantos escuros.

— Você vai ter de ser muito corajosa e cuidar de sua mãe, está bem? — falou Paul, baixinho.

Xian Mei ergueu o rosto para o homem. A pele de Paul estava flácida, os olhos mostravam-se vermelhos, e, pela primeira vez, ela achou que ele parecia velho.

— Onde está meu pai? — indagou Xian Mei.

Paul hesitou.

— Você precisa perguntar isso a sua mãe.

— Ele está morto? — insistiu Xian Mei.

Paul fez a expressão de quem prova algo azedo. Então se inclinou para a frente e beijou Xian Mei com delicadeza na testa.

— Vejo você em breve — falou Paul.

Xian Mei não conseguia fazer com que a mãe falasse com ela. Tentava, mas Jiao havia se trancado no banheiro. Ela não saiu até que a avó Li chegasse, quase meia hora depois. Então as duas mulheres foram para o quarto e Xian Mei foi forçada a esperar do lado de fora. Quando finalmente saíram, as duas estavam pálidas e com expressões sombrias. Jiao disse a Xian Mei que Li cuidaria dela, então saiu sem responder às perguntas da filha.

— Por que mamãe está sendo tão má comigo? — perguntou Xian Mei.

A avó balançou a cabeça, exausta.

— Ela não está sendo má. Só está chateada. Está protegendo você.

— Não preciso ser protegida — disse Xian Mei. — Sou forte.

Li sorriu.

— Talvez seja.

— Eu *sou* — insistiu Xian Mei. Ela olhou para a avó. — Não vai me dizer o que aconteceu?

Li desviou o olhar.

— Talvez pela manhã.

— *Agora* — falou Xian Mei. Quando a avó não respondeu, Xian Mei disse, quase como um desafio: — Papai morreu, não é? Algo aconteceu com ele esta noite e agora está morto.

Os olhos de Li se encheram de lágrimas e ela fez que sim. Limpou o rosto com a mão trêmula. Finalmente, falou:

— Ele foi muito corajoso. Morreu como herói.

Somente no dia seguinte, ou no dia seguinte àquele, Xian Mei descobriu a história toda. O pai fora morto em serviço, levara um tiro fatal enquanto tentava apreender uma gangue de traficantes de drogas. Somente depois que ele se foi, Xian Mei descobriu de verdade como o pai havia sido amado e adorado. Nos dias seguintes à morte dele, muitas pessoas foram até sua casa para prestar respeito, e cada uma delas tinha uma história para contar sobre a coragem, o humor, a bondade ou a lealdade do pai dela. Enquanto Xian Mei ajudava a mãe a preparar a casa para o funeral — cobrindo as estátuas de divindades com papel vermelho, removendo os espelhos para que o reflexo do caixão não ficasse impresso no vidro e trouxesse má sorte, pendurando tecido branco sobre o portal e colocando um gongo à esquerda da entrada —, ela jurou que honraria o nome do pai ao seguir os passos dele.

Fora um juramento que ela jamais tinha esquecido ou abandonado. Durante os anos seguintes, movida por uma determinação ferrenha e uma teimosia que gostava de pensar que herdara diretamente do pai, Xian Mei buscou excelência em todas as áreas da vida. Sempre havia sido boa aluna, e agora se tornara excepcional, alcançado as maiores notas possíveis em todas as matérias. Mas ela sabia que somente conhecimento acadêmico não seria capaz de lhe garantir um lugar em uma das forças policiais mais rigorosas e mais cruelmente eficientes do

mundo, então começou a praticar Changquan e treinou incansavelmente, dia após dia, superando-se, barreira física após barreira física, até que se tornar uma das lutadoras de artes marciais mais proeminentes de sua idade e sexo, não apenas na China, mas no mundo inteiro.

O dia em que fora admitida no primeiro esquadrão inteiramente feminino das Forças Especiais da China foi o melhor de sua vida. Durante a cerimônia, enquanto ficava ali de pé, no lindo uniforme preto e cinza, pensava apenas no pai e em como ele ficaria orgulhoso. De fato, Xian Mei acreditava, com convicção, que o espírito dele estava ali com ela, de pé ao seu lado, apreciando o sucesso da filha.

Quase imediatamente, o sonho se tornou pesadelo.

Tornou-se claro para Xian Mei, e para suas colegas de profissão, que o primeiro esquadrão inteiramente feminino das Forças Especiais da China era, na verdade, pouco mais do que uma jogada de relações públicas. Xian Mei tinha grandes expectativas de se tornar uma pioneira, de ajudar a dar início a uma nova era de igualdade na China, mas quase tão logo a cerimônia terminou, o esquadrão foi divido e seus membros foram distribuídos pelo mundo em "missões especiais". A de Xian Mei era ir até ali, ao Royal Palm Hotel, em Banoi, e espionar os ricos decadentes, utilizando-se do emprego de recepcionista como fachada. O que Xian Mei achava particularmente insultante era que seus superiores nem mesmo se preocupavam em *fingir* que ela fazia um trabalho vital. Estava excessivamente claro para ela que tinha sido chutada para longe apenas por conveniência — um caso de "o que os olhos não veem, o coração não sente".

Embora fosse mais um glorioso dia ensolarado em Banoi, Xian Mei sentiu seu humor afundar quando um ônibus parou do lado de fora das portas principais, transportando a última leva de veranistas do aeroporto. Embora tivesse um sorriso estampado no rosto, imaginou o que seu pai pensaria se pudesse vê-la agora. Teria vergonha da filha ou sentiria raiva junto com ela? Se fosse a última opção, Xian Mei desejava que o espírito dele lhe desse alguma orientação sobre como escapar da armadilha. Ela não estava apenas cumprindo ordens

terminantes de manter vigília constante e fornecer aos superiores relatórios semanais (nos quais ela achava cada vez mais difícil dizer algo valioso), mas o governo de Xian Mei pagara por tudo — os voos, as despesas — e ela não poderia ir embora sem que eles autorizassem. Até mesmo pedir baixa do esquadrão das Forças Especiais e pegar um avião para casa depois de juntar as próprias, e minguadas, economias estava fora de questão. Xian Mei cairia em ostracismo e seria tachada de problemática, e isso levaria grande vergonha à família dela. Apesar dos arredores idílicos, portanto, de muitas formas ela se sentia tão prisioneira quanto os estupradores, assassinos e terroristas encarcerados na prisão de segurança máxima alguns quilômetros fora da costa.

O ônibus regurgitava passageiros agora. Como sempre, tinham os olhares vagos, estavam suados e exaustos devido à viagem, mas muitos deles olhavam ao redor com espanto e satisfação. Xian Mei não estava surpresa. Não havia como negar que Banoi era linda. Tratava-se de um lugar de céus ensolarados, areia branca, mares azuis reluzentes, palmeiras e flores em abundância. Para um resort turístico, o ritmo de vida era despreocupado, relaxado, e a atmosfera — mesmo à noite — era relativamente pacífica. A trilha sonora era composta de insetos, pássaros e suspiros da maré, em vez de música alta, gritos de bêbados e pessoas vomitando.

Os primeiros veranistas adentravam o hotel carregando as malas ou puxando-as sobre rodinhas atrás de si. Eram basicamente iguais a qualquer outro grupo de veranistas, até onde Xian Mei podia enxergar, a maioria deles composta de famílias e casais. Banoi era um local que atraía grupos de todas as idades, o que significava que em qualquer amostra selecionada de clientes podia-se encontrar jovens em lua de mel, casais de meia-idade em um escape romântico e pares de idosos ansiosos por uma semana ou duas de descanso e recreação leve. Xian Mei fora levada a crer que ocidentais eram conspiradores e ardilosos, pessoas tão vergonhosamente decadentes que apresentavam uma ameaça real à própria estabilidade do mundo, mas durante os três meses que estivera ali, vira poucas evidências disso. Pelo contrário, uma vez que se olhava para além das roupas

chamativas e reveladoras e dos modos ostensivos e às vezes irritantes deles, não eram tão diferentes do seu próprio povo. A não ser que Xian Mei estivesse deixando passar algo, tudo o que realmente pareciam querer eram vidas saudáveis, felizes e satisfatórias para si e suas famílias.

De vez em quando, as pessoas chegavam ali sozinhas, e era esse o grupo que Xian Mei observava com mais atenção. Na maioria das vezes, no entanto, eles também pareciam inofensivos, e, na verdade, ela costumava a ficar com pena deles, pois faziam as refeições sozinhos, passeavam solitários pela praia, ou passavam os dias sentados em silêncio, ao lado da piscina, com as cabeças enterradas em um livro. Às vezes, ela puxava conversa com um deles e descobria que eram viúvos ou estavam se presenteando com um descanso tranquilo após um divórcio doloroso. Outras vezes, ficava sabendo que eram solteiros simplesmente por opção própria, felizes com a própria companhia.

Como sempre que havia uma leva de recém-chegados, a primeira hora era um ímpeto de atividades. Xian Mei e os três colegas de trabalho, que costumavam se revezar, dependendo dos padrões de turno, tentavam finalizar o procedimento de check-in o mais rápido e eficientemente possível. Todos sabiam que não havia nada mais irritante para os clientes que haviam passado o dia todo viajando, e que estavam desesperados para tomar um banho e relaxar, do que ter de esperar em mais uma fila. Porém, por mais que trabalhasse com eficiência, Xian Mei sabia que era inevitável que uma ou duas pessoas de um grupo de cinquenta ou sessenta lhe desse trabalho. Nesse caso, foi um homem jovem, musculoso e tatuado, com o rosto vermelho e que mancava levemente. Ele apoiou os cotovelos no balcão com força e se inclinou na direção dela com um sorriso malicioso. Xian Mei tentou não se encolher diante do cheiro de álcool no hálito do homem.

— Então, onde um cara pode encontrar um pouco de ação por aqui? — perguntou ele como uma introdução.

Xian Mei lhe deu um sorriso profissional.

— Isso depende do que quer dizer, senhor. Há diversos restaurantes e bares

na ilha.

— É mesmo? — disse o homem, pensativo. — E imagino que você conheça os melhores?

Xian Mei hesitou.

— Não saio muito. Trabalho durante muitas horas por aqui, e costumo estar muito cansada no fim do dia.

— Parece que você precisa de um pouco de descanso — falou o homem, aproximando-se ainda mais.

— Como disse, trabalho durante muitas horas — respondeu Xian Mei. Ela se concentrou no monitor diante de si. — Tem reserva, senhor?

— Tenho sim — disse o homem. Ele sorriu e inclinou-se para trás, como um caçador que havia falhado em pegar a presa naquela oportunidade, mas que sabia que era apenas uma questão de tempo.

— Pode me dizer seu nome, por favor, senhor?

O homem projetou o lábio inferior para fora, fingindo estar ofendido.

— Quer dizer que não me reconhece?

Xian Mei olhou para ele de relance.

— Creio que não, senhor.

Ao lado dela, a colega, Lan, lidava com a reserva de um jovem negro que usava uma bandana vermelha. O homem negro olhou para o cliente de Xian Mei e balançou a cabeça.

— Você está dando trabalho para *esta* moça simpática agora? — Ele falou arrastado, com uma voz profunda e acolhedora como chocolate quente.

O homem tatuado abriu as mãos.

— Estou sendo amigável, só isso.

O homem negro ergueu uma sobrancelha.

— Há diferentes tipos de amigável. Acho que a moça simpática não gosta do *seu*, em especial.

Xian Mei sorriu, genuinamente interessada.

— Realmente não tem problema, senhor.

— Está vendo! — exclamou o homem tatuado, triunfante. — Não tem problema. — Ele se virou de volta para Xian Mei. — Acho que você e eu vamos nos dar muito bem.

Xian Mei sorriu, mas não fez qualquer comentário. Em vez disso, falou:

— Então, se *puder* me dizer seu nome, senhor?

O homem tatuado suspirou de modo dramático.

— É Carter. Logan Carter. A *estrela do futebol americano*, Logan Carter.

— Ex-estrela do futebol americano — murmurou o homem negro.

Logan fez uma expressão mal-humorada.

— Assim como você é um *ex*-rapper, quer dizer?

O homem negro se virou e deu a Logan um olhar escrutinador.

— Vamos ver a respeito disso, não é?

— É — disse Logan. — Acho que sim.

Xian Mei digitou o nome de Logan e pressionou Enter, e imediatamente os detalhes sobre ele surgiram no monitor, junto com um símbolo vermelho intermitente no canto superior direito. Por causa da reunião com o gerente naquela manhã, ela reconheceu o símbolo como a logomarca da Campanha Nacional de Doação de Sangue dos Estados Unidos. Ao erguer o rosto, falou:

— Vejo que é uma das pessoas da nossa campanha de doação de sangue, Sr. Carter?

Logan fez que sim.

— Pode crer. Ajudei a promover a campanha de doação de sangue, porque sou um rosto nacionalmente conhecido e tudo o mais. Tive uma fotografia tirada enquanto doava um pouquinho de sangue e ganhei férias com todas as despesas pagas em troca. Pareceu um negócio bom demais para mim.

Ao lado dele, o homem negro falou:

— Idem.

Logan se virou.

— Como é?

— Também estou nesse negócio de doação de sangue. Dei um pouco de

sangue em um evento de celebridades em Nova Orleans. Em seguida, recebi uma ligação que oferecia um show de duas semanas aqui em Banoi. Bem legal, hein?

Antes que Logan pudesse responder, uma voz atrás do homem negro falou:

— Duplo idem.

Os dois homens se viraram e revelaram uma mulher elegante e espantosamente bonita, de pele escura, com um vestido de verão curto e sem mangas. A mulher balançava a chave de plástico do quarto, na qual estava estampada o logo vermelho da Campanha Nacional de Doação de Sangue.

— Depois que doei sangue, nem mesmo soube que tinha sido inscrita em um sorteio até que recebi a ligação me informando de que tinha ganhado férias com todas as despesas pagas. Achei que fosse um golpe, a princípio.

O homem negro se virou para Xian Mei. Indicando com a cabeça os demais hóspedes, que ainda aguardavam na fila para fazer o check-in, ele perguntou:

— Ei, *toda* essa gente está aqui por causa dessa coisa de doação de sangue?

Xian Mei digitou algo no teclado.

— Não, apenas vocês três — respondeu.

— Ei — disse Logan —, somos como um clube. Nossa, *isso* não é legal?

O homem negro olhou para Purna e ergueu a sobrancelha.

— É — respondeu ele, sarcástico. — Talvez devêssemos comprar umas camisetas.

Capítulo 3
WHO DO YOU VOODOO, BITCH

— Bem, isto não é demais?!

Logan estava do lado de fora da varanda do quarto de hotel, olhando para a vista. Tinha tomado banho e se trocado, e agora estava pronto para se divertir um pouco. Girava o uísque com soda no copo, gostava do modo como os cubos de gelo tilintavam e badalavam. Tinha tomado Prozac um pouco antes e se sentia tranquilo e relaxado. O joelho latejara um pouco depois do voo, mas um pouco de Tramadol havia cuidado disso. Ele pensava na garota chinesa bonitinha na recepção e se perguntava a que horas sairia do trabalho. Apesar da resistência dela mais cedo, Logan ainda tinha grandes expectativas de fisgar *aquele* peixe em especial. De acordo com sua experiência, em geral eram as garotas inicialmente tímidas e relutantes que acabavam sendo as mais selvagens sob os lençóis.

Dez minutos depois, Logan estava sentado ao bar do hotel, o olhar percorrendo o salão. O lugar estava cheio de casais e famílias, todos bem-vestidos para o jantar. Não havia mulheres solteiras ali, nem mesmo a tal de Purna. Talvez ele devesse ter batido à porta dela ao descer — ele, Purna e aquele rapper, Sam, tinham recebido quartos adjacentes, assim como haviam ficado em poltronas próximas no avião, quase certamente por causa daquela porcaria da doação de sangue —, embora algo dissesse a Logan que ele não fosse conseguir avançar muito *naquela* direção. A mulher era espantosamente linda, é claro, mas também

durona e de feições angulosas, e tinha um olhar de "não mexa comigo, porra". De acordo com Logan, as mulheres deveriam ser dóceis, vulneráveis e meigas se quisessem atrair homens, não castradoras enfezadas.

Ele tomou mais algumas bebidas no bar, então decidiu seguir em frente. Logan sabia que se ficasse no hotel poderia beber de graça a noite toda, sem falar no jantar, mas preferiria gastar alguns de seus dólares obtidos arduamente se isso significasse um pouco de ação.

— O mesmo de novo, senhor? — perguntou o *barman*.

— Talvez mais tarde — respondeu Logan. Ele se levantou e começou a se dirigir à saída, mas então algo lhe ocorreu e ele se virou. — Ei, por acaso sabe a que horas Sam B vai se apresentar?

— Acredito que às 22 h, senhor.

— Obrigado, amigo.

Somente quando o ar fresco atingiu Logan, o mundo começou a girar. Ele parou por um momento, piscando. Devia ser o *jet lag*. Isso e o fato de que não comia fazia horas. Ele começou a se distanciar do hotel, em direção às luzes fortes na rua principal. Estava começando a escurecer, filamentos de nuvens lilás apareciam no céu azul.

Todo pescador sabe que há dias em que os peixes simplesmente não mordem, e essa era a sorte de Logan naquela noite. Ele percorreu os bares da rua principal de Banoi por mais de duas horas antes de decidir voltar para o hotel. Tinha conversado com umas garotas bonitinhas, até mesmo persuadira algumas delas a aceitarem sua oferta de bebida, mas, de alguma forma, elas arrebentavam a linha antes que Logan tivesse a chance de puxá-las. Quando chegou ao Royal Palm, com nada para exibir daquela noite além de uma carteira mais leve e um borrão de molho de frutos do mar na camisa, do sanduíche de lagostim que comera em um bar chamado Sailing Boat, ele estava com o humor irritadiço e tão bêbado que o chão se inclinava e oscilava sob si como o deque de um navio.

Ao reparar, vagamente, que a garota chinesa não estava mais na recepção, ele decidiu seguir para o bar, para uma ou duas saideiras por conta da casa. Então

ouviu o retumbar de música vindo de algum lugar à direita e se lembrou de Sam e o show. Movendo-se com cuidado para não tropeçar nos próprios pés, Logan mudou de direção e seguiu o pulsar da batida. Estava indo não por algum senso de lealdade ao recém-encontrado colega de doação de sangue, mas porque se havia algum rabo de saia decente e solteiro no hotel, então ali era o lugar mais provável de ser encontrado.

O salão de baile principal, onde o show acontecia, estava mais quente do que uma sauna. Logan inspirou o odor intoxicante de suor e perfume, com a mente desnorteada. Ao redor, as pessoas giravam ou moviam a cabeça ao ritmo da música. O baixo pesado latejava nos dentes e no peito de Logan, como um segundo coração. A escuridão do salão, combinada com o letreiro luminoso em constante mudança no palco e o álcool em seu sistema pareciam confundir seus sentidos, embaçar corpos individuais em uma única massa pulsante de humanidade. Sentindo-se um pouco sobrecarregado com aquilo tudo, ele instintivamente sentiu que deveria seguir na direção da luz, então começou a empurrar a multidão a caminho do palco, a princípio murmurando "com licença" conforme irrompia entre ela, e então, seguindo os instintos de jogador de futebol americano, simplesmente abaixando a cabeça e impulsionando-se para a frente.

Se alguém protestou ou tentou impedi-lo, Logan não soube. Ele simplesmente seguiu empurrando até que não havia mais nada para empurrar. Quando finalmente ergueu a cabeça, foi como emergir de uma piscina de água quente. Ele estava encharcado com o próprio suor, e o de outras pessoas, a camisa colada ao corpo como outra camada de pele. Bem diante de Logan, na direção do rosto dele, estava a beirada do palco. A música estava tão alta agora que o corpo de Logan parecia se convulsionar ao ritmo. Ele olhou para cima.

E lá estava Sam B, caminhando de um lado para outro do palco como se fosse um tigre enjaulado. Ele franzia a testa de modo agressivo e socava na direção do público enquanto cuspia as letras. Parecia muito mais irritado no palco do que na vida real. Estava sem camisa e um pingente enorme, de ouro, no formato de

um “B” pendia de uma corrente em volta do pescoço. Havia mais joias ao redor dos punhos dele, e em seu estômago existia uma tatuagem — uma caveira preta acima de um par de pistolas-metralhadoras Uzi cruzadas. Ele parecia em forma e selvagem, inteiramente à vontade ali.

Logan ficou impressionado, embora não quisesse, e mais do que com apenas uma pequena inveja. Ele se virou e olhou, bêbado, a multidão. Estavam obviamente se divertindo, sorrindo e quicando e socando o ar. *Houve* um tempo em que o próprio Logan experimentara aquele tipo de adulação: multidões torcendo e gritando; garotas querendo trepar com ele; garotos querendo *ser* ele. De repente, de pé ali, sozinho, ele sentiu uma onda de autodesprezo lhe percorrer o corpo. Não sabendo exatamente por que fazia aquilo, Logan se virou e agitou os braços.

— Sam! Ei, Sam! — gritou.

Somente quando o rapper seguiu em frente como se ele nem mesmo estivesse ali foi que Logan percebeu que *sabia* por que tentava conseguir a atenção de Sam. Era porque queria que Sam o cumprimentasse, que derramasse nele um pouco de glória refletida. O fato de que Sam nem mesmo olhou para ele fez com que uma névoa vermelha descesse sobre seus olhos.

— *Foda-se*! — gritou ele para o palco. Então se virou e saiu aos empurrões de novo pela multidão. — Fora do meu caminho, porra! — urrava.

As pessoas olhavam uma vez para os olhos selvagens de Logan e saíam da frente. Ele imaginou quantas delas o reconheciam, ou quase reconheciam, ou talvez achavam que ele parecesse vagamente com alguém que um dia podiam ter conhecido. A fama era a melhor coisa do mundo quando se estava no topo, olhando a paisagem. Mas Logan não conseguia acreditar que houvesse uma sensação pior do que escorregar de volta para a base da montanha e perceber que não havia nada que pudesse impedi-lo de chegar ao fundo. Ter sido famoso um dia e então perder tudo era certamente pior do que jamais ter sido famoso. Era pior também, de certa forma, do que o fim de um relacionamento, ou mesmo do que a morte de um ente querido. Para ele, era fácil encontrar o amor novamente

— as pessoas faziam isso o tempo todo. Mas quantas pessoas famosas, depois de chegar à encosta escorregadia, conseguiram reverter a queda e voltar para o topo da montanha?

Ele estava a meio caminho no interior da multidão quando avistou Purna. Ela estava de pé, sozinha, de braços cruzados, com os olhos fixos, atentamente, no palco. Depois de tomar uma decisão impetuosa, Logan cambaleou na direção da garota.

— Oi — gritou, por cima da música.

Ela pareceu momentaneamente espantada, o que deu a Logan uma satisfação maliciosa. Purna parecera tão sob controle antes que era bom arranhar aquele verniz um pouco.

— Oi — respondeu ela, cautelosa.

Logan indicou o palco com a cabeça.

— Então, o que acha?

— Ele é bom. — Purna deu de ombros. — Não é meu tipo de música, mas... É, gosto da representação artística.

Logan riu com escárnio.

— Artística?

Ela olhou para ele por um momento, antes de responder, como se o estivesse avaliando.

— Não acha que é uma forma de arte?

— Não, porra! — Logan cuspiu as palavras com tanto veneno que cambaleou para a frente e Purna precisou esticar os braços para segurá-lo.

— Ei, você está bem? — perguntou ela. — Não parece muito bem.

— Estou sim — respondeu Logan. — Só... Com calor. Estava lá na frente. Pensei em beber alguma coisa. Quer?

— Não, estou legal. Obrigada.

Purna se virou, como se o dispensasse. Logan sentiu a névoa vermelha despontar nos cantos da visão de novo.

— Por que faz isso? — disparou.

Purna ergueu o rosto para Logan, confusa.

— Faço o quê?

— Você se vira como... Como se eu fosse merda no seu sapato? — Ele sabia que essa analogia não fazia muito sentido, mas sentiu que havia explicado o que queria dizer.

Purna parecia exasperada, em vez de defensiva.

— Não faço. É sua imaginação.

— Porra nenhuma — replicou ele. — Você se acha superior a todo mundo.

— Realmente não acho.

— Acha sim. Está fazendo isso agora. Tratando-me como se eu fosse algum... Algum mendigo enchendo seu saco por um dólar.

— Você está bêbado — falou Purna. — Acho que deveria subir e se deitar.

— É? Bem, por que não sobe e se deita comigo? — Ele esticou o braço para agarrar o pulso dela.

Antes que a mão dele pudesse tocá-la, Purna, de alguma forma, conseguiu dar um passo simultaneamente para o lado e para mais perto de Logan. Seu joelho direito se ergueu rapidamente contra as bolas dele, esmagando-as. Apesar dos efeitos adormecedores do álcool, a dor foi tão intensa que, por um momento, Logan teve certeza de que havia sido partido ao meio. Enquanto ele se curvava, Purna agarrou o braço do ex-jogador e o torceu nas costas dele, que urrou de dor.

Purna se inclinou para mais perto e murmurou ao ouvido de Logan:

— Realmente acho que deveria aceitar meu conselho, Logan. Volte para o quarto, beba muita água e durma. Vai me agradecer de manhã.

Ele tentou se livrar do golpe dela, girando, mas isso só causou novas dores no braço. A dor era tão aguda que ele se sentia prestes a desmaiar.

— Solte-me — choramingou.

— Somente se prometer fazer o que estou mandando.

Fagulhas pretas dançavam diante dos olhos dele agora, e o suor em seu corpo começava a grudar.

— Prometa — repetiu Purna.

Completamente humilhado, as bolas e o braço doendo quase além do suportável, Logan disse, engasgando:

— Prometo.

Imediatamente ele sentiu o braço ser solto. Então cambaleou para a frente e caiu de joelhos.

Toda a merda que enfrentara nos últimos anos de repente pareceu voltar, aglutinar-se naquele momento. Logan se sentiu totalmente destruído, mais destruído ainda do que se sentira no hospital, sozinho, com o joelho estourado, enquanto o efeito dos analgésicos passava e com a compreensão de que uma garota inocente estava morta por causa dele.

Sem olhar para trás, Logan começou a rastejar para longe. Ele se sentia como um verme, algo que devia ser desprezado e esmagado. Somente quando uma onda de náusea lhe percorreu, ele se sentiu compelido a ficar de pé. Então viu uma placa indicando os banheiros e foi, aos tropeços, na direção dela, a mão que Purna torcera atrás de suas costas, pendente, inerte, e a outra agarrada às bolas, que latejavam.

Logan passou sob um arco em direção a um corredor curto, onde havia duas portas uma diante da outra em paredes opostas. Depois de escolher a do lado esquerdo ao acaso, quase caiu sobre ela. A porta se abriu e ele cambaleou para dentro da cabine, o vômito já fervilhando em seu esôfago. A dor, o álcool e a necessidade de vomitar tinham reduzido seus sentidos: a música agora não passava de uma batida abafada nos ouvidos, sua visão se estreitava como se enxergasse através de um túnel. À frente, ele viu uma pia, o reluzir prateado de um espelho acima dela. De alguma forma, ele obrigou os pés a fazerem uma corrida desequilibrada e manca. Logan mal agarrara a borda da pia quando sua cabeça se projetou para a frente e o que pareceram litros de líquido fedorento foram ejetados de seu sistema.

O líquido queimava à medida que subia pelo estômago e pela garganta. Os odores do álcool regurgitado eram como uma toxina irritante, faziam com que os

olhos se enchessem de água e o nariz escorresse. Logan vomitou tão violentamente que o líquido rebateu na porcelana da pia e salpicou o rosto, as mãos e a camisa dele. Era uma camisa azul-clara, com pequenas palmeiras brancas estampadas. Ele acabara de comprá-la, naquela semana, e a vestia pela primeira vez.

Devagar, ergueu a cabeça e olhou para si mesmo no espelho. Ele estava repulsivo, a pele como massa de pão velha, os olhos despontavam de dentro de cavidades profundas. Parecia seu avô Buck, nos últimos dias da batalha contra o câncer do fígado. Inclinando-se para a frente para se apoiar na pia, ele soltou as mãos, hesitante, para que pudesse abrir a água fria.

Depois de jogar diversos punhados de água sobre o rosto e na boca, Logan sentiu-se um pouco melhor. Um pouco, mas não muito. Agora chegava ao ponto em que tudo o que desejava era uma cama macia e o doce esquecimento. Esperançoso de que força o bastante tivesse retornado para suas pernas de forma que pudessem sustentar o corpo, Logan se impulsionou para cima e deu um passo para trás. Quando o fez, o reflexo no espelho lhe mostrou mais do recinto e Logan ficou surpreso ao descobrir que não estava sozinho.

Havia duas mulheres no chão, ao lado dos cubículos do banheiro. Uma estava deitada de costas e a outra, de joelhos, inclinada sobre a primeira. Logan imaginou que deveriam estar ali o tempo todo, mas estivera tão preocupado que nem sequer reparara nelas. Ele se virou e olhou para as duas adequadamente; não podia ver o rosto de nenhuma delas. A mulher ajoelhada estava de costas para Logan, e se inclinava em um ângulo que cobria o rosto da outra.

Ele precisou de um momento para perceber que a mulher de joelhos parecia familiar. Tinha um corpo violão e esguio, com cabelos reluzentes pretos, na altura dos ombros. Vestia um conjunto de blusa branca e saia vermelha na altura dos joelhos de uma recepcionista do Palm Hotel. A não ser que Logan estivesse enganado, aquela era a chinesa bonitinha que fizera o seu check-in.

— Você está bem? — perguntou.

A garota virou o rosto, os cabelos pretos como penas de corvo se balançaram

como uma cortina. *Era* a chinesa bonitinha, e parecia preocupada.

Sem questionar o fato de que Logan estava no banheiro feminino, ela respondeu:

— Acho que esta mulher está tendo algum tipo de ataque.

Logan deu um passo à frente e viu o rosto da outra mulher.

— Caramba! — exclamou.

A outra mulher parecia... Esquisita. Os olhos dela eram vagos e estavam brancos, as pupilas haviam encolhido até pouco mais do que cabeça de alfinete. Os dentes estavam trincados e a mulher espumava pela boca como se sofresse de raiva. Além disso, tinha começado a roncar e rosnar como um animal, a cabeça virando-se de um lado para outro. Enquanto Logan observava, o corpo dela foi tomado por uma série de convulsões, as mãos rígidas, os dedos se curvando até virarem garras.

Ele estava prestes a dizer algo quando, sem aviso, a mulher rosnou e se sentou. A chinesa bonitinha ainda olhava por cima do ombro para Logan e foi lenta demais para reagir. Antes que Logan pudesse gritar um aviso, a mulher avançou contra a chinesa, agarrou-lhe braço e mordeu sua mão. A garota chinesa gritou e se afastou, mas não antes que a mulher causasse algum estrago. Logan ficou chocado ao ver o sangue misturado à espuma na boca da mulher, e uma meia-lua de marca de dentes na parte mais carnuda da mão da chinesa. Ele pensou novamente em raiva e infecção. Quando a mulher ficou de pé, subitamente com a destreza de um macaco, ele seguiu para a saída.

A garota chinesa estava logo atrás de Logan. Ele empurrou a porta e os dois saíram aos tropeços juntos. Logan mal fechara a porta quando a mulher maluca se jogou contra o outro lado dela. Logan agarrou a maçaneta enquanto a mulher arranhava e se debatia contra a porta, tentando abri-la à força. Ele imaginou se deveria soltar e sair correndo. Havia tanta gente no salão que ela provavelmente atacaria outra pessoa.

— Deveríamos tentar ajudá-la — gritou a garota chinesa por cima da batida da música.

— Está brincando? — gritou Logan de volta. — A não ser que você tenha uma arma tranquilizadora, ela arrancaria nossos rostos fora. — Ele reparou que sangue pingava da mão da garota chinesa e se afastou dela. — Você deveria pedir para verificarem isso. Pode ser infeccioso.

A garota olhou ao redor.

— Farei em um minuto. Espere aqui.

— Aonde vai? — gritou Logan enquanto a garota se afastava.

— Buscar ajuda — respondeu, e se esgueirou para dentro da multidão.

Do outro lado da porta, a barricada de golpes da mulher que guinchava prosseguia. Logan se agarrava desesperadamente à maçaneta e imaginava se finalmente havia chegado o momento, seu castigo divino não apenas por ter matado Drew Peters, mas por ter se safado. Se é que se podia chamar a perda tanto da carreira, quanto da reputação, de "se safar". Pessoalmente, Logan achava que não; ele sentia que já havia sofrido mais do que o suficiente. Ouvira toda aquela coisa do Velho Testamento sobre Deus ser vingativo e cheio de ira, mas enviar uma vaca maluca e psicótica atrás dele para tornar sua vida uma merda ainda maior era como uma porra de uma aniquilação.

Logan decidiu que se a garota chinesa não voltasse em um minuto, soltaria a maçaneta e arriscaria. Se a vaca psicótica o atacasse e arrancasse-lhe a cabeça, pelo menos ela acabaria com seu sofrimento. Ele começou a contar, mas mal chegara a vinte quando a chinesa voltou correndo com dois seguranças corpulentos no encalço. Os seguranças pareciam desconfiados e um pouco interessados — suas expressões claramente demonstravam que o que quer que a garota lhes tivesse contado, eles acreditavam que ela estava exagerando.

— Ela está aqui — falou Logan. — Tomem cuidado, é louca.

Os seguranças se aproximaram com determinação. Ambos eram chineses, como o resto da equipe ali, e tinham o corpo de lutadores de sumô, além de exibirem cortes de cabelo raspados idênticos.

— Afaste-se da porta, por favor, senhor — falou um deles, confiante.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Apenas faça isso, senhor — falou o outro segurança. — Nós cuidamos da situação daqui para a frente.

— Bem, se é o que querem... — disse Logan, e soltou a maçaneta.

Ele não ficou para ver o que aconteceria a seguir. Assim que largou a porta, Logan se virou e correu para a saída. Talvez fosse apenas a sua imaginação, mas por cima da batida forte da música mais famosa de Sam, "Who Do You Voodoo, Bitch", Logan pensou ter ouvido gritos. Mas não olhou para trás até estar seguro no quarto, com a porta fechada e trancada atrás de si.

Capítulo 4
NÚMERO DESCONHECIDO

— Socoooorro!

Eram quase 4 da manhã quando Purna foi acordada por gritos.

Alerta em um instante, ela saltou da cama e correu, com leveza, até as portas duplas que davam para a varanda. Os gritos tinham vindo do lado de fora, Purna tinha certeza. No emprego dela, valia a pena estar atenta aos arredores mesmo quando dormindo. Purna virou a chave na fechadura e saiu para a varanda, descalça.

Dali ela podia ver a piscina abaixo, a iluminação embutida criando ondas e reflexos esquisitos. Além da área do resort, bem para a sua direita, estava o início da rua principal. Purna chegou bem a tempo de ver uma mulher correndo, sendo perseguida por... O quê? De relance, antes que tanto a mulher quanto o perseguidor desaparecessem na esquina de uma construção, Purna achou que a figura se movia como um símio — um símio vestindo roupas rasgadas e possivelmente manchadas de sangue.

A mulher gritou de novo, a voz ecoando de volta pela rua principal deserta. Purna sabia que não podia simplesmente ficar ali sem fazer nada. Depois de voltar para o quarto, correu até o telefone ao lado da cama e pegou o fone. Já havia pressionado "1" para a recepção quando percebeu que a linha estava muda. Que diabo? Exasperada, ela colocou o fone de volta na base.

Treino e experiência haviam ensinado Purna a manter a mente tranquila, imperturbável. Ela se vestiu rapidamente, colocou jeans e um casaco leve de zíper por cima do short com regata que usava como pijama. Calçou tênis sobre meias brancas esportivas, os dedos ágeis enquanto amarrava os cadarços. Depois de pegar a chave do quarto na cabeceira, ela cruzou o cômodo, abriu a porta e saiu para o corredor.

Apesar da hora, o corredor não estava deserto. No fundo, havia o mensageiro que subira com a bagagem dela mais cedo. Era um jovem chinês educado, de uniforme cinza, mas havia claramente algo errado com ele. Na verdade, o rapaz parecia ter estado em uma briga ou acidente. Havia muito sangue na parte da frente do uniforme e no rosto dele.

Ele também se movia de forma estranha, cambaleando como um bêbado, o corpo curvado e as mãos retorcidas como garras artríticas. Purna reparou que não eram apenas o rosto e as roupas, mas também os dedos do rapaz estavam manchados de sangue e coágulos, como se ele tivesse rasgado carne crua.

Purna lambeu os lábios, dividida entre oferecer ajuda e tratá-lo com precaução. Embora seus instintos em geral fossem bons, ela achava difícil decidir se o mensageiro estava agindo como vítima ou agressor. Se fosse o último, então ele estava obviamente confuso — talvez bêbado ou drogado? Quando policial, Purna havia lidado com incidentes domésticos envolvendo violência terrível, nos quais o agressor ficava absolutamente assombrado por seus atos depois.

No fim, ao pensar na mulher em perigo na rua, e por saber que teria de abordar o mensageiro para pegar tanto o elevador quanto as escadas, ela deu um passo adiante e falou:

— Você está bem?

A cabeça do mensageiro se ergueu com um estalo e, pela primeira vez, Purna conseguiu ver os olhos dele. Estavam quase brancos, as pupilas do tamanho de alfinetes. O mensageiro abriu a boca e grunhiu, algo vermelho e empelotado escorregou entre os lábios dele e se espatifou no chão, então o homem disparou na direção de Purna em uma corrida desengonçada.

Ele corria em paralelo com o elevador, e Purna adotara a medida defensiva de ir ao encontro dele no momento em que a porta ao lado dela se abriu. Um Logan desarrumado saiu, tendo, obviamente, caído na cama completamente vestido, e olhou sonolento para Purna.

— Que porra é essa...

— *Cuidado*! — gritou ela.

Antes que Logan pudesse reagir, o mensageiro estava em cima dele como se fosse um animal selvagem. O jovem chinês saltou nas costas de Logan e, freneticamente, começou a morder o ombro e o pescoço dele, arrancando a carne com os dentes. Surpreso, Logan cambaleou e quase caiu, então começou a gritar e se debater, os braços agitando-se no esforço de remover o agressor. Dentro de segundos, o ombro na camisa azul-clara de Logan estava ensopado de sangue.

Ao mover-se para a frente, Purna agarrou os braços agitados de Logan e, demonstrando tanto força quanto compostura, pressionou-os contra a lateral do corpo dele. Então atirou Logan, de costas, com o máximo de força que pôde, de modo que o corpo do mensageiro fosse esmagado entre a ex-estrela de futebol e a parede. Ela ouviu um *clonk* satisfatório quando a cabeça do rapaz se chocou contra a parede, e um ruído de esmagamento que ela esperou que fossem algumas costelas cedendo. Antes que o mensageiro pudesse se recuperar, ela puxou Logan para a frente de novo e o atirou para o lado, distante do perigo. O mensageiro deslizou para baixo na parede e caiu pesadamente sobre o carpete manchado de sangue, como um inseto atingido por um jornal.

Ele deveria estar zonzo o bastante para que perdesse a vontade de brigar, mas quase imediatamente o homem se pôs de pé. Atravessando o corredor numa corrida, Purna pegou um extintor de incêndio na parede e o ergueu de forma a mostrar que estava falando sério.

— Fique abaixado ou esmago a porra do seu cérebro — avisou ela.

O mensageiro a ignorou. O que quer que tivesse tomado, aquilo claramente o fizera pensar que era invencível. Ele nem mesmo pareceu notar o extintor quando esticou o corpo e saltou em Purna, as mãos como garras estendidas.

Com uma fluidez quase de bailarina, Purna deu um passo para trás e então se impulsionou para a frente com o extintor de incêndio. A base do objeto se chocou contra o centro do rosto do mensageiro, esmagou o nariz dele e o jogou para trás. O golpe teria sido o suficiente para incapacitar um homem normal, mas depois de titubear alguns passos para trás, ele se impulsionou adiante de novo. Aparentemente imune à dor, o mensageiro grunhiu para Purna através de uma massa espessa e vermelha de sangue, então disparou na direção dela em mais um ataque.

Purna deu um passo para a direita e lançou o extintor de incêndio contra a lateral da cabeça do jovem. Enquanto ele cambaleava até a parede, ela o atingiu com mais dois golpes — outro diretamente no centro do rosto, o que lhe pulverizou o nariz ainda mais, e o seguinte um lançamento lateral na testa do mensageiro. O som do impacto foi como o de um coco atingindo um muro de tijolos.

Não importava *quantos* estimulantes o homem tivesse tomado, aquele último trio de golpes deveria ter sido mais do que o bastante para deixá-lo inconsciente, ou mesmo colocá-lo em coma. No entanto, como uma marionete que volta à vida, ele ficou de pé de novo, quase que imediatamente, com o sangue escorrendo do rosto estilhaçado como melaço de um jarro quebrado.

— Porra. — Purna tomou fôlego e o acertou de novo. Ela não queria matar o homem se pudesse evitar, mas do modo como as coisas estavam indo, ele não lhe dava alternativa.

De súbito, Purna puxou o pino do extintor de incêndio, mirou a mangueira no mensageiro e apertou o gatilho. Um jato de espuma do extintor de incêndio disparou da abertura, diretamente para o rosto do jovem. Ele se debateu e agitou, mas Purna manteve o ataque, determinada, concentrando-se nos olhos e na boca do mensageiro, de modo que ele não pudesse respirar ou enxergar. A espuma pingava pela frente do uniforme cinza, escorrendo vermelha com o sangue, fazendo parecer que ele tinha sofrido um acidente de barbear particularmente nojento. Depois que Purna havia obrigado o mensageiro a recuar cerca de 10

metros, ela ergueu o extintor de cabeça para baixo, esmagou-o contra o rosto do jovem mais uma vez e então jogou o extintor de lado e correu de volta pelo corredor.

Logan se apoiou contra a parede e agora estava semiconsciente, respirando ruidosamente e segurando o ombro ensanguentado. Purna passou o braço em volta dele e o arrastou para o quarto dela. Assim que os pés de Logan cruzaram o portal, ela o apoiou com cuidado sobre o carpete, então correu para fechar a porta. Agora, a não ser que o mensageiro tivesse força para arrombar uma porta robusta de hotel, eles estavam seguros, pelo menos por enquanto.

Voltando-se para Logan, Purna o ergueu sobre a cama. Ela levantou-lhe a cabeça com cuidado e passou um travesseiro por debaixo. Logan suava, os olhos tremulavam e sangue ainda jorrava de seu ombro.

— Logan — disse Purna. — Consegue me ouvir?

Ele abriu os olhos e olhou ao redor.

— Onde estou?

— Em meu quarto.

Logan pensou a respeito, então contorceu os lábios em um sorriso.

— Sabia que chegaria a sua cama em algum momento — murmurou.

Purna gargalhou de súbito, um alívio da tensão depois do que acabara de ocorrer.

— Em seus sonhos, conquistador — respondeu ela.

No banheiro da suíte, Purna pegou todas as toalhas penduradas no suporte. A toalha de mãos ela colocou debaixo da torneira, torcendo-a de modo que ficasse molhada, mas não encharcada. Então voltou para o quarto, arrastou uma cadeira até a ponta da cama e se sentou. Logan tinha fechado os olhos de novo, mas respirava com um pouco mais de regularidade do que antes.

— Ainda está aqui? — perguntou ela, baixinho.

Ele umedeceu os lábios.

— Bem pouco. Sinto-me um pouco zonzo.

Purna acendeu a luminária ao lado da cama para examinar melhor o ombro

dele.

— Está sentindo muita dor?

— Não tanta quanto senti quando você chutou meu saco — respondeu ele.

Ela soltou outra gargalhada.

— É, sinto muito por aquilo... Na verdade, não, não sinto. Você mereceu.

— Acho que eu estava sendo meio babaca — reconheceu Logan.

— Pelo menos consegue admitir. — Ela ficou em silêncio por alguns segundos enquanto olhava para os ferimentos. Havia diversas marcas de mordidas profundas até onde podia enxergar, cada qual ainda jorrando sangue. — Ouça, Logan, vou costurar você com o melhor que posso — disse Purna —, mas terei de limpar a área primeiro. Provavelmente vai doer um pouco.

— Obrigado por me dar a notícia com carinho — resmungou ele.

— O prazer é meu. Agora, quero que seja um soldadinho valente.

Purna pressionou a toalha molhada no ombro de Logan, absorvendo o máximo do sangue superficial que conseguiu. Ele se encolheu um pouco, mas não teve outra reação.

— Qual é a sensação nas feridas? — perguntou ela enquanto dobrava a toalha molhada e começava, com cuidado, porém firmeza, a limpar o excesso de sangue.

— Estranha — respondeu Logan. — Está dormente, mas também arde um pouco. Como uma queimadura de água-viva.

— Hum — disse ela.

— O que quer dizer com "hum"?

— Nada. Apenas hum.

Logan ficou em silêncio por um momento, então perguntou:

— Qual era o problema com aquele cara?

Purna terminou de limpar o sangue e jogou a toalha molhada no chão. Ao pegar uma toalha limpa e seca, ela a dobrou ao meio uma vez, depois mais duas. Enquanto a pressionava contra o ombro de Logan, de modo que a toalha cobrisse as feridas que ainda sangravam, ela falou:

— Pode segurar isto para mim? Pressione com o máximo de força possível.

— Claro — respondeu Logan, e fez como o pedido. — Não respondeu minha pergunta. — Ele fez uma careta quando ela pegou outra toalha e a rasgou em faixas.

Purna encarou Logan nos olhos.

— Não sei. Não tenho ideia de qual era o problema com aquele cara. Talvez estivesse doente. Talvez estivesse drogado com alguma coisa.

— Sabe o que acho? — disse Logan.

— O quê?

— Acho que o dia finalmente chegou. Acho que é a porra do apocalipse zumbi.

Houve um momento de silêncio. Então Purna soltou uma gargalhada.

— Ah, certo.

— Estou falando sério. Viu os olhos do sujeito? E ele tentou me comer, cara.

— Ele tentou *morder* você — corrigiu-o Purna. — Há uma diferença.

Logan balançou a cabeça, então arquejou quando a dor irradiou pela lateral do pescoço.

— Mantenha a cabeça parada — ordenou Purna.

— Desculpe-me, enfermeira — respondeu Logan. Ele trincou os dentes enquanto se ajustou de leve. — Mas como eu estava dizendo, aquele cara não estava drogado.

— Como sabe?

— Porque ele não foi a primeira pessoa que vi daquele jeito esta noite. Teve uma mulher no show do Sam. Mesmos olhos esquisitos e tão louca quanto.

— Mas eu estava no show, lembra-se? — disse Purna. — Não vi nada. — Estão os olhos dela se arregalaram. — Espere um pouco... Isso não foi perto dos lavatórios, foi?

— Se está falando dos banheiros, então sim, foi. Por quê? O que você viu?

— Nada de mais. Estavam interditados, só isso. Segundo os boatos, dois seguranças foram atacados. Alguém disse algo sobre um doido com uma faca.

— Não foi uma faca — falou Logan. — Eles foram atacados por um zumbi.

Como aquele ali fora.

Purna emitiu um *tsc* de escárnio entre os dentes.

— Não existem zumbis — retrucou ela, irritada.

— Reconheço um zumbi quando vejo um — respondeu Logan, com teimosia. — Já vi os filmes.

— Exatamente! — replicou Purna. — *Filmes*. Como em *ficção*. Agora fique quieto enquanto faço isto.

Com diversas faixas rasgadas, ela prendeu a atadura improvisada no lugar, então, com outra toalha, fez uma tipoia para Logan e a amarrou nas costas dele, perto da axila, para impedir que o nó se enterrasse no ombro ferido.

— Meu braço não está quebrado — disse ele.

— Não, mas é pesado — respondeu Purna. — A tipoia vai aliviar o peso e evitar que as feridas se abram de novo, dando-lhes chance de cicatrizar.

Logan suspirou, então disse, pesaroso:

— Elas não vão cicatrizar.

— O quê? É claro que vão — respondeu Purna.

Instintivamente, ele balançou a cabeça e imediatamente se encolheu de novo.

— Não, não vão. Estou infectado agora. Assim que chegar ao meu cérebro, vou me tornar um *deles*.

— Não fale besteira — disse Purna. — Você vai ficar bem.

— Você não parece ter muita certeza.

Ela fez uma expressão irritada.

— *Tenho* certeza. Mesmo que aquele cara tenha, bem, algo infeccioso, ele não vai passar para você. Vamos levá-lo a um médico, conseguir o tratamento apropriado, os remédios adequados...

— Não *há* tratamento — murmurou Logan.

— Besteira! — disparou Purna, agora com raiva. — Pare de falar como se *quisesse* ficar doente!

— Desculpa — disse Logan. — É claro que não quero ficar doente. É só que... Ah, minha vida está toda ferrada.

Purna se inclinou sobre ele e, para a surpresa de Logan, segurou o seu rosto com as mãos. Por um momento, ele achou que ela iria beijá-lo, mas Purna apenas fixou os olhos escuros nos dele, encarando-o até que tivesse a sua atenção total. Então, baixinho, mas com tal convicção que ele não pôde deixar de acreditar, Purna falou:

— Você vai ficar bem, Logan. Prometo. Eu me *certificarei* de que você vai ficar bem, certo?

Quando Logan não respondeu imediatamente, ela falou de novo, com mais persuasão:

— Certo?

— Certo — concordou Logan.

— Bom. — Purna soltou o rosto dele e se levantou, espreguiçando o corpo inteiro. Ela virou o rosto para a porta, com a graciosidade de uma gazela. — Imagino se nosso amigo ainda está lá.

— Não vai olhar, vai?

Ela deu de ombros.

— De que outro modo descobriremos?

— Mas... — começou Logan, e nesse momento o celular dele tocou.

Não foi apenas o celular *dele* que tocou, no entanto, mas também o de Purna. Os aparelhos tomaram vida precisamente no mesmo instante, o de Logan irrompendo o antigo sucesso da banda Survivor, "Eye Of The Tiger", o de Purna, simplesmente emitindo uma campainha dupla, sem humor, a cada dois segundos. Purna ergueu as sobrancelhas com curiosidade na direção de Logan e retirou o celular preto reluzente do bolso da calça jeans.

— Número desconhecido — murmurou ela, e levou o telefone até o ouvido no momento em que Logan fazia o mesmo. — Alô?

A linha estalou, cheia de estática, então uma voz entrecortada e determinada falou, com rispidez.

— Não fale, apenas ouça. Tenho certa quantidade de informação para passar, e a esta altura simplesmente não tenho tempo para responder perguntas. Esta

ligação está sendo feita para quatro números distintos, e, pela informação que recebi, vejo que todos os quatro atenderam. Isso é bom, muito bom. No entanto, devido a circunstâncias além do meu controle, nossas linhas de comunicação são limitadas. Na verdade, este sinal pode cair a qualquer momento, então, por favor, todos vocês, ouçam com muito cuidado...

Como se para ilustrar o que queria dizer, a voz do homem foi, de súbito, tomada por uma explosão de ruído branco. Purna e Logan se afastaram e seguraram os celulares longe das orelhas. Depois de alguns segundos, o ruído se apaziguou em um chiado mais suportável de estática, do qual surgiu a voz do interlocutor, como o equivalente auditivo de um navio que emerge de névoa espessa.

— Antes de tudo, Sr. Carter, pode me dizer como você está?

Logan pareceu chocado. Purna o encarou de olhos arregalados pela confusão.

— Hã... Bem — murmurou Logan —, mas como você...

— Por favor, seja mais preciso, Sr. Carter — interrompeu a voz. — Quais são seus sintomas?

Logan fez uma expressão irritada.

— Eu fui atacado, certo? Tenho mordidas. E doem.

— Mas não teve convulsões? Nenhum impulso selvagem? Não está com o maxilar trincado?

— E eu conseguiria falar se estivesse? — disparou Logan. Então suspirou. — Não... Nenhuma dessas coisas.

— Excelente! — disse a voz. — E você, Srta. Mei? Como estão seus sintomas?

Uma voz surgiu na linha: jovem, feminina, hesitante.

— Estou bem também. Minha mão dói e senti um pouco de tontura mais cedo, mas agora estou bem.

— Esplêndido! — falou a voz. — Ah, isso é realmente esplêndido!

— Não posso expressar o quão feliz estou por você estar exultante... — começou Logan, sarcástico, mas a voz o interrompeu.

— Por favor, não fale a não ser que eu lhe faça uma pergunta diretamente.

Agora ouçam com bastante cuidado. Não há muito tempo.

Houve uma pausa, como se o interlocutor estivesse respirando fundo, então ele falou:

— Houve... Um surto na ilha...

Instantaneamente, apesar das instruções, uma voz, que tanto Logan quanto Purna reconheceram, interrompeu.

— Que tipo de surto? — perguntou Sam B.

— Por favor — disse a voz, parecendo ofendida. — Entendo o desejo de fazer perguntas, mas tentem resistir, todos vocês. Tentarei explicar a situação da melhor maneira que puder, mas, antes disso, preciso avisar-lhes que o que estou prestes a dizer parecerá inacreditável. Mas vocês *precisam* acreditar em mim quando digo que suas vidas dependerão de como reagirão a minhas instruções. Devem confiar completamente em mim e fazer tudo o que eu mandar. Realmente não posso enfatizar isso com mais veemência.

Mais uma vez, a voz fez uma breve pausa, como se aguardasse que as palavras fossem absorvidas. Então, ele continuou:

— Agora, como eu dizia, houve um surto na ilha. Uma forma em constante mutação de um vírus particularmente agressivo está devastando a população de Banoi. A primeira vítima foi identificada na área de Moresby, no centro, há menos de seis horas. Inicialmente, esperava-se que o vírus pudesse ser isolado e restrito a uma pequena área, mas, infelizmente, isso não foi possível. Desde que a vítima começou a exibir os sintomas do vírus, ele se espalhou a uma velocidade alarmante pela cidade e além. A estimativa atual é de que ele tenha afetado cerca de 80 mil pessoas, mais de sessenta por cento da população, embora os números estejam subindo tão rapidamente que, sinceramente, achamos difícil calcular.

As palavras do homem foram recebidas com um arquejar coletivo e um tagarelar de perguntas.

— Por favor — gritou o interlocutor, então precisou gritar mais duas vezes antes que uma relativa ordem fosse restabelecida.— Entendo como essa informação é chocante e como todos devem estar angustiados. No entanto, o

motivo pelo qual falo com vocês agora não é para alarmá-los, mas para equipá-los com os fatos de que precisarão para lidar com os perigos adiante. Nossa meta final é tirá-los da ilha, mas, para isso, creio que vocês devem vir até nós. A natureza excessivamente virulenta da pandemia já resultou no estabelecimento de procedimentos de emergência extremos e, como consequência disso, Banoi foi declarada uma zona proibida para agências externas.

Houve um novo estalo de estática e tanto Purna quanto Logan prenderam o fôlego, temerosos de que estivessem prestes a perder contato com o que se provaria não apenas a única fonte de informação, mas um possível meio de escapar da ilha. Então a estática sumiu e a voz retornou:

— ... Fornecer-lhes informações completas e diretas sobre a natureza do próprio vírus — dizia. — Sei que três de vocês já tiveram contatos isolados com indivíduos infectados, então estão cientes de que os sintomas do vírus incluem psicose extrema, que se manifesta pelo desejo constante e intenso de devorar a carne dos não infectados. O que vocês possivelmente não percebem, no entanto, e estou ciente de que essa informação pode se revelar particularmente... Hum, indigesta, é que o vírus age primeiro ao matar o corpo do hospedeiro e então reanimar a carne morta. De fato, portanto, se trata de uma forma parasita...

— Zumbis! — gritou Logan, de modo quase triunfante. — Está vendo! Eu *estava* certo!

— Zumbis o cacete — intrometeu-se Sam B. — Isso é besteira.

— Por favor, senhoras e senhores — suplicou a voz mais uma vez. — "Zumbis" é uma palavra tão... Emotiva. Sem falar de...

— Brega? — sugeriu Purna.

— Eu estava prestes a dizer "imprecisa" — replicou a voz.

— Então do que *você* chamaria? — perguntou Sam.

— Preferimos pensar neles como os "mortos reanimados".

— Mesma coisa — disse Logan.

— Ele está certo — falou Purna. — É só uma questão de semântica.

— É, isso que ela disse — murmurou Sam.

— Por favor, fiquem quietos, todos vocês — intrometeu-se Xian Mei, de repente. — Quero ouvir o que o homem está dizendo.

— Obrigado, Srta. Mei — falou o interlocutor. — Agora, para saírem da ilha em segurança, vocês precisarão se dirigir para o centro dela. Para evitar que a infecção se espalhe, o aeroporto foi fechado e o porto principal está sendo patrulhado pela Marinha. Aqueles que estão tentando escapar pelo mar recebem ordens de voltar. Quaisquer embarcações que não obedeçam são simplesmente explodidas na água. Todas as rotas de escape convencionais foram, portanto, fechadas enquanto as autoridades tentam pensar em uma solução para o problema.

— Isso é uma barbaridade — falou Purna.

— É necessário — respondeu o interlocutor. — Você preferiria que isso se tornasse uma pandemia mundial?

— É claro que não. Mas e quanto aos quarenta por cento das pessoas na ilha que *não foram* infectadas?

— Esse número está caindo constantemente... E rápido.

— Ainda assim, são muitas pessoas. Então, o que são elas? Danos colaterais?

— Estamos fazendo o melhor que podemos em uma situação difícil — disse a voz, contida. — Estamos tentando ajudar vocês agora, não estamos?

— Sim, e por que estão fazendo isso? — falou Sam. — Por que somente nós quatro? Por que somos tão especiais? E quem diabos é você mesmo?

— Alguém estará esperando por vocês no andar de baixo — falou a voz, ignorando as perguntas de Sam. — Ele os ajudará. Mas vocês precisam ir agora. A situação está piorando a cada momento. E precisam se armar.

— Com o quê? — perguntou Sam.

— Com o que conseguirem encontrar.

Capítulo 5
SINAMOI

— Ele se foi.

Depois de passar a cabeça, cuidadosa, pela porta, Purna saiu para o corredor empunhando uma perna de cadeira que arrancara. As paredes e o carpete ainda estavam cobertos por sangue seco e espuma de mais cedo, mas o mensageiro que os atacara não estava em lugar algum.

— Quantas vezes você bateu nele? — perguntou Logan, ao sair do quarto com outra perna da mesma cadeira.

— O suficiente para levar um cara normal para a emergência hospitalar — respondeu ela.

Logan fez uma careta.

— Acha que essas aberrações obedecem às leis normais de zumbis?

— Bem, não sei — disse Purna, franzindo a testa. — Acho que tudo depende do que são as "leis normais de zumbis"?

— Você sabe: destruir o cérebro, cortar a cabeça fora... Essa porcaria toda.

Purna olhou para ele incrédula.

— Espero mesmo que não cheguemos a uma situação na qual precisemos descobrir.

Ela bateu de leve à porta vizinha.

— Sam, somos nós.

A porta imediatamente se abriu e Sam surgiu.

— Ei, adorei sua arma — falou Logan, sarcástico.

Sam segurava o que parecia ser um batedor de ovos gigante improvisado. Parecia tanto orgulhoso quanto levemente envergonhado.

— Fiz isso ao retorcer todos os cabides no meu armário juntos — explicou Sam —, então estiquei as pontas. Imaginei que se algum daqueles filhos da mãe vier me pegar, vou arrancar a porra dos olhos dele com isso.

— Além disso, pode também servir para coçar as costas — falou Logan.

Sam fez uma expressão mal-humorada para ele, então olhou para a tipoia improvisada.

— Então você foi mordido, hein?

— Sim, e sei o que está pensando — disse Logan. — Se eu sentir o mais fraco dos desejos de mastigar seus cérebros, avisarei.

Purna já se movia com destreza pelo corredor, olhando com cautela para todas as portas.

— O que acham? — perguntou ela. — Escadas ou elevador?

— Se o elevador estiver vazio, conseguiremos descer direto para o primeiro andar nele — disse Logan.

— Foda-se essa ideia — replicou Sam. — Se a porta se abrir e a recepção estiver cheia desses filhos da mãe, seremos como sardinhas enlatadas.

— Mais como almôndegas — disse Logan, e olhou para Purna. — E por falar nisso, acho que você me causou uma hérnia.

Sam ergueu as sobrancelhas. Purna comprimiu os lábios e balançou a cabeça.

— Não é o que está pensando.

Por consentimento mútuo, eles passaram pelo elevador e pararam do lado de fora da porta de incêndio pesada, acima da qual uma placa de acrílico dizia: EM CASO DE EMERGÊNCIA, UTILIZE AS ESCADAS.

— Prontos? — sussurrou Purna, e fechou a mão sobre a maçaneta da porta.

Com a camisa manchada, a tipoia improvisada e a aparência abatida de olhos fundos, Logan parecia qualquer coisa, menos pronto. No entanto, ele ergueu a

perna da cadeira, preparando-se.

— Manda ver.

Purna escancarou a porta com uma as mãos e impulsionou a perna da cadeira para a frente com a outra. O primeiro lance de escadas estava vazio, e não havia sons óbvios de atividade vindos de baixo.

— Até aqui tudo bem — disse ela.

Os três desceram sorrateiramente e Purna olhou por cima da curva do corrimão para baixo.

— Livre — sussurrou.

O terceiro lance estava similarmente livre, assim como o quarto. Os quartos deles ficavam no nono andar, o que significava que, com dois lances de escadas por andar, tinham 18 lances para descer no total.

— Silêncio — falou Sam, quando estavam na metade do quinto lance.

Purna parou de súbito.

— O que você escutou?

— Não, quero dizer que *tudo* está um silêncio. Achei que haveria mais merdas acontecendo, sabe?

— São 4h30 da manhã — disse Purna. — A maioria das pessoas ainda está provavelmente dormindo.

Sam considerou.

— Acha que deveríamos avisá-los?

Ela deu de ombros.

— Não podemos avisar a todos. Além disso, o que diríamos?

— Poderíamos... Não sei. Dizer que fiquem nos quartos.

— Por quanto tempo? Não há comida lá dentro, e tenho quase certeza de que o serviço de quarto não é mais uma opção. Além disso, as pessoas começariam a nos fazer perguntas, querendo saber o que está acontecendo... E se contássemos a elas, quantas acreditariam em nós?

— Porra — murmurou Sam, como se todas as implicações daquilo com que se deparavam tivessem subitamente ocorrido a ele.

— É um mundo cão — falou Logan. — Cada um por si.

— É mesmo? — perguntou Sam com a voz arrastada.

— É melhor acreditar nisso — respondeu Logan. — De toda forma, você é algum tipo de gângster preocupado e altruísta? Achei que vocês rappers não se importavam.

Sam lançou um olhar enojado para ele.

— Não ouve muito rap, não é?

— Sou mais fã de Springsteen.

Sam revirou os olhos.

— Toda a *ideia* do rap é se importar. Por isso estamos cheios de tanta raiva injustiçada o tempo todo.

Logan concordou com seriedade.

— Então... "Who Do You Voodoo, Bitch". Isso é algum tipo de comentário social, certo?

Sam suspirou.

— Essa música vai me assombrar pelo resto da vida.

— Não leve tão a sério — replicou Logan. — Se o apocalipse zumbi está mesmo acontecendo, o resto da sua vida provavelmente acabará antes que você perceba.

— Não consigo muito bem entender por que — falou Sam —, mas esse pensamento não me reconforta muito.

Eles desceram, sorrateiros, os dois lances de escada seguintes em silêncio. Tinham quase alcançado a porta de incêndio que os levaria ao sexto andar quando Logan parou de repente.

— Merda.

— O que foi? — pergunto Purna, o corpo ficando tenso.

— Que droga, cara — disse Logan.

— *O que foi?*

— Deixei meus comprimidos no quarto.

— Seus o quê?

— Meus comprimidos. Meus remédios. Esqueci completamente deles, com o ataque e tudo mais. — Logan pensou por um momento. — Talvez eu devesse voltar.

— O quê? Está maluco? — falou Sam.

Logan pareceu determinado.

— *Preciso* dos meus comprimidos.

— Para que precisa deles? Tem algum tipo de doença?

— Sim, tenho uma doença — disparou Logan. — Chama-se necessidade da porra dos comprimidos!

Purna deu um passo adiante e apoiou uma das mãos sobre o braço dele.

— Vamos conseguir mais comprimidos para você — disse ela de modo racional.

— Ah, acha mesmo que será tão fácil, cacete?

— Conseguir analgésicos e antidepressivos? Talvez.

Logan pareceu espantado.

— Como você...

— Sou boa em desvendar a pessoas — explicou ela sabiamente. — Agora, podemos ir?

As palavras mal tinham saído da boca de Purna quando a porta do sexto andar se escancarou e uma mulher vestindo uma camisola branca manchada de sangue surgiu. Purna, Sam e Logan reagiram instintivamente, cada um deles erguendo as armas e assumindo posição defensiva. Ao vê-los, a mulher parou de súbito, o rosto, uma mistura de terror e choque. Então, com um guincho, algo atingiu a mulher por trás, acertando as costas dela com tanta força que ela escorregou na poça de sangue abaixo dos pés descalços e caiu com uma agitação desastrada de pernas e braços.

A princípio, Sam achou que a coisa que tinha atacado a mulher era algum tipo de macaco. Estranhamente, aquilo o lembrava do Diabo da Tasmânia dos antigos desenhos do Pernalonga. Aquele desgraçado se movia em um borrão, como um tornado vivo. Aquela coisa era semelhantemente feroz, rasgando as costas e o

pescoço da mulher com garras e dentes enquanto ela estava deitada com metade do corpo através da porta aberta. A mulher emitia ganidos terríveis; parecia mais um animal torturado do que um ser humano. A criatura arrancava nacos de carne dela, simplesmente os arrancava e os enfiava na boca. Havia sangue por toda parte, espirrando e voando em todas as direções. Somente quando Purna deu um passo à frente que a criatura ergueu a cabeça para olhar para eles e Sam ficou chocado ao ver, pela máscara espessa de sangue, que era uma garotinha.

Deveria ter 4 ou 5 anos, e tinha um pedaço longo e fino de pele mastigada e carne pendurado entre os dentes trincados. Sam viu que mesmo então os dedos da menina estavam enterrados profundamente na vasilha de carne empelotada e sangrenta na qual se haviam tornado as costas da mulher. Na verdade, a garota havia arrancado tantas camadas das costas da outra, que expusera o núcleo coberto de sangue de suas vértebras.

Sam absorveu tudo aquilo em um, talvez dois segundos. Então Purna girou a perna da cadeira, segurando-a com as duas mãos, e acertou a garota no rosto. Houve um ruído de esmagamento e o rosto da menina pareceu ceder. Enquanto ela caía de costas no corredor de carpete do hotel, os membros debatendo-se como se fosse uma aranha branca gigante que perdera metade das pernas, Sam viu, em um tipo de devaneio horrorizado, que, por baixo da cobertura de sangue e vísceras, a garotinha vestia um pijama do *Meu Querido Pônei*.

Sem hesitar, Purna continuou o ataque e saltou sobre a mulher, golpeando a menina na cabeça diversas vezes com a perna da cadeira, sem lhe dar tempo para se recuperar. Apesar da ferocidade do ataque, o corpo da garota se contorcia, se impulsionava e tateava, como se ela não estivesse apenas tentando se levantar, mas também reagir. Sombriamente, Purna acertou a cabeça até que o crânio da garota não fosse mais do que polpa irreconhecível e o corpo estivesse imóvel. Quando se afastou, ofegante e suada, estava com sangue da cabeça aos pés, e a perna da cadeira estava coberta por uma camada viscosa de sangue, carne, ossos, cabelos e nacos escorregadios e amolecidos de matéria encefálica.

Sam olhou para Logan, que tremia e tinha o rosto pálido. Ao retribuir o olhar,

Logan murmurou:

— Cara, isso foi *intenso*.

Após passar por cima do corpo da mulher, que ainda se retorcia e gemia, e fazer uma careta para a gosma que esguichava sob os tênis Reebok tamanho 42, Sam caminhou até Purna e colocou o braço ao redor do ombro dela. A jovem se encolheu levemente, mas não resistiu.

— Ei — disse ele —, você está bem?

Ela olhou para Sam. Seus olhos estavam excessivamente brilhantes, o rosto um pouco contido demais.

— Bem — respondeu ela.

— Não precisa estar — disse-lhe Sam. — Não tenho certeza se eu estou.

Purna trincou o maxilar e olhou de modo quase insensível para baixo, para o corpo estendido, agora patético, da garotinha.

— Então acho melhor você aprender a ficar. Isso é algo com que todos nós teremos de nos acostumar.

Libertando-se do braço dele, Purna se virou e caminhou de volta até a mulher, que arquejava e estremecia agora, os olhos arregalados devido ao trauma, a respiração saindo em arfadas esganiçadas de pânico.

Ao agachar-se ao lado da mulher, Purna falou:

— Não podemos abandoná-la assim. Ou vai se transformar ou outras dessas coisas a pegarão.

— Acha que deveríamos levá-la conosco? — perguntou Sam, franzindo a testa.

Purna balançou a cabeça.

— Não há como ajudá-la, e ela apenas nos atrasaria. Precisamos acabar com o sofrimento dela.

Sam piscou.

— Está falando sério?

— Não, estou brincando — disparou Purna. — Não há nada melhor do que uma boa gargalhada para amenizar uma situação séria.

Sam ergueu as mãos.

— Tudo bem, tudo bem. Sinto muito. — Ao virar a cabeça e abaixar a voz, ele falou: — Então... Como faremos isso?

— Não temos tempo de discutir ou tirar no palitinho — disse Purna. Então, ao apoiar a perna de cadeira coberta de gosma ao lado, ela estendeu o braço e segurou a cabeça da mulher, quase com carinho, entre as mãos. Aproximando-se, Purna murmurou: — Está tudo bem, não se preocupe. — Então, com uma torção simples, ela quebrou o pescoço da mulher.

— Cruzes — murmurou Sam.

Afastado, no pavimento entre os lances de escada, Logan parecia estar tentando não vomitar.

— Onde aprendeu a fazer isso? — perguntou ele com a voz fraca.

— Com a liga das escoteiras — respondeu Purna. Ela pegou a perna de cadeira e, sem dizer outra palavra, passou por cima do corpo da mulher de novo e começou a descer o lance de escadas seguinte.

Logan estava logo atrás de Purna, Sam vinha no final da fila.

— Acha que isso será o bastante? — perguntou Logan. — Quebrar o pescoço dela, quero dizer?

Purna parou rapidamente para encará-lo.

— Quer voltar e arrancar a cabeça dela fora? Se quiser, à vontade.

Logan tentou sorrir, mas saiu como uma careta.

— Tudo bem. Eu passo.

Eles desceram o lance seguinte de escadas em silêncio. Sam estava bastante ciente do fedor de sangue e carne crua que emanava das roupas de Purna. Também estava ciente de que Purna ainda permanecia no comando do grupo, e, portanto, ficaria na linha de frente se mais alguma ação ocorresse. Ultrapassando Logan, ele alcançou Purna alguns passos à frente.

— O primeiro a chegar no bar paga as bebidas — gritou Logan.

Sam olhou de volta para ele. Falou:

— Achei melhor tomar a posição dianteira, se não tiver problema. Imaginei

que Purna aqui tivesse feito sua parte na destruição de zumbis por enquanto. — Ele olhou para a mulher, hesitante. — Tem problema para você?

Purna olhava direto para a frente, o rosto determinado, o maxilar trincado. Quando viu o olhar de Sam, sua expressão se suavizou levemente.

— É claro — disse ela. — Meu braço *está* bastante cansado.

Sam fez que sim e deu um passo à frente de Purna. Estavam descendo as escadas abaixo do pavimento que dava para o terceiro andar quando ele parou de súbito e ergueu uma das mãos.

— O que é? — perguntou Purna.

— Desta vez estou escutando algo *mesmo* — falou Sam. — Ouçam.

Todos ficaram parados, ouvindo. De um ou dois andares abaixo, vinha um ruído de algo chafurdando e roncando.

Imediatamente, Logan se lembrou de um acampamento de futebol americano para o qual a mãe e o pai o mandaram quando tinha 12 ou 13 anos. Certa noite, ele e dois garotos tinham saído para acampar no alto das montanhas quando foram acordados, no início da madrugada, por um urso chafurdando a barraca, à procura de comida. Logan quase se borrara de medo, mas, assim como os demais garotos, ele saiu da barraca e correu até o urso, gritando e agitando os braços. O urso, que se revelara apenas um filhote, ficou espantado, se virou e fugiu. Logan e os amigos ficaram acordados o resto da noite bastante ansiosos. No dia seguinte, de volta ao acampamento, eles se gabaram para o resto dos garotos sobre como haviam encarado um urso-cinzento adulto e sobrevivido.

Logan sabia que a coisa abaixo deles naquele momento não era um urso e nem fugiria se gritassem com ela. Pela primeira vez, ele se perguntou o quão sobrevivente era realmente, e até onde precisaria se impulsionar, tanto mental quanto fisicamente, para enfrentar a provação iminente. Será que conseguiria estourar o cérebro de uma criancinha ou quebrar o pescoço de uma mulher fatalmente ferida como Purna acabara de fazer? Era verdade que Logan não se importava muito com ninguém além de si mesmo, mas isso não significava automaticamente que estaria preparado para fazer qualquer coisa para salvar a

própria pele. Logan costumava gostar de deixar o trabalho sujo para outras pessoas, agir fora do radar, de certa forma. No entanto, tinha a sensação de que isso não seria uma opção dali em diante. Como alegara a Sam, estavam em um mundo cão agora: matar ou morrer.

Independentemente disso, nada de bom viria ao *convidar* a confusão, ou ao correr de cabeça na direção dela. Caminhando até o lado de Purna, ele falou:

— Talvez se ficarmos em silêncio, aquela coisa, o que quer que seja, irá embora.

Purna, ainda suja com o sangue da menina, balançou a cabeça.

— Acho que não. Está vindo na nossa direção.

Sam se virou e olhou rapidamente para ela.

— Talvez consiga sentir o cheiro dessa merda toda em cima de você.

— Vamos voltar lá para cima, então — disse Logan. — Podemos atravessar a porta e esperar no corredor. Talvez perca o rastro do cheiro.

— Não vou voltar — respondeu Purna. — Se continuarmos a nos esconder dessas coisas, jamais chegaremos a lugar algum.

— Amém — concordou Sam, e empunhou a arma de cabides com múltiplas pontas afiadas. — Vamos em frente.

À frente, ele desceu em direção aos sons de movimento, pé cuidadoso ante pé cuidadoso. Ao chegar à curva do corrimão, Sam sussurrou:

— Estão prontos?

Purna fez que sim. Logan tentou pensar em algo sarcástico e inteligente para dizer, mas tanto sua mente quanto a boca estavam secas.

Sam se preparou, então virou para o lance de escadas seguinte, com Purna a seu encalço. Um ou dois segundos atrás deles, a primeira coisa que Logan viu foi uma figura troncuda oito ou nove passos abaixo. Por uma fração de segundo, ele achou que fosse um urso — um urso vestindo roupas humanas.

A figura olhou para cima e Logan viu que era apenas um homem, no fim das contas. Era até um homem que ele reconhecia, um que já havia visto naquela noite. Tratava-se de um dos dois seguranças que apareceram com a chinesa

bonitinha depois de terem sido atacados pela mulher no banheiro. Abaixo do cabelo raspado, o rosto rechonchudo e redondo do sujeito estava manchado de sangue e coágulos de vísceras. Ele lembrava um bebê gigante após uma refeição particularmente nojenta.

A sujeira na parte da frente do casaco tipo anoraque que vestia fazia parecer que um balde de vísceras de animais tinha sido jogado sobre o homem. Ele também parecia estar usando luvas vermelhas, mas de um tipo que se liquefaziam. No gordo punho direito, o homem agarrava um pedaço de carne crua que parecia ter sido rasgada de uma coxa, ou talvez de uma nádega. Assim que viu Sam, Purna e Logan de pé acima, no entanto, o homem perdeu interesse na carne, que escorreu de sua mão e acertou o chão com um baque úmido, então disparou na direção deles, grunhindo.

Somente quando se aproximou, Logan percebeu que, sob a cobertura de sangue coagulado, o colarinho do casaco do homem estava rasgado e faltava um pedaço considerável de carne do lado esquerdo do pescoço. De fato, o lado esquerdo inteiro da cabeça do homem parecia ter sido devorado; a orelha dele havia sumido completamente e muitos dos músculos estriados e dos tendões abaixo do que normalmente seria a bochecha podiam ser vistos com clareza. Além disso, a carne faltante revelava os dentes do lado esquerdo do maxilar do segurança, o que dava a impressão de que ele exibia um sorriso largo e torto.

— Pode vir, seu grande filho da puta — falou Sam, esperando que o homem morto se aproximasse o suficiente. Quando ele o fez, Sam se lançou para a frente e enfiou a arma de fabricação caseira no rosto do zumbi.

Com o primeiro golpe, um dos espinhos de metal projetados entrou no olho da criatura e o perfurou. Ouviu-se um *pop* baixo e o olho se rasgou como um ovo cozido, liberando uma substância pegajosa e incolor que escorreu pela bochecha do zumbi e se misturou ao sangue ao redor da boca dele.

Apesar disso, o ataque de Sam sequer deteve a criatura. Aparentemente indiferente à dor, ela rugiu não com agonia, mas com raiva e fome, e continuou se aproximando, os dedos manchados de sangue.

Sam golpeou de novo, como um cavaleiro com uma lança de metal partida, e dessa vez a maioria dos espinhos entrou na boca do zumbi. Eles perfuraram a língua e a gengiva da criatura, rasparam os dentes e chegaram até a atingir o lábio superior e arrancar um pouco da carne.

No entanto, o zumbi ainda avançava, a mera corpulência e a inércia o impelindo para a frente. A arma de Sam a princípio se dobrou com o peso do homem, então começou a se partir, os espinhos de metal permaneceram na carne do zumbi, projetando-se das bochechas, dos lábios e das gengivas como piercings esquisitos.

Sam gritou com pânico e ódio quando os dedos gordos do zumbi se fecharam ao redor das mangas do seu casaco. A criatura o olhava de cima, rugindo, seu hálito fedendo, azedo, a sangue, a boca rasgada se abrindo e fechando enquanto o zumbi tentava mordê-lo. Encurralado, Sam tropeçou e caiu, os degraus das escadas lhe tiraram o fôlego conforme se enterravam, dolorosamente, em suas costas. Ele tentou erguer os braços para se defender, mas estavam presos à lateral de seu corpo e a arma jazia inútil em suas mãos. Freneticamente, Sam inclinava a cabeça para trás para impedir que o zumbi lhe rasgasse o rosto com os dentes. Ele então ergueu o joelho e o enterrou na barriga gorda da criatura. O zumbi estava implacável, no entanto, e esmagou Sam como um rolo compressor humano. Desesperado, ele abaixou a cabeça e impulsionou o tronco para a frente, depois deu uma cabeçada no rosto do zumbi. Sam ouviu um ruído de esmagamento satisfatório quando o nariz da criatura quebrou, mas o único resultado foi que a cabeça e o rosto do rapper ficaram encharcados com o sangue quente e pútrido do zumbi.

De repente, a cabeça do zumbi virou para a esquerda de Sam quando algo a esmagou na lateral. Sam sentiu o peso da criatura mudar, a mão esquerda dela se soltou do casaco do rapper, o que lhe permitiu mover o braço direito. Agarrando a arma com força, Sam conseguiu soltá-la, então enfiou-a na lateral da garganta do zumbi, onde grande parte da carne já havia sido rasgada. Os espinhos, alguns agora dobrados ou encurtados após terem se quebrado sob o peso da criatura,

atravessaram com facilidade a carne devorada, deslizando para a frente até que roçassem o osso. Sem saber se o osso era a coluna ou a parte debaixo do maxilar do zumbi, Sam puxou a arma de volta e então enfiou-a de novo, golpeando a criatura diversas vezes com facadas rápidas e curtas. Os espinhos perfuravam a carne exposta do pescoço da criatura como ondas de rajadas de chumbo, destruindo tendões e feixes de cartilagem.

Enquanto isso, Purna se moveu para dentro da visão periférica de Sam, do lado direito dele, obviamente tentando encontrar espaço para, mais uma vez, acertar a ponta partida da perna de cadeira na lateral da cabeça do zumbi. Sam tentou ajudá-la ao retirar sua arma, a mão direita dele agora tão escorregadia de sangue quanto a do próprio zumbi, e enfiá-la diretamente para cima, na garganta da criatura, entre o maxilar e o pomo de adão. Preso à ponta da arma, o pescoço rasgado da criatura se esticou e ela emitiu um ganido gutural, então tentou se libertar. No entanto, instintivamente procurando a presa, o zumbi fez força para baixo, ao invés de para cima, e só conseguiu com isso enterrar os espinhos de metal ainda mais fundo. Eles deslizaram pela parte de baixo da boca da criatura, atravessando a base da língua preta do zumbi e fazendo com que sangue coagulado espirrasse dos ferimentos e jorrasse entre seus lábios.

Aproveitando a chance, Purna golpeou a ponta da perna de cadeira na lateral da cabeça do zumbi novamente, e então de novo. Após o quarto golpe, ouviu-se um ruído de algo cartilaginoso se rasgando, e como uma tampa de treliças, a cabeça do zumbi pendeu para um lado, o que torceu a arma de Sam para fora de sua mão com tanta força que lhe arrancou uma tira de pele da palma. A cabeça oscilava grotescamente para baixo, diante do peito do zumbi, como uma bola de boliche dentro de uma meia, presa por nada além de alguns fios teimosos de pele e tendões esticados. Ela se balançou, na verdade, até o rosto de Sam, e o corte de cabelo raspado o pinicou e roçou sua bochecha, o que fez com que Sam gritasse, enojado. De forma convulsiva, as mãos do zumbi começaram a se abrir e fechar, o que permitiu que Sam soltasse o braço esquerdo e, com a ajuda de Purna, se libertasse de debaixo do peso-morto que era a criatura. Exausto, machucado e

ensopado, de modo pegajoso, com o sangue podre do zumbi, ele observou, entorpecido, até que o corpo quase decapitado da criatura parasse de se contorcer e se tornasse inerte.

— Obrigado — murmurou Sam, finalmente, olhando para Purna.

Ela deu um aceno curto e breve com a cabeça.

— De nada.

— Ele te mordeu? — perguntou Logan, sentado no degrau da escada logo acima deles, como um espectador que assistia a um jogo de futebol da arquibancada.

— Não — respondeu Sam. — Só sangrou um pouco em mim.

— Sangue de zumbi é provavelmente contagioso.

Sam fez uma expressão irritada.

— Nesse caso, vou tentar resistir à tentação de me limpar com lambidas.

— Só estou dizendo — falou Logan.

Profundamente enojado, Sam apoiou o pé na cabeça quase cortada do zumbi e arrancou a arma agora sangrenta e retorcida da garganta da criatura. Ele ergueu a arma com pesar.

— Assim que tiver a chance, vou trocar essa merda por uma Uzi.

— Quer que eu fique na frente de novo? — perguntou Purna.

Sam olhou de relance para Logan e semicerrou os olhos.

— Não é a vez dele?

— Ele só tem um braço. E foi mordido. O que significa que não está exatamente no melhor estado de saúde.

Logan fez o melhor para parecer que se sentia culpado e ressentido. Sam resmungou. Eles continuaram descendo as escadas, tentando não escorregar no sangue do zumbi, que escorria de debaixo do corpo, descia pelas bordas das escadas e pingava nos degraus abaixo. Chegaram ao térreo sem mais incidentes, e pararam a uma porta que dizia RECEPÇÃO. Já pareciam um grupo bastante castigado pela batalha, feridos e sujos de sangue.

— Tudo bem — falou Purna. — Precisamos nos preparar para isso. Não

sabemos o que há lá fora.

— E se houver centenas deles? — pertuntou Logan.

— Não haverá. Para nossa sorte, o surto só chegou a esta parte da ilha quando a maioria das pessoas já estava dormindo.

— Acha que o cara que nos ligou estava dizendo a verdade? Que *haverá* alguém esperando para nos ajudar? — perguntou Sam.

Purna deu de ombros.

— Quem sabe? Vamos apenas dar um passo de cada vez.

— E, aliás, quem era aquele cara?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Quer mesmo discutir isso agora?

— Acho que não — disse Sam.

— Então, qual é o plano? — perguntou Logan.

Sem hesitar, Purna respondeu.

— Vamos aos poucos e devagar. Não vale a pena chamar atenção para nós. Estão prontos?

— Nem um pouco — murmurou Sam.

— Estou *sempre* pronto — falou Logan, lacônico, brandindo a perna de cadeira.

— Então vamos.

Purna abriu a porta apenas o suficiente para se certificar de que não havia zumbis por perto, então deu um passo à frente, gesticulando para os outros que era seguro sair. A porta para as escadas ficava no fim de um corredor curto à direita da área da recepção principal. Dali, eles podiam ver a maior parte do saguão, inclusive as portas principais, a cerca de 15 metros à esquerda, e o longo balcão da recepção logo depois disso, o qual ocupava a parede diretamente oposta aos três. No centro da grande extensão de carpete havia uma palmeira enorme, cercada por diversas poltronas de couro curvadas e interligadas, o que dava a impressão de que a árvore estava no centro de uma enorme roda negra.

Embora a área estivesse silenciosa e, no momento, deserta, havia diversos

indicativos de que aquela tinha sido tudo, menos uma noite normal. Havia rastros de sangue sobre a superfície do balcão de madeira clara e do carpete de cores pálidas — caminhos longos o bastante para sugerir que aquilo tinha sido sangue arterial, esguichado de um artéria principal aberta. Havia mais sangue na parte de dentro da fachada de vidro do hotel, inclusive a impressão borrada da mão de alguém. O mais perturbador de tudo era o corpo do que ele mal conseguiam discernir como uma jovem chinesa, vestida com o uniforme da equipe do hotel, camisa branca, gravata e saia vermelhas, deitada de costas, próxima à área de estar principal, com os membros esparramados de maneira bizarra.

A jovem fora atacada tão selvagemente que era quase irreconhecível como ser humano. Tinha sido quase partida ao meio, como se por uma turba. A perna esquerda dela estava presa ao resto do corpo por nada além de um retalho de pele, o braço direito do cotovelo para baixo tinha desaparecido e os intestinos haviam jorrado de uma fenda irregular na barriga, de forma que agora se espalhavam sobre e ao redor dela, em nós cinza-arroxeados reluzentes.

— Com licença. — disse Logan ao vê-la. Então, prontamente, vomitou em uma das duas palmeiras de jardim que ladeavam as portas do elevador a alguns metros de distância. Purna deu alguns tapinhas nas costas dele e olhou para cima, para o indicador do elevador. Estava parado no quinto andar e ela imaginou, por um segundo, que dramas terríveis teriam se desenrolado ali.

— Está bem? — sussurrou ela quando Logan se levantou.

Ele parecia pior do que nunca, a compleição mortalmente pálida, mas assentiu.

— Achei que a garota poderia ser... Bem, aquela fez meu check-in e estava comigo quando a mulher nos atacou... Mas não tenho certeza.

Sam se juntou aos dois ao lado do elevador. Embora pudessem enxergar a maior parte do saguão dali, não podiam vê-lo inteiro. Não podiam, por exemplo, enxergar a área nos fundos, onde o saguão se dividia em corredores que davam para outros quartos no andar térreo, assim como para o restaurante, o bar

principal e o salão de baile no qual Sam fizera o show.

Ao pensar no show, Sam não podia acreditar que apenas cinco horas atrás ele estivera no palco, tocando para uma multidão grande e animada. O evento parecia ter acontecido há séculos. Era estranho lembrar que, então, estivera preocupado com nada além de como as novas músicas seriam recebidas pelo público, e se aquela seria sua última chance de conseguir um novo contrato com uma gravadora, a única oportunidade de ressuscitar a carreira.

— Podemos ir? — murmurou ele.

— Logan? — perguntou Purna.

Logan passou a língua pelos dentes e cuspiu o resto de vômito da boca.

— Vamos lá.

Como ladrões, os três se esgueiraram até o fim do corredor curto e olharam de esguelha pela esquina. A área nos fundos do saguão mostrava corredores angulosos em todas as direções, muitos dos quais se curvavam para além da visão. Purna assentiu e eles saíram do esconderijo, correndo pelo carpete até as portas principais. De pé no saguão bem iluminado, estavam desconfortavelmente cientes de como deviam estar visíveis pelo lado de fora. No entanto, o pátio de entrada do hotel parecia deserto e era guarnecido por palmeiras altas e arbustos espessos.

— Acho que aqueles desgraçados foram para onde está a comida — murmurou Sam, indicando com um aceno de cabeça que achava que os infectados tinham provavelmente ido para dentro do hotel, em busca de hóspedes vivos escondidos nos quartos.

— Sorte nossa — disse Purna, ao olhar para fora e passar a chave de plástico por um leitor à direita das portas.

Com um murmúrio obediente, as portas automáticas se separaram e o trio saiu. O ar fresco e perfumado os envolveu, removendo, pelo menos temporariamente, o fedor de carne crua e sangue de zumbi. Logan oscilou levemente, como se o ar fosse demais para ele.

— Ops — disse Sam, ao se virar, quando duas silhuetas escuras se destacaram

de um fundo preto de arbustos à esquerda deles.

Purna ergueu a arma, porém a mais alta das silhuetas retardou o movimento ao erguer uma das mãos.

— Está tudo bem — anunciou a figura. — Nós não estamos doentes.

Embora tivesse abaixado a arma, Purna ainda parecia desconfiada, observando conforme as duas silhuetas saíam das sombras e seguiam para a iluminação do hotel. Quem tinha falado era um homem alto, de pele escura, de cerca de 25 anos, que vestia uma camiseta de surfe laranja, bermuda azul na altura dos joelhos e sapatos de praia feitos de lona. Ele segurava um facão em uma das mãos e tinha uma pistola prateada curta, de cano largo, presa à cintura.

A companheira dele era uma jovem chinesa magra e bonita, com a mão enfaixada, que vestia o então familiar uniforme de recepcionista do hotel. Ao vê-la, Logan exclamou:

— Ei! Você está bem!

A garota chinesa fez que sim, com o rosto inexpressivo.

Ao apontar para o curativo, Purna falou:

— Você é a Srta. Mei, certo? A garota ao telefone?

De novo, a jovem fez que sim.

— Meu nome é Xian Mei.

— E você foi mordida? Como ele? — Purna inclinou a cabeça na direção de Logan.

— Sim.

— Mas está bem?

— Sim.

— Certo — disse Purna, pensativa.

O rapaz deu um passo à frente.

— Venham. Levarei vocês a um lugar seguro.

— Qual o seu nome, cara? — perguntou Sam.

O rapaz sorriu.

— Sinamoi — respondeu.

Capítulo 6
O LUGAR SEGURO

— Chegamos.

Sinamoi, com Xian Mei em sua cola, os tinha levado por dentro do resort potencialmente ameaçador, por uma rota sinuosa, evitando as passagens principais onde os turistas ficavam e mantendo-se em caminhos escondidos e becos de fundos. Embora Purna, Sam e Logan o tivessem seguido sem questionar, Purna, em particular, permanecera cautelosa, constantemente alerta ao fato de que, por alguma razão, o guia poderia os estar enganando ou levando para uma armadilha. Tinham visto um ou dois zumbis perambulando por ali, mas conseguiram ficar fora do caminho e não foram detectados.

— Quieto agora, mas amanhã este não será lugar bom — sussurrou Sinamoi em certo momento, depois de terem se abaixado por alguns minutos enquanto um homem negro obviamente infectado, enrugado, velho e de barba branca, rastejara por eles, grunhindo e se contorcendo.

Finalmente, emergiram de um caminho tortuoso, coberto por árvores, e se viram na estrada principal que dava na praia, embora estivesse evidente pelo modo como o rebentar das ondas ficava constantemente mais alto durante os últimos dez minutos que era para ali que se dirigiam. Purna esperava ver as luzes de um bote piscando da água negra, pronto para levá-los para longe, mas em vez disso, Sinamoi guiou-os para um prédio cinzento, de um andar, com barras nas

janelas, enterrado entre as dunas que davam para a praia de areia branca.

— O que é isto? — perguntou Purna.

— Posto de salva-vidas — respondeu Sinamoi. — Prédio muito forte. Muito seguro.

— Como entramos? — inquiriu Sam.

Sinamoi sorriu, enfiou a mão no bolso e exibiu uma chave.

— Eu sou um salva-vidas — disse ele.

Sinamoi destrancou a porta e todos entraram. O posto estava bem equipado com mesas e cadeiras, um radiotransmissor e até mesmo um pequeno forno de acampamento. Havia roupas para situações de emergência em ganchos na parede, uma caixa de primeiros socorros de metal do tamanho de uma mala pequena e um saco de dormir em um canto.

Sam indicou o saco de dormir com a cabeça.

— Você mora aqui?

Sinamoi gargalhou, como se Sam tivesse feito uma piada. Com o inglês macarrônico, ele explicou que um dos deveres dos salva-vidas era estar constantemente em contato com a frota de navios pesqueiros no mar, os quais operavam, em sua maioria, fora do porto de Moresby. Se um navio tivesse dificuldades, era responsabilidade de quem estivesse de plantão à noite alertar os outros salva-vidas, de modo que um bote de resgate pudesse ser lançado.

— E é sua vez agora, hein? — disse Logan, cansado, parecendo esgotado e exausto.

Sinamoi fez que sim e sorriu.

— Então quem disse a você para nos procurar? — perguntou Purna.

Sinamoi apontou para o rádio, que estava arranhado e surrado, com botões e visores antigos, além de fones de cabeça que pareciam estar unidos por fita adesiva de aro grosso. Estalando e murmurando alegremente consigo mesmo, o aparelho parecia o tipo de remendo que só se viam naqueles filmes de guerra antigos.

— Homem do rádio — disse ele. — Ele tenta... — Sinamoi imitou o gesto de

segurar um celular na altura do ouvido.

— Ligar para nós? — falou Sam.

— Sim. Mas o sinal sumiu. Então liga para mim. Sinal bem mais forte. Promete muito dinheiro se eu levo vocês aqui.

— Ele sabia? — perguntou Purna. — E disse *por que* queria que nos trouxesse aqui?

— Para vocês ficar seguros. Ele também tem mensagem.

— Que mensagem?

Sinamoi franziu a testa.

— Ele diz vão para dentro. Pela selva até outro lado da ilha. Vão para ilha da prisão. No topo da torre tem helicóptero. Leva vocês voando.

— Isso foi tudo o que ele disse? — perguntou Sam.

Sinamoi assentiu.

— Sim. Também que ele tenta ligar se pode. — O rapaz gesticulou como se segurasse um celular de novo.

Sam suspirou.

— Já havia falado com esse cara antes, Sinamoi?

O salva-vidas balançou a cabeça.

— Não.

— Então não faz ideia de quem ele seja?

— Não. Mas ele quer salvar vocês. Então é amigo, não?

— Espero que sim — disse Sam. Ele apoiou a arma contra a parede, pegou uma cadeira de debaixo da mesa e se sentou com um resmungo. — Mas queria saber quem ele é.

Seguindo o exemplo de Sam, Purna e Logan soltaram as armas. Purna se sentou também.

— Tenho algumas ideias — disse ela.

— Gostaria de compartilhar com o grupo?

— É claro. Mas quero me limpar um pouco antes, e todos gostaríamos de beber algo. Precisamos manter o nível de fluidos elevado. Sinamoi, tem água?

O salva-vidas assentiu, ansioso. Após atravessar o cômodo, ele empurrou as roupas de emergência e revelou uma porta, atrás da qual havia um minúsculo cubículo que continha um banheiro e uma pia primitivos.

— Muita água. Mas esta não bebe. — Ele colocou a mão sobre o estômago e pôs a língua para fora, imitando enjoo. Então foi até a escrivaninha, sobre a qual estava o rádio, ajoelhou-se, esticou os braços dela e arrastou para fora um container de água de plástico de quase cinco litros. — Esta bebe.

Enquanto ele servia água em diversas canecas lascadas de aparência suja, Purna foi ao banheiro para se limpar o máximo que pôde. Ao aceitar a caneca de água, Sam olhou para Logan, que estava recostado contra a parede.

— Você parece exausto, cara.

— É como me sinto — respondeu Logan. Ao se virar para Sinamoi, ele apontou o dedão para o saco de dormir e falou: — Ei, se importa se eu deitar um pouco?

Sinamoi fez que sim com vigor.

— Descanse. Durma. — Então as sobrancelhas dele se franziram. — Está doente?

— Apenas cansado — respondeu Logan. — Perdi um pouco de sangue. — Ele olhou para Sam, que o encarava com atenção, então ergueu a mão direita. — Dou minha palavra, cara. Não é a porra do vírus. Não tenho qualquer desejo pelo seu couro negro.

Inesperadamente, Sam sorriu.

— Creio que você acharia minha carne refinada demais para seu paladar, de toda forma, branquelo.

Logan gargalhou, caminhou com dificuldade até o saco de dormir e apenas desabou sobre ele com um murmúrio.

— Precisar remédio? — falo Sinamoi.

— Claro — disse Logan, exausto. — Aceito qualquer coisa que tiver.

Cinco minutos depois, apagado com analgésicos, ele roncava baixinho no canto, de boca aberta. Sam, Purna, Xian Mei e Sinamoi estavam sentados ao

redor da mesa, as mãos enroscadas não em canecas de água dessa vez, mas de café puro e quente. Sam assoprou o café antes de tomar um gole, então se sentou com um suspiro. Embora normalmente tomasse o café com creme e açúcar, ele murmurou:

— Nossa, essa é a melhor xícara de café que já bebi.

Purna se virou para Xian Mei, que até então mal dissera uma palavra.

— Então, qual é a sua história? — perguntou Purna.

Xian Mei exibiu uma expressão defensiva.

— O que te faz pensar que eu tenho uma?

Purna apontou para Sam, então para Logan, que dormia no canto.

— Consigo ver a conexão entre nós três, mas você é a estranha no grupo: a incógnita.

— Está falando da campanha de doação de sangue? — perguntou Sam.

— Sim. Estamos todos aqui porque doamos sangue e ganhamos férias em Banoi. Isso nos leva a crer que o autor da ligação misteriosa tem algo a ver com a CNDS. — Purna encarou Xian Mei, semicerrando os olhos. — Mas quem é você? A espiã dele?

Xian Mei tentou não reagir, embora a garota australiana tivesse chegado assustadoramente perto de adivinhar o motivo pelo qual ela *estava* ali. Depois de corresponder o olhar intenso da jovem com o próprio, ela respondeu com firmeza:

— Não sou espiã de ninguém. Talvez tenha sido incluída porque também doei sangue.

— Doou? — falou Sam, surpreso.

— Em que parte dos Estados Unidos? — perguntou Purna.

Xian Mei balançou a cabeça.

— Não nos Estados Unidos. Na China.

— Na China? — exclamou Sam. — Achei que essa campanha de doação de sangue fosse algo norte-americano?

Xian Mei deu de ombros.

— Aconteceu na China também. Mas foi organizada pelo governo chinês.

— Ou pelo menos foi o que te disseram — replicou Purna.

— O que quer dizer? — perguntou Sam.

— Pense bem. Logan foi mordido. Xian Mei foi mordida. Nós dois fomos borrifados com sangue de zumbi, o que significa que quase certamente ingerimos um pouco... Mas nenhum de nós está infectado.

Sam franziu a testa, absorvendo as implicações das palavras de Purna.

— Está dizendo que somos imunes?

— Não apenas isso, mas que a CNDS, ou quem quer que esteja por trás desta coisa, *sabia* que éramos imunes antes de virmos para cá. É por isso que *estamos* aqui. Não foi coincidência. Nossos nomes não foram sorteados de um chapéu. É por causa de nossa imunidade.

Os olhos de Sam se arregalaram quando a terrível verdade recaiu sobre ele.

— Mas isso significa que...

Purna assentiu sombriamente.

— Significa que quem quer que nos tenha enviado para cá sabia sobre o vírus antes de chegarmos. Significa que sabiam que isso iria acontecer.

Xian Mei balançou a cabeça.

— Não.

Purna olhou para a jovem de modo sábio.

— Como assim "não"?

— Quero dizer que, quem quer que seja responsável por nossa estadia aqui, não simplesmente *sabia* que isto iria acontecer. Seria coincidência demais.

— Porra, você está certa — exclamou Purna.

— Quer dizer que fizeram isso deliberadamente? — murmurou Sam. — Que criaram isso?

As duas garotas assentiram ao mesmo tempo.

— Mas por quê? — perguntou ele.

Xian Mei deu de ombros.

— Para usar como arma? Guerra biológica?

— Filhos da puta — grunhiu Sam. — Então por que nos jogar na mistura?

— Como cobaias? — sugeriu Purna. — Para ver o quanto somos realmente imunes? Já têm nosso sangue, lembre-se, então somos dispensáveis.

Xian Mei disse:

— A questão é: nosso contato misterioso está trabalhando *para* as pessoas que nos puseram nesta situação ou *contra* elas?

— Então sobre o que estamos conversando aqui? — perguntou Sam. — Governos rivais?

Purna gesticulou com as mãos abertas.

— Quem sabe? Nosso cara pode estar chocado com o fato de que fomos atirados na cova dos leões e está genuinamente trabalhando pelo nosso bem ao tentar nos tirar daqui. Ou poderia estar trabalhando para um governo inimigo que quer desenvolver uma vacina a partir do nosso sangue, caso o vírus seja usado contra ele.

— Ou talvez tenha uma pauta totalmente diferente — sugeriu Xian Mei.

— Qualquer que seja o motivo, estamos sendo manipulados — concluiu Purna. — Movimentados como peças de um tabuleiro de xadrez.

— Então, o que fazemos? — perguntou Sam. — Aceitamos?

Purna olhou para Xian Mei, que deu de ombros.

— Por enquanto — disse Purna. — Não vejo muita escolha.

Eles ficaram em silêncio por um momento, cada um envolvido com os próprios pensamentos. Sinamoi, que acompanhava o diálogo, aparentemente, com pouca compreensão, falou:

— Mais café?

Os três fizeram que sim e ele atravessou o cômodo para aquecer mais água no fogão.

Fazendo parecer menos desafiador dessa vez, Purna olhou para Xian Mei e falou:

— Você ainda não nos contou a história completa. Não é nem de longe uma recepcionista de hotel, certo?

Xian Mei suspirou.

— É realmente tão óbvio?

— Transparente — respondeu Purna.

— Tudo bem — disse Xian Mei. — Eu conto minha história se você contar a sua.

Purna hesitou por um momento, então falou:

— Concordo.

Enquanto Sinamoi preparava café, Xian Mei contou a Sam e Purna a verdade sobre seu pai e o esquadrão de Forças Especiais, e sobre a "missão especial". Quando terminou, olhou para Purna.

— Sua vez — disse.

Purna suspirou e se recostou, como se imaginasse como e por onde começar. Finalmente, falou:

— Quando eu tinha 16 anos, entrei para o Departamento de Polícia de Sidney. Nada a ver com meu pai. Eu só... Acho que quando estava crescendo, não vi muita justiça, e queria reequilibrar a balança. Mas por ser jovem e mulher, e metade aborígine, e... Acho... Um pouco bonita, tive de aturar um monte de merda. Não apenas machismo e racismo, embora houvesse bastante dos dois, acreditem, mas pessoas achando que eu era burra ou que não podia me cuidar, que era frágil.

Ela fez uma pausa, como se refletisse brevemente sobre o passado, então continuou:

— Então, de toda forma, aquela porcaria toda... Só me deixou mais forte. Eu estava determinada a provar algo para mim mesma, a ser tão forte quanto os caras ao meu redor, ou mais. Estava na polícia... Fazia cinco anos, acho, quando fui designada para um caso de abuso infantil. Foi um bem ruim. — Purna soltou uma risada ríspida. — Quero dizer, mas quando não são, certo? Mas esse era *muito* ruim. Nove vítimas das quais sabíamos, variando entre 7 e 13 anos de idade. Alto nível de brutalidade... Não darei detalhes. De toda forma, encontramos o criminoso. As provas eram irrefutáveis. Ele era um garoto rico de

22 anos, chamado Jeffrey Lucas. O herdeiro da Lucas Industries, uma indústria farmacêutica enorme. Por fora, era um garoto normal: família privilegiada, histórico escolar bom, ficha limpa, muitos amigos, namorada... A coisa toda. Mas no fundo — ela balançou a cabeça —, um vazio moral. Quero dizer, sério. Ele era pior do que qualquer sociopata que já encontrei. Sabia que fazia o mal, entendia o conceito de dor e terror humanos, mas simplesmente não se importava. Não tinha matado nenhuma das garotas às quais fizera mal, mas as brutalizava tanto que... Bem, vamos apenas dizer que se alguma delas conseguir levar uma vida normal depois do que ele fez, será uma porra de uma conquista imensa.

Purna respirava com dificuldade e fazia um esforço contido para se recompor antes de continuar. Depois de dez segundos de silêncio, pontuado apenas pelo chiado e estalar constante do rádio, ela falou:

— E a questão é que, se fosse permitido que continuasse, ele *teria* matado alguém em algum momento. Não tenho qualquer porra de dúvida com relação a isso. — Purna gesticulou, quase casualmente. — De qualquer forma, nós o prendemos, montamos um caso sólido contra o cara, foi levado a julgamento... E o desgraçado se safou. Basicamente, era legalmente intocável por causa da riqueza e dos contatos. Advogado de primeira, dinheiro passando de mão em mão, algumas palavras nos ouvidos certos... Não importa. A verdade é que ele se safou e *riu* de nós. Ele riu, cacete. Achou que era tudo apenas um grande jogo. Então o persegui, eu o seguia para todo canto. Mandaram que eu parasse. E quando não obedeci, fui ameaçada; alguém invadiu minha casa e a destruiu. Então, certa noite...

A voz de Purna foi sumindo. Ela umedeceu os lábios.

— Certa noite? — incentivou Sam.

— Eu o matei. Atirei bem no olho dele. — Purna olhou para Sam de modo quase feroz. — Melhor coisa que já fiz nessa porra de vida.

— Você o pegou em flagrante? — perguntou Sam.

— Não. Eu o segui. E quando estava sozinho, eu o matei. Simples assim.

— Ele foi executado por você? — disse Xian Mei.

Purna se voltou violentamente para a jovem.

— Está me criticando?

Xian Mei estendeu as mãos.

— De modo algum. Eu teria feito o mesmo.

Purna encarou a jovem, concentrada, como se tentasse discernir por sua expressão ou por seu tom de voz se Xian Mei tinha sido mesmo sincera.

— Então o que aconteceu? — perguntou Sam.

— Perdi meu emprego. Todo mundo sabia que eu havia matado o cara, mas certifiquei-me de não deixar nenhuma prova na cena do crime, assim não poderiam me culpar. Fui expulsa da força em silêncio, empurrada pela porta dos fundos. Psicologicamente inadequada para o serviço.

— E quanto à família do cara? — perguntou Sam. — Não foram atrás de você?

— Sabe, acho que de certa forma ficaram aliviados. Jeffrey era uma vergonha para eles, e um escândalo sexual era a última coisa que queriam. Uma tragédia familiar, no entanto... Isso aproxima as pessoas, não é? Conquista muita simpatia pública. Para eles, era melhor que Jeffrey estivesse sob a terra do que na cadeia.

— Então, quando tudo isso aconteceu? — perguntou Xian Mei.

— Há três anos.

— E o que você tem feito desde então?

O rosto de Purna se retorceu numa careta, como se tivesse sido exposta a um odor ruim.

— Tenho trabalhado como segurança para supostos VIPs em diversas zonas de guerra e países politicamente instáveis ao redor do mundo.

— Você faz isso parecer ruim — disse Sam. — Como se fosse uma prostituta, ou algo do tipo.

— Talvez porque seja assim que me sinto — falou Purna. — Consigo muito trabalho porque, para ser sincera, homens gordos, feios e ricos gostam de serem vistos ao lado de uma garota bonita ao lado. Isso lhes dá uma sensação de prestígio, de poder. E a maioria das pessoas costuma presumir que não apenas protejo meus clientes, mas também trepo com eles, que é um negócio de dupla

vantagem. — Purna balançou a cabeça com nojo de si mesma. — Ganho muito dinheiro, mas não me importo em admitir que meu trabalho me faz sentir suja. Entrei para a polícia porque queria ajudar aqueles que não podiam se ajudar. Mas, em vez disso, acabei como serviçal dos ricos e mimados... E às vezes isso me faz sentir que Jeffrey Lucas venceu, no fim das contas.

— Não deve pensar assim — falou Xian Mei, determinada —, porque não é verdade.

— Ela está certa, cara — disse Sam.

Purna sorriu.

— Obrigada. Mas isso não impede que eu me odeie de vez em quando.

— É, bem, acho que todos nos odiamos um pouquinho — falou Sam.

No canto, Logan murmurou e se virou, ainda dormindo. Todos olharam para ele e foi como se um feitiço tivesse se quebrado, como se serem lembrados pelos arredores os tivesse trazido de volta para o presente.

— O que faremos agora? — perguntou Sam.

Purna franziu um pouco a testa.

— Por que me pergunta? Não sou a líder.

Sam ergueu as mãos.

— Ei, estava apenas jogando a pergunta. Até onde sei, isto é uma democracia. Mas se querem minha opinião...

As duas garotas assentiram.

Sam suspirou e falou:

— Por mais que eu queira ficar aqui até essa tempestade de merda acabar, acho que o único modo de sermos resgatados é se nos resgatarmos. Até onde posso ver, as duas principais coisas de que precisaremos são transporte e armas adequadas, de preferência, de fogo.

Purna concordou.

— E provisões... Comida e água — acrescentou.

— Suprimentos médicos também — incluiu Xian Mei.

Sam olhou para cima, para uma das pequenas janelas gradeadas. O vidro

estava encardido, mas ele conseguia ver que o céu estava clareando de preto para um azul lavado e nebuloso.

— Nesse caso, é melhor sairmos agora antes que o mundo acorde e nos deparemos com mais infectados lá fora do que podemos enfrentar.

— E quanto a ele? — perguntou Xian Mei, indicando Logan com a cabeça.

— Vamos deixá-lo aqui — falou Purna. — Ele levou uma mordida feia e precisa se recuperar. Não será bom para ele ou para nós se o levarmos junto.

Os três empurraram as cadeiras para trás e ficaram de pé. Sinamoi, que dera a impressão de estar acompanhando a discussão, atento, agora pareceu surpreso.

— Aonde ir?

— Precisamos de um carro — falou Sam, e gesticulou como se girasse um volante — para fazer o que o sujeito diz. E precisamos de armas. — Dessa vez, ele gesticulou como se atirasse com uma pistola. — Vamos procurar por algumas.

Sinamoi pareceu preocupado.

— Vocês não ir. Perigoso.

— Não temos escolha — disse Sam, com as mãos estendidas.

Sinamoi estendeu a mão, com o indicador apontado para cima.

— Armas. Eu tenho. Vocês esperam. — De novo, ele se ajoelhou diante da escrivaninha que apoiava o rádio e se enfiou embaixo. Então arrastou para fora uma caixa de papelão surrada, o conteúdo tilintando conforme se movia. Ele indicou a caixa com um floreio, como um mágico que apresenta a assistente glamorosa. — Vocês ver?

Dentro da caixa havia uma combinação de facas e outras ferramentas que um salva-vidas pode precisar. Havia diversas facas de mergulho grandes e serrilhadas, facões para arrancar folhagem do caminho (e talvez, pensou Sam, lutar contra peixes comedores de gente), dois pés de cabra com as pontas curvas e duas pistolas de prata de cano curto, como a que Sinamoi usava no cinto quando os conhecera — e que Sam agora percebia que eram sinalizadores. Ajoelhado ao lado da caixa, ele olhou para a arma de cabides, manchada de sangue coagulado seco, a qual ainda estava apoiada na parede, e se despediu dela

silenciosamente.

— Podemos levar algumas dessas porcarias conosco? — perguntou Sam, olhando para Sinamoi.

Sinamoi pareceu hesitante.

— Vocês não ir.

— Sua preocupação é comovente — disse Sam com a voz carregada —, porém precisamos ir. Mas voltaremos para buscá-lo. — O rapper apontou para Logan.

Sinamoi ainda balançou a cabeça. Purna falou:

— Detesto destruir sua felicidade, Sam, mas acho que ele está mais preocupado com o dinheiro que lhe prometeram do que conosco. Provavelmente acha que se sairmos e morrermos, ele não receberá.

Sam pensou por um segundo, depois enfiou a mão no bolso e pegou um maço de notas azuis, vermelhas e laranja. Então estendeu-as para Sinamoi.

— Aqui está, cara. Muito kina. Pegue e nós podemos escolher o que quisermos daqui. — Sam indicou as armas.

Sinamoi ainda parecia hesitar. Sam colocou o dinheiro na mão do rapaz.

— Isso é tudo o que tenho comigo. Está bem?

Sinamoi pareceu momentaneamente confuso, então sorriu.

— Tudo bem.

— Legal — disse Sam. Ele olhou em volta e gesticulou em direção à caixa, como se fosse um baú de tesouro aberto. — Damas, escolham suas armas.

Capítulo 7
PURA NECESSIDADE

— Já viu *Os selvagens da noite*?

Purna olhou para Sam. Ele estava logo à frente dela, caminhando pela estrada, carregando um facão e uma pistola sinalizadora. Embora estivesse agora com o rosto limpo, sua bandana vermelha, o casaco, o jeans e os tênis ainda permaneciam pesadamente manchados de sangue seco.

— O filme dos anos 1970 sobre gangues de Nova York? Claro.

— E você, Xian Mei?

Ela balançou a cabeça.

— Onde cresci, a cultura ocidental é considerada decadente e subversiva. No entanto — acrescentou a jovem, quase orgulhosa —, quando eu era criança, meu pai uma vez levou para casa umas fitas do *Vila Sésamo*.

Sam gargalhou.

— Bem, isso é quase como *Os selvagens da noite*, acho. Exceto por ter um pouco menos de violência.

— Aonde quer chegar? — perguntou Purna.

Sam deu de ombros.

— Na primeira vez que vi *Os selvagens da noite*, devia ter 11, 12 anos. Quero dizer, achei legal e tudo, mas... Homens pintando o rosto como palhaços? Gangues de patins? Mesmo naquela época parecia meio idiota. — Ele hesitou. —

É estranho, mas sinto o mesmo agora. Como se isto fosse irreal. Como se não pudesse estar acontecendo de fato. Quero dizer, olhem ao redor. Temos palmeiras, paz e tranquilidade, e toda aquela porcaria de férias, e logo o sol vai nascer e vai ser mais um dia lindo. Meu ponto é: isso simplesmente não combina com pessoas matando e comendo umas às outras e retornando dos mortos. Aqui estamos nós, caminhando juntos como se fôssemos para uma batalha, quando deveríamos ir para a praia. Isso é loucura, cara.

— "Na guerra, é melhor não pensar, é melhor apenas fazer, pois pensar obscurece o discernimento" — citou Purna.

— Isso está certo? — perguntou Sam, olhando para ela de modo estranho.

Purna deu de ombros.

— Foi o que alguém disse, pelo menos.

— Ah, é? Quem foi? — disse Sam.

— Não me lembro. Só sei que li em algum lugar e pareceu um conselho sensato na época. Ainda parece.

Sam resmungou.

Acima deles, o céu clareava com riscos e manchas, como se o céu noturno fosse apenas um pedaço de tecido que se partia conforme encolhia, revelando o azul mais claro do novo dia abaixo. Longe, no horizonte, o mar reluzia como ouro, e ao olhar para ele, Sam não podia evitar pensar em como o mundo poderia mudar tão rapidamente, em como nada, jamais, era previsível. Àquela hora no dia anterior, ele estava pensando que o primeiro dia em Banoi talvez envolvesse nadar, tomar um pouco de sol, talvez um ou dois coquetéis ao lado da piscina. Além da rotina diária de abdominais e flexões, Sam não planejara nada muito extenuante durante o período na ilha do que um pouco de windsurf e mergulho, possivelmente uma ocasional corrida leve pela areia branca antes de se sentar para tomar café da manhã na varanda do quarto do hotel.

Seguindo o conselho de Sinamoi, eles caminhavam pela estrada secundária da praia, em direção à cidade. O caminho era um pouco mais longo e irregular do que a estrada principal, mas era consideravelmente mais silencioso. Era, na

verdade, pouco mais do que um caminho, talvez ampla o bastante para passar um carro, mas com certeza não para dois. À esquerda da estrada havia um limite arenoso repleto parecido com eucaliptos baixos, com arbustos, e pontuado por ocasionais aglomerados de cabanas de pescadores com telhado de latão, todas esbranquiçadas e maltratadas pelo tempo. Além disso, quando a terra descia, os três viam relances cintilantes do mar, que parecia ficar mais azul e mais brilhante a cada minuto que passava.

À direita do caminho, a vegetação era mais densa, palmeiras de casca áspera que se aglomeravam para formar uma parede cujas folhas em formato de lança forneceriam abrigo acolhedor mais tarde no dia. Borboletas de cores fortes ziguezagueavam pelo ar, e lagartos minúsculos, marrom e verde, se apressavam em cruzar o caminho à frente do grupo conforme caminhava. Acima das cabeças deles, relances de pássaros do paraíso guinchavam, cacarejavam e grasnavam, e insetos escondidos cantavam sob a vegetação rasteira. Para o restante da natureza, a vida seguia como sempre, o mais recente da sucessão infindável de dias idênticos. Porém, para a humanidade, era um novo e terrível amanhecer; o início do fim.

Como se para confirmar isso, ouviu-se um grito estridente, que fez uma revoada de pássaros de diversas cores levantar voo, e uma mulher surgiu de detrás de uma das cabanas de pescadores à esquerda do grupo. Ela era jovem, tinha cabelos pretos e pele azeitonada, e estava nua, exceto pela parte de baixo de um biquíni cor de pêssego. Um dos seios pequenos da moça pendia em frangalhos ensanguentados, e outros nacos haviam sido tirados do braço direito e do abdômen.

Não que as feridas parecessem preocupá-la, ou reduzir minimamente sua velocidade. A mulher se dirigia até eles com um fã ávido que ultrapassaria a barreira protetora de um show de música pop. Mas nos olhos dela não havia adulação, e sim ódio homicida e voraz, e o grito da jovem não era uma expressão de histeria animada, mas um grunhido primitivo e angustiado.

Sam ergueu a pistola sinalizadora que segurava e apertou o gatilho. Houve um

silvo alto e a chama disparou do cano em um flash de fogo e fumaça, como um anjo vingador. Aquilo atingiu a mulher em cheio na boca que berrava e pareceu — ao menos para Sam —, iluminar a parte de dentro da cabeça dela rapidamente, como uma abóbora de Halloween. A cabeça da mulher se inclinou para trás como se ela tivesse se deparado com um fio escondido, posicionado na altura do pescoço, os pés dela escorregaram sob o corpo. Enquanto a jovem caía de costas, as mãos agitando-se como garras no ar, Sam se apressou adiante e, antes que ela pudesse se recuperar, ergueu o cutelo e o desceu com toda força.

A intenção do rapper era arrancar a cabeça da mulher com um golpe, mas Sam calculou mal, e a lâmina a atingiu logo abaixo do nariz, partindo-lhe o rosto em dois. Sangue jorrou para cima com tanta força que sujou a parte de baixo do queixo dele e borrifou seu pescoço. Sam xingou quando o facão ficou preso na parte da frente do crânio da jovem, fazendo com que ele quase perdesse o equilíbrio. Quando a mão em garra da mulher segurou e se fechou ao redor do tornozelo de Sam, Xian Mei deslizou para a frente e, com eficiência impiedosa, decepou o punho da mulher.

— Porcaria! — resmungou Sam, puxando e contorcendo o facão para que se soltasse do rosto destruído da mulher. Depois de dar um passo para trás, ele ergueu a arma e a desceu novamente, e dessa vez a pontaria foi certeira. A lâmina partiu o pescoço da jovem até a coluna. Um golpe posterior separou a coluna em si e a vida se esvaiu da mulher de forma abrupta e permanente, o corpo dela desabando inerte.

— E então começa — disse Purna, os olhos desviando para todos os lados, alerta para ataques posteriores.

Sam limpou a lâmina do facão na casca felpuda de uma palmeira próxima e recarregou a pistola sinalizadora.

— Pelo menos nos avisam que estão vindo — falou ele. — Se tem uma coisa que eles não são é sorrateiros.

O grupo prosseguiu, Sam murmurando sobre como se livrara do sangue da noite anterior, e agora ali estava, todo coberto com aquilo de novo.

— E nem mesmo tomei café ainda — falou Sam.

— O quê? Está esperando encontrar algum lugar no qual possamos parar para um café com leite e um croissant? — provocou Purna.

— Claro que não. Diante das circunstâncias, eu me contentaria com mingau e refrigerante.

Purna deu uma risada contida.

Eles souberam que estavam próximos da rua principal conforme o solo surgia abruptamente, curvando-se na direção oposta à da praia. De repente, o caminho se tornou um conjunto de degraus de pedras, fechados dos dois lados por uma cerca de arame retorcido na altura da cintura.

— Precisamos ser excessivamente vigilantes a partir de agora — disse Purna. — Tentem não ficar encurralados em algum lugar.

— Como aqui, é o que quer dizer? — falou Sam, olhando para a vegetação ao redor, nervoso.

— Não temos muita escolha — disse Purna. — Vamos apenas seguir rapidamente e ficar alertas.

Eles se apressaram sobre os degraus, com as armas empunhadas. Quase no alto, ouviram vozes. Sam ergueu uma das mãos e parou por um momento, enquanto ouvia.

Pareciam dois homens conversando, embora Sam, Purna e Xian Mei tenham achado esquisito eles não tentarem falar baixo. No entanto, embora o tom de voz estivesse alto, havia um aspecto abafado em relação a ele, o que indicava que estavam do lado de dentro, não fora.

— Que diabo é... — começou Sam, então todos ouviram um som que respondeu à pergunta que ele estava prestes a fazer: um conjunto de risadas forçadas.

— É um programa de TV — disse Xian Mei.

Sam franziu a testa.

— Mas quem estaria assistindo TV em um momento como este?

— Talvez seja alguém que não faça ideia do que está acontecendo — sugeriu

Purna.

— Então acho que deveríamos avisá-los — disse Sam —, antes que descubram do pior modo.

O ruído da TV aumentava conforme os três subiam o último conjunto de degraus. Embora os infectados provavelmente tivessem tido tempo para verificar o barulho, estar tão perto de algo que poderia, potencialmente, atrair atenção ainda deixava todos eles nervosos. O patamar da escada se abria para um quintal, atrás do que Sam imaginou ser uma das construções que ladeava a rua principal. Pelo que vira delas, os bares, os restaurantes e as lojas de varejo não estavam apenas aglomeradas em uma mistura de formatos e tamanhos, mas também passavam por estados diversos de reparação, como se a rua tivesse surgido naturalmente, em vez de ser planejada como um destino a servir turistas desde o início.

Aquela construção em particular era um conjunto de acabamento de ripas de madeira desgastadas ensanduichado entre dois edifícios mais altos e austeros, feitos de aço, vidro e madeira polida. Como um mau agouro, havia uma lixeira derrubada no quintal, derramando lixo, e a porta de tela dos fundos estava meio aberta. Um beco estreito à esquerda da construção dava acesso até a rua principal.

— Isso não parece bom — falou Xian Mei.

Sam olhou para ela.

— Acha que deveríamos verificar?

— Isso provavelmente seria estupidez — falou Purna.

— Mas? — perguntou Sam.

Ela suspirou.

— Mas se alguém *estiver* ali, ignorante ao que está acontecendo...

Sam fez que sim.

— Eles seriam algo como uma sineta para um banquete.

O rapper assumiu a liderança, cruzou o quintal com rapidez. À porta de tela, parou e bateu.

— Olá — chamou ele baixinho. — Alguém aí?

Não houve resposta.

— Vou entrar — falou Sam. — E antes que diga, sim, terei cuidado.

— Também vou — disse Purna.

Sam franziu a testa.

— Alguém deveria ficar aqui fora, caso tenhamos visitas.

Xian Mei exibiu uma expressão que dizia "fazer o quê" e deu de ombros, como se tivesse tirado o palitinho mais curto.

— Grite se precisar de nós — falou Purna, e apoiou a mão brevemente no braço de Xian Mei, então foi para dentro do prédio, logo atrás de Sam.

Se aquilo era algum tipo de loja, então não parecia, ou pelo menos seus fundos. A parte de trás da construção tinha obviamente sido convertida em moradia, o que indicava que aquilo era um lar tanto quanto um local de trabalho. O primeiro cômodo em que entraram foi a cozinha, modesta, velha, mas também limpa e organizada. Não havia nada fora do lugar ali, nada que indicasse que algo anormal estivesse acontecendo.

A TV aos berros estava localizada em algum lugar mais no fundo na casa. Sam e Purna atravessaram o cômodo com rapidez até a porta interna, Sam colocou o ouvido contra ela para tentar discernir algum outro ruído. Incapaz de fazê-lo, ele olhou para Purna, que assentiu. Sam abriu a porta, trincou os dentes ao ouvir o ranger que ela emitiu, e entrou, rapidamente, olhando para os lados para avaliar o local. O volume da TV agora estava tão alto que Sam podia dizer que programa estava sendo exibido: uma reprise de *Friends*. Ele até mesmo reconheceu o episódio: aquele em que Ross e Rachel se casam após se embebedarem até perder os sentidos em Las Vegas.

O barulho da TV saía de um cômodo além de uma porta aberta à direita deles. No centro da parede oposta, havia outra porta, fechada e com a chave na fechadura. Sam imaginou que aquela deveria levar à área da loja aberta ao público na frente da construção. A parede à esquerda estava tomada por uma escada estreita de madeira que subia para as sombras. Sam deu um passo à frente,

mas parou após alguns segundos quando Purna apoiou a mão sobre seu braço.

— O que foi? — sibilou ele.

— Sei o que está pensando. Que se houvesse algum infectado aqui, o teria ouvido se mover.

Sam não disse nada. Era exatamente *aquilo* que ele estava pensando, mas esperou que Purna continuasse.

— Mas apenas se lembre — disse ela — que embora os infectados provavelmente não sejam espertos o bastante para montar armadilhas, as pessoas *são*. E em situações como esta, elas ficam desesperadas.

Sam não conseguia imaginar por que alguém *deliberadamente* iria querer atrair atenção para si mesmo, mas assentiu mesmo assim.

— Não se preocupe — sussurrou. — Não me descuidarei.

Sam deslizou ao lado da parede que dava para a porta aberta e olhou de esguelha para o interior do cômodo. Não conseguiu ver muito. As cortinas estavam fechadas e ainda era cedo demais para que a luz do dia entrasse e causasse algum impacto. O brilho constante e reluzente da TV fazia com que aquilo que ele *conseguia* enxergar tremeluzisse e se mexesse de modo assustador. Em algum lugar entre as sombras e a agitada luz branca como gelo ele distinguiu um bufê, uma pequena mesa de canto e as costas do que parecia ser algum tipo de poltrona reclinável — o encosto de uma poltrona, de toda forma, estofado com algum tipo de material semelhante à juta. Devido ao serpentear da luz projetada sobre a disposição e os ângulos das paredes e dos móveis, parecia racional presumir que a poltrona reclinável estava voltada para a TV. Constantemente alerta ao movimento, Sam adentrou cautelosamente no cômodo e ergueu a pistola sinalizadora conforme se aproximava da poltrona.

Sam estava cerca de 1 metro do objeto quando esmagou algo sob os pés. Ao olhar para baixo, viu vidro quebrado, e outra olhada revelou um abajur de mesa no chão, a lâmpada quebrada e a cúpula de arame e tecido, que jazia muitos centímetros mais longe, estava retorcida e esmagada como se tivesse sido pisoteada por pés descuidados.

— Se há alguém aqui, deixe-me dizer que estou armado e não vou aceitar nenhum tipo de brincadeira — anunciou Sam, em voz alta. Como uma ideia tardia, ele acrescentou: — Venho em paz.

De detrás de Sam, Purna falou:

— Prepare-se. Vou acender a luz.

Ouviu-se um clique e o quarto foi repentinamente preenchido com iluminação fustigante. A primeira coisa que os dois viram, e que anteriormente estivera obscurecida pela iluminação fraca, foi o sangue.

Ele formava uma poça espessa, vermelha e grudenta — quase uma ilha — sobre o carpete verde, ao redor da poltrona. Ao olhar para baixo, Sam percebeu que a ponta de um de seus Reeboks estava a meros centímetros da borda da poça. Ele deu um passo para trás rapidamente, como se temesse que ela se estendesse e o agarrasse.

Também foi revelada pela luz a mão de uma pessoa, a garra retorcida de uma senhora, exibindo um anel de casamento incrustados de diamantes. Pendia, inerte, por cima do braço da poltrona, o sangue que pingava dos dedos da mão fazia um leve ruído de *plip* conforme era acrescentado à poça abaixo.

Sam e Purna se entreolharam, já conformados com a visão de mais uma atrocidade, então vagarosamente circundaram a poltrona por lados opostos, formando um arco amplo para evitar ter de pisar no sangue. Sentada na poltrona, o controle remoto da TV ainda apoiado na almofada lateral ao alcance da mão direita, estava uma mulher enrugada, por volta dos 80 anos. Tinha os cabelos ralos, amarelados pela nicotina e solitários de diamantes excessivamente espalhafatosos nos lobulos carnudos das orelhas. A pele do rosto, que permanecera intocada pelo assassino, parecia papel pardo amassado, e havia um batom rosa chocante delineando a letra “o” que formava a sua boca aberta.

Embora o rosto estivesse intacto, não se podia dizer o mesmo do tronco. Da garganta até a virilha, a idosa havia sido destroçada; os danos eram tão graves que parecia que uma granada tinha sido detonada na barriga dela. Mal restara alguma coisa do conteúdo corporal da mulher, além de alguns retalhos de

vísceras ensanguentadas que se agarravam por dentro como um saco rasgado de pele humana. A senhora estava tão desprovida de substancialidade que parecia possível dobrá-la e guardá-la na mala.

— Bem, acho que não há nada... — começou Sam, então a velha abriu os olhos pálidos e cobertos por catarata e emitiu um gorgolejo rouco terrível, como se estivesse filtrando cascalho úmido na garganta.

Sam deu um salto, as sobrancelhas dele se ergueram tanto na testa que se perderam na bainha da bandana vermelha.

— Só pode estar *brincando*! — gritou ele, observando, enojado, enquanto a mão retorcida da mulher se erguia da cadeira e agarrava, com fraqueza, o ar, em um esforço para alcançá-lo.

Inexpressiva, Purna ergueu o pesado pé de cabra que segurava e desceu-o, sem compaixão, sobre o crânio da mulher. Ouviu-se um rachar e o crânio se abriu, liberando um jorro fino de sangue amarronzado que escorreu pelo rosto da mulher e entrou pelos seus olhos leitosos. Mais dois golpes ágeis foram o bastante para estilhaçar o crânio por completo, e mais dois causaram danos suficientes ao cérebro para que a mulher caísse imóvel.

Sam abaixou o rosto para a ruína que era o corpo da velha, chocado.

— Foi uma morte por clemência — falou Purna, como se sentisse necessidade de justificar suas ações. — Não pude suportar pensar nela sentada aqui, dia após dia, cheia daquela... Daquela *fome*.

— Eu sei — replicou Sam, a voz embargada com náusea. Ele pigarreou. — Fez a coisa certa.

— Vamos — disse Purna —, vamos sair daqui.

Sam assentiu.

— Com prazer.

Embora só tivessem ficado na casa por alguns minutos, os dois respiraram fundo quando saíram, como se liberados de uma longa tarefa.

Obviamente aliviada, Xian Mei, que estava vigiando o beco, correu até eles.

— O que encontraram lá dentro?

— Nem queira saber — murmurou Sam. — Tudo calmo por aqui?

Xian Mei fez que sim.

— Vi duas daquelas coisas, um homem e uma mulher, passarem pela ponta do beco, mas não me viram.

Purna ergueu a cabeça para o céu. A única coisa que restava da noite eram alguns retalhos de nuvens tingidas.

— Vamos acabar com isso rápido — disse ela. — Em breve será completamente dia.

Eles se apressaram pelo beco com os passos mais leves possíveis, e se agacharam, amontoados, quando os prédios de ambos os lados não mais forneciam abrigo. Os três verificaram a rua principal na esperança de ver um veículo adequado. Já haviam discutido o que deveriam procurar antes de saírem. Idealmente, precisavam de algo como um caminhão de entregas, algo compacto e ágil, mas grande o bastante para carregar muitas provisões e robusto o suficiente para suportar ataques. Haviam decidido que a melhor coisa a fazer seria buscar um veículo que obviamente pertencesse a uma loja de varejo específica, em vez de um que poderia estar, aleatoriamente, estacionado na rua. Dessa forma, era provável que encontrassem as chaves do lado de dentro do prédio ao qual o veículo servia.

— Ali — disse Sam, apontando para a esquerda. Do lado oposto da rua, talvez a 150 metros de distância, havia uma loja de surfe chamada Sai Dessa Onda de Preocupação. A placa da loja, acima de uma vitrine cheia de equipamento de surfe e roupas de mergulho, era vermelha, o nome pintado com letras cursivas sobre uma prancha prateada. Estacionada na frente, estava uma van vermelha que exibia a mesma logomarca.

— Sai Dessa Onda de Preocupação — murmurou Purna. — Muito apropriado.

— Gosto de pensar nisso como um presságio — disse Sam.

Do local privilegiado em que estavam, podiam ver cerca de 200 metros ao longo da rua, nas duas direções. Naquele momento, somente dois infectados

podiam ser vistos — um homem branco de estatura mediana com 30 e pouco anos que vestia uma camiseta preta da turnê da E Street Band e short jeans desfiado, e uma mulher bonita, de cabelos pretos, com cerca de 18 anos, usando short branco e uma regata de estampa florida. A garota tinha pulseiras de plástico de cores vibrantes nos punhos e uma pequena bolsa de alça longa e fina que saltitava, alegremente, na altura do quadril. As mãos e o rosto do homem estavam cobertos de sangue. A garota mastigava o que parecia um fígado humano, com o rosto enterrado no órgão e chafurdando como um porco.

— Aqueles foram os dois que vi mais cedo — sussurrou Xian Mei.

— Se formos rápidos, eles, espero, podem ser os únicos que tenhamos de enfrentar — falou Purna.

Ela rapidamente traçou um plano, e Sam e Xian Mei assentiram em concordância. Sem demoras, Purna falou:

— Vamos. — Então os três ficaram de pé e começaram a correr até o outro lado da rua.

Tinham percorrido quase metade da distância quando foram vistos. Foi a garota quem os viu primeiro, a cabeça dela dando estalo para cima como se tivesse sentido o cheiro deles no ar. Ela soltou um grunhido, deixou cair o pedaço de carne que segurava e começou a correr em direção ao grupo, a bolsa girou ao redor de seu ombro e voou atrás dela.

A garota os alcançou quando estavam a cerca de 10 metros da van. Ignorando Purna, que estava à frente, ela foi direto para Sam.

— Deixem comigo! — gritou ele, diminuindo a velocidade o bastante para erguer a pistola sinalizadora e atirar na garota. O sinalizador explodiu contra o peito da jovem em um clarão de luz e escureceu suas roupas. Ela guinchou de ódio e cambaleou levemente, mas não caiu. — Porra! — gritou Sam, e se voltou para encarar a zumbi, agitando o facão. Quando ela esticou o braço na direção dele, Sam golpeou-o, quase arrancando-o com um golpe e deixando-a sem equilíbrio. Enquanto a garota cambaleava, com o braço gravemente ferido e jorrando sangue, Sam ergueu o facão de novo e deu um passo para o lado, de

modo que conseguisse acertá-la bem na cabeça.

O primeiro golpe se enterrou profundamente na lateral do crânio da jovem e arrancou a parte de cima de sua orelha. Quando a garota caiu, Sam arrancou o facão e deu mais dois golpes selvagens, silenciando-a para sempre. A adrenalina latejava-lhe nos ouvidos e Sam não percebeu imediatamente que Xian Mei gritava por ajuda. Quando percebeu, ele se virou e a viu no chão, o zumbi homem estava agarrado à perna direita dela, que se debatia, e tentava mordê-la.

O facão de Xian Mei estava no chão, a vários metros dela, e a jovem tentava, simultaneamente, rastejar até ele e evitar ser mordida. Ela projetou a perna esquerda para fora e acertou o zumbi no rosto com a sola do pé, quebrando-lhe o nariz com um ruído. No entanto, embora o chute tivesse feito a cabeça do homem estalar para trás, não fez com que ele afrouxasse a mão sobre a perna de Xian Mei. Ao ouvir o som de algo se quebrando e perceber de esguelha que Purna estava concentrada em derrubar a chutes a porta da Sai Dessa Onda de Preocupação, Sam correu até Xian Mei, erguendo o facão mais uma vez.

Ele o desceu com toda força na parte de trás da cabeça do zumbi, o que lhe partiu o crânio. A criatura caiu para a frente, de cara no chão, o corpo em espasmos e se contorcendo conforme o cérebro moribundo entrava em curto-circuito. Enquanto o zumbi morria em uma poça crescente do próprio sangue, Xian Mei se impulsionava para trás e para longe dele, e tentava se levantar. A perna direita dela estava arranhada e um pouco ensanguentada, mas, tirando isso, parecia ilesa.

— Você está bem? — perguntou Sam.

— Sim — respondeu a jovem, e pegou o facão.

Os dois olharam ao redor, então correram até a van estacionada do lado de fora da Sai Dessa Onda de Preocupação. Purna conseguira chutar a porta até que se abrisse e havia entrado.

Antes que Sam sequer pudesse pensar em entrar atrás dela, Purna retornava, a mão esquerda erguida de modo triunfante, as chaves oscilando no anel de um chaveiro em seu dedo.

— Viu alguém? — perguntou Sam.

Ela balançou a cabeça.

— Nem morto *nem* vivo. — Então os olhos dela se voltaram para além de Sam e se arregalaram. — Merda.

Sam e Xian Mei se viraram e viram um zumbi correndo na direção deles. Era um homem branco, gordo e careca, de cerca de 60 anos, com barba grisalha e tatuagens azuis borradas nos braços peludos. Ao contrário dos outros zumbis que já viram, este não estava ensopado com os restos imundos de uma refeição recente. A causa da infecção, no entanto, era clara. A perna esquerda do homem estava mordida, e lhe faltavam o dedão e o indicador da mão esquerda.

O rosto do zumbi estava azul como o de uma vítima de infarto, e a barriga trêmula oscilava sob uma camiseta amarela que exibia a inscrição *Melhor Amante do Mundo*. A parte de baixo do seu corpo estava coberta apenas por uma sunga preta, e ele calçava uma sandália aberta no pé direito; o outro pé estava descalço.

Purna pressionou um botão do chaveiro e a van emitiu apitos e piscou as luzes quando as portas foram destrancadas. Os três correram até ela e entraram. Com Purna no assento do motorista, Sam e Xian Mei deram a volta correndo até a porta do carona. Sam olhou de relance para o zumbi que se aproximava enquanto Xian Mei entrava na van antes dele. Embora o homem corresse o mais rápido que conseguia, os passos dele estavam perdendo o ritmo, o peso reduzindo sua velocidade. Aquilo fez com que Sam pensasse em um leão velho que estava ficando cansado demais para caçar; quase sentiu pena do zumbi.

A criatura ainda estava a 10 metros deles quando a van arrancou. Observando o zumbi pelo retrovisor, Sam o viu tentar fazer mais um esforço de velocidade, mas ele conseguiu apenas tropeçar e se espatifar de cabeça na terra.

Precisa perder peso, seu gordo desgraçado, pensou Sam, então se virou quando Purna murmurou "Droga".

— Qual é o problema? — perguntou Xian Mei, que estava sentada no meio dos três assentos dianteiros.

— Estamos quase sem combustível — respondeu Purna. Ela ergueu os olhos na direção do céu. — Obrigada, Deus.

— Deve haver um posto de gasolina em algum lugar por aqui — disse Sam.

— E há — falou Xian Mei. — Há um mais à frente na rua principal, de volta pelo caminho pelo qual viemos.

Sem hesitar, Purna pisou os freios e virou o volante, executando um retorno em U perfeito. Eles agora estavam voltando na direção do zumbi gordo de barba grisalha, o qual parecia estar se levantando de modo quase deplorável, as pernas nuas e a frente da camiseta cobertas de poeira marrom.

Quando o grupo se aproximou, o zumbi estendeu as mãos e se precipitou para o caminho deles, como um festeiro bêbado no fim da noite tentando chamar um táxi. Purna deu uma virada casual no volante para ultrapassar o homem, mas em uma tentativa desesperada de satisfazer a fome, ele se atirou contra a van. Houve um estampido pesado e a van estremeceu de leve quando o zumbi se chocou contra a lateral e quicou para longe. Ao olhar novamente pelo espelho lateral conforme partiam em alta velocidade, Sam viu o zumbi, com o braço destroçado agora pendendo em um ângulo bizarro, se levantar de uma poça do próprio sangue e cambalear inutilmente atrás deles.

Sam mal virara o rosto de volta para a frente quando mais dois infectados surgiram. Um deles – uma mulher negra, magricela, com pernas espetaculares por baixo de uma saia curta, e que claramente saíra para uma noitada na cidade e decidira voltar para casa um pouco tarde demais —, correu e entrou em um bar próximo. O outro, um garoto branco de cerca de 7 anos, vestindo nada além de um short verde, estava agachado na sarjeta do outro lado da rua, devorando o que podia ser um gato morto, mas ficou de pé com um salto conforme o grupo se aproximava.

Com os zumbis vindo até eles de direções opostas, era impossível evitar acertar os dois. Com uma expressão sombria calculada, Purna pegou o caminho onde haveria menos resistência, desviando para a esquerda bem no momento em que o menino deu um salto na direção deles.

Atingido no ar, o garoto se chocou contra a van e quase se desintegrou, como se fosse um saco frágil de carne — o que, de fato, ele era. Por alguns segundos, o para-brisa ficou coberto por um borrifo espesso de vermelho, e Purna dirigiu cegamente. Então, ela ativou tranquilamente os limpadores e puxou a alavanca das setas em sua direção, o que ativou os jatos de água. Sam se recostou com um resmungo conforme os limpadores varriam a maior parte da sujeira, chocado com o fato de que a morte violenta do garoto não o havia afetado mais. Como é que os psicólogos chamavam? Fadiga de combate?

Com Xian Mei dando as direções, o grupo chegou ao posto de gasolina sem mais incidentes. Ao abrir a porta do carona, Sam falou:

— Vou encher o tanque. Vocês fiquem de olho em mais daquelas coisas.

As garotas assentiram e Sam abriu a tampa na lateral da van, então pegou a mangueira de gasolina. Por um segundo, após puxar o gatilho, ele teve certeza de que a bomba estaria trancada ou seca. Mas, para seu alívio, a gasolina começou a sair.

O tanque estava quase cheio quando, por acaso, Sam viu um rosto observando-o por uma janela pequena e empoeirada na porta lateral trancada da oficina mecânica anexa ao posto de gasolina. Assim que Sam estabeleceu contato visual, o rosto sumiu com uma expressão alarmada de olhos arregalados.

— Ei! — gritou ele.

Purna abriu a porta do motorista e enfiou a cabeça para fora.

— Você está bem?

— Tinha alguém ali — falou Sam, indicando com a cabeça na direção da oficina. — Uma pessoa normal, quero dizer.

— Parecia amigável? — perguntou Purna.

— Parecia assustada — respondeu Sam. — *Ela* parecia assustada. Era uma garota. Uns 20 anos, talvez mais nova.

— Vou verificar — gritou Xian Mei, ao sair da van e caminhar até a oficina. Ela bateu à porta. — Olá, tem alguém aí? — Quando ninguém respondeu, ela falou: — Só estávamos imaginando se precisam de ajuda. Não vamos machucá-

los.

Após alguns segundos, ouviu-se um clique e a porta se abriu, mas não mais do que alguns centímetros. A voz de uma garota, jovem e nervosa, surgiu:

— O que querem?

— Só estamos pegando um pouco de gasolina — respondeu Xian Mei. — Pagaremos por ela, se quiser. Está tudo bem aí dentro?

Houve uma pausa, então a garota falou:

— Meu pai está machucado.

Sam e Xian Mei trocaram olhares.

— Machucado? — perguntou Xian Mei. — Podemos fazer alguma coisa?

Houve outra pausa e então a porta se abriu um pouco mais e revelou uma jovem magra, quase frágil, que olhou de esguelha para eles com olhos pretos arregalados, como um animal tímido, sem saber se deve emergir da toca.

— Oi — falou Xian Mei, com um sorriso caloroso repentino que transformou-lhe o rosto. — Qual é o seu nome?

— Jin — respondeu a garota.

— Oi, Jin. Sou Xian Mei, este é Sam e nossa motorista se chama Purna.

Jin olhou para Xian Mei, então para Sam.

— Por que vocês não são como os outros? — perguntou ela.

— Está falando dos infectados? — disse Sam, então deu de ombros. — Não sabemos. Simplesmente não somos.

— Infectados? — perguntou Jin.

— Há um vírus — explicou Xian Mei. — Ele... Afeta a mente das pessoas e as deixa loucas.

— Uma das pessoas loucas machucou meu pai — disse Jin.

Sam tentou não parecer alarmado.

— Machucou como?

— Ela o mordeu. Tentou matá-lo. — Jin engoliu em seco. — Meu pai precisou atirar nela.

Para sua vergonha, a primeira pergunta que saltou à mente de Sam foi que

tipo de arma o pai dela possuía. Resistindo à vontade, ele, então, perguntou:

— E como está seu pai agora?

— Está doente — falou Jin. — Podem ajudá-lo?

— Podemos tentar — respondeu Sam. — Quer me mostrar onde ele está?

Depois de mais um momento de hesitação, a garota assentiu e levou-os para dentro.

— Avise a Purna o que está acontecendo — murmurou Sam para Xian Mei, e seguiu Jin pela porta e para a iluminação fria da oficina. Havia ferramentas sobre prateleiras nas paredes, um sistema de alavanca hidráulico acima para erguer partes pesadas de carros e um pequeno escritório no canto. O lugar cheirava a óleo, graxa e metal. Jin levou Sam até uma porta à esquerda.

— Aqui é onde moramos — disse ela com simplicidade. — Papai está ali.

Os dois passaram por um corredor pequeno com um tapete desfiado e entraram em uma pequena sala de estar nos fundos da casa. Não havia muito ali, apenas uma TV pequena colorida apoiada sobre uma caixa de frutas de madeira, uma estante de livros, que, em sua maioria, continha edições clássicas de romances da *Reader's Digest* e um sofá cinza surrado com uma poltrona combinando.

Também havia muitas fotografias de família emolduradas na parede: algumas de Jin sozinha em diversas idades ou com os pais, sorrindo e feliz. Sam imaginou o que havia acontecido com a bela mulher nas fotografias, e que, pela semelhança, era obviamente a mãe de Jin. Ele voltou a atenção para o homem deitado no sofá com um cobertor sobre as pernas. Era evidentemente o mesmo homem das fotografias, mas a diferença entre as imagens sorridentes nas paredes e a figura ao vivo no sofá não poderia ser mais gritante.

O pai de Jin suava e estava febril, o rosto dele exibia um tom cinzento horrível, os olhos tinham olheiras escuras e se reviravam nas órbitas. O homem respirava com dificuldade e havia um cheiro ruim saindo dele, de doença e medo. Seu braço esquerdo estava pesadamente atado, desde o cotovelo até o punho, e no chão, ao lado do sofá, havia uma tigela de água com um pano branco

flutuando.

— Limpei e desinfetei a ferida, dei a ele alguns analgésicos e estou tentando manter sua temperatura estável — falou Jin. — Mas ele está piorando. Passou a última hora delirando e teve algumas convulsões. Tentei chamar uma ambulância, mas todos os telefones estão mudos.

— Há quanto tempo ele foi mordido? — perguntou Sam.

— Cerca de... Quatro, cinco horas.

— E essa mulher que o atacou? Não era...? — Em vez de terminar a pergunta, Sam olhou de relance para cima, para os retratos da família.

Jin balançou a cabeça com vigor.

— Não. Minha mãe morreu quando eu tinha 12 anos. Linfoma anaplásico de células grandes. — Quando Sam ergueu as sobrancelhas, ela disse: — Sou enfermeira. Estou prestes a tirar o certificado, quero dizer.

— Bacana — disse Sam, distraído. Ele estava pensando febrilmente, imaginando o que fazer, o que sugerir. Sam sabia que se Jin ficasse ali com o pai, ele em algum momento se transformaria, exatamente como os outros, e a atacaria. Ao indicar o braço enfaixado do homem, perguntou: — Então, como exatamente isso aconteceu?

— Papai ouviu um ruído à noite e achou que alguém estivesse de brincadeira com as bombas de gasolina. Quando ele viu a mulher, achou que estivesse bêbada, ou talvez doente. Ele saiu para perguntar se ela estava bem e a mulher simplesmente o atacou. Ele falou que ela era como um animal selvagem. Disse que se não tivesse atirado, ela o teria matado.

— Então, onde está essa mulher agora?

Jin balançou a cabeça.

— Não sei. Papai disse que tinha certeza de que a havia matado, mas quando olhamos para fora mais cedo, ela havia sumido.

Sam ficou em silêncio por um momento, então falou:

— Ouça, Jin, não há um modo fácil de dizer isso. Seu pai está doente, *muito* doente, quero dizer, e não vai melhorar. Para esta coisa que ele tem, não há cura.

Muito em breve ele vai se transformar, como a mulher que o atacou, e vai atacar você também.

Jin balançou a cabeça, quase com raiva.

— Não! Ele jamais faria isso!

— Ele não conseguirá resistir. Acredite em mim, já vi isso. Você não pode fazer nada para ajudá-lo. Tudo o que pode fazer agora é se ajudar.

— O que está dizendo? — O rosto de Jin estava inexpressivo.

Sam respirou fundo.

— Você precisa fugir daqui. Precisa vir conosco.

Jin se encolheu, quase como se Sam tivesse tentado bater nela.

— Não vou abandoná-lo!

— Você precisa, se quiser viver.

— Não!

— Ele está certo — grasnou uma voz vinda do sofá.

Surpreso, Sam abaixou o rosto para o pai de Jin. Momentos antes, o homem estava delirante, mas agora, pelo menos temporariamente, a febre havia cedido e ele parecia alerta e lúcido.

— Papai! — exclamou Jin, maravilhada, e lançou um olhar acusatório para Sam. — Está vendo. Ele está melhorando.

— Não — falou o pai de Jin, a voz tão fraca que mal estava ali. — Não estou.

Jin se ajoelhou ao lado do pai e segurou a mão dele.

— Não vou deixar você, papai. Você *vai* melhorar. Eu *farei* você melhorar.

O pai de Jin balançou a cabeça e se encolheu; mesmo aquele movimento simples parecia lhe causar dor.

— Você *deve* ir — disse o homem. — Se não for... Então farei algo terrível, sei que farei... Estou tendo uns pensamentos, minha linda Jin... Pensamentos tão terríveis... Você não está segura aqui...

Os olhos dele tremularam e se fecharam. Jin se agarrou à mão do pai, balançando a cabeça, lágrimas escorrendo por seu rosto. Depois de um momento, os olhos do homem se abriram de novo.

— Deixe alguns remédios comigo... E me tranque... A ajuda virá em algum momento... Eu sei que virá... Mas enquanto isso... Você deve ir... — Os olhos dele se mexeram e focalizaram Sam. — Qual é o seu nome?

— Sam, senhor.

— Sam... Um bom nome... — Ele engoliu em seco. — Sam, promete cuidar da minha garotinha?

— Sim, senhor — falou Sam, sério. — Prometo.

O espectro de um sorriso apareceu nos lábios do pai de Jin.

— Obrigado — sussurrou ele.

Cuidadosamente, Sam apoiou uma das mãos sobre o braço de Jin.

— Precisamos ir.

Aos soluços, Jin ergueu a mão do pai e a beijou.

— Voltarei para você, papai. Prometo.

Capítulo 8
SINOS DA DESGRAÇA

— Ouço sinos de igreja.

Era a primeira vez que alguém falava por alguns minutos. A chegada de Jin perturbara mais do que Sam imaginara. Ele achou que ela seria recebida de forma calorosa depois de terem explicado a situação, mas, embora não tivesse explicitado, Purna dera a Sam a impressão de que o via como molenga, alguém que teria de ser desencorajado da ideia de recolher todo desgarrado que encontrasse pelo caminho. Ela se animou quando viu a espingarda e a munição que o pai de Jin insistira que levassem, mas olhou para Jin com descrença exasperada quando a garota recusou a oferta de um facão sob alegação de que era uma "pacifista".

— Não existe mais tal coisa — falou Purna com voz cortante. — Não se você quiser sobreviver.

Jin pareceu se desculpar.

— Sinto muito, mas de modo algum conseguiria machucar uma criatura viva.

— Os infectados não estão *vivos* — replicou Purna. — São apenas receptáculos de ódio e fome em forma de pessoas.

— Dá no mesmo — respondeu Jin, e cruzou os braços como se tivesse medo de que Purna *empurrasse* a arma para suas mãos.

— Com essa atitude, não vai durar um dia — disse Purna de modo crítico.

— Veremos, não é? — respondeu Jin, mas não foi uma resposta desafiadora; pelo contrário, a jovem parecia intimidada, vitimada.

Purna balançou a cabeça.

— Não, não veremos. Porque não podemos carregar passageiros.

— Ei, quem morreu e fez de *você* a rainha da ilha da tempestade de merda? — replicou Sam, irritado.

Purna fez uma expressão mal-humorada para ele.

— Sei que é difícil, Sam, mas é assim que as coisas são. É matar ou morrer. E se você ou Xian Mei estiverem cuidando da Srta. Boazinha aqui e de si mesmos, sua atenção estará dividida, e isso levará a erros. E nesse maravilhoso mundo novo, basta um erro e de repente você é um hambúrguer humano.

— Então, o que está dizendo? — perguntou Xian Mei, calma. — Que deveríamos jogar Jin na rua e deixá-la se defender sozinha?

Jin pareceu alarmada, mas Sam ergueu a mão para reconfortá-la.

— Ei, não se preocupe. Porque isso não vai acontecer.

— É claro que não estou sugerindo isso — respondeu Purna, irritada. — Só estou dizendo que Jin precisa mudar seus valores, e rápido, pois indulgenciazinhas acolhedoras como pacifismo simplesmente não são mais válidas.

— Talvez eu não precise lutar porque tenho outras habilidades com as quais contribuir — disse Jin com disposição.

— É? Como o quê?

— Bem... Sou enfermeira. Sei como tratar ferimentos e machucados. E sou uma mecânica muito boa. Ajudei papai na oficina o bastante para me sair bem com um motor de carro.

Sam assentiu em aprovação.

— Não pode dizer que isso não será útil — disse ele a Purna.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas se manteve em silêncio, recusando-se a ceder de qualquer maneira, e, como se aproveitando a deixa, os quatro entraram em um silêncio tranquilizante.

Por sugestão de Xian Mei, eles pegariam uma estrada circular de volta à praia, seguindo a rua litorânea que os levava para perto dos arredores do distrito de favelas de Moresby. Embora o vírus tivesse se espalhado da cidade para os arredores muito mais salubres da área de resorts de Banoi, Xian Mei sugerira que valia a pena apostar no fato de que os infectados se manteriam nos centros populacionais, onde haveria números maiores de vivos para se banquetearem. Até então, a teoria se comprovara, e os infectados se faziam notar pela ausência. Agora, no entanto, o som de sinos de igreja se mostrara um imprevisto, e, dentro de minutos, dera início a mais um debate.

— Estão vindo da igreja de Moresby — falou Xian Mei, em resposta à observação de Sam.

— Deveríamos verificar — intrometeu-se Jin.

Purna, no assento do motorista, balançou a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Mas pode haver pessoas em perigo. Por que mais tocariam os sinos se não fosse um grito de socorro?

Quando Purna não respondeu, Sam falou.

— Jin está certa.

Purna olhou para ele.

— E daí se estiver?

— Se as pessoas estão em perigo, então deveríamos tentar ajudá-las — disse Jin, obstinada.

Purna exibia a expressão de alguém que está cercado por idiotas.

— *Todos* estão em perigo... Todos que estão vivos, quero dizer. Ou você não havia reparado?

— Isso é motivo para não tentarmos ajudar uns aos outros? — falou Jin.

— Sim, é, porque não podemos ajudar *todo mundo* — respondeu Purna em tom repreendedor.

— Não estou sugerindo que deveríamos. Mas isso não quer dizer que não devamos tentar ajudar aqueles cuja situação conhecemos. — Quando Purna

continuou dirigindo, Jin acrescentou: — Se ignorarmos as pessoas que precisam de nós, isso não nos faz tão ruins quanto o próprio vírus? Ou mesmo pior?

— Ela tem razão — falou Xian Mei.

— Porra! — gritou Purna, e pisou os freios tão subitamente que os três passageiros foram atirados para a frente, arquejando quando os cintos de segurança travaram, de forma dolorosa, na altura do peito.

— Qual é o seu problema? — perguntou Sam.

— Bem, não sei — respondeu Purna. — Talvez eu não curta muito missões suicidas.

— Não acha que está exagerando? — perguntou Xian Mei.

Purna fuzilou-a com o olhar.

— Ah, acha mesmo? Quer que eu dirija para um centro altamente populoso que fomos levados a crer que está abarrotado de infectados, e você sinceramente não compreende por que vejo essa atitude como um pouquinho inconsequente?

— As pessoas estão em perigo — falou Jin.

Purna fechou os olhos rapidamente.

— Se disser isso mais uma vez, é capaz de eu te socar até que fique inconsciente.

Tranquilamente, Xian Mei falou:

— A igreja de Moresby fica a menos de 2 quilômetros daqui. E está em uma colina acima da cidade. Podemos chegar lá sem ter de sequer descer até as ruas.

— E acha que aqueles sinos não terão atraído os infectados a quilômetros de distância? — indagou Purna.

Sam deu de ombros.

— Não podemos dizer com certeza que eles percebem o som. Quero dizer, a TV na casa daquela senhora não pareceu atraí-los.

— Além do fato de que a velha foi estripada — assinalou Purna.

— O que significa que *um* deles entrou, certamente. Mas talvez tenham um sexto sentido para sangue fresco ou um coração pulsante.

— Por que não fazemos uma votação? — sugeriu Jin, e ergueu uma das mãos.

— Eu voto para que verifiquemos.

— Eu também — disse Sam. Quando Purna balançou a cabeça, contrariada, ele acrescentou: — Se as pessoas estiverem em perigo, não posso simplesmente ignorar. Talvez isso faça de mim um desgraçado burro, mas pelo menos morrerei de consciência limpa.

— Voto para a gente verificar também — falou Xian Mei, e fez uma expressão de desculpas. — Sinto muito, Purna.

Purna suspirou, mas replicou:

— Quero deixar registrado que acho essa ideia louca, mas vou acatar a decisão da maioria. — Depois de mudar a marcha da van, perguntou: — Então, como chego a essa porcaria de igreja?

Os sinos ficavam mais altos conforme se aproximavam, e Sam não pôde deixar de pensar na letra de uma antiga música, algo sobre sinos da desgraça. Seguindo as instruções de Xian Mei, viraram à direita no que parecia ser pouco mais do que uma estrada folhosa através de uma trilha de selva que se erguia, continuamente, colina acima. A estrada era tão esburacada e desnivelada que Purna precisou reduzir a velocidade da van até quase um arrastar esporádico.

— Sem chances de fugir rápido aqui — observou ela com amargura.

Ninguém disse nada, e alguns minutos mais adiante, a estrada se abriu em uma clareira de terra batida dominada, ao final, por um par de portões de ferro negros imponentes. Reduzindo até parar o veículo, Purna falou:

— E agora, o quê?

Xian Mei pareceu momentaneamente hesitante.

— Agora saímos e caminhamos, acho.

Purna olhou para ela.

— Está de brincadeira?

— São apenas algumas centenas de metros pelo cemitério. Olhe, dá para ver a torre da igreja daqui.

Xian Mei se inclinou para a frente no assento, apontando para o alto. Os outros se inclinaram também. Acima do para-brisa, erguendo-se sobre as árvores

além dos portões, podiam distinguir com dificuldade uma torre escura encimada por um crucifixo que se destacava, pontiagudo, contra o céu pálido do amanhecer.

— Algumas centenas de metros — repetiu Purna, com pesar. Além dos portões, havia caminhos de cascalho divididos, ocasionalmente, por lances de degraus de madeira. Em um domingo normal, adeptos que subissem a colina sem dúvida sentiriam que estavam subindo para o paraíso, mas naquele momento, parecia nada além de um caminho de obstáculos potencialmente letais. — Não há uma estrada de acesso que possamos usar? Por onde eles recebem entregas?

Jin balançou a cabeça.

— Qualquer coisa de que a igreja precise é carregada a partir deste ponto. Nunca tiveram problemas com isso até agora.

— Até agora não tinham os mortos-vivos contra os quais lutar — observou Purna.

Sam destravou o cinto de segurança.

— Vamos, vamos acabar logo com isso.

Porque Purna já havia utilizado uma antes, e porque os outros três se sentiam secretamente culpados por tê-la envolvido em uma situação de perigo potencial e desnecessário, ficou decidido que a australiana carregaria a espingarda. Sam e Xian Mei tinham, cada um, uma pistola sinalizadora e um facão, e, depois de alguns minutos de um debate caloroso, Jin foi persuadida a carregar um pé de cabra para, caso necessário, "se defender".

Apesar de dezenas de lápides esbranquiçadas pelo sol erguidas ao longo da colina e inclinadas em todas as direções, o caminho até a igreja de Moresby era mais como um jardim tropical do que um cemitério típico. Na verdade, havia diversos caminhos a escolher, cada um serpenteando entre aglomerados de palmeiras e vegetação espessa. O sol tinha irrompido no horizonte e se arrastava cada vez mais alto no céu, os insetos e pássaros se lançavam, ansiosos, ao coro do amanhecer conforme o dia ficava mais claro e quente. Purna olhou ao redor,

cautelosa, observando que todos deveriam ficar excessivamente vigilantes, pois o som de insetos, pássaros e sinos quase certamente seria o bastante para mascarar a aproximação dos infectados. Ela mal acabara de falar quando um zumbi emergiu dos arbustos cerca de 8 metros à frente deles, bloqueando o caminho.

Era um sujeito grande, com muitas tatuagens, piercings no rosto e cabelo verde. Ele estava ensopado de sangue, parte dele fresco, principalmente em torno da boca, mas a maioria era preto e endurecido sobre a camiseta branca do Kurt Cobain e o jeans rasgado. Jin gritou quando o homem correu na direção deles, grunhindo como um cão de guarda particularmente feroz. Com cautela, Purna ergueu a espingarda e puxou o gatilho. A explosão atingiu o homem diretamente na mandíbula e quase arrancou-lhe o rosto.

O homem caiu de modo tão pesado que Sam pensou ter sentido o chão tremer sob seus pés.

— Isso *não* é uma boa ideia — falou Purna.

— Talvez esteja certa — cedeu Sam, relutante. Ele se virou e ficou chocado ao ver mais três infectados saírem do esconderijo atrás deles, emergindo do mato e das árvores que ladeavam o portão. Havia um homem e uma mulher de meia-idade, talvez tivessem sido marido e mulher, vestidos com as camisas e as bermudas chamativas do típico veranista ocidental, e um homem mais jovem, barbudo, que vestia bermuda cáqui e cujo tronco nu estava coberto de mordidas.

O trio de zumbis correu até o grupo, exibindo rostos bestiais. A mulher cambaleou e caiu, mas se levantou imediatamente, os joelhos gorduchos arranhados e ensanguentados. Purna ergueu a espingarda de novo e acertou o barbudo que seguia à frente do homem mais velho, mas conseguiu apenas feri-lo. Avaliando rapidamente as chances que tinham, e sabendo que não teria tempo de recarregar antes que os zumbis os alcançassem, ela gesticulou na direção da igreja e gritou:

— Corram!

Embora não gostasse de dar as costas para o trio que rosnava atrás de si, Sam sabia que — pelo menos por enquanto — a discrição era a melhor das virtudes.

Mesmo assim, o rapper deliberadamente seguiu para a retaguarda do grupo, incitando Xian Mei, e principalmente Jin, para a frente. Felizmente, Sam e as companheiras eram mais jovens e estavam em melhor forma do que os cadáveres animados que os perseguiam, então rapidamente se afastaram dos perseguidores. Os únicos perigos de se moverem tão rápido, é claro, eram a enorme probabilidade de perderem o equilíbrio e não terem tempo de avaliar os arredores ou o terreno à frente.

O contratempo quase se revelou o fim de Purna quando outro infectado saltou do aglomerado de arbustos pelo qual ela passava correndo e a acertou na lateral, derrubando-a. A espingarda voou das mãos de Purna enquanto ela caía, o zumbi e com as mãos e os dentes sobre ela já tentando estraçalhar-lhe o corpo. Era um adolescente, um moleque do gueto, as roupas surradas e desfiadas, quase sem cor por terem sido lavadas vezes demais. Conforme ele e Purna caíam no chão, o impacto os separou, mas o garoto se levantou rapidamente e saltou para ela de novo.

Pega de surpresa e em estupor momentâneo, Purna conseguia apenas agitar os braços e as pernas na direção dele, gritando com ódio e dor conforme ele mordia a lateral do seu braço. Sam correu para a frente para ajudar Purna, já erguendo o facão, mas foram Jin e Xian Mei, à frente do rapper, que alcançaram Purna primeiro. Agindo por instinto, Jin ergueu o pé de cabra que carregava e o desceu sobre as costas do menino. Embora isso mal o tivesse machucado, foi o bastante para, pelo menos, distrair o adolescente por um momento. A cabeça dele deu um estalo para cima e se virou, o rosto era uma mascara, urrando, de olhos brancos e vazios e dentes cobertos de sangue. Ao empurrar Jin, sem cerimônias, para fora do caminho, Xian Mei se precipitou para a frente e decapitou o menino com um golpe curvo do facão.

Quando a cabeça dele voou para os arbustos, o corpo do menino se encolheu, as mãos se retorcendo e abrindo de forma grotesca. Ao ouvir grunhidos e respiração ofegante atrás de si, Sam deu meia-volta. O atraso havia permitido que o casal de meia-idade e o homem ferido os alcançassem. Sam ergueu o

sinalizador e atirou diretamente no rosto contorcido de óculos do homem de meia-idade. A cabeça dele se acendeu como um fósforo, os cabelos incandescentes. Conforme o zumbi cambaleava para o lado, Sam saltou para a frente e terminou de matá-lo com o facão.

Xian Mei, enquanto isso, lidava com o barbudo. Saltando com graciosidade atlética, ela esticou o pé em um chute alto, que atingiu o plexo solar do zumbi. Ele cambaleou para trás, o braço esquerdo pendendo, inútil, onde Purna quase o separara do ombro com o disparo da espingarda, e colidiu com a mulher. Os dois caíram como pinos de boliche. Instantaneamente, Xian Mei e Sam correram para a frente, os facões ensanguentados erguidos, e partiram os crânios dos dois, destruindo os cérebros.

Tão abruptamente quanto a violência havia começado, ela acabava, deixando o grupo com nada além do desfecho da batalha. Sam e Xian Mei ficaram lado a lado por um momento, ofegantes e cobertos de sangue, enquanto, atrás deles, Purna se levantava com dificuldades e mancava para pegar a espingarda que havia derrubado. Enquanto Purna, habilmente, recarregava a arma, apesar da mão mordida, Jin, sozinha, deixou o pé de cabra cair com um estardalhaço e começou a estremecer e soluçar. Depois de fechar o carregador de munição com um clique, Purna se adiantou e colocou o braço ao redor dos ombros da garota.

— Ei — disse ela com gentileza —, você agiu bem. Salvou minha vida.

Jin olhou para a carnificina atrás de si.

— Aquilo foi... horrível — sussurrou ela.

Purna assentiu.

— Sim, foi. Mas agora acabou e eles estão em paz.

De repente, Sam ergueu a cabeça.

— Ei, escutem isso.

Apesar do ressoar constante dos sinos, eles ouviram um farfalhar e um grunhido saindo de algum lugar na vegetação rasteira, movendo-se na direção do grupo. Não estava próximo, mas também não muito distante.

— Vamos em frente — disse Purna. — Mas permaneçam alertas. Olhos e

ouvidos por todo canto.

Eles subiram a colina com destreza, Xian Mei à frente, Purna mancando atrás dela com a espingarda e Jin, que ainda tremia, logo adiante de Sam. Conforme se aproximavam da igreja, a vegetação escasseava um pouco, e o grupo pôde ver o prédio, enfiado na lateral da colina e de frente para a cidade abaixo, em toda a sua glória.

Na verdade, no entanto, apesar da localização imponente, o próprio prédio não estava em sua melhor forma. Faltavam telhas no telhado e muitas das tábuas de madeira encaixadas que formavam a parede estavam ou tortas ou podres. Em alguns lugares, os danos eram tão intensos que tinham sido remendados com latão ou chapas de ferro ondulado, os quais agora estavam enferrujados. Ao olhar para o prédio em ruínas, Sam considerou que não parecia muito defensável. Se muitos zumbis fizessem um esforço coordenado para entrar, eles entrariam — Sam tinha certeza disso.

Conforme se moveram pelo caminho aberto de chão gramado na direção das portas principais erodidas pelo sol, mas aparentemente robustas, da igreja, outro infectado rastejou de detrás de uma lápide e começou a se arrastar na direção deles. Aquele era um homem acima do peso, de cerca de 40 anos, vestindo um uniforme policial sujo de terra e rasgado. Metade do corpo havia sido arrancado, e a perna direita do homem era um coto ensanguentado em frangalhos. Jin levou uma das mãos à boca e virou o rosto enquanto Xian Mei caminhava determinada adiante. De pé sobre o zumbi rastejante, mas com o cuidado de não se colocar ao alcance das mãos em garra frenéticas, ela falou:

— Desculpe-me. — Então ergueu o facão e o desceu impiedosamente.

Os demais esperaram que Xian Mei se juntasse a eles antes de caminharem até a igreja. Purna bateu à porta com o cano da espingarda.

— Ei! — berrou ela. — Você aí dentro!

— Viemos verificar se precisava de ajuda! — gritou Xian Mei.

O grupo esperou menos de dez segundos, então uma das duas portas se entreabriu devagar. Purna deu um passo para trás, erguendo levemente a

espingarda, com desconfiança. O rosto de um homem surgiu, a pele cor de madeira, os cabelos cortados rentes e o bigode perfeitamente aparado eram branco-acinzentados.

— Amigos ou inimigos? — indagou o homem, com uma voz grave, gentil e quase melódica.

— Amigos, esperamos — respondeu Xian Mei.

— Também espero — falou o homem, e abriu mais a porta. — Não que recusemos a entrada de ninguém aqui. Entrem.

Os quatro marcharam para dentro e o senhor fechou e trancou a porta atrás deles.

— Meu nome é Ed — disse ele. — Ed Lacey.

Purna apresentou a si e ao restante do grupo.

— Você não é nativo desta terra — observou ela

— Sou da Flórida. Estava de férias com minha esposa, Maya. Grandes férias, hein?

Apesar de tudo, Sam sorriu. O humor suave do homem era um tônico bem-vindo depois do que haviam passado.

— Não é exatamente o paraíso pelo qual esperávamos também.

Ed gargalhou baixinho, então ergueu uma das mãos e gesticulou com o indicador.

— Venham, apresentarei vocês aos demais.

O interior da igreja estava tão desgastado quanto o exterior: pedaços de gesso faltavam das paredes, muitos dos bancos estavam quebrados ou destruídos pela água. Ao fundo, amontoadas em cadeiras de madeira quebradiças ao redor de um enorme crucifixo que se erguia sobre o púlpito elevado, havia cerca de trinta pessoas. A maioria delas parecia de religiosos espantados que fugiram para lá em busca de refúgio das favelas superpopulosas de Moresby, diretamente abaixo. No entanto, alguns no grupo eram claramente mais abastados, entre esses, um punhado de veranistas ocidentais que, de alguma forma, conseguiram, fosse por acidente ou destino, achar o caminho até ali.

Ao olhar em volta e assentir quando cumprimentava as pessoas conforme Ed dizia seus nomes, Sam reparou que as idades dos membros do grupo variavam desde menos de 1 ano (uma cansada e ossuda mãe que não deveria ter mais de 17 anos amamentava um bebê inquieto e irritadiço) até meia dúzia de homens e mulheres em torno dos 70 ou 80 anos. Um homem, que era mais jovem do que isso — talvez 60 anos —, estava deitado, esticado, em um banco da igreja, o qual era reforçado por pufes e almofadas. Estava acima do peso, era branco (embora o rosto dele, no momento, estivesse cor de beterraba) e respirava com arquejos irregulares, com o punho fechado repousando sobre o peito e as feições carnudas se contorcendo de dor.

Uma mulher branca igualmente acima do peso, em um vestido de verão florido, estava abaixada ao lado do sujeito, em um banquinho, agarrada à mão dele e murmurando trivialidades. Pela primeira vez, o rosto de Ed Lacey se obscureceu com preocupação.

— Aqueles ali são o Sr. e a Sra. Owen — disse. — O Sr. Owen não está muito bem.

— Qual é o problema dele? — perguntou Purna, um pouco desconfiada. Sam sabia o que ela estava pensando. Se a condição do Sr. Owen tinha sido causada por uma mordida de zumbi, então estavam todos em perigo.

Ed compreendeu o significado por trás da pergunta imediatamente.

— Não é o que está pensado. É o coração dele, pelo que diz a esposa.

Ao ouvi-los, a Sra. Owen virou o rosto. Parecia preocupada demais com a doença do marido para mostrar qualquer reação à aparência ensanguentada ou às armas que carregavam.

— Ele precisa dos remédios — disse ela. — Mas estão no hotel.

— Que tipo de remédios? — perguntou Jin.

— São chamados de Nadolol. São...

— Eu sei. Betabloqueadores, receitados para o tratamento de angina peitoral. É disso que sofre seu marido?

— Sim — respondeu a mulher, surpresa. — Você é médica?

— Não — disse Jin. — Sou enfermeira. Qual é o estado dele?

— Muito ruim. Precisa dos remédios regularmente. Se não os tomar... — A voz da mulher ficou embargada e ela balançou a cabeça. Quando falou a seguir, todos conseguiam ouvir o toque de medo na voz. — ... Bem, não sei o que pode acontecer.

Jin se voltou para os outros. Baixinho, ela falou:

— Precisamos tentar conseguir a medicação desse homem.

Purna franziu a testa.

— Como?

— Tem uma farmácia na rua principal. Devem ter Nadolol.

Abaixando o tom de voz, Purna replicou:

— Não podemos voltar para lá. Fazer um desvio até aqui quase nos matou.

Demorando-se logo atrás delas, Ed estendeu a mão e tocou o braço de Purna.

— Posso dizer uma coisa?

Purna se virou com a testa franzida, mas ergueu as sobrancelhas para indicar que ele podia prosseguir.

— Talvez possamos resolver essa situação em benefício mútuo — falou Ed.

A testa de Purna se franziu mais ainda.

— Como?

— Venham comigo. Tem duas pessoas que acho que deveriam conhecer.

Ele levou Purna e Jin para longe do grupo principal ao lado do púlpito e através de uma cortina vermelha comida por traças no canto mais afastado. Ed afastou a cortina e revelou uma porta, a qual empurrou. Além da porta, o som incessante de sinos da igreja ficou instantaneamente mais alto. Ed as levou por uma pequena sacristia e então atravessou outra porta, que dava para uma câmara de pedras que continha apenas um lance de degraus circulares. Conforme subiam os degraus, os sinos da igreja ficaram tão altos que mal conseguiam ouvir os próprios pensamentos. Finalmente, emergiram em uma torre de sino com o piso de pedra, onde duas pessoas, ambas de idade e constituição física bastante diferentes, mas com expressões idênticas de determinação sombria, puxavam as

cordas longas e pretas do sino. Ed ergueu uma das mãos, mas foi um gesto redundante. Assim que viu Purna e Jin, o casal parou de tocar o sino como que por consentimento mútuo.

Um dos tocadores de sino, uma mulher enrugada e curvada vestindo um hábito de freira, se adiantou com um sorriso brilhante e pegou a mão de Purna. A pleno pulmão, ela gritou por cima do clamor mais lento, porém ainda ressoante dos sinos:

— Foi Ele quem mandou vocês para nos encontrar?

A princípio, Purna não entendeu o que ela quis dizer, então percebeu.

— Não sei quanto a isso. Seguimos o som dos sinos.

A minúscula freira pareceu satisfeita com a resposta.

— É claro que seguiram.

Ed inclinou-se para a frente e falou:

— Acho que nós e estas pessoas podemos nos ajudar. Podemos conversar lá embaixo?

A freira concordou e todos desceram até a sacristia. O segundo tocador do sino, um homem alto, bonito e de ombros largos, com pele cor de caramelo, seguiu no fim da fila. Rapidamente, Ed fez as apresentações, então explicou e resumiu a situação:

— Precisamos de remédios para o Sr. Owen, e também de comida e água para todos, além de um modo de nos defendermos até que chegue ajuda. Imagino que vocês agradeceriam a chance de colocar as mãos em armas melhores também, para ajudá-los a fazer o que quer que estejam fazendo?

— Vamos sair da ilha — disse Purna, determinada. — Acho que vocês também deveriam.

Ed balançou a cabeça.

— Há muitos de nós e alguns não são... Bem, tão fisicamente aptos quando vocês jovens. Não, ficaremos aqui até que mandem a cavalaria.

— E se não mandarem? — perguntou Jin.

Incerteza percorreu rapidamente o rosto de Ed, então ele falou, confiante:

— Mandarão. Sempre mandam.

A freira, que Ed apresentara como irmã Helen, ficou sentada durante a conversa com um sorriso quase beatificado. Purna então se virou para ela e perguntou:

— O que você acha, irmã Helen?

— Sobre o que, minha criança?

— Bem, é evidente pelo que ouvi que muitas das pessoas aqui a admiram, que a consideram uma líder espiritual. Acha que deveriam esperar aqui por ajuda ou tentar ajudar a si mesmos?

Sorrindo largamente, irmã Helen respondeu:

— Ah, a ajuda não será encontrada em lugar algum, exceto no fim, com Deus.

Purna pareceu confusa.

— Sinto muito, não entendi.

Irmã Helen inclinou-se para a frente e, carinhosamente, pegou a mão de Purna.

— Não há saída para ninguém, minha criança, não nesta vida. A ira de Deus está sobre todos nós. Este é o juízo Dele.

Purna umedeceu os lábios e olhou para os outros.

— Sinto muito, mas não acredito nisso. Para mim, isso parece apenas desistência, aceitação do inevitável. E não sou o tipo de pessoa que desiste.

Ela esperava uma discussão, talvez até recriminação, mas irmã Helen apenas abriu as mãos.

— Essa é a sua prerrogativa, minha criança.

De novo, Purna olhou ao redor, concentrando-se em Ed.

— Então, qual é o negócio aqui?

— O negócio é que esta igreja é um refúgio, que irmã Helen é caridosa o bastante para aceitar qualquer um que queira abrigo ou proteção. Pessoalmente, ela acredita que este é o Apocalipse, que não podemos fazer nada além de rezar e esperar pelo inevitável, mas, e perdoe-me por dizer isto, irmã, nem todos nós pensamos da mesma forma. Pessoalmente, respeito as crenças da irmã Helen, e

posso verdadeiramente dizer que minha esposa, Maya, e eu seremos eternamente gratos pela bondade dela, mas, por acaso, creio que existe uma forma de sair desta situação. E mesmo que não exista, isso não quer dizer que deveríamos desistir de tentar encontrar uma. Portanto, esta é minha proposta: se vocês voltarem para a cidade para pegar alguns remédios para o Sr. Owen, provisões o bastante para nos manter vivos pelos próximos dias, e armas com as quais nos defendermos, caso seja necessário, então mostraremos uma forma de obterem armas melhores para vocês mesmos. Pistolas e talvez até explosivos.

— Como? — perguntou Purna.

Ed indicou o homem alto e bonito, que até então mal dissera uma palavra.

— Dani aqui e seu irmão, Pedro, tinham um negócio que montava sistemas de segurança para empresas e indivíduos em Banoi, cercas elétricas, circuito de câmeras, sistemas de travamento interno codificados, o que você quiser. E, por acaso, um dos clientes deles é a polícia, e alguns anos atrás Dani e Pedro instalaram um cofre de armas na delegacia da área do resort, na rua principal.

Dani confirmou. A voz dele era baixa e grave, o inglês era bom, mas com sotaque forte.

— Tenho códigos de segurança aqui. — Ele deu tapinhas na cabeça. — Dentro do cofre, muitas armas para todos. Se irmã Helen disser tudo bem, vou com vocês.

Todos olharam para a freira, que anunciou, sorrindo:

— Ah, todos temos livre-arbítrio. Não posso, de maneira alguma, falar por Ele.

Dani olhou para Purna e assentiu devagar.

— Então vou com vocês — disse ele.

Capítulo 9
DELINQUENTE

— Merda.

O tom de Sam era quase de reverência. A visão que os acolhera quando dobraram a esquina para a rua principal do resort era aterrorizante e espantosa.

Os infectados estavam por toda parte. Em uma paródia terrivelmente grotesca do consumismo exacerbado, eles se arrastavam para cima e para baixo na extensa rua principal como se observando vitrines. Alguns até mesmo caminhavam, sem rumo, para dentro e para fora de lojas, bares e restaurantes, provavelmente em busca de comida.

Se alguém ainda *estava* vivo nos prédios, no entanto, estava se mantendo bem escondido. Havia alguns corpos eviscerados, ou partes de corpos, espalhados pelo caminho, como animais atropelados, os quais Sam imaginou pertencerem a pessoas sortudas ou azaradas o bastante para serem tão horrivelmente destroçadas que não havia chance de retornarem. Não havia, porém, sinal de ninguém de fato *vivo*: nenhum sobrevivente sentado nos telhados com placas de "Socorro", ou olhando por janelas em andares mais altos.

Quanto aos próprios infectados, eram compostos quase totalmente de veranistas e funcionários do resort. Muitos estavam com roupas de noite ou de férias, com cores vibrantes; outros vestiam uniformes da equipe do hotel ou de assistentes de vendas. Tinham todas as idades, cores e crenças, e quase todos

exibiam evidências de mordidas ou outras feridas mais sérias. Sam observou um senhor tropeçar constantemente no próprio intestino, nós rosados e escorregadios do órgão pendendo de uma fenda no seu estômago e se enroscando nos pés como um emaranhado de cobras mortas. Outros zumbis não tinham membros, pés ou mãos; alguns, incapazes de andar, se arrastavam, com as unhas partidas e ensanguentadas. Outros ainda não tinham partes do rosto — um homem teve o maxilar inferior inteiro arrancado, e a língua gorda e enegrecida estava colada à garganta como uma sanguessuga que se alimenta. A maioria dos zumbis estava manchada com os restos de refeições recentes, mãos e rostos lambuzados de sangue seco e pedaços de carne crua.

Até então, apesar do ruído do motor da van, Purna, Sam e os demais tinham sido ignorados — mais uma evidência de que a teoria de Sam estava certa e os infectados só respondiam àquilo que podiam comer, ignorando todo o resto.

— Acha que podem sentir nosso cheiro aqui? — perguntou Sam, quando a van parou em um cruzamento.

Purna deu de ombros.

— Talvez não precisem nos cheirar. Talvez se apenas puserem os olhos em nós, aquele pequeno aviso de "comida" vai soar-lhes na cabeça.

— Então, onde *fica* essa delegacia? — perguntou Sam, virando-se parcialmente para Dani, que estava agachado na traseira da van, as mãos fechadas sobre o apoio de cabeça dos assentos dianteiros para impedir que fosse sacudido demais.

— A cerca de 800 metros naquela direção — respondeu Dani, apontando para a esquerda na rua principal. — Prédio branco grande. Estacionamos sob degraus e corremos para cima. Tem um... Hã... — Ele gesticulou como se apertasse botões.

— Um teclado? — sugeriu Xian Mei.

— Sim. Teclado lado de fora porta. Código de quatro números.

— É melhor nos dizer qual é — falou Purna. — Só para o caso de acontecimentos inesperados.

Dani assentiu.

— É quatro-dois-sete-quatro.

— Quatro-dois-sete-quatro — repetiu Purna. — Todo mundo pegou?

Sam, Jin e Xian Mei fizeram que sim.

— Tudo bem. Vamos lá.

Já haviam discutido o plano: pegar as armas primeiro e depois dirigir até os fundos do principal supermercado para o armazém de entregas, onde, esperavam, estaria mais vazio. Jin explicara que havia uma farmácia dentro do próprio supermercado, a qual possuía um balcão de receitas, então, com sorte, poderiam conseguir o Nadolol do Sr. Owen ali. Se não, teriam de fazer uma viagem à parte para a farmácia maior, que ficava mais acima na direção do hotel resort. Purna observou, com amargura, que naquele ritmo fariam tantos retornos que em algum momento terminariam de volta aos quartos do hotel.

Ela soltou o pedal do freio aos poucos e se adiantou devagar. A van cinza-prateada embicou na rua principal. Sam percebeu que a van era um pouco como um tubarão, dirigindo devagar pelo lado raso de um mar cheio de veranistas — mas naquele caso, os turistas, e não o tubarão, eram os predadores. Os infectados se demoraram na frente deles, desinteressados pela van e por um ao outro. Chegavam a ignorar o veículo mesmo quando se chocava de leve contra eles, empurrando-os para fora do caminho.

Tinham se arrastado por talvez 100 metros sem incidentes quando encontraram uma garota de camiseta branca da Christian Dior e short jeans, de pé, diretamente à frente do grupo. A garota seria bonita, não fosse pelos olhos arregalados e leitosos e pela massa vermelha de sangue e vísceras espalhada pelos cabelos loiros, na altura dos ombros. Estava apenas de pé ali, a cabeça inclinada vagamente para cima, como se distraída por alguma coisa no céu enquanto saía para fazer compras pela manhã. Quando a van deslizou na direção da menina, o motor roncando baixinho, ela abaixou a cabeça com um movimento lento, quase sorrateiro, e encarou através do pára-brisa, diretamente para o grupo.

Pelo menos, foi o que pareceu. Sam prendeu o fôlego enquanto os olhos

mortos fitavam-no, sem piscar. Ao lado do rapper, Jin e Xian Mei, apertadas juntas no assento do meio, estavam rígidas, mal ousando se mover. Falando baixo, entre os lábios comprimidos, Jin perguntou, nervosa:

— Acha que ela consegue nos ver?

— Não sei — murmurou Purna, movendo as mãos o mais devagar possível conforme reduzia a velocidade da van até parar.

O veículo parou com a grade dianteira a apenas 2 centímetros ou menos das coxas bronzeadas da garota. A zumbi continuou encarando-os por mais uns bons segundos, a boca entreaberta, o rosto apático. Então, ela cambaleou adiante, se chocou contra a frente da van e desviou para uma direção diferente. Sam expirou um suspiro aliviado.

— Cara, aquilo foi... — começou ele.

Sam deu salto de choque quando algo bateu na janela do carona, a centímetros de seu rosto. O rapper se virou e viu o rosto da garota, subitamente enraivecido e vociferante, os olhos mortos encarando os dele. Ela arranhava o vidro com os dedos em garra, deixando marcas de sangue.

— Merda — falou Purna quando outros zumbis começaram a se voltar na direção deles, atraídos pela comoção.

Agilmente, mas sem pânico, ela passou a marcha e pisou fundo o acelerador. O veículo deslizou para a frente quando uma dezena ou mais de infectados convergiram para eles, vindos de todos os lados. As mãos da garota de cabelos loiros escorregaram pelo lado de fora da janela, deixando impressões engorduradas, e então ela se foi. A quebra da inércia da van deixou para trás a maioria do grupo inicial de zumbis repentinamente alertas, mas outros já se viravam na direção deles, como se um sinal psíquico tivesse irrompido por seus cérebros reanimados, numa "ôla" mental.

— Segurem-se! — gritou Purna, conforme a van ganhava velocidade. Os infectados corriam para o grupo de todas as direções agora, em tais números que, em questão de segundos, se provaria impossível evitar se chocar contra eles.

Jin gritou quando a primeira colisão os levantou dos assentos. Uma mulher

corpulenta, de cabelos pretos, com 30 e poucos anos, foi atirada para trás com tamanha força que quase achatou um garotinho de pijama do Batman que corria atrás dela. A van sacolejou de um lado para outro conforme os infectados começaram a se jogar contra o veículo como aríetes humanos. A maioria das criaturas quicava para longe, embora uma — um jovem com camisa xadrez — tivesse conseguido saltar para o capô, onde patinou como Bambi sobre o gelo por alguns segundos, gritando para o grupo pelo para-brisa, antes de tropeçar e cair sob as rodas. A van fez um enorme desvio quando o atropelou, e Sam se agarrou à maçaneta da porta, convencido por um segundo horrível de que iriam capotar. Felizmente, o veículo se ajustou com um tombo ruidoso e se precipitou para a frente quando todas as quatro rodas voltaram para a rua. Deslizava de um lado para outro. Purna tentava manobrar abrindo caminho entre a multidão conforme mais zumbis se chocavam e debatiam contra a estrutura do carro. Houve um novo ruído de tritura, então outro, quando mais dois infectados foram esmagados e jogados para fora do caminho. Sam trincou os dentes e imaginou quanto castigo a van aguentaria antes de desistir. Se ela morresse ou batesse, estavam perdidos. Seriam como almôndegas enlatadas, esperando ser puxadas para fora e devoradas.

Às vezes ficava difícil para Purna ver além dos rostos vociferantes e das mãos que arranhavam, mas, de alguma forma, ela continuava seguindo, o rosto determinado, as mãos e os pés habilmente no controle. O para-brisa e as janelas estavam manchados de sangue, mas felizmente o vidro tinha, até então, sobrevivido intacto. Sam refletiu rapidamente sobre como a carcaça da van estava amassada e enrugada — não que importasse, contanto que aguentasse —, e se perguntou o quanto ainda faltava para chagar à delegacia. Como se pudesse ler seus pensamentos, Dani, que se agarrava pela vida para evitar ser lançado pela traseira como uma camiseta em uma secadora giratória, enfiou o rosto entre dois dos bancos dianteiros e disse, arquejante:

— A delegacia fica bem ali. Uns 200 metros à direita.

Porque os infectados não eram espertos ou organizados o suficiente para

preparar uma emboscada e, portanto, haviam simplesmente corrido até eles vindos de todas as direções, Purna conseguira atravessar a primeira onda de agressores e imergir à frente. No entanto, embora o bando que os perseguia estivesse ficando mais para trás, ainda estavam perto demais para que se sentissem reconfortados. Próximos o bastante, pelo menos, para os alcançarem antes que o grupo tivesse tempo de estacionar a van, sair, subir correndo os degraus da delegacia e apertar o código para abrir as portas.

— Precisamos atraí-los para longe — disse Sam.

— Estou bem à frente de você — respondeu Purna, olhando pelo espelho lateral.

Ao invés de acelerar, ela reduziu um pouco a velocidade, permitindo que os infectados se aproximassem, mas não o bastante para os alcançarem. Ignorando o prédio branco que Dani indicara, Purna continuou em frente, seguindo pela rua por 100 metros ou mais antes de virar à direita no cruzamento. Ao verificar que os infectados ainda os seguiam, ela dobrou à direita de novo e pisou no acelerador. Quando completou um circuito que os levava de volta para a rua principal, a maioria dos perseguidores tinha sido deixada bem para trás. Assim que a van freou, guinchando, até parar na base dos degraus de pedra branca do lado de fora da delegacia, Purna e Sam abriram as portas. Dois segundos mais tarde, todos os cinco estavam correndo escada acima na direção da porta principal.

Embora muitos dos infectados tivessem sido atraídos para longe, ainda havia o bastante deles perambulando para causar problemas. Assim que Purna, Sam e os outros emergiram da van, zumbis se direcionaram em horda atrás deles, como vespas atraídas para um piquenique. Xian Mei e Jin correram degraus acima com Dani enquanto Purna e Sam se viraram para lutar na retaguarda. Tranquilamente, Purna acertou os zumbis mais próximos e mais ágeis com a espingarda, recarregando com destreza e sem problemas depois de cada disparo duplo, enquanto Sam afastava os errantes com o sinalizador, distraindo-os ao atear fogo às roupas ou aos cabelos das criaturas.

— Entramos — gritou Xian Mei alguns segundos depois. Ao abandonar suas posições, Purna e Sam se viraram e percorreram os degraus, três de cada vez. Xian Mei esperava ansiosamente no alto, mantendo aberta a porta da delegacia com uma das mãos enquanto os apressava com a outra. Segundos depois, com os infectados apenas metros atrás deles, Sam e Purna a alcançaram. Os três deslizaram para dentro do prédio, Sam na retaguarda, batendo a porta na cara dos zumbis.

O grupo ficou parado por um momento, se recompondo e recuperando o fôlego. Eles podiam ouvir os infectados do lado de fora, não exatamente batendo à porta, mas se atirando contra ela, como se incapazes de entender por que havia uma barreira repentina entre eles e a refeição. A delegacia de polícia era um prédio moderno e austero, a área do saguão, com o balcão da recepção, sofás baixos e plantas em vasos parecia sala de espera de um hospital e não uma agência de aplicação da lei. As agências de polícia no velho bairro em Nova Orleans de Sam eram lugares surrados e imundos com cerca de arame sobre o vidro à prova de balas nas janelas e uma procissão constante de delinquentes entrando e saindo. Sam imaginou que os policiais da região dos resorts de Banoi, no entanto, tinham um trabalho muito mais fácil. O pior que provavelmente deveriam enfrentar eram violações de trânsito, a esquisita ofensa à ordem pública, talvez uma ocorrência ocasional de furto em lojas. Sam duvidava que as celas — se é que as tinham — ficassem cheias e que, antes daquele dia, tivesse havido muitos motivos, se algum, para pegar a artilharia pesada. Estava claro, pelo fato de que a delegacia parecia estar deserta, que as autoridades locais estavam totalmente mal equipadas para lidar com os eventos das últimas 24 horas. O único policial que tinham visto fora aquele no cemitério — infectado e mutilado, sua perna direita nada além de um cotoco ensanguentado.

Além da área do saguão havia um corredor vasto à esquerda, que levava mais para o interior do prédio, e uma escadaria á direita.

— Armas por aqui — falou Dani, apontando para as escadarias à direita deles. O grupo subiu dois degraus até o andar de cima e passou por um conjunto de

portas duplas até um corredor que dava para um escritório aberto que continha oito mesas, máquina de bebidas e diversos arquivos físicos. Atravessavam o escritório quando três figuras escuras, uma de cada lado do grupo e outra diretamente à frente deles, se ergueram como sombras, com armas empunhadas.

Imediatamente, Purna começou a erguer a espingarda, mas o homem à esquerda com um grunhido, disse:

— Tente e morre.

Ela congelou, como se avaliasse as chances, então, relutante, abaixou a arma.

— Coloque a arma no chão — ordenou o homem. — O restante, larguem as suas também.

Depois de obedecerem, Sam, ergueu as mãos, devagar, mostrando as palmas para os homens.

— Calma, caras — disse ele. — Não queremos problema nenhum.

— Então, o *que* querem? — falou o homem diretamente à frente. Tinha feições de doninha, tiques nervosos, uma barba rala e as bochechas com marcas de catapora. O homem parecia pálido e doente, como um viciado que precisava de uma dose. Ele segurava uma pistola grande e prateada, a qual apontava para o grupo lateralmente.

Antes que mais alguém pudesse responder, Dani falou:

— Estamos aqui para conseguir mais armas.

O homem que falara primeiro deu um riso de escárnio. Diferentemente do colega magricela, ele tinha a compleição forte e a barba feita, e a pele era de um tom claro de marrom. As feições do rosto eram pesadas, pungentes, e o sujeito tinha uma tatuagem do que parecia uma águia do lado esquerdo do pescoço, as pontas das asas estendidas do desenho se esticando até suas bochechas como a sombra de uma mão humana. Ele tinha mais tatuagens nos braços nus e apontava um rifle de caça para o grupo.

— Então vieram ao lugar errado — disse. — Não há armas aqui.

— Sim — falou Dani. — Eu sei código.

Em voz alta, Purna falou:

— Então, por que estão aqui?

O doninha a ignorou. Encarando Dani com os olhos semicerrados, ele falou:

— O que quer dizer com "sabe o código"?

Dani umedeceu os lábios, nervoso, percebendo, muito tarde, que tinha falado demais. Deliberadamente, o doninha mexeu o braço de modo a apontar a arma para o rosto de Jin.

— Diga agora ou a garota bonita perde a cabeça.

Os olhos de Dani se arregalaram e a boca se abriu e fechou, mas o jovem estava claramente assustado demais para falar. Com a voz firme, calma e casual, Purna falou:

— Dani instalou os sistemas de segurança aqui. Ele sabe o código de acesso para o arsenal.

O terceiro homem emitiu um urro. Era mais velho e de constituição física mais pesada do que os demais, os cabelos estavam caindo e tinha, no rosto carnudo, olhos pequenos e parecidos com os de um leitão. Sob as axilas, na camiseta marrom, o homem exibia enormes manchas de suor e, como o sujeito tatuado, empunhava um rifle de caça.

— Parece que tiramos a sorte grande! — gritou.

— Por que *vocês* precisam de armas? — falou Xian Mei. — Já as têm.

— Melhor moeda de troca que existe agora — respondeu o homem com cara de doninha. — Armas. Munição. Se as tivermos, podemos nos entocar aqui até toda aquela merda lá fora estourar.

— Ah, é? E quanto à comida? — perguntou Purna.

O homem com cara de doninha pareceu hesitante. Então, com excessiva confiança, respondeu:

— Vamos encontrar o bastante para nos manter. Um lugar deste tamanho deve ter muita.

Purna balançou a cabeça.

— Isto é uma delegacia, não um restaurante. Se estão pensando em se entocar aqui e esperar que a ajuda chegue, então vão precisar de provisões.

— Que tal mandarmos vocês pegarem algumas para nós? — propôs o homem tatuado.

Purna se virou devagar e olhou para ele.

— Que tal fazermos um acordo? — contrapropôs ela.

O doninha riu com escárnio.

— Não fazemos acordos.

— Então são idiotas — replicou Purna, calmamente, encarando-o. — Não somos seus inimigos. Aquelas coisas lá fora é que são. Pensem nisso por um minuto. Brigar é perda de tempo e energia. Há muitos recursos para todos, e estamos em posição de nos ajudar aqui. — Ela fez uma pausa. — Então... Este é o acordo. Pegamos comida para vocês, e vocês permitem que acessemos o arsenal. Comida por armas, e há o bastante dos dois para todos. Depois que conseguirmos o que queremos, nos separamos. Isso parece razoável?

O doninha encarou Purna por um momento, então olhou para os colegas.

— Como podemos saber que vocês não vão simplesmente nos trair? — perguntou finalmente.

— Queremos armas — respondeu Purna com simplicidade. — Uma não é suficiente.

— Você parece durona demais, pode encontrar armas em qualquer lugar — replicou o homem tatuado.

— Não temos tempo de sair à procura — falou Sam.

O doninha pensou a respeito, então, finalmente, concordou.

— Tudo bem. Mas vocês pegam as armas *depois* de voltarem, não antes. E para termos certeza de que não vão fugir, manteremos dois de vocês aqui. Como garantia. Ele e ela.

O homem indicou Jin e Dani casualmente com a arma.

Purna balançou a cabeça.

— Isso é inaceitável.

— Esse é o acordo — falou o doninha. — É pegar ou largar. Mas se largarem, acredito que significará más notícias para vocês.

Ele sorriu e, ao olhar nos olhos do homem, Purna soube exatamente o que ele queria dizer. Mas ela tentou não demonstrar raiva ou frustração; por enquanto, o doninha e os comparsas tinham todos os trunfos.

— Vai ficar tudo bem — falou Jin com coragem.

Dani assentiu.

— Vou tomar conta dela.

Purna olhou para Sam e Xian Mei. Sam ergueu as sobrancelhas. O rosto de Xian Mei era impassível.

Depois de suspirar, Purna deu de ombros.

— Acho que não temos muita escolha — disse ela.

Capítulo 10
UM ATO DE AMOR

— Tome cuidado.

Eles se aproximaram da porta cautelosamente, Sam à frente. Conseguiam ver que a treliça tinha sido separada por um pé de cabra ou algo similar, e então empurrada de modo tosco de volta à posição. Sobre a porta, uma placa dizia: SOMENTE FUNCIONÁRIOS. Situada no canto esquerdo da enorme parede preta do supermercado, a porta era quase imperceptível perto das enormes portas metálicas retráteis da estação de carga e descarga, as quais eram cinco vezes mais altas e largas. Era ali, ao lado do atualmente vazio estacionamento de funcionários, que caminhões entregavam mercadorias aos montes no armazém. E era por ali que Xian Mei sugerira que tentassem acessar o prédio.

Chegar àquele local tinha, na verdade, se revelado mais fácil do que qualquer um poderia prever. Em vez de ficarem perto dos prédios de escritórios e da prefeitura que pareciam dominar o fim da enorme rua principal, a maioria dos infectados tinha saído sem rumo enquanto Purna, Sam e Xian Mei se preparavam para deixar a delegacia e se aglomerado em massa na outra ponta, onde ficavam as lojas de varejo. Talvez fosse algum tipo de memória enterrada que os atraía para aquela área, pensava Sam, ou talvez fosse simplesmente ali que estava a maior parte da comida — ou pelo menos estivera. Ele imaginou que, como a senhora com a TV barulhenta, muita gente deveria viver em casas ou

apartamentos acima ou nos fundos do próprio negócio. Onde estava a maioria daquelas pessoas agora, ninguém sabia. Sam preferia acreditar que algumas delas tinham escapado, ou mesmo que ainda estavam aconchegadas nas casas com bastante provisões para se sustentar. Mas suspeitava que a verdade era que tinham sido rasgadas em pedaços e devoradas pelos infectados ou haviam se tornado parte da crescente e massificada aglomeração de mortos errantes.

Quaisquer que fossem as motivações dos infectados, naquela situação eles tinham fornecido a Sam, Purna e Xian Mei um caminho relativamente fácil. Enquanto corriam da porta da delegacia até a van, precisaram abater apenas dois agressores dementes e guturais em vez de uma horda inteira deles. E no breve caminho de carro até os fundos do supermercado, apenas um zumbi tinha cruzado o caminho deles — uma garota de cerca de 10 anos, com um vestido cor-de-rosa, que voara pelo ar depois de ter sido atingida pela van e aterrissara na calçada como uma boneca quebrada. Ao olhar pelo espelho lateral conforme partiam em alta velocidade, Sam vira a garota ficar de pé e se arrastar, inutilmente, atrás eles, apesar de exibir o que pareciam ser fraturas múltiplas.

Felizmente, a área nos fundos do supermercado estava ainda mais esparsamente ocupada. No estacionamento quase vazio, circundado por cercas vivas espessas, o grupo havia encontrado apenas três dos infectados. Um deles, uma idosa negra, ajoelhada com o rosto enterrado na barriga aberta de um cadáver decepado, os ignorara completamente quando passaram de carro. Os outros dois — um homem de cabelos longos com uma camiseta do Led Zeppelin e uma mulher magra com óculos manchados de sangue, que parecia o arquétipo de uma bibliotecária ou de uma diretora de escola recatada — correram na direção do grupo de direções opostas assim que abriram as portas da van.

O primeiro tiro de Purna na direção do homem de cabelos longos não fora bem-sucedido: o disparo saíra baixo, arrancando a maior parte da mão esquerda do sujeito, mas quase não o detendo. O segundo tiro, no momento em que ele estava a menos de 10 metros de distância, arrancara-lhe o topo da cabeça. Ele continuara correndo por talvez dois passos, então, como se percebesse o que

havia acontecido, desabara como um touro abatido.

Àquela altura, no entanto, a diretora da escola os havia alcançado e se dirigia para Xian Mei. Quando a zumbi saltou como uma pantera, os dentes expostos e os dedos curvados como garras, Xian Mei se virou, deu um passo para o lado, então desceu o facão num giro que veio do alto. Foi um golpe tão perfeito que separou a cabeça da mulher dos ombros com precisão quase cirúrgica. O corpo, agora sem vida, da zumbi continuou voando para frente até se chocar contra o chão e desligar sobre o asfalto. A cabeça separada do corpo, enquanto isso, rodopiava incessantemente em um arco tão alto e extenso que quicou no teto da van e girou para longe, para fora do campo visão deles, antes de, finalmente, tingir o chão com um ruído de esmagamento aquoso.

Agora, depois de terem se livrado dos agressores, estavam se movendo na direção da "Entrada de Funcionários". Foi Xian Mei que reparou que alguém havia removido a porta das treliças, e foi ela quem avisou a Sam para tomar cuidado.

Sam se virou e olhou para a jovem rapidamente, lançando-lhe um sorriso largo, porém nervoso.

— Cuidado é meu nome do meio — murmurou, e estendeu a mão para abrir a porta.

Ela se soltou com um ranger de madeira e se despedaçou levemente. Sam equilibrou a porta e, ao mesmo tempo, olhou de esguelha para a escuridão do armazém de pé-direito alto adiante. Ele não via mais nada além de fileiras de prateleiras de metal altas, abarrotadas de caixas. Não havia ruídos de movimentação, nenhum sinal de algo se mexendo nas sombras.

— Tudo livre — disse ele, olhando para Purna, que estava de pé com a espingarda erguida, alerta como nunca. Ela assentiu e então se dirigiram como um só para dentro do armazém, os olhos percorrendo todos os cantos.

Imediatamente, perceberam o zumbido baixinho de moscas e um cheiro levemente desagradável. O grupo se dirigiu para a esquerda, de onde ambos pareciam sair. Caminharam, pé ante pé, da ponta de um corredor até o seguinte,

detendo-se para olhar entre cada fileira de prateleiras. Finalmente, depois de verificarem cinco corredores e não descobrirem nada, Sam olhou de esguelha pelo canto da fileira seguinte e imediatamente recuou.

— Tem alguma coisa ali — sussurrou.

— O que é? — perguntou Purna.

— Não consigo distinguir. Está escuro demais.

Cautelosamente, os três olharam pelo canto do corredor. De fato, ao meio, havia uma silhueta escura e grande. Da posição em que estava o grupo, parecia uma lona amassada ou uma barraca murcha. O zumbido preguiçoso das moscas era mais alto ali, e o grupo até mesmo as enxergava sobrevoando a silhueta, como pontinhos de estática na escuridão.

— É alguma coisa morta — falou Xian Mei. — Talvez um animal.

Sam saiu do esconderijo, segurando o facão e o sinalizador.

— Vamos verificar.

O grupo seguiu cauteloso pelo corredor na direção da silhueta. Ela não se moveu. Somente quando estavam a poucos metros de distância é que Sam percebeu o que era.

— Ah, cara — murmurou ele.

Não era uma forma única, mas diversas — diversos corpos, na verdade. Parecia uma família: um homem e uma mulher com mais de 30 anos, uma garota de talvez 6 ou 7, e um menino vestindo apenas uma fralda e uma camiseta branca, que não deveria ter mais do que 3 anos.

A família não tinha sido morta ou devorada por zumbis, mas por um tiro na cabeça. O homem, que parecia ser originário da China ou do Vietnã, estava deitado de costas, com metade do corpo sobre a mulher, uma pistola preta de cano curto sobre uma poça de sangue ao lado de sua mão direita esticada. Tanto as crianças quanto a mulher pareciam ter levado um tiro pela parte de trás do crânio, as balas emergindo pelos rostos. O ferimento de saída da bala do homem, no entanto, estava no topo da cabeça, o que sugeria que ele havia apontado a arma para dentro da boca e a inclinado para cima, na direção do cérebro, antes

de puxar o gatilho.

Xian Mei olhou para a carnificina com tristeza, abanando as moscas que zumbiam sobre os corpos.

— Isto foi um ato de amor — disse ela.

Sam virou o rosto para longe, enjoado.

— Não significa que não seja uma merda de uma desgraça.

Purna deu um passo à frente e se abaixou para pegar a arma. Fiapos de sangue aglutinado permaneceram presos a ela por um segundo, antes de se partirem.

— Sem desperdícios — declarou ela, e entregou para Sam a arma do homem e a própria. — Segure por um momento, por favor?

Ela se agachou e começou a vasculhar os bolsos do homem morto.

— O que está fazendo? — perguntou Xian Mei.

— Procurando munição — respondeu Purna. Ouviu-se um tilintar metálico e ela assentiu, satisfeita. Erguendo a mão com um punhado de cartuchos, Purna disse: — Não é muito, mas é melhor do que nada.

Sam tinha sido borrifado com muito sangue de zumbi nas últimas horas, mas sentir o sangue do homem morto, frio, grudento e quase gelatinoso que cobria um dos lados da arma era pior, de alguma forma. Com uma careta, ele limpou o máximo que conseguiu na lateral de uma caixa de papelão em uma das prateleiras de metal. Então pegou os cartuchos de Purna e carregou a arma, certificando-se de que o pino de segurança estava ativado antes de enfiá-la no bolso do casaco.

O grupo passou a meia hora seguinte verificando as prateleiras do armazém, selecionando provisões e empilhando caixas próximo às portas de carga e descarga. Eles escolheram principalmente água mineral e alimentos não perecíveis que poderiam ser comidos frios, se necessário: comida enlatada, torradas, biscoitos. Também pegaram para si alguns bens essenciais de toalete: sabonete, xampu, papel higiênico, escovas e pasta de dente. Depois de pegar o que precisavam do armazém, foram mais para o interior do prédio, na direção das portas duplas que davam para o andar da loja.

A porta, cuja maçaneta ficava do lado direito, abriu com facilidade, e o grupo deslizou por ela para a parte do supermercado aberta ao público. As prateleiras organizadamente espalhadas, os corredores silenciosos, os balcões vazios, as pilhas de cestos e as fileiras de carrinhos estavam, no momento, banhados por uma meia-luz de brilho tênue, tudo arrumado e pronto para mais um dia de comércio. De pé ali e olhando ao redor, Sam percebeu de súbito que aquele dia jamais chegaria. Ele não conseguia imaginar quando a vida voltaria ao normal ali em Banoi — ou, de fato, se voltaria. Certamente parecia provável que muito antes disso as frutas e os vegetais frescos apodreceriam ou virariam grude, e o pão e os bolos ficariam verdes e apodrecidos nas embalagens de celofane. A carne também estragaria, e em pouco tempo aquele prédio, como muitos em Banoi, começaria a feder como um sepulcro. O mero horror dessa perspectiva, de uma só vez, ameaçou subjugar Sam, fazendo-o sentir-se sem fôlego e enjoado.

— Você está bem? — perguntou Purna, franzindo a testa.

Sam recobrou a compostura com esforço e assentiu brevemente.

— Estou bem — murmurou ele.

Xian Mei apontou para a direita.

— O balcão da farmácia fica ali. Corredor dois.

Purna fez que sim.

— Tudo bem. Vamos fazer isso devagar.

O grupo se adiantou, os sapatos com sola de borracha de Sam guinchando levemente contra o chão encerado. Havia o som baixinho da iluminação fluorescente acima, mas nenhum outro. Xian Mei sugeriu que, além de procurarem pelo Nadolol do Sr. Owen, deveriam também estocar suprimentos médicos básicos, suplementos dietéticos e vitaminas. Ela pegou uma cesta de metal de uma estante, o que forneciam um contraste quase cômico com o facão manchado de sangue que carregava na outra mão. Quando chegaram à seção da farmácia, Xian Mei deu a volta no balcão enquanto Sam e Purna vigiavam. Rapidamente, a chinesa avaliou as prateleiras e começou a encher a cesta com vitaminas, analgésicos e outros medicamentos de balcão.

— Não tem Nadolol aqui — disse ela. — Se tiverem, estará nos fundos. — Xian Mei foi até uma porta branca nos fundos do balcão e tentou a maçaneta. — Trancada. Embora eu ache que provavelmente consiga abri-la com um chute.

Purna assentiu.

— Vai nessa.

Xian Mei recuou, se posicionou, então chutou a porta. Ela fez isso mais duas vezes em uma rápida sucessão, a planta do pé atingindo o lado da maçaneta. No salão quieto e de pé-direito alto, o som ressoava e ecoava, o que fez com que Sam trincasse os dentes. No quarto chute ouviu-se um ruído e a porta se escancarou.

Xian Mei entrou no quarto minúsculo, cheio de prateleiras, e emergiu dentro de 15 segundos, erguendo diversas caixas brancas.

— Sucesso — disse, então arregalou os olhos abruptamente. — *Sam, cuidado*!

Sam se virou bem no momento em que um homem enormemente gordo, de camiseta verde manchada de sangue seco, surgiu de um corredor próximo e se atirou contra ele. Tanto Sam quanto o agressor caíram um sobre o outro, e Sam bateu com a cabeça contra a base do balcão. A arma voou de sua mão e escorregou pelo chão. Zonzo, ele mal conseguia se defender conforme o zumbi grunhia e mordia como um cão raivoso, exibindo os dentes e impulsionando-se para a frente em um esforço de arrancar a garganta de Sam.

Incapaz de arriscar-se a dar um tiro no zumbi e acabar acertando Sam, Purna, virou a espingarda ao contrário e com a coronha acertou a lateral da cabeça da criatura. O maxilar do sujeito quebrou com um esmagar ruidoso, e a cabeça da criatura virou para trás, mas foi apenas uma pausa momentânea. Com os olhos tremeluzentes, Sam ergueu as mãos para manter os dentes da criatura longe do rosto, urrando de dor conforme o zumbi mordia a lateral do seu punho. Purna acertou o zumbi novamente, atingindo-o logo atrás da orelha, mas, de novo, o golpe pareceu surtir pouco efeito.

Xian Mei saltou por cima do balcão e se juntou à luta. Ela acertou as costas do zumbi com o facão, abrindo ferida horríveis, das quais jorrou sangue de odor pútrido e parcialmente solidificado. Purna, enquanto isso, enfiava a coronha da

arma entre Sam e a criatura, tentando tirar o zumbi de cima do rapper, ou pelo menos impedir que ele rasgasse a garganta de Sam. Depois de se recompor, Xian Mei mirou e desceu o facão de modo preciso, enfiando-o na nuca do zumbi e partindo a coluna da criatura. O zumbi começou a se debater e a convulsionar, braços e pernas se contorcendo de modo espasmódico. Depois de baixarem as armas e trabalharem em conjunto por um momento, Purna e Xian Mei foram capazes de puxar a criatura de cima de Sam. O zumbi ficou deitado de costas, a boca se abrindo e fechando como um peixe atirado à praia. Xian Mei pegou o facão, deu um passo à frente e arrancou a cabeça da criatura com dois golpes. O ódio se esvaiu dos olhos do zumbi e ele parou de se mover.

Semiconsciente, Sam se encolheu e murmurou, com as pálpebras trêmulas. O punho dele jorrava sangue no lugar em que o zumbi mordera, e enquanto Purna montava guarda com a espingarda, Xian Mei pegou mais ataduras e pomada antisséptica de uma prateleira para complementar aquelas que já havia colocado na cesta e rapidamente fez um curativo em Sam. Quando terminou, ele estava recobrando os sentidos, esfregando a testa e perguntando o que havia acontecido.

— Contamos mais tarde — respondeu Purna. — Está bem para andar?

— Acho que sim.

— Aqui está sua arma. — Ela a jogou para Sam de forma quase brusca. Com expressão mal-humorada, Purna disse: — De agora em diante, ficaremos alerta o tempo todo.

Eles pegaram o restante do que precisavam e se apressaram de volta pelas portas duplas no armazém. Xian Mei sabia que Purna estava com raiva de si mesma mais do que qualquer coisa: por causa de uma distração de uma fração de segundos, Sam quase morrera. A australiana caminhou pelo armazém como se desafiando mais alguém a mexer com ela, e cruzou a porta quebrada do acesso para funcionários, a qual haviam colocado de volta no lugar depois de entrarem. Ao empurrar a porta, Purna verificou o lado de fora, então falou:

— Certo, abram as portas do local de carga e descarga. Buscarei a van.

Dois minutos depois, Purna entrava de ré com a van no armazém. Ela e Sam rapidamente encheram o veículo com caixas enquanto Xian Mei montava guarda. O estacionamento estava silencioso e o grupo conseguiu completar a tarefa sem interrupções. Depois de entrar na van, Sam falou:

— Quanto disso vamos dar para aqueles caras?

— Só o suficiente para carregarmos para dentro em uma viagem — respondeu Purna. — Por algum motivo, não acho que os infectados vão ficar olhando de longe enquanto descarregamos caixa após caixa, e você?

— E se eles decidirem que querem mais? — falou Xian Mei.

— Então terão de sair e pegar por si mesmos.

O grupo saiu do estacionamento e voltou para a rua principal. A situação era basicamente a mesma de antes, os infectados reunidos, em grande parte, no fim da rua. Quando estacionaram na base dos degraus do lado de fora da delegacia, um homem nu, de 20 e poucos anos, passou, errante, na frente do grupo, com as pernas, as nádegas e o tronco cobertos de mordidas. Os três observaram em silêncio até que o homem estivesse a cerca de 30 metros de distância, então Purna destravou o cinto de segurança e pulou por cima dos bancos dianteiros até a parte de trás da van. Ela passou duas caixas de comida enlatada e uma embalagem de plástico com 12 litros de água mineral antes de voltar para os assentos da frente de novo.

— Cada um de nós pega uma dessas, corre escada acima e abre a porta. Sam, depois que entrarmos, não deixe os caras saberem que você tem uma arma... Só por precaução.

Ele assentiu.

— Todos se lembram do código? — perguntou Sam.

— Quatro-dois-sete-quatro — respondeu Xian Mei sem hesitar.

O grupo olhou pelas janelas e pelos retrovisores, verificando em todas as direções para se certificar de que nenhum dos infectados estava próximo o bastante para surpreendê-los. Então, Purna falou:

— Vamos.

Depois de escancarar as portas, eles saltaram da van e correram degraus acima. Com uma das mãos enroscada sobre as provisões e a outra agarrada às armas, o três se sentiam pesados, atrapalhados. O homem nu partiu na direção deles imediatamente, como uma antena de radar captando um sinal, e iniciou uma corrida capenga. Sam se virou no meio das escadas, mas parou por um momento: não desejava desperdiçar o tiro. Permitiu que o homem ficasse a 5 metros de distância antes de puxar o gatilho. A bala o atingiu no maxilar, arrancando metade do seu rosto e fazendo a criatura girar em uma pirueta estabanada. O zumbi rolou escada abaixo, mas, ao chegar na base, se recompôs e, perseverante, começou a subir de novo. Mais dois infectados agora se aproximavam dos degraus atrás dele, porém Xian Mei alcançara a porta e, depois de apoiar a caixa de comida no chão, digitou o código de quatro números.

Para seu horror, a luz vermelha não mudou para verde. Pensando que deveria ter feito algo errado, tentou de novo, obrigando-se a se concentrar, sabendo que as vidas de todos dependiam daquilo.

Mais uma vez, a luz vermelha permaneceu constante.

— Não está funcionando! — gritou ela.

Purna apoiou a própria caixa de comida e deu um passo à frente, o rosto determinado.

— Deixe-me tentar.

Embora tivesse certeza de que havia digitado da maneira correta, Xian Mei sabia que não era hora de discutir. Deu um passo para trás e permitiu que Purna chegasse ao teclado. A alguns metros de distância, Sam puxou o gatilho da arma e, pelo canto do olho, Xian Mei viu a cabeça do homem nu se tornar um borrifo carmesim. Conforme o zumbi se desequilibrava para trás nos degraus, Purna apertava o código de quatro números. Xian Mei não sentiu satisfação quando viu a luz se manter, teimosa, vermelha.

— Merda — murmurou Purna, e deu um passo para longe da porta. Ela se virou para avaliar a situação, erguendo a espingarda.

Dois zumbis subiam os degraus na direção deles, um velho e uma adolescente.

O velho estava aos pedaços, arrastando a perna esquerda atrás de si; a garota corria, quase flutuava, os lábios repuxados em um rosnado, o aparelho nos dentes dela coberto de carne escurecida. Mais longe, outros zumbis pareciam receber o sinal de que havia carne fresca ali, se viravam, cheirando o ar, e se dirigiam até eles.

De maneira precisa, Purna abateu a garota, o disparo da espingarda a atingindo bem no meio do rosto, reduzindo as feições da adolescente a uma polpa.

Alguns passos abaixo, Sam olhou ao redor.

— O que está acontecendo?

— Aqueles desgraçados devem ter mudado o código de entrada — disse Purna.

— Como fizeram isso?

— Eles têm Dani, lembra-se?

— Merda!

— É melhor voltarmos para a van e repensarmos tudo — observou Purna.

— E quanto à comida? — perguntou Xian Mei.

— Deixem aí.

Eles estavam no meio da descida das escadas quando um punhado de pedras explodiu a menos de 1 metro do pé de Sam. O rapper encarou aquilo, sem compreender, por uma fração de segundo, então algo atingiu a calçada abaixo, causando uma pequena erupção de pedras e lascas.

— Abaixem-se! — gritou Purna.

Sam se agachou instintivamente.

— Que porra é essa?

— Estão atirando em nós — respondeu Purna, agachando-se, virando-se e puxando o gatilho da espingarda, tudo em um só movimento. Quando o disparo da espingarda atingiu o prédio e Purna recarregou agilmente, Sam reparou em Xian Mei, com o corpo inclinado quase ao meio, saltando degraus abaixo, à esquerda.

— Vão — disse Purna. — Dou cobertura.

Sabendo — como Xian Mei soubera antes dele — que não havia como debater o assunto, ele correu escada abaixo e alcançou a chinesa na base, no momento em que ela se esticava e atirava o sinalizador em um zumbi que ainda estava a 15 metros de distância, mas que se aproximava rápido o bastante para tê-los alcançado antes que tivessem a chance de abrir as portas da van e entrar.

A frente da camiseta do zumbi se incendiou e um lençol de fogo emergiu e engoliu a cabeça da criatura. Ela começou a cambalear, braços gesticulando como os de uma criança brincando de cabra-cega, o rosto marrom e chamuscado como carne de churrasco.

Os demais zumbis ainda estavam longe o bastante para que não fossem um problema imediato. De olho no zumbi em chamas, Sam abriu a porta do carona da van e gritou:

— Entre!

Depois de jogar o facão no chão do veículo, Xian Mei deslizou sobre o assento dianteiro e se sentou. Sam subiu atrás dela, então se virou imediatamente, apontando a arma para a delegacia. O mais velho dos três homens estava em uma das janelas do andar de cima, embora tentasse ficar fora do campo visual, o cano do rifle de caça apoiado no parapeito. Purna se agachou, tentando usar os degraus como cobertura. Embora o infectado mais próximo ainda estivesse a 20 metros dela, as criaturas se aproximavam por todos os lados.

— Vamos, Purna! — gritou Sam, e atirou contra a janela superior da delegacia para demonstrar que agora estava em posição de dar cobertura a *ela*.

Purna não precisou de uma segunda prova. Depois de sair do esconderijo, ela correu até a van, então Sam deslizou sobre o assento para dar espaço para que a jovem entrasse e bateu a porta atrás dela.

Enquanto ela entrava no veículo, a porta da delegacia se abriu e o homem tatuado correu para fora, mantendo-se abaixado, e, rapidamente, arrastou as caixas abandonadas de comida e a embalagem de garrafas de água para dentro. Ao vê-lo, Purna abaixou o vidro da janela do motorista alguns centímetros e

colocou o cano da espingarda para fora, mas antes que pudesse atirar, ele estava dentro do prédio de novo, e havia fechado a porta atrás de si.

— Desgraçados — murmurou ela.

— O que... — começou Xian Mei. Mas antes que pudesse completar a pergunta, a voz presunçosa do homem macilento gritou de uma janela do alto.

— Ei, obrigado pela comida, gente. Sentimos muito por não estarmos mais em posição de oferecer alguma coisa em troca. Ah, podem ficar com seu moleque de volta, no entanto. Terminamos com ele.

Houve um movimento na janela e o corpo morto ou inconsciente de Dani foi jogado para fora. Ele acertou o chão de cabeça, os membros se espalhando por todas as direções. Os homens no prédio gargalharam e urraram como se aquela fosse a coisa mais engraçada que tinham visto.

— Mas acho que manteremos a garota — continuou o homem macilento depois de um momento. — Precisamos de um pouco de *diversão*. — Ele riu de novo, então gritou: — E vocês, cuidem-se. Não deixem que os zumbis os peguem.

A janela bateu — e a visão que o grupo tinha do prédio foi bloqueada por um homem de meia-idade com cabelos ralos e um olho perfurado, que se atirou no campo de visão e rosnou pela janela do motorista. Sem hesitar, Purna puxou o gatilho da espingarda e a cabeça do homem explodiu em uma confusão gosmenta de sangue, ossos, carne e cérebro. Puxando a arma de volta para dentro da van, Purna fechou a janela e ligou o motor. Com os zumbis se aproximando rapidamente, ela dirigiu para longe.

Capítulo 11
NO SUBTERRÂNEO

— Acho que conheço um caminho.

Purna e Sam olharam para Xian Mei. Novamente, haviam estacionado nos fundos do supermercado, pois precisavam de um lugar tranquilo para conversar sobre o que fazer. No fundo, Sam ficara preocupado que Purna assumisse a postura rigorosa e dispensasse Jin como uma baixa de guerra, proclamando que embora a situação fosse lamentável, não valia a pena arriscar a vida de todos simplesmente para resgatar uma garota que nem mesmo estava preparada para manejar uma arma.

No entanto, ele a havia subestimado. A não ser que tivesse algum motivo ulterior — as armas escondidas no arsenal, talvez? —, Purna não era totalmente a pragmática linha-dura pela qual Sam a tomara. Era verdade que contara ao grupo mais cedo que ingressara na força policial porque queria ajudar pessoas que não podiam se ajudar, mas Sam presumira que as aspirações nobres haviam se dissipado após a dispensa da força e a desilusão geral com a vida que Purna tinha sofrido desde então. Era bom, portanto, vê-la tão transtornada, tão apaixonada, tão preocupada com o destino de Jin.

— Temos de tirá-la de lá — dissera Purna. — Se aqueles animais desgraçados a machucarem, jamais me perdoarei.

Quando Xian Mei disse que achava que conhecia um caminho para entrar na

delegacia, Purna se inclinou para a frente, ansiosa.

— Como?

— No antigo hotel em que trabalhei — falou Xian Mei — havia uma saída de esgoto antiga na lavanderia do porão. Alguém me contou que os túneis percorriam a rua principal diretamente, e que há um tempo era possível obter acesso para qualquer prédio do subterrâneo, caso alguém desejasse.

— Há um tempo? — repetiu Purna. — Quer dizer que não é mais possível?

Xian Mei deu de ombros.

— Eu não sei. Não sou especialista. Mas é do *antigo* sistema de esgoto que estamos falando. Acho que quem quer que estivesse no comando dessas coisas decidiu, em algum momento, que não era higiênico ter esgoto fluindo constantemente sob as casas das pessoas e desviou o fluxo ou construiu um sistema completamente novo. É possível que os antigos túneis estejam inacessíveis agora. Talvez tenham sido bloqueados ou o acesso a alguns prédios pode ter sido fechado. Houve muitas renovações em alguns dos prédios ao longo dos anos. Extensões, novas paredes e andares, talvez até novas fundações, em alguns casos...

— Vale a pena tentar, no entanto — falou Purna. — As partes vulneráveis de prédios estão sempre acima ou abaixo. E, a não ser que você consiga escalar paredes como o Homem-Aranha ou que tenha acesso a um helicóptero...

Ela deixou as palavras no ar. Sam concordou.

— Vamos em frente.

— Talvez a gente consiga acesso pelo supermercado — disse Xian Mei. — Deveríamos procurar pelo ponto mais baixo.

Eles levaram menos de cinco minutos para encontrar o que procuravam. O piso do armazém era de concreto, mas do lado de dentro do próprio supermercado o grupo encontrou uma saída de incêndio escondida atrás da seção de congelados. Além dela, havia um corredor pequeno que dava para uma porta que levava para o lado de fora, e um lance de degraus de pedra dava para um porão, o qual não era utilizado havia muito tempo, exceto como lixo para

alguns componentes velhos e enferrujados de prateleiras. Uma busca de alguns minutos resultou na descoberta de uma tampa de bueiro circular de ferro no canto do piso de pedra, incrustada com limo e lodo.

Sam tentou levantá-la, mas estava bem presa.

— Precisamos de algo para alavancá-la — disse.

Xian Mei caminhou até os componentes de prateleiras e puxou um suporte de metal em formato de V com 1 metro de comprimento.

— Que tal isto?

— Perfeito — falou Sam. — Há mais desses ali?

Xian Mei achou mais dois e o grupo se pôs a trabalhar, primeiro raspando o máximo do limo e do lodo que conseguiram ao redor da borda da tampa do bueiro, depois enfiando as pontas de metal dos suportes no espaço fino entre a tampa e o piso e aplicando o peso coletivo sobre as outras demais.

Depois de dez segundos, ouviu-se um ranger e a tampa de bueiro começou a se levantar. Conforme o espaço se alargava, os três enfiavam os suportes ainda mais para dentro, para ganhar mais apoio, e, de repente, a tampa se inclinou para cima e para trás como uma abertura de treliças, atingindo o chão com tanta força que Xian Mei precisou saltar para evitar que seu pé fosse esmagado.

Todos se encolheram diante do cheiro fétido que emergiu do buraco no chão.

— Nossa! — exclamou Sam, e levou a mão em concha sobre o nariz e a boca. — Acha que tem alguma daquelas coisas aí embaixo?

— Não vejo como chegariam aqui, ou por que iriam querer — falou Purna. — Tendem a ir somente onde está a carne fresca.

O grupo olhou pelo buraco, mas estava completamente escuro.

— Alguém tem uma lanterna? — perguntou Sam.

Purna fez uma careta e sacudiu a cabeça.

— Deve haver na loja, no andar de cima. Droga, deveria ter pensado nisso.

— Não se torture — disse Sam. — Não se pode pensar em tudo. Vou buscar uma. Volto já.

— Não diga isso — falou Purna.

Sam ergueu as sobrancelhas.

— Por que não?

— Porque é o que sempre dizem em filmes de terror logo antes de... — Ela fez um ruído gutural e gesticulou com o indicador rapidamente sobre a garganta.

Sam sorriu e desapareceu. Dois minutos depois, ele estava de volta, acompanhado pelo disco brilhante e circular de uma lanterna profissional.

— Está um silêncio sepulcral lá em cima — disse ele, e, de novo, mostrou os dentes com um sorriso. — Acho que não deveria dizer isso também, não é?

Sam apontou a lanterna para o buraco e revelou um tubo circular, como o interior de um poço, as paredes estavam cobertas de lodo preto-esverdeado. Apesar da luz, estava escuro demais para que vissem até o fundo. Alças de ferro estavam instaladas na parede, e Sam se ajoelhou, esticou o braço e segurou a primeira delas para testar sua resistência.

— Parece boa — disse ele.

Sam desceu primeiro, parando de vez em quando para apontar o brilho da lanterna para a escuridão. Era estranho descer com as armas, principalmente porque as alças estavam escorregadias com o lodo, mas o grupo conseguiu, de alguma forma. Quanto mais desciam, mais frio ficava, o ar pesado com o fedor de vegetação apodrecida. Finalmente, Purna falou:

— Estou ouvindo barulho de água.

A voz dela ecoou, vazia, pelas paredes. Quando os ecos esmaeceram, todos ouviram o som de água corrente abaixo. O grupo continuou a descida, o ruído ficava mais alto, até que, finalmente, Sam gritou:

— Estamos quase lá.

— O que está vendo? — perguntou Purna.

— Água em movimento. Não há muito mais. Espere, há um tipo de saliência na lateral, como um caminho erguido. Parece um pouco estreito.

— Mas transitável?

— É, acho que sim.

Um minuto depois, estavam de pé na base da escada, recuperando o fôlego.

Haviam chegado a um túnel quadrado de pedra, sobre uma calçada escorregadia, molhada e estreita, ao lado da qual água cor de petróleo fluía como um rio, reluzindo e ondeando sob o brilho da lanterna.

O túnel se estendia reto e ininterrupto nas duas direções. Ao apontar no sentido oposto ao do fluxo, Sam falou:

— Acho que devemos seguir por este lado.

Purna concordou e o grupo começou a caminhar, sapateando em poças d'água.

— Não tem cheiro de esgoto — falou Sam.

— Acho que não é — replicou Purna —, mas eu não lavaria o rosto aqui.

— Não tenho certeza se deveria estar cheio dessa forma — disse Xian Mei. — Talvez seja por causa da elevação do nível do mar. Há muitas galerias de água e terras pantanosas internas em Banoi, e todas estão ligadas ao oceano. Esses túneis podem ter levado um pouquinho dessa água no caminho.

— Quer dizer que isto é água do mar? — perguntou Sam.

Xian Mei deu de ombros.

— Bem, essa é minha teoria.

— Droga — falou Sam. — Deveria ter trazido meu equipamento de pesca.

Enquanto caminhavam em fila, eles permaneceram em silêncio, a iluminação da lanterna serpenteando e oscilando à frente. Depois de passarem por outro dos poços verticais que ligava os túneis desativados do esgoto à superfície, Xian Mei falou:

— Há cinco prédios entre o supermercado e a delegacia, então o sexto poço que encontrarmos deve ser o que procuramos.

O grupo seguiu, passou por outro poço e então mais um. De repente, Sam parou.

— Qual é o problema? — perguntou Purna.

— Pensei ter visto algo na água.

— Como o quê?

— Não sei. Algo emergiu, então voltou para baixo depois de espirrar água.

— Um peixe?

— Talvez. Ou talvez apenas um tronco, ou algo assim.

— Não me preocuparia — falou Purna. — Acho que os infectados não sabem nadar.

Sam assentiu e estava prestes a partir de novo quando algo emergiu da água alguns metros à frente deles. Sob o feixe da lanterna, ele viu um par de mandíbulas escancaradas com dentes pontiagudos e uma enorme goela rosa-acinzentada.

Purna empurrou Sam para o lado e atirou duas cápsulas da espingarda dentro da boca alongada antes que o rapper pudesse perceber que era um crocodilo. As balas rasgaram o animal, despedaçando sua língua e a parte de baixo do maxilar superior, tornando o interior da boca rosada em um vermelho repentino e espantoso.

A criatura imensa — pelo menos 5 metros de comprimento do focinho à cauda — girou no ar como um peixe grande preso em uma rede, tão próximo deles que Sam poderia ter esticado o braço e tocado o couro pré-histórico enrugado. Então o crocodilo se atirou de volta na água, fazendo subir uma onda que se elevou acima da estreita calçada e ensopou os três da cabeça aos pés. Sam observou enquanto a criatura submergia, deslizando sob a água escura, agora borbulhante, como um submarino inimigo. Estava maravilhado e mais aterrorizado do que jamais estivera na vida. Por alguns segundos, não conseguiu se mover ou falar.

Então, Purna o empurrou pelas costas.

— Siga em frente — disse ela.

Sam obrigou as pernas a entrarem em ação, trôpego, à frente de Purna.

— Está morto? Você o matou? — perguntou Xian Mei, ofegante, na retaguarda do grupo.

— Não faço ideia — respondeu Purna. — E não vou ficar aqui para descobrir.

Quando chegaram ao sexto poço, ainda estavam trêmulos em choque e com medo de que a criatura atacasse de novo. Até mesmo Purna achava difícil segurar

a espingarda com firmeza conforme se virava, rapidamente, para verificar a água negra atrás deles.

— Vá você primeiro — disse Xian Mei para Sam. — Acho que nem Purna nem eu seremos capazes de empurrar uma tampa de bueiro por baixo.

Sam concordou e começou a escalar, sem saber se ele próprio conseguiria fazer aquilo. Embora soubesse que era verdade que nenhuma das garotas possuía força bruta, Sam não gostaria de enfrentar nenhuma das duas em uma briga. Com a imagem do crocodilo ainda pairando na mente, ficou aliviado alguns segundos mais tarde ao ouvir Xian Mei e então Purna começaram a subir atrás de si.

Pelo menos as porras dos crocodilos não podem usar escadas, pensou Sam.

A subida pareceu duas vezes mais longa do que a descida, e quando chegaram ao topo do poço, os músculos de Sam estavam trêmulos pela fadiga. Ele parou por um momento, com o suor escorrendo pelo rosto. O braço de Sam estava latejando onde o zumbi do supermercado o mordera, assim como a parte de trás da cabeça, onde ele havia batido na lateral do balcão. Idealmente, Sam gostaria de algo para comer e beber, talvez alguns analgésicos e umas horas de sono para recarregar as baterias. Ele sabia, no entanto, que não conseguiria nenhuma dessas coisas tão cedo. Em vez disso, Sam de alguma forma teria de reunir forças para iniciar um ataque contra os delinquentes fortemente armados que haviam assassinado Dani e feito Jin refém. Àquela hora no dia anterior, ele nem mesmo tinha *conhecido* nenhuma das pessoas que estavam no prédio acima ou agarradas à escada abaixo. Agora, parecia que elas faziam parte de toda a sua vida.

Depois de passar o braço esquerdo pela alça mais alta na parede do poço, Sam respirou fundo diversas vezes em um esforço para não sentir tontura, então inclinou a cabeça para trás enquanto direcionava o feixe da lanterna para cima. Ele viu uma cavidade circular diretamente sobre a cabeça, onde deveria estar uma tampa de bueiro, mas ela não estava lá. Em vez disso, disposto sobre o topo do buraco havia algo que parecia madeira.

Tábuas de piso, pensou Sam, deprimindo-se. Ao longo dos anos, alguém

devia ter colocado piso de madeira por cima das pedras originais. Depois de passar a lanterna para a mão esquerda, Sam se ajustou para esticar o braço e empurrar a parte de baixo do piso de madeira. Ele esperava que não cedesse de forma alguma, e ficou espantado quando a madeira se ergueu com facilidade sobre sua mão.

Sam levou um momento para perceber que não era um piso de madeira acima de si, no fim das contas, mas um alçapão — ou, mais provavelmente, um alçapão instalado em um piso de madeira. Permitiu que a porta voltasse para o lugar e rapidamente contou às garotas o que havia encontrado.

— Consegue abrir? — perguntou Purna.

— Acho que sim.

Sam empurrou novamente e o alçapão se ergueu. Quando a porta havia se levantado até a extensão do seu braço esticado, Sam subiu e saiu do buraco, tentando, ao fazê-lo, não deixar cair a lanterna ou se empalar com o facão que havia prendido no cinto da calça jeans. Ele esperava encontrar homens apontando armas para o seu rosto, mas, em vez disso, emergiu no que parecia uma sala de zelador. Havia uma pia, um esfregão e um balde, diversas ferramentas e produtos de limpeza sobre prateleiras, e um jornal dobrado sobre a poltrona.

Sam se virou para ajudar as garotas a saírem e então desceu o alçapão de novo. Purna atravessou o cômodo e colou a orelha à porta.

— Não consigo ouvir nada — disse.

— Talvez este nem seja o prédio certo — falou Sam.

Purna inflou as bochechas diante dessa perspectiva e Sam soube que, apesar da concentração e motivação, a garota estava tão fatigada quanto ele.

— Vamos ver, está bem? — disse Purna.

Depois que ela e Sam se posicionaram, Purna assentiu e Xian Mei abriu a porta. Purna e Sam saíram rapidamente, virando em direções opostas, com as armas empunhadas. No entanto, o corredor para o qual saíram estava escuro e silencioso, e embora uma rápida vistoria tivesse revelado que o andar continha

pouco mais do que um vestiário para funcionários e chuveiros, era óbvio pelos adesivos nos armários e pelas palavras sobre um quadro de turno de funcionários na parede que estavam no lugar certo. Como se precisassem de mais provas, no fim do corredor havia uma porta de incêndio reforçada com teclado na parede ao lado, acima do qual lia-se CELAS 1-12. Inutilmente, Purna pressionou o código de segurança de quatro dígitos — 4274 — que falhara em abrir a porta principal mais cedo, e não ficou surpresa ao descobrir que era inútil naquela também. Refazendo seus passos, ela abriu um conjunto de portas duplas que dava para uma escadaria e os três, cautelosa e silenciosamente, começaram a subir.

A placa na parede ao lado das portas duplas do piso acima anunciava "T". Embora isso provavelmente significasse "Térreo", Purna imaginou que, por causa dos degraus do lado de fora, que levavam à porta principal, era mais provável que tivessem entrado no prédio pela primeira vez no andar acima daquele, e encontrado os três homens por sua vez no acima deste. Ela sussurrou isso para Sam e Xian Mei e os dois assentiram em concordância. O trio subiu mais um andar, depois outro, no qual Purna atravessou as portas duplas e espiou pelo painel de vidro reforçado instalado nelas. Após reconhecer o corredor que dava para o escritório aberto onde os homens os haviam emboscado, ela se virou para verificar se Sam e Xian Mei estavam prontos, então abriu a porta alguns centímetros.

Purna deslizou pela abertura silenciosamente, verificando a esquerda e a direita. A entrada para o escritório ficava a cerca de 3 metros à direita dela, na parede oposta do corredor. Purna atravessou o corredor com agilidade, virou-se para se encostar à parede e deslizou por ali até a porta. Ela esperou até que Sam e Xian Mei estivessem ao seu lado, então olhou pela borda da porta de vidro.

Purna viu os homens imediatamente. Haviam limpado uma das mesas e estavam sentados ao redor dela, jogando cartas. Ela também viu Jin. A garota estava encolhida contra a parede oposta, as mãos e os pés amarrados, o rosto machucado e manchado de lágrimas. Purna viu o mais velho dos três, aquele com olhos de leitão que disparara contra eles pela janela do andar de cima,

erguer a cabeça e gritar algo para Jin, com uma voz grosseira e maliciosa. Jin se encolheu ainda mais, abaixou a cabeça e os demais homens riram. Tentando não deixar que a raiva ofuscasse a razão, Purna viu que o homem mais velho e o tatuado tinham trocado seus rifles de caça por semiautomáticas Heckler e Koch MP5, provavelmente do arsenal da polícia. As armas estavam apoiadas contra as cadeiras, de fácil alcance caso a necessidade surgisse. Porque o homem macilento estava na ponta da mesa, Purna não conseguia ver onde estava a arma dele, ou se havia substituído a pistola original por outra coisa. Ela voltou a cabeça e contou a Sam e a Xian Mei o que vira, e como achava que deviam lidar com a situação. De novo, sem hesitar, ambos assentiram em concordância.

Purna respirou fundo e devagar, recompondo-se, então deu o sinal. Os três se afastaram da parede, colocando-se em posição. Purna acenou mais uma vez, então caminhou para a frente e chutou a porta para abri-la, erguendo a espingarda quando a porta se escancarou. Antes que os homens se virassem para ela, Purna berrou:

— Todos vocês, levantem as mãos! Agora!

Ela não olhou ao redor para ver se Sam ou Xian Mei tinham se posicionado de cada lado dela; Purna confiava que os dois haviam seguido as instruções. Estava concentrada apenas nos três homens, no que fariam com as mãos.

Quando o homem tatuado se virou e esticou o braço para a arma, Purna atirou.

Ela o fez sem hesitar, e abriu um buraco nas costas do sujeito. Não foi um ferimento do tamanho de uma moeda com um filete de sangue como nos filmes. Em vez disso, um pedaço de carne se rasgou entre suas escápulas, destruindo a coluna e fazendo com que o sangue jorrasse como uma bolsa d'água furada. Ele caiu para a frente, o rosto se chocou contra a quina da mesa quando a cadeira em que estava se virou. Quando, uma fração de segundo depois, o sujeito mais velho saltou e tentou, em vão, agarrar a arma, que já havia caído no chão porque ele estupidamente a derrubara quando movera o assento, Sam disparou em seu estômago.

O homem macilento, enquanto isso, pegou uma pistola na mesa ao lado. A pistola estava escondida pelo corpo do homem mais velho, de forma que ele conseguiu, de fato, erguê-la 1 ou 2 centímetros antes que um sinalizador, disparado por Xian Mei, explodisse em seu rosto. Ele gritou e caiu de costas, mas ainda conseguiu apertar o gatilho da arma enquanto caía e a bala arrancou um pedaço de gesso do teto. Para se assegurar de que ele não conseguiria disparar mais um tiro de sorte, Purna ajustou a mira, inclinou a espingarda para baixo e para esquerda levemente, então atirou em seu coração.

Os ecos de uma batalha armada pareceram reverberar nos ouvidos de Sam por muito mais tempo do que deveriam. Somente quando eles, por fim, começaram a diminuir, é que Sam percebeu que o cômodo não estava tão silencioso quanto havia pensado. Encolhida contra a parede, Jin soluçava histericamente, com as mãos cobrindo o rosto, e o homem no qual Sam atirara choramingava e agarrava o estômago, as mãos e a camisa escorregadias de sangue.

Conforme Xian Mei se dirigia para confortar Jin, Purna caminhou para a frente, examinando brevemente os dois homens mortos, então olhou, insensivelmente, para o ferido a seus pés.

— Por favor... — sussurrou ele. — Por favor...

— Sinto muito — falou Purna, a voz dela inexpressiva e morta —, mas não podemos fazer nada por você. Pode ficar deitado aqui e ter uma morte lenta e dolorosa ou podemos tornar isso mais rápido.

Os olhos do ferido se arregalaram.

— Não... — sussurrou ele. — Podem me levar com vocês... Por favor.

Purna balançou a cabeça.

— Não podemos carregá-lo e você está ferido demais para andar. Sinto muito, mas é o modo como as coisas são.

— Por favor... — sussurrou ele de novo, seu mundo de repente reduzido a nada além de um desejo desesperado de sobreviver e um medo terrível da morte. — Por favor... por favor...

Purna suspirou e, devagar, exausta, começou a carregar a espingarda.

— Não — falou Sam, caminhando até ela.

Purna ergueu o rosto para ele, inexpressiva.

— Não — repetiu Sam, esticando o braço e apoiando uma das mãos sobre o braço dela. — Não é justo você fazer isso. Não de novo. É a vez de outra pessoa.

Purna o encarou, os olhos tão profundos e penetrantes que Sam não pôde evitar pensar que ela conseguia ver até a sua alma. O rapper afastou o rosto do olhar fixo, embora continuasse ciente dos olhos de Purna sobre si e do peso da arma em sua mão.

— É minha vez — falou ele, baixinho.

Capítulo 12
HOMEM MISTERIOSO

— Abram. Somos nós.

Purna e Xian Mei vasculharam a área como policiais de fronteira enquanto Jin esperava na van e Sam batia à porta do posto de salva-vidas com o punho fechado. Era quase meio-dia e o sol estava a pino.

Dali, Banoi parecia linda. À esquerda deles, a extensão de praia branca como talco margeava um mar azul, cristalino e reluzente, e à direita, a vegetação exuberante se erguia na direção de montanhas cujos picos brilhavam um roxo-claro no local onde encontravam o céu brilhante e sem nuvens. Uma brisa quente soprava do oeste, roçando a pele dos quatro e amenizando o calor do sol, e, apesar do caos na cidade, os únicos ruídos que perturbavam a tranquilidade eram os gritos preguiçosos das aves exóticas.

Não fosse pelos pedaços de um corpo desmembrado espalhados com uma profusão sangrenta mais à frente na praia, quase teria sido possível acreditar que os eventos das últimas 12 horas não passavam de um terrível pesadelo. Sam estava prestes a bater à porta de novo quando a voz de Logan respondeu:

— "Nós" quem?

Sam revirou os olhos.

— Pare de brincadeira, cara. Está perigoso aqui fora.

Ouviu-se o barulho forte de fechaduras se destravando e a porta se abriu.

Sorrindo, Logan falou:

— Desculpem. Nada de vendedores, comerciantes e, definitivamente, nada de matadores de zumbi ensopados de sangue aqui dentro.

Sam correspondeu o sorriso com outro, cansado, e falou, de modo tentadoramente:

— Temos doces.

— Ah, bem, isso é diferente — disse Logan, e escancarou a porta.

Os quatro marcharam para dentro. Purna imediatamente soltou a arma — não era mais a espingarda, mas um fuzil de assalto HK G36 retirado do arsenal da polícia — e se jogou sobre um dos assentos ao redor da mesa. Jin se arrastou para dentro como uma velha, com a cabeça abaixada e a mão livre de Xian Mei (a outra também carregava um fuzil) em seus ombros. Sam, que saíra do caminho para deixar as mulheres à frente, caminhou até a mesa e colocou uma enorme bolsa de doces e bolos sobre ela.

— Trouxemos o café da manhã — anunciou. — Não havia muffins light, então, se alguém estiver de dieta, problema.

— Você, meu amigo, tem classe — respondeu Logan ao fechar e trancar a porta. — Ei, Sinamoi — gritou ele. — Que tal um pouco de café para nossos convidados?

Sinamoi estava agachado sobre o rádio, fones na cabeça, girando os mostradores, mas ao ouvir as palavras de Logan ele ergueu o rosto e sorriu.

— É claro. Faço café.

Enquanto Sinamoi se ocupava, Purna semicerrou os olhos, cansada, na direção de Logan.

— *Você* parece melhor.

— Já você, não — respondeu Logan, animado. — Ao que se soma, se é que posso fazer um adendo sobre higiene pessoal aqui, ao fato de vocês *federem*.

Sam cheirou a manga da camisa e se encolheu.

— Não somos nós, é dos zumbis.

Logan balançou a cabeça.

— Está aí uma fragrância que nunca vai pegar. — Perceptivelmente, ele olhou para o relógio. — Então, por que demoraram tanto? Estava começando a achar que tinham me abandonado e que teria de passar o resto dos meus dias nesta cabana de dois cômodos com ninguém além de Sinamoi... Ei, sem querer ofender, cara — gritou ele para o salva-vidas, que sorriu de novo e ergueu a mão em reconhecimento.

Enquanto comiam bolo e tomavam café, Sam, com Purna e Xian Mei intrometendo-se a intervalos regulares, contou a Logan a história do grupo. Quando chegou à parte em que encontraram Jin, Logan deu um sorriso torto e falou, baixinho:

— Estava me perguntando quando chegariam a você.

Jin não respondeu. Nem mesmo ergueu a cabeça.

— Não fala muito, não é? — murmurou Logan.

Xian Mei disse, rapidamente:

— Ela passou por um momento difícil.

Para a surpresa de todos, Jin, de repente, ergueu o rosto, com os olhos pretos e brilhantes. Em uma voz trêmula não apenas pelo trauma, mas também com ódio malcontido, ela falou:

— Fui estuprada por três homens. Eles mataram o homem que estava tentando me proteger, então me espancaram e estupraram. E continuaram me espancando e estuprando até que eu desmaiasse.

Silêncio se seguiu às palavras dela. Logan virou o rosto, balançou a cabeça.

— Merda, cara... Isso é... Merda. Quero dizer... Isso é terrível, porra... Sinto muito... — murmurou ele.

Jin respirou fundo e falou:

— Eu costumava ter fé nas pessoas, sabem? E em Deus também. Mesmo depois que mamãe morreu, eu pensava... Eu pensava que o bem no mundo era mais forte do que o mal, e que, em algum momento, o mal seria derrotado. Mas agora... — Jin balançou a cabeça — ... Isso parece tão... Tão patético... — A voz dela sumiu e Jin abaixou a cabeça de novo. Xian Mei esticou o braço e,

gentilmente, acariciou as costas da jovem.

Sam fez uma expressão de tristeza e continuou com a história, a voz dele como um estrondo baixo. Ele contou a Logan sobre como mataram os homens na delegacia e resgataram Jin, sobre como pegaram as armas do arsenal, então voltaram para a igreja para entregar provisões, remédios e armas para o grupo de sobreviventes maltrapilhos da irmã Helen.

— Pareceu estranho levar armas para uma igreja — falou Sam —, mas, de certa forma, aqueles caras estão travando a guerra de Deus, acho... Lutando contra os demônios.

— Os infectados não são demônios — disse Xian Mei. — São vítimas, como todo o resto.

Sam balançou a cabeça.

— Não foi o que quis dizer. Aquela coisa que entrou naquelas pessoas, *aquilo* é o demônio. As próprias pessoas... Bem, estão mortas. São apenas cápsulas.

— Não existe essa coisa de demônios — murmurou Purna. — O que entrou nelas é apenas um vírus, só isso. Um germe. Não há nada *bíblico* quanto a isso. Não é o mal. Somente as pessoas são más.

Sam deu de ombros.

— Bem, acho que isso depende do que em que você acredita.

A expressão no rosto de Purna sugeriu que estava preparada para levar a discussão adiante. Para impedir que ela o fizesse, Xian Mei disse, às pressas:

— Então, e quanto a você, Logan? Aconteceu alguma coisa aqui?

Logan ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer, tirando a caldeirada de frutos do mar e o torneio de vôlei de praia? Sim, nosso homem misterioso tentou entrar em contato umas duas vezes. A recepção estava tão ruim, no entanto, que ele não fez muito sentido. Disse algo sobre os transmissores via satélite estarem fora do ar e alguma porra de tempestade em alto-mar estar causando interferência no rádio. Se me perguntarem, a porra da tempestade está aqui mesmo.

— Ele falou mais alguma coisa? — perguntou Purna.

— Só que tentaria ligar de volta hoje perto do meio-dia. — Logan olhou para o relógio. — Ei, que acho que é agora.

Todos olharam, esperançosos, para o rádio, mas ele permaneceu em silêncio. Tiveram de esperar mais 15 minutos até que o aparelho estalasse de volta à vida.

Instantaneamente, Sinamoi se dirigiu para o outro lado do cômodo e colocou os fones. Ele mexeu nos mostradores e nos botões, tentando obter a melhor recepção. A princípio, a voz estava tão envolta em estática que o grupo não conseguia entender o que dizia. Mais alguns ajustes de Sinamoi e, de uma só vez, a voz saiu alta e clara.

— Alô — dizia. — Alô, alguém consegue me ouvir?

Logan apontou para o microfone velho e robusto sobre a base, as sobrancelhas erguidas formando uma pergunta, e Sinamoi assentiu. Ao falar ao microfone enquanto, simultaneamente, carregava-o até a mesa, o longo fio como um rastro atrás, Logan respondeu:

— Ouvindo alto e bom som. Bem... *Bonzinho*, de toda forma.

— Quem está com você? — perguntou a voz. — Estão todos em segurança?

Logan olhou ao redor.

— Sim, a turma está toda aqui.

— E estão a salvo? Ninguém foi infectado pelo vírus?

— Bem, é difícil afirmar em relação a Sam — disse Logan, conseguindo com isso um dedo do meio e um sorriso em resposta —, Mas... Sim, todos parecem bastante saudáveis.

— Como você ainda não sabe? — questionou Purna em tom desafiador. — Achei que nos estivesse monitorando. Da última vez que ligou, pareceu bastante ciente de nossos movimentos.

— Nada de anormal nisso — assegurou a voz. — Simplesmente temos um equipamento de monitoramento extremamente poderoso aqui. Podemos interceptar sinais de satélite de qualquer lugar na ilha, inclusive filmagens de câmeras de circuito interno. Infelizmente, os transmissores via satélite estão se comportando de forma errática no momento. Condições atmosféricas adversas,

foi o que me disseram.

— E onde é "aqui" exatamente? — perguntou Purna.

— Por favor — disse a voz —, como expliquei antes, nossas janelas de oportunidade para conversar um com o outro são tão limitadas que devem evitar fazer pergun...

— Porra nenhuma — interrompeu Purna. — Você espera que confiemos em você por nenhum motivo? Que sigamos suas instruções às cegas?

— Estou tentando *ajudar*.

— É, isso é o que *você* diz — murmurou Sam.

— Veja bem, a questão é que andamos conversando — disse Purna —, e talvez não sejamos tão burros quanto você prefere acreditar.

— Não acho que vocês sejam burros, de jeito nenhum — falou a voz de modo apaziguador. — Pelo contrário, acredito que sejam indivíduos inteligentes e capazes. É por isso que acho que têm uma chance de escapar deste caos... E é por isso que estou preparado para ajudá-los.

— Conversa *fiada* — disse Sam de modo emotivo.

— Sam está certo — replicou Purna. — Você não quer nos ajudar porque *merecemos*, porque somos tão *capazes*. Você quer nos ajudar porque somos *imunes*.

Houve um momento de silêncio. Purna olhou ao redor para os demais, ela exibia um olhar silencioso e triunfante no rosto.

— Nada a dizer? — perguntou ela.

O dono da voz suspirou — ou talvez fosse apenas efeito da estática —, e, finalmente, respondeu:

— Tudo bem. Admito que há alguma verdade no que dizem...

Em uma explosão de ódio rara, Xian Mei, de súbito, disparou:

— Você causou isto! Você ou para quem quer que trabalhe! Você *fabricou* esta situação! E nos jogou na receita só para ver o que aconteceria!

— Não! — rebateu a voz, chocada. — Não, não foi isso que aconteceu de modo algum.

— Então de que modo *foi*? — perguntou Sam.

— Está na hora de colocar as cartas na mesa, *homem misterioso* — falou Purna. — Por que não começa nos contando quem você é?

A pausa foi tão longa que, a princípio, Sam imaginou se o interlocutor havia desligado. Então, finalmente, ele disse:

— Meu nome é Ryder White. Sou coronel da Força de Defesa da Ilha de Banoi. Estou falando com vocês, no momento, da prisão de Banoi.

— Aquele lugar de aparência engraçada com uma torre? — disse Logan.

— Isso mesmo. Minha mulher — o homem pigarreou —, minha mulher é a médica da prisão aqui.

Ele parou de novo, como que para se recompor.

— Vá em frente — encorajou Purna.

— Como disse anteriormente — prosseguiu White —, a primeira vítima do vírus totalmente desenvolvido foi identificada na área do centro de Moresby há cerca de — ele fez um cálculo rápido — 15 horas agora. No entanto, temos motivos para crer que o contágio se tornou ativo na população pelo menos 24 horas antes disso, que os portadores estavam, sem o próprio conhecimento, infectando todos com quem tinham contato. Muitos dos funcionários da manutenção do resort viajam da cidade para o resort todos os dias. A equipe de manutenção na prisão, de forma semelhante, foi recrutada naquela área da cidade...

Ele parou de novo. Purna foi a primeira a fazer uma tentativa.

— Então está dizendo que o vírus se espalhou pela prisão?

— Creio que sim. — A voz de White estava vazia. Mais uma vez, houve uma pausa e então ele prosseguiu: — Minha mulher foi infectada.

— Merda — exclamou Sam. — Sinto muito ouvir isso, cara.

— Eu também — disse Purna brevemente. — Mas isso ainda não explica por que quer nos ajudar.

— Ou como você sabia sobre nós, para início de conversa — acrescentou Xian Mei.

— Conforme eu disse, nosso equipamento de monitoramento é sofisticado e poderoso o bastante para interceptar sinais de satélite. Também podemos... Hum... Interceptar às vezes algumas informações importantes de fora.

— Invadindo computadores — concluiu Logan com um riso de escárnio. — Você é um hacker corrupto, Sr. White?

De modo quase recatado, White falou:

— Prefiro não entrar em detalhes, se não se importa.

Logan gargalhou de novo.

— Então, que informação é essa? — perguntou Sam.

— Acho que posso adivinhar — falou Xian Mei. — Foi informação sobre nós, não foi? Sobre nossa imunidade ao vírus?

— Sim — respondeu White simplesmente.

— E de onde veio a informação? — perguntou Purna.

White hesitou, então falou:

— Mesmo nessas circunstâncias, creio que algumas informações são importantes *demais* para compartilhar, e, portanto, devem ficar em segredo. Basta dizer que meu desejo de ajudar vocês é puramente egoísta.

— Quer descobrir se nossa imunidade pode ajudar sua mulher? — falou Purna.

— Salvá-la, sim.

— Como vai fazer isso? — perguntou Sam. — Não vai experimentar em nós, vai?

White gargalhou.

— É claro que não. Temos instalações médicas relativamente modestas aqui, mas recursos o bastante para analisar seu sangue.

— Espera desenvolver um antídoto? — sugeriu Purna.

White suspirou mais uma vez.

— É possibilidade remota, certamente, mas... Sim.

Houve um silêncio enquanto todos pensavam no que White havia contado. Finalmente, Purna falou:

— Mas o vírus não mata antes de reanimar? Foi isso o que você nos disse.

— Isso é verdade, sim.

— Então... Não desejo ser grosseira, mas isso não significa que sua mulher já está morta? Que mesmo que consiga curá-la do vírus, não sobreviverá?

— Espero que não — falou White. — O vírus no sangue de minha mulher foi identificado em um estágio inicial da incubação. No momento, conseguimos frear sua progressão com medicamentos. Mas, obviamente, o tempo está acabando. Sei que estou desesperado, porém quanto mais rápido chegarem à prisão, melhores as chances de Dana sobreviver.

— Tudo bem — falou Sam. — Então, vamos supor que acreditamos nisso. Como chegamos a você?

— Precisam ir para o interior da ilha — falou White. — Entrar mais na selva. Continuem a seguir a estrada que fica mais próxima ao rio e, finalmente, chegarão a um vilarejo. Quando chegarem ali, perguntem por um homem chamado Mowen. Ele tem um barco e conhece as rotas fluviais de Banoi como se fossem a palma da mão. Pode trazê-los até a prisão. Ele sabe como lidar com o campo minado.

— Espere um pouco — disse Logan. — Que campo minado?

— O mar entre Banoi e a prisão está cheio de minas. Mas Mowen conhece o caminho. Podem confiar nele.

— E se precisarmos contatar você em algum momento? — falou Purna.

White hesitou, então respondeu:

— Mandarei um número seguro por mensagem de texto no qual conseguirão falar comigo. Se conseguirem sinal, quero dizer.

Purna olhou para Sam e ergueu as sobrancelhas, como se perguntando silenciosamente o que ele pensava. A expressão de resposta de Sam parecia dizer: *Acho que tudo bem*.

— Então? — perguntou White. — Vocês virão?

Purna umedeceu os lábios.

— Vamos pensar a respeito — respondeu ela finalmente.

Capítulo 13
PARA DENTRO DAS ÁRVORES

— Eu costumava pensar que atirar em zumbis seria divertido, mas isso é sinistro, cara.

— Quer trocar de lugar, me deixar assumir por um tempo? — perguntou Sam.

Logan pareceu tentado, mas balançou a cabeça.

— Acho que não. Você já vez sua parte por enquanto. Jamais achei que acabaria dizendo isto, mas acredito que devo assumir minha parcela de responsabilidade.

Depois de deixarem Sinamoi com algumas provisões e duas armas, Sam, Purna, Xian Mei, Logan e Jin agradeceram ao salva-vidas por tudo o que havia feito por eles e se despediram. Inicialmente, Logan havia tentado persuadir Sinamoi a ir junto, mas ele preferira ficar para trás. Baixinho, Xian Mei havia perguntado a Jin se ela queria ficar com o salva-vidas, mas a garota não concordava.

— Achei que você preferiria ficar perto de seu pai — falou Xian Mei.

— De que adiantaria? — replicou Jin, direta. — Ele está morto.

Xian Mei ficara chocada com o derrotismo das palavras de Jin.

— Não dá para ter certeza disso.

— O mundo é cruel — falou Jin com o rosto impassível. — Não há mais

esperança para nenhum de nós.

Xian Mei ficara incomodada com o quanto a visão da garota havia mudado com o recém-encontrado niilismo. Quando a tinham conhecido, Jin era solidária, esperançosa, estava ansiosa para ajudar as pessoas, mas no espaço de poucas horas, a fé e o otimismo da jovem tinham sido destruídos e o mundo dela, despedaçado.

— Talvez esse homem, Ryder White, nos ajude a encontrar um antídoto — assegurou-a Xian Mei. — Talvez então possamos ajudar seu pai.

— Papai terá morrido a essa altura — disse Jin. — Esse vírus é impiedoso.

Para chegar à estrada que os levaria à selva, o grupo precisava passar novamente pela área do resort, o que significava atravessar pelo menos parte da altamente populosa rua principal. Purna esperava que conseguissem fazer o que quase haviam feito da última vez — passar sem serem detectados. No entanto, não seria possível. Ou os infectados eram capazes de reter algumas memórias ou Sam, Purna e os outros tinham simplesmente sido azarados o suficiente nesta ocasião para serem imediatamente percebidos.

Qualquer que fosse o motivo, assim que a van embicou no cruzamento que dava para a rua principal, os infectados começaram a se virar, quase simultaneamente, na direção deles.

— Merda! — exclamou Logan, que testemunhava os infectados em massa pela primeira vez. — Vejo que nossos problemas ficaram muito maiores desde ontem à noite.

— Teremos de abrir caminho atirando desta vez — disse Purna —, ou seremos engolidos pela multidão. Logan, Xian Mei, estão prontos?

Eles assentiram e cada um ergueu o fuzil em prontidão enquanto Purna pressionava os botões localizados na porta do motorista, que automaticamente abaixaram as duas janelas da frente. Assim que surgiu um espaço grande o bastante, Logan e Xian Mei atravessaram as pontas dos canos dos fuzis e começaram a atirar.

As armas automáticas abriram um rastro através dos zumbis que se

aproximavam dos dois lados. Pedaços de carne, ossos ensanguentados e roupas rasgadas preencheram o ar como confete grotesco conforme a primeira onda do arrastão de mortos caía e era casualmente atropelada pelas hordas enfurecidas que vinham atrás.

Purna, enquanto isso, pisou fundo o acelerador, disparando para a frente, usando o veículo como um aríete. Zumbis eram atirados para o lado ou derrubados ao chão e esmagados sob os pneus. Alguns conseguiram subir no capô da van e um deles — um adolescente magricela com cabelos longos ensebados e o rosto cheio de acne — conseguiu se arrastar até o teto. Ele ficou ali por um minuto inteiro, ou mais, antes que uma freada particularmente violenta o mandasse girando para a multidão como um artista que mergulha do palco em um show de rock.

Finalmente, no entanto, o grupo passou pelo pior e Purna conseguiu tirar o pé do acelerador. As janelas e a lataria da van estavam borrifadas com sangue já coagulado. Logan e Xian Mei recolheram as armas e Purna fechou as janelas.

Sam, sentado em uma pilha de caixas na parte traseira, reparou que Logan tremia um pouco.

— Você está bem, cara? — perguntou o rapper, baixinho.

Logan fez que sim.

— É só adrenalina. Ficarei bem em um minuto. — Ele respirou fundo. — Nossa, nunca vi nada como aquilo antes. Foi totalmente...

— Insano? — sugeriu Sam.

— Insano — concordou Logan.

Conforme deixavam para trás a área do resort, a estrada se estreitava e a vegetação tropical exuberante que cobria oitenta por cento da ilha começou a se adensar dos dois lados. Aves do paraíso deslumbrantes tagarelavam nas copas das árvores e, em certo ponto, eles viraram em uma curva e viram um grupo de macacos que relaxavam na estrada empoeirada como fãs aproveitando o sol em um festival de música.

À medida que a civilização ficava cada vez mais distante, um silêncio recaía

sobre o grupo — em parte para autorreflexão, em parte pelo cansaço e em parte devido a um senso de choque tardio devido à maneira abrupta com que o mundo havia, irrevogavelmente, se alterado. Na parte de trás da van, sentado entre o saque de armas e provisões, Sam fechou os olhos, de repente tomado por uma onda imensa de letargia. Apaziguado pelo ronco do motor, ele sentiu os pensamentos se esvaindo, as imagens difíceis das últimas horas se apagando e indo embora. A escuridão emergiu e o encontrou, e Sam caiu, grato, sob a superfície dela.

Parecia que não havia se passado tempo algum quando alguém o cutucou para acordá-lo.

— Hã? — disse Sam, incerto por um momento de onde estava. — O que está acontecendo?

— Acho que chegamos — falou Xian Mei, a voz dela saía sussurrada, como se solene.

— Já? — murmurou Sam.

— Você ficou duas horas apagado, cara — disse Logan. — Como a Bela Adormecida.

Sam esfregou o rosto vigorosamente com as mãos para se despertar e se espreguiçou para aliviar a rigidez nas costas. Ao virar para olhar entre os assentos dianteiros pelo para-brisa, ele viu que a selva havia sido cortada rente dos dois lados da estrada e que a clareira ampla e empoeirada era flanqueada por uma coleção aleatória de casas. A maioria delas era de construções de um andar, robustas e com estrutura de madeira, embora várias tivessem sido erguidas sobre alicerces de madeira semelhantes a pilares, talvez por razões de prestígio ou como medida preventiva contra a invasão de cobras e insetos venenosos. As paredes eram isoladas com lama compactada seca, que era de um cinza pálido, quase branco, e os tetos eram cobertos por feixes grossos de capim-sapê amarelados pela queima e o ressecamento do sol.

Cabras soltas e galináceos selvagens perambulavam, distraídos, entre crianças e adultos que executavam diversas tarefas a céu aberto. Sam viu mulheres

descascando, moendo milho ou lavando roupas. Viu homens consertando ou fazendo diversos implementos nas casas; um até mesmo reparando uma motocicleta antiga e aos pedaços. Conforme passaram de van, quase todos pararam o que estavam fazendo e se viraram para olhar para o grupo. A maioria das pessoas vestia uma coleção surrada de roupas ocidentais que pareciam ter sido doadas por alguma caridade. No entanto, alguns — quase sempre mulheres — vestiam trajes esvoaçantes de cores vibrantes, os quais haviam, obviamente, confeccionado eles mesmos ou comprado no local.

A impressão geral era de serem um povo no limiar da sociedade moderna, uma comunidade com um pé na era tecnológica e o outro ainda firmemente plantado em tradições tribais antigas.

— Então, como encontramos esse tal de Mowen? — perguntou Logan.

— Sugiro que perguntemos a alguém — respondeu Purna.

— Por que não tentamos aqui? — disse Xian Mei, apontando para um prédio que se erguia à esquerda deles.

Era uma construção de madeira aos pedaços, com degraus que davam para uma varanda com dossel. Aquilo lembrava Sam de algumas das casas construídas à beira de rios pantanosos no lugar de onde vinha, casas cuja reputação dizia serem habitadas por sacerdotes e sacerdotisas de vodu, cercadas constantemente por ramos de folhas de árvores que pendiam erguidas sobre pântanos infestados de jacarés. Aquela construção em particular, no entanto, tinha uma placa esbranquiçada pelo sol que dizia simplesmente LOJA, pendurada em correntes enferrujadas no dossel de madeira. Outra placa — essa de metal e parafusada à porta — estampava um orgulhoso VENDEMOS COCA-COLA iluminado.

Purna deu de ombros e estacionou ao lado de um guincho plataforma azul-claro que parecia ter sido novo nos anos 1950. Os cinco saíram da van, espreguiçando-se e resmungando, ainda com uma consciência desconfortável de que eram inocente e silenciosamente avaliados pela população local, mas tentando ignorar o fato.

Logan caminhou até o lado de Sam.

— Ei, cara, já se sentiu como uma virgem em uma convenção de estupradores?

— Cale a boca — ciciou Sam, olhando ansioso para Jin.

Ao perceber o que tinha dito, Logan levou uma das mãos à boca.

— Foi mal, cara, esqueci — murmurou ele.

O grupo subiu os degraus da loja marchando, Purna à frente. Embora soubesse que elas não teriam causado exatamente uma boa impressão, Sam se sentiu um pouco nervoso por ter que deixar as armas na van.

O interior da loja estava surpreendentemente bem suprido. Havia enlatados, caixas de frutas maduras demais, diversas carnes-secas embalados com plástico transparente para manter as moscas afastadas e um freezer de bebidas vertical que, de fato, continha latas de Coca-Cola, assim como Sprite, 7-Up e Fanta de limão. Havia até mesmo um antigo display giratório de livros, com exemplares com dobras nas orelhas que pareciam ter sido transportados para lá dos anos 1970. Folheando-os rapidamente, Logan reconheceu autores que seus pais costumavam ler — Harold Robbins, Nevil Shute —, assim como um romance que *ele* havia lido na escola (provavelmente o único romance que havia lido na época), *The Wolfen*, de Whitley Strieber.

De pé atrás do balcão estava um senhor negro desengonçado, com um círculo de cabelos brancos e uma barba espessa e embaraçada. Os braços dele eram tão magros que faziam com que suas mãos, calejadas pelo trabalho, parecessem enormes. Ele observou-os com cautela, sem dizer nada. Purna sorriu e caminhou até ele.

— Oi — disse ela. — Fala inglês?

O homem apenas a encarou.

— Estamos procurando por uma pessoa — falou Xian Mei. — Um homem chamado Mowen. O senhor o conhece?

O negro franziu a testa de leve.

— Mo-wen — repetiu Logan, separando as sílabas do nome e enfatizando cada uma. Ele ergueu as mãos e sorriu. — Está tudo bem. Somos amigos.

— Não faça isso, cara — murmurou Sam. — Faz você parecer mais psicopata do que já parece.

Para a surpresa de todos, Jin, de súbito, deu um passo à frente e falou algumas palavras em uma língua que eles não conheciam. O homem respondeu com algumas palavras, então se virou e enfiou a cabeça por uma cortina azul em frangalhos que cobria uma porta nos fundos do balcão.

Ele gritou uma palavra que soava como "Afreela".

— O que ele está fazendo? — disse Logan.

A pergunta foi respondida um momento depois pela presença de um garoto de 12 ou 13 anos. A semelhança familiar era óbvia. O garoto era tão desengonçado quanto o homem e a estrutura óssea do rosto lhe conferia o mesmo nariz pontiagudo, as bochechas fundas e um maxilar forte. O garoto se mostrou tenso assim que viu os recém-chegados, seus olhos se arregalaram e ficaram desconfiados. O senhor falou algumas palavras rápidas para o jovem, uma das quais foi "Mowen". O garoto fez que sim rapidamente, deu meia-volta, cauteloso, atrás do balcão, então disparou para fora da loja, como se esperasse ser desafiado ou perseguido.

Jin falou mais algumas palavras para o homem, que resmungou em resposta.

— O que você disse? — perguntou Purna.

— Falei que esperaríamos do lado de fora.

— Diga que não estamos aqui para causar problemas — pediu Purna.

— Já falei. Acho que ele não acredita em mim.

Logan comprou refrigerantes e o grupo, em pé na varanda, bebia enquanto esperava que o garoto retornasse com Mowen.

— Por que estão nos encarando, porra? — disse Logan, nervoso, olhando para o grande número de locais que ainda estava sentado ou de pé por perto, observando os recém-chegados com um tipo de curiosidade inexpressiva.

— Já *viu* nosso estado? — disse Sam. — Já *viu* o estado da van?

Logan franziu a testa e olhou de Sam para as garotas, então para o meio de transporte deles, como se os enxergasse pela primeira vez. O ex-jogador percebeu

que para alguém que não fizesse ideia do que estava acontecendo, a van enrugada, amassada e coberta de sangue e também a aparência igualmente manchada por vísceras do grupo devia ser uma visão alarmante. Os cinco e o leal veículo pareciam ter acabado de emergir de um campo de batalha medieval.

— Entendo o que quer dizer — falou Logan, então acenou com a cabeça para Sam com um brilho nos olhos. — Está falando dessa bandana idiota, não é?

Não era a primeira vez que Sam mostrava o dedo médio para ele. Logan gargalhou.

Passaram-se vinte minutos até que o garoto retornasse com um homem negro, alto e esguio de 30 e poucos anos. O menino gaguejou algumas palavras para o homem e então lançou um olhar assustado na direção do grupo, antes de caminhar em torno deles formando um círculo grande e disparar para dentro da loja.

— Ei, garoto — gritou Logan, atrás do menino —, não vamos machucá-lo. Não somos tão ruins quanto... Ah, de que adianta?

— Ele acha você amaldiçoado — falou o homem que acompanhara o menino. A voz dele tinha um sotaque carregado. — *Todos* acham vocês amaldiçoados. — Os olhos do sujeito se escondiam atrás de óculos espelhados, e a cabeça dele parecia uma massa de *dreadlocks* pretos que cascateavam sobre os ombros. Ele usava botas, calças militares e uma camiseta, e carregava um fuzil em uma alça sobre o ombro.

— Mas você não? — perguntou Purna.

O homem contraiu os lábios, como se sentisse parcialmente divertido e parcialmente insultado.

— Eu homem civilizado. Sei as coisas. — Ele inclinou a cabeça na direção de Purna, como se lançasse uma pergunta. — Querem falar comigo?

Purna fez que sim.

— Um homem chamado Ryder White nos enviou para te encontrar. Ele disse que tem um barco e que nos levaria para fora da ilha, até a prisão.

Mowen podia os considerar amaldiçoados, mas os olhava com a mesma

sinceridade que o restante dos aldeões. Embora não conseguissem ver os olhos dele, os movimentos da cabeça de Mowen sugeriam que seu olhar estava se mexendo, vagarosamente, entre os membros do grupo, como se avaliando as forças e fraquezas individuais de cada um.

Finalmente, ele falou:

— Por que querem sair da ilha?

— O paraíso está um pouco verde demais para nós, cara — disse Logan.

Purna franziu a testa para ele, um aviso silencioso de que aquela não era a hora para frivolidades.

— Há uma doença — disse ela. — Está afetando a todos. Tornando-os... Loucos. — Purna demonstrou isso ao fazer um gesto circular com as mãos ao lado da cabeça.

Mowen não pareceu impressionado.

— Sei de doença. Muito ruim para negócios.

— Qual *é* o seu negócio? — perguntou Sam.

Mowen se virou casualmente para observá-lo, a expressão no rosto implacável.

— Eu compro coisas. Vendo coisas. — Ele parou, então acrescentou, como uma ponderação: — Ajudo muita gente.

— Pode nos ajudar? — perguntou Purna.

Mowen deu de ombros.

— Por que deveria?

— Porque Ryder White disse que você ajudaria — respondeu Purna com firmeza.

Os lábios de Mowen se contorceram com descaso, como se aquele argumento não tivesse qualquer efeito sobre ele.

— Muito perigoso. Nenhuma vantagem para mim.

Purna pareceu pensativa por um momento, como se decidindo o que deveria contar a ele. Finalmente, falou:

— Você diz que essa doença é ruim para os negócios?

Mowen confirmou.

— Se chegarmos à prisão — continuou Purna —, há uma chance de conseguirmos impedir essa doença. Curá-la.

— Por que vão à prisão? — perguntou Mowen. — Por que não vão ao lugar na selva?

Purna piscou.

— *Que* lugar na selva?

Mowen gesticulou vagamente com a mão.

— É fundo. Perto da aldeia Kuruni. Tem médico lá. É lugar de... Como dizem... Ciência?

— Como um laboratório? — sugeriu Xian Mei.

— Laboratório, sim. Médico lá... *Ele* começou isso.

— Está dizendo que há um laboratório na selva e que o médico de lá *começou* esse vírus? Essa doença? — perguntou Sam.

Mowen assentiu como se fosse óbvio.

— Como sabe disso? — perguntou Purna.

Mowen fez uma careta como se a jovem estivesse sendo ingênua.

— *Eu* sei. *Todo mundo* sabe.

Purna o encarou.

— Espere um minuto — disse ela, erguendo uma das mãos. — Não saia daí.

Purna se virou e caminhou algumas dezenas de passos para longe do grupo, então tirou o celular do bolso. O sinal não era ótimo, mas ela esperava que fosse bom o suficiente. Purna digitou o número que Ryder White mandara por mensagem de texto mais cedo.

Depois de apenas um toque, a voz entrecortada de White atendeu:

— Sim?

O mais concisamente possível, Purna contou o que Mowen dissera.

Agitado, White perguntou:

— Ele levará vocês até lá?

— Mowen parece relutante. Quer saber o que ganhará com isso.

— Diga que pagarei o que quiser. Ele já trabalhou para mim e sabe que pode confiar em minha palavra. O tempo pode estar se esgotando, mas dinheiro é algo que *não* me falta.

— Pode dar em nada — falou Purna.

— Ou pode ser exatamente o que preciso... O que *todos* precisamos. É uma pista boa demais para ignorar, apesar do tempo extra envolvido.

— Tudo bem — falou Purna. — Qual é o estado de sua mulher, aliás?

— Deteriorando-se. Mas estável o bastante por enquanto. Ouça, mantenha contato, está bem? Mantenha-me informado do que está acontecendo.

— Se eu puder — disse Purna, e desligou.

Capítulo 14
CIENTISTA LOUCO

A viagem até o laboratório levaria quase três horas.

Porque não precisavam todos ir, e porque nenhum deles ficaria feliz em deixar a van descuidada, havia sido decidido que Xian Mei ficaria para trás com Jin.

O barco de Mowen era um pequeno rebocador que pertencera ao exército. Ele atravessou as rotas fluviais com habilidade, orgulhoso, em pé na embarcação como um capitão pirata em mar aberto. De vez em quando, Mowen puxava o fuzil do ombro para atirar no que Logan primeiro acreditara serem troncos boiando.

— Os filhos da puta parecem amigáveis, não é?

— Crocodilos — explicou Mowen. — Atirei para terem medo. Se têm medo, não atacam.

Em vários trechos as rotas fluviais não passavam de canais escuros, estreitos e pantanosos entre túneis densos de cipós e trepadeiras; em outros momentos, as margens se alargavam e as copas das árvores que pendiam sobre eles se separavam como portas deslizantes para permitir uma ampla vista azul do céu. Mowen ficara feliz porque Purna, Sam e Logan haviam levado as armas, e, de fato, parecia consideravelmente relaxado com relação à empreitada toda, apesar da hesitação inicial. Purna o observava de perto o tempo todo, os olhos

semicerrados, como se não confiasse de verdade nele.

De sua parte, embora se sentisse um pouco desconfortável em relação a se aventurar em território desconhecido, Sam estava apenas feliz por dar um tempo da raiva e da fome inextinguíveis dos infectados. E embora inicialmente tivesse achado que Logan era um babaca mimado e amargurado, o rapper estava agora contente com sua companhia. De um modo esquisito, o que acontecera tinha, de fato, sido bom para Logan, ou pelo menos o exibira sob uma luz mais favorável. Privado das drogas e do álcool dos quais, evidentemente, passara a se tornar dependente desde que se acidentara, e com algo além dos próprios problemas com que se preocupar, o ex-astro do futebol americano se provara uma companhia bem-humorada e agradável. Podia-se confiar em Logan para manter a animação das pessoas com uma piada ou um comentário irreverente quando as coisas ficavam pesadas demais. Sam achava que até Purna gostava de ter Logan por perto, embora a australiana fosse difícil de compreender — mais difícil até, de certa forma, do que Mowen, apesar dos óculos espelhados que o comerciante usava e do seu domínio inseguro do idioma.

Finalmente, chegaram a um pequeno cais no meio da selva, no qual Mowen amarrara o barco.

— Agora, caminhamos — dissera ele, ao gesticular para dentro da selva.

— Qual a distância? — perguntara Purna.

Mowen deu de ombros.

— Uma hora, talvez.

Seguindo a recomendação de Mowen, cada um levara uma mochila com provisões, as quais carregavam às costas, e um facão para abrir caminho pela selva. Mowen liderara o caminho em um ritmo ágil, apontando, ocasionalmente, para perigos que deveriam evitar — cobras, aranhas e plantas que queimariam, coçariam ou, de alguma forma, irritariam a pele. Não se passou muito tempo até que Sam e Logan estivessem pingando de suor, e mesmo a pele impecavelmente marrom de Purna reluzia com uma fina camada de transpiração. Somente Mowen, à frente deles, parecia relativamente alheio, embora, enquanto Sam

usava a bandana para limpar o suor da testa pela, talvez, vigésima vez, ele tivesse se sentido grato ao notar um pequeno triângulo úmido se formar nas costas da camiseta de Mowen, entre as escápulas.

Parecia ter sido, consideravelmente, uma caminhada de mais de uma hora antes de finalmente chegarem ao "laboratório". O que nele mais surpreendeu Sam foi o modo como surgiu, sem qualquer aviso prévio. Em um minuto marchavam pela selva espessa, cortando a vegetação rasteira no caminho, e no seguinte estavam parados à borda de uma clareira onde uns bons 2 mil metros quadrados ou mais de árvores e arbustos tinham, simplesmente, sido extraídos, como se por um raio de energia devastadoramente corrosivo de uma nave alienígena passageira.

O "laboratório" abarcava um aglomerado de construções pré-fabricadas cinzentas e feias, cercadas por todos os lados por uma cerca de segurança inteiriça com 3 metros de altura. Seguranças armados, vestidos com fardas de combate pretas e bonés de beisebol pretos, apesar do calor, patrulhavam o perímetro. Preso ao boné de cada um dos vigias havia um fone e um microfone. Escondidos atrás de arbustos à borda da clareira, Mowen, Purna, Sam e Logan passaram um minuto ou mais observando os procedimentos. Logan fez um comentário sarcástico sobre a aparente afabilidade — ou falta dela — dos sentinelas, mas ninguém respondeu. Em vez disso, Mowen ergueu uma das mãos e sussurrou:

— Esperem aqui um momento.

— Por quê? O que vai fazer? — perguntou Purna, desconfiada.

— Eu falo com eles — disse Mowen, e bateu no peito com a palma da mão. — Eles me conhecem.

Antes que alguém pudesse responder, Mowen se levantou e caminhou para fora dos arbustos. Imediatamente, meia dúzia de fuzis AK 47 se ergueram e se viraram para apontar para ele, mas Mowen pareceu despreocupado. Ele simplesmente ergueu as mãos e caminhou adiante, e depois de alguns segundos, somente duas armas estavam erguidas. Purna, Sam e Logan observaram

enquanto os vigias, silenciosamente, viam Mowen se aproximar. O comerciante foi direto até a cerca e começou a falar com um dos dois vigias que ainda empunhava a arma.

— O que ele está dizendo? — sibilou Sam.

— Não sei — respondeu Purna, obviamente insatisfeita com o fato. — Não consigo ouvir.

A conversa murmurada continuou por talvez mais trinta segundos, então o vigia se virou e o grupo o viu falando, compenetrado, ao microfone. Finalmente, o homem retornou a Mowen para relatar que instruções recebera — nesse instante, Mowen se virou e fez um gesto para que o grupo se aproximasse.

— Saiam — gritou ele. — Está tudo bem.

Estava claro pelo rosto de Purna que ela não estava feliz com a situação, mas se levantou e caminhou até a clareira.

— Bem, não custa tentar — murmurou Logan para Sam conforme os dois se levantavam para segui-la.

Imediatamente, as armas, que tinham sido abaixadas quando os vigias reconhecerem Mowen, se ergueram de novo.

— Mãos ao alto! — gritou um dos vigias, um homem de pele morena com um bigode preto espesso.

Os três obedeceram, mas, enquanto caminhavam para a frente, Purna murmurou pelo canto da boca:

— É melhor não pedirem para a gente deixar nossas armas.

Sam não tinha certeza absoluta do que ela queria dizer com aquilo. Será que preferiria cair lutando a ser rendida indefesa? Ele esperava que não.

Ao compreender a desconfiança no rosto de Purna, Mowen fez um gesto apaziguador com as mãos e falou:

— Está bom. Tudo legal. — Ele se virou para uma troca de palavras incompleta com o homem de bigode, então se virou e falou: — Podem abaixar mãos.

O grupo obedeceu, mas Purna ainda parecia desconfiada, movendo-se de

maneira calculada e precavida, os músculos nos braços e pernas rígidos pela tensão. Os olhos desviavam para a esquerda e para a direita, absorvendo cada pequeno movimento dos homens armados do outro lado da cerca. Ela lembrava Sam um enorme felino, um puma ou uma pantera, cauteloso em relação aos captores humanos, ou talvez até mesmo em relação àqueles que tentavam lhe devolver à liberdade.

O segurança de bigode indicava com a arma que deveriam se mover para a direita. Sam imaginou por que, então viu que havia uma porta cerca de 10 metros naquela direção. Além do portão, um túnel gradeado dava para outro portão. O grupo foi apressado, um de cada vez, Purna primeiro, então Sam, depois Logan. O vigia de bigode apontou para a arma de Purna e falou algo que ela não compreendeu. Ela balançou a cabeça e se virou para Mowen, que ainda estava de pé do outro lado da cerca.

— Diga a ele que não vamos deixar nossas armas — falou Purna. — São tudo o que temos aqui fora.

Obedientemente, Mowen assentiu, e, de novo, uma conversa irrompeu entre os dois homens. Então o vigia de bigode deu de ombros e Mowen se virou para Purna.

— Ele diz tudo bem. Mas vocês deixam elas nas costas. Não tocam nelas.

— Não tocaremos nelas a não ser que precisemos — murmurou Purna.

Logan foi o último a ser apressado pelo túnel gradeado. Quando percebeu que o vigia trancava o portão atrás de si, ele se virou para Mowen.

— Você não vem?

— Espero aqui. Vocês convidados de honra. Eu...? — Ele deu de ombros e gargalhou.

— Não gosto disso — murmurou Purna quando o segurança de bigode indicou que deveriam segui-lo e mais quatro vigias ladearam o grupo, dois de cada lado. — Está acontecendo algo que desconhecemos.

— Apenas vá com calma — disse Sam. — Se fossem fazer alguma coisa ruim, já teriam feito.

— Não necessariamente — respondeu ela. — Somos imunes, lembre-se. Isso nos torna valiosos.

— Sim, mas *eles* não sabem que somos imunes — disse Logan.

— Não mesmo? — murmurou Purna de modo sombrio.

O grupo foi levado a uma porta na parede de um dos prédios cinza, onde o sentinela de bigode apertou um botão e falou para uma grade metálica ao lado dele. Depois de um momento, ouviu-se um zumbido e a porta fez um clique ao se abrir. O segurança de bigode os levou por um corredor vazio e estreito, e dali até uma série de salas interconectadas de pé-direito baixo. Elas lembravam Logan a base claustrofóbica na Antártica de um de seus filmes preferidos, *O enigma de outro mundo*.

Finalmente, passaram por outra porta e se viram em um laboratório bem equipado, cuja quase totalidade de uma das paredes estava tomada de pilhas de gaiolas estreitas que continham uma variedade de animais — macacos, pequenos cangurus, ratos. Percorrendo as três paredes restantes havia um balcão na altura da cintura amontoado com itens de equipamento *high-tech* reluzente e diversos computadores. Em cada uma das telas eram exibidos gráficos ou diagramas, ou apenas tabelas de dados oscilantes.

Examinando as leituras em um equipamento que, para Sam, parecia algum tipo de máquina de cappuccino superelaborada, estava um homem magricela de cerca de 30 anos com cabelos loiros esbranquiçados cortados bem rentes. Embora vestisse um jaleco branco, não combinava em nada com o conceito de Sam para cientista louco. O rapper esperava alguém mais velho, com cabelos arrepiados e talvez óculos apoiados sobre a testa. Aquele cara, no entanto, parecia mais um montanhista ou um corredor de maratona. Quando entraram no quarto, o cientista se virou rapidamente para olhar para o grupo, os olhos tão assustadoramente pálidos e azuis que, por um momento, o sujeito pareceu quase de outro mundo. Então sorriu e disparou para o outro lado da sala com a mão esticada.

— Bem-vindos! Bem-vindos! Sou o Dr. West. Que bom ter visitantes. Neste

isolamento, isso acontece muito raramente.

Dos três, Sam foi aquele que, automaticamente, estendeu a mão. O aperto do cientista era surpreendentemente forte.

— Qual é a dos animais? — perguntou Logan.

Por um momento, o sorriso de West titubeou e ele olhou para o vigia de bigode.

— Algo errado? — perguntou Purna.

— Fui informado de que vocês tinham vindo até aqui com Mowen? E que tinham informações importantes sobre o recente surto de um vírus na cidade?

— É basicamente isso — disse Sam. — E daí?

West olhou para Logan, com os olhos penetrantes.

— Então por que me perguntam sobre os animais?

Perplexo, Logan deu de ombros.

— Só perguntando. Ei, não é nada de mais. Não precisa responder se não quiser.

O rosto e o corpo de West permaneceram tensos por mais alguns segundos, então ele relaxou, os ombros se encurvaram.

— Perdoe-me — disse ele. — Achei por um momento que tinham entrado aqui sob falsos pretextos.

— Que falsos pretextos seriam esses? — perguntou Purna.

West olhou para os animais enjaulados quase com culpa.

— Bem... A natureza da minha pesquisa nem sempre atende à... Digamos "aprovação universal"?

— Você é um vivisseccionista? — perguntou Purna com frieza.

West se encolheu.

— Por favor. Essa palavra é tão emotiva.

— De que chamaria?

— Sou um cientista pesquisador. Estou atualmente comprometido com um programa de teste de cosméticos.

— Em animais? — perguntou Sam.

— Preferiria que eu usasse seres humanos? — disparou West.

Sam deu de ombros. Experimentos com animais não era algo que ele aprovasse, exatamente, mas também não tinha tanta vontade de comprometer o doutor em um debate moral.

— Ei, cada um faz o que precisa — murmurou ele. — As coisas devem ser testadas de alguma forma, acho.

— Exatamente — falou West. — Mas tente dizer isso aos ativistas protetores de animais. — Talvez, ao perceber que ficava emotivo demais, West fez um esforço evidente para relaxar, e, finalmente, conseguiu dar um sorriso contraído e retorcido. — É por isso que estamos aqui isolados no... Ah... Meio do mato.

— Esse é o único motivo? — perguntou Purna.

A expressão de West agora era de confusão educada.

— O que quer dizer?

— Esse vírus sobre o qual viemos falar — disse Purna. — Tem pessoas lá fora que alegam que você é responsável por ele.

West gargalhou.

— Alegam, é? Bem, essa é nova, devo dizer.

— Foi o próprio Mowen que afirmou que se originava daqui. Ele nos disse que era de conhecimento geral entre os habitantes locais.

— O cientista louco à espreita no esconderijo na selva, liberando todo tipo de monstruosidades no mundo? — falou West, e gargalhou de novo, por mais tempo e mais alto dessa vez. — Creio que os habitantes locais sejam um grupo supersticioso. Não confiam em nada que não conhecem.

— Mas você sabe *alguma* coisa sobre o vírus, não sabe? — insistiu Purna, o tom de voz quase acusatório. — Se não, por que teria ficado tão ansioso para nos ver?

— Talvez seja só porque desejo companhia. Aqui fica *terrivelmente* solitário, sabem.

Purna deu um sorriso curto.

— Acha realmente que somos burros assim, Dr. West?

Mais uma gargalhada para os desarmar.

— É claro que não. Estava curioso, só isso. Por que os três viriam até aqui para conversar sobre um vírus endêmico à população local? E me pareceu tão esquisito que sequer soubessem sobre tal coisa. E então, é claro, há a questão da sua aparência. — Ele gesticulou na direção dos três. — Raoul me informou que vocês pareciam ter surgido de uma batalha de trincheiras. E estava certo.

Purna encarou o cientista dura e longamente.

— Você *realmente* não sabe o que está acontecendo?

— As redes de comunicação não são confiáveis aqui, na melhor das ocasiões. Durante as últimas 24 horas não têm funcionado.

— Ah, cara, você vai ficar chocado — disse Logan.

West franziu a testa.

— Por quê? O *que* aconteceu?

Sam olhou para os colegas e inspirou longa e exaustivamente.

— Quem começa?

Eles passaram os trinta minutos seguintes deixando West a par dos eventos sombrios das últimas 24 horas. O cientista reagiu com horror e choque, mas não pareceu *tão* surpreso quanto o grupo esperava. Quando Purna o questionou a respeito, ele respondeu:

— Confesso que estava ciente do vírus, e preocupado com o fato de que se *espalharia*, em algum momento, pela população geral. Mas, preciso dizer: o que acabam de descrever vai muito além de qualquer das piores expectativas que eu poderia ter previsto. Quando cheguei aqui, há seis meses, uma delegação dos Kuruni, a tribo local, me pediu que examinasse um homem que sofria do vírus. Pelo que pude perceber, os Kuruni são afetados por ele há gerações, e quase já o consideravam normal. É uma doença cumulativa que pode surgir a qualquer momento durante a vida adulta de um homem ou uma mulher da tribo, e, por fim, leva à demência e à morte. No entanto, o que os Kuruni pareciam me contar era que, recentemente, a natureza do vírus havia mudado, e que, de alguma forma, os aldeões que morriam dele *voltavam* dos mortos como... Não sei...

Demônios? Espíritos malignos? Para ser sincero, considerei grande parte do que eles diziam como fantasioso; simplesmente presumi que estavam interpretando histericamente os sintomas de demência extrema como algum tipo de... abracadabra sobrenatural. De toda forma, examinei o sangue do homem e descobri que os sintomas dele eram reminiscências de Kuru, uma doença causada por príons que afeta o cérebro. Para colocar nos termos mais básicos, é uma versão humana do Mal da Vaca Louca, seja acredita-se que é causada pelo canibalismo.

— Canibalismo? — repetiu Logan.

West fez que sim.

— Os Kuruni são canibais; têm sido há gerações — o cientista hesitou, então falou: — Embora eu tenha conseguido separar e identificar o vírus, o que me perturbou particularmente em relação a ele foi o fato de não ser apenas altamente contagioso, mas também instável e em constante mutação. No entanto, a coisa mais intrigante era: por que, considerando que o vírus era tão contagioso, a população dos Kuruni inteira não tinha, havia muito tempo, sido dizimada por ele?

— Tinham uma imunidade natural, é o que quer dizer? — perguntou Purna.

— Nem todos, mas uma proporção significativa da tribo, sim.

— Como nós — falou Sam.

— Então, o que o impede de pegar uma amostra de nosso sangue e fazer uma vacina rápida aqui e agora? — perguntou Logan.

West sorriu.

— Talvez eu conseguisse, se tivesse uma forma estável do vírus. A questão é que sua imunidade pode ser simplesmente uma anomalia, algo que funciona para vocês, mas não necessariamente para todo mundo.

— Então, de que precisaria para maximizar as chances de criar uma vacina eficiente? — perguntou Purna.

— Idealmente, uma amostra de sangue de um aldeão Kuruni imune, no qual o significante genético fosse dominante e, portanto, inconfundível, além de uma

amostra de uma forma estável do vírus.

— Uma forma estável? — disse Logan. — O que *isso* significa?

— Significa uma forma que ainda não chegou ao estágio no qual esteja constantemente em mutação.

— De alguém que morreu há algum tempo, quer dizer? — concluiu Purna.

West assentiu.

— Então, quando diz "há algum tempo" — esclareceu Sam —, de quanto tempo estamos falando exatamente?

West deu de ombros.

— Um ano. Talvez dois para ter certeza.

Sam pareceu atônito.

— Então precisa de uma amostra de sangue de aldeão imune, *e também* de uma amostra de sangue de um cara que morreu do vírus há dois anos?

— A forma estável do vírus não precisa ser uma amostra de sangue — replicou West. — Qualquer amostra de DNA serviria.

— Ah, por que não disse *antes*? — falou Sam com ironia carregada. — Isso é *fácil*. Só precisamos desenterrar um maluco aí e cortar o dedo ou algo assim.

— Então, se conseguirmos essas coisas para você — disse Purna —, estaria disposto a desenvolver uma vacina?

— Eu estaria disposto a *tentar*, é claro — respondeu West —, mas não haveria garantias de que seria bem-sucedido.

— Mas quanto tempo levaria? — perguntou Purna. — Não costuma levar meses para que um laboratório desenvolva essas coisas?

— Pode ser — respondeu West, gesticulando vagamente com uma das mãos —, mas tudo depende da natureza da infecção. E já *fiz* alguns estudos, lembrem-se. *Talvez* tenhamos sorte, se vocês puderem me trazer o que preciso.

— Ei, espere um pouco — falou Sam. — Por que *nós* vamos fazer isso? O doutor aqui é amigo desses caras.

West balançou a cabeça.

— Não sou, na verdade, sabem. Posso ter ficado amigo de alguns Kuruni, mas

a maioria deles é hostil. Além disso, não sou imune ao vírus como vocês. Fui extremamente sortudo ao não contraí-lo do Kuruni infectado que examinei. Para minha sorte, o vírus não estava em seu estágio final e mais contagioso na época, e meu contato com o paciente foi mínimo, além de ter sido conduzido sob as mais rigorosas condições do laboratório. Somente mais tarde, quando percebi com o que estava lidando, vi como escapei por pouco.

— Então, deixe-me entender — disse Sam a Purna. — Você quer que a gente entre mais fundo na selva para procurar pela aldeia de uns filhos da puta canibais e malvados, para pedir a eles um pouco de sangue e permissão para não apenas *desenterrar* os parentes mortos deles, mas também *cortá-los em pedacinhos*.

— Quando se coloca dessa forma, faz parecer algo bem ruim — comentou Logan.

Purna deu um sorriso sombrio.

— Qual é o problema? Temos as armas, não temos?

— Nesse caso, iêba — disse Sam.

Capítulo 15
NO CORAÇÃO DAS TREVAS

— Nós paramos aqui. Agora vocês andam.

West havia instruído Raoul, o vigia de bigode, a emprestar ao grupo um dos jipes abertos estacionado em uma clareira menor do lado norte do centro de pesquisas. Mowen dissera a Purna, Sam e Logan que o caminho até a aldeia dos Kuruni tinha sido formado ao longo dos séculos pela passagem de pedestres, não de veículos, e que, portanto, seria estreito e sinuoso, mas caminhável. Quando Purna perguntou por indicações até a aldeia, Mowen a surpreendeu dizendo que havia muitos caminhos, e que o grupo rapidamente se perderia sem ele.

— Mas é perigoso demais para você vir com a gente — disse Purna. — Há doença na aldeia.

Mowen sorriu e bateu no peito.

— Não vou ficar doente — garantiu.

A princípio, Purna imaginou se ele não seria imune como o resto do grupo, mas quando, depois de uma viagem intervalada durante a qual o grupo precisou sair do jipe dezenas de vezes para abrir caminho pela vegetação densa, Mowen desligou o motor e os instruiu a andar, Purna percebeu que o guia quis dizer que não tinha intenção alguma de prosseguir.

— Qual é a distância? — perguntou Purna.

Mowen ergueu as mãos como se a distância não importasse.

— Menos de uma hora.

— E estará aqui quando voltarmos?

Mowen confirmou.

— Sim. Eu espero vocês.

Purna hesitou, e Sam sabia que ela se questionava se deveria avisar o guia sobre o que aconteceria a ele caso os desapontasse. No entanto, no fim, Purna simplesmente falou:

— Tudo bem. Obrigada, Mowen. Vejo você mais tarde.

O grupo começou a caminhar, moscas e mosquitos zumbiam ao redor, e a viagem era acompanhada pelo coro constante de pássaros e insetos. Embora Sam tivesse quase certeza de que ouviriam se um infectado se aproximasse disparado na direção deles pela vegetação rasteira, se perguntou como ele, Purna e Logan ficariam caso os canibais normais começassem a persegui-los. Aquele era o hábitat natural deles, afinal de contas, e apesar de todo o treinamento e atletismo de Purna, os três eram pouco mais do que presas ali. As armas poderiam lhes dar certa porção de segurança e autoridade, mas Sam não podia deixar de pensar que era um reconforto falso. Ele vira aqueles filmes antigos do Tarzan quando criança e sabia como seria fácil derrubar a todos. Um bando de dardos de zarabatanas com as pontas impregnadas de curare nas nucas e seria o fim.

Algo que também o preocupava era o fator tempo. Com o sol ainda alto acima de suas cabeças, era fácil esquecer que já estavam no fim da tarde. Logo, portanto, começaria a escurecer. Se levassem uma hora para caminhar até a aldeia Kuruni e uma hora para voltar, o início da noite chegaria antes que se juntassem a Mowen e ao jipe novamente, e a essa altura o sol desceria com rapidez no horizonte.

Embora Sam realmente não gostasse da ideia de ficar preso na selva à noite, ele guardava seus medos para si. Não havia por que expressá-los até que a possibilidade se tornasse uma realidade. O rapper esperava que tudo desse certo, e, nesse caso, o grupo poderia dormir no centro de pesquisa naquela noite, voltar para a aldeia de Mowen com a vacina pela manhã, então conseguir que o

comerciante levasse todos até a prisão. Com alguma sorte, no dia seguinte, na hora do almoço, estariam sentados em um helicóptero voando para longe daquele lugar de merda.

A primeira indicação de que estavam se aproximando da aldeia foi quando ouviram um leve tagarelar erguido além da cobertura de vegetação à frente. Purna olhou para trás, gesticulando para Sam e Logan se moverem em silêncio, então rastejou para a frente, com o corpo agachado.

Por um minuto ou mais, os ruídos se ergueram e diminuíram, como se carregados pela leve brisa quente que intermitentemente farfalhava as folhas ao redor. Então começaram a se consolidar, adquirir substância. Agora, embora nenhum deles pudesse entender as palavras sendo proferidas, Purna, Sam e Logan conseguiam perceber que as vozes estavam cheias de medo e urgência, e que, sob elas, estavam os grunhidos e gemidos familiares e deprimentes dos infectados.

Quando a qualidade da luz espreitando pelos espaços entre o emaranhado espesso de folhas se tornou mais pungente e menos verde, o grupo soube que se aproximava da borda da selva. Purna olhou para trás mais uma vez, talvez apenas para se certificar de que os companheiros ainda estavam próximos, então se inclinou e, cuidadosamente, ajustou a folhagem, de modo que todos pudessem espiar por elas.

Mais por sorte do que por racionalidade, a abertura que Purna fizera dava vista para um quadro perfeito do que acontecia na aldeia. No fim de uma longa e empoeirada rua alinhada com cabanas cônicas como colmeias de lama e grama, havia um aglomerado de árvores antigas, as quais marcavam a fronteira entre o lado mais distante da aldeia e a continuação da selva. Agachadas nos galhos das árvores havia pelo menos uma dúzia de pessoas, as sombras projetadas pelos galhos de folhas espessas as reduzia a pouco mais do que silhuetas com as cabeças oscilantes. As suas vozes, gritando umas com as outras, estavam cheias de ansiedade e ódio; vozes à beira do — e às vezes transbordando — pânico.

O motivo para a perturbação era óbvio. Reunidos na base das árvores,

esticando os braços para arranhar e se agarrar aos troncos, ou simplesmente ao ar, havia dezenas de infectados. Estavam subindo uns sobre os outros em um esforço de se aproximar da presa em potencial, embora, felizmente, parecessem incapazes de coordenar os pensamentos o suficiente para subir nas árvores por si mesmos. No entanto, sem ajuda, certamente seria questão de tempo até que o que no momento parecia ser a minoria do povo Kuruni ainda não afetada pelo vírus sucumbisse à sede ou à fome ou simplesmente à fadiga, e caísse nas garras do grupo enfurecido abaixo. Pelas evidências, parecia que os eventos ali tinham se transformado de modo súbito e chocante, e que, depois de anos, quem sabe séculos, de convivência com o vírus, o equilíbrio das coisas tivesse se perdido. Os mortos — talvez por simples maioria — tinham instigado algum tipo de golpe sangrento, embora descerebrado.

À exceção dos aldeões que tiveram a sorte e a visão de seguir na única direção segura — para cima, para as árvores —, era óbvio que a tribo Kuruni fora dizimada pelo ataque. Entre a borda da selva, onde Purna, Sam e Logan estavam agachados, e as árvores que forneciam um santuário provisório para os sobreviventes na ponta, havia uma cena que lembrava os resquícios de uma explosão. Dezenas de corpos mutilados estavam caídos em poças de sangue ao longo da rua empoeirada, muitos dos quais sem membros, com a carne rasgada até os ossos ou com os estômagos abertos e as entranhas expostas. A maioria era, permanente e misericordiosamente, de mortos, os restos mortais cobertos por moscas gordas que se banqueteavam, embora houvesse alguns que tinham sido ressuscitados pelo vírus e agora estremeciam pateticamente na terra, tentando, desesperados, reanimar corpos que estavam destruídos, sem chances de qualquer conserto.

Sam engoliu em seco, a boca estava ressecada e a mente avaliava a visão daquela atrocidade recente.

— Porra — sussurrou Logan. — Acho que chegamos um pouco atrasados, não é?

— Ainda temos de ajudar aquelas pessoas — sussurrou Purna. — Não

podemos simplesmente deixá-las ali.

— Pode crer — sussurrou Sam. — Mas como?

Purna ficou em silêncio por um momento, os olhos inquietos conforme ela esquadrinhava o terreno adiante e os recursos disponíveis. Finalmente, disse:

— Tenho uma ideia.

— Que seja boa — respondeu Logan.

Purna expôs o plano, apontando para as referências das quais falava. Quando terminou, Logan riu baixinho. Era uma risada que expressava mais incredulidade do que alegria.

— Você é louca para cacete, sabia disso?

Um breve sorriso estremeceu os lábios de Purna.

— É por isso que você me ama. — Ela deu tapinhas na mochila de Logan. — Sorte que trouxemos bastante munição conosco. — Depois de respirar fundo algumas vezes, disse: — Prontos?

— Não — respondeu Logan. — Mas vamos em frente mesmo assim.

— Tudo bem. Quando eu contar até três. Um. Dois. *Três!*

Empunhando as armas, o grupo saiu do esconderijo, cada um correndo o mais rápido possível. Purna e Logan à direita, Sam à esquerda, como uma equipe da SWAT se espalhando para cobrir a área. Estavam a meio caminho dos próprios destinos quando foram vistos. Sam, com as batidas do coração enchendo seus ouvidos, ficou ciente das cabeças se virando em sua direção, formas se destacando do emaranhado de corpos seminus que se reunia ao redor das árvores na extremidade da aldeia e disparavam em sua direção. Quando diversos dos infectados soltaram gritos de gelar o sangue em uníssono, antes de partir em corridas capengas com as pernas longas, o choque foi quase o bastante para fazê-lo perder o equilíbrio. Um tranco percorreu seu corpo, poderoso como eletricidade, e Sam se sentiu tropeçar, o joelho direito se dobrando sob o peso repentino e inesperado. *Não*, disse a si mesmo, e o mero terror do que aconteceria caso caísse foi o bastante para manter Sam em movimento. Ele se virou e disparou alguns tiros, derrubando os zumbis que avançavam mais

rapidamente antes de se jogar entre duas cabanas. Logo após elas, havia a árvore que Purna apontara, e Sam viu imediatamente que ela escolhera bem. Depois de jogar o fuzil sobre o ombro com a alça ajustável, Sam saltou para os galhos mais baixos da árvore e começou a se impulsionar para cima. Ele encontrou apoio para as mãos e ergueu a perna direita para um galho mais alto, e estava prestes a erguer o pé esquerdo também quando foi agarrado. Sam olhou para baixo e viu uma mulher, os olhos arregalados e amarelados, o rosto demoníaco de ódio, com ambas as mãos agarradas ao seu Reebok manchado de sangue. Então Sam sentiu uma pontada de dor quando a cabeça da zumbi disparou para a frente e afundou os dentes, diretamente através da calça jeans, na panturrilha dele.

— *Porra*! — gritou Sam, e o choque reluzente da dor foi o bastante para lhe dar uma descarga de adrenalina. Sam impulsionou a perna esquerda para cima com tanta força que livrou-se do sapato, deixando-o preso nas mãos da zumbi. A mulher olhou para o sapato vazio de forma quase cômica por um segundo, então deixou que ele caísse. Quando ela ergueu a cabeça e subiu na direção de Sam, ele estava fora de alcance.

Sam encontrou um galho amplo e forte o bastante para suportar seu peso e se deitou nele por um momento, recostando-se sobre a mochila, ofegante e trêmulo. Abaixo de si, através de um dossel oscilante de folhas, Sam podia ver os zumbis já se reunindo, rosnando pelo que ele imaginava ser frustração, os dedos sangrentos raspando, inutilmente, o tronco da árvore.

Sam havia perdido um sapato, mas pelo menos não perdera a arma ou a embalagem de munição — ou, de fato, a vida. O ponto onde a panturrilha havia sido mordida estava ardendo demais, a ponto de fazer com que se sentisse enjoado e fraco. Sam envolveu o galho em que apoiava os braços e se agarrou desesperadamente, temeroso, por um momento, que desmaiasse e mergulhasse no chão. Sua testa exalava suor e o coração emitia um batuque abafado, porém persistente, em seus ouvidos. Passaram-se vários segundos até que percebesse que alguém gritava seu nome.

Ele ergueu o rosto sonolento. A princípio, sua visão não passava de uma

confusão de folhas oscilantes e flashes ofuscantes de luz do sol. O som penetrou a bruma pesada em sua mente, permitindo que Sam se recompusesse e, finalmente, ele se sentou e viu, por uma abertura entre os galhos, Logan sentado bem no alto da própria árvore, a cerca de 30 metros, atrás de um monte de cabanas do lado mais afastado da clareira.

— Ei! — gritou Sam, a voz estava pesada e um pouco arrastada.

— Porra, cara — gritou Logan, parecendo irritado —, o que estava fazendo? Tirando uma soneca?

— Mais ou menos — gritou Sam de volta. — Fui mordido. Acho que apaguei por um momento.

— Você está bem? — gritou Purna, e a direção da voz dela permitiu que Sam a localizasse meio caminho acima de uma árvore 40 metros à esquerda de Logan.

— Vou sobreviver — respondeu Sam, então quase gargalhou pela ironia da frase.

— É, mas e quanto ao pobre desgraçado que te mordeu? — gritou Logan. — Ah, espere um pouco. Esqueci. Ele não precisa mais se preocupar com isso.

— Não foi um "ele", foi uma mulher — berrou Sam. — E ela pegou a porra do meu sapato.

— Estou com inveja — respondeu Logan. — Qual *é* o segredo do seu sucesso com as mulheres, cara?

— Acho que é um dom que você tem, ou não tem — gritou Sam de volta.

A conversa aos berros finalmente fez com que os sobreviventes na ponta da aldeia parassem de brigar. Sam imaginou todos agachados nos galhos das árvores, chocados e em silêncio diante daquela invasão inesperada na aldeia. Uma coisa pela qual deveriam ser gratos, no entanto, era o fato de que a maioria dos infectados, talvez ao perceber que a presa estava inacessível no momento, caminhava na direção dos recém-chegados, presumivelmente na esperança de um lanche mais fácil. Se fosse o caso, então ficariam desapontados... Se é que zumbis podiam ficar desapontados.

— Tudo bem, vamos lá — gritou Purna do outro lado da clareira. — Está

pronto, Sam?

Sam girou o fuzil para a frente, ergueu-o na altura do ombro e apontou para o chão.

— Pronto.

— Senhoras e senhores — anunciou Logan aos berros —, estamos prestes a fazer um baita barulho. Peço desculpas por qualquer inconveniente que isso possa causar.

Então, os três começaram a atirar.

"Operação peixe no barril", foi como Purna a chamara, um nome bastante adequado. Sam se sentiu meio culpado ao se sentar na árvore e atirar nos grupos de zumbis que eram trituradas abaixo. Alheios ao medo e ao perigo, os infectados não corriam nem buscavam abrigo; simplesmente ficavam ali, permitindo-se serem atingidos. Por mais de cinco minutos, Sam, Purna e Logan permaneceram atirando e recarregando, esvaziando cartucho após cartucho nos mortos famintos, estilhaçando crânios e destruindo cérebros com a mesma determinação estudada que poderiam demonstrar caso estivessem erradicando um ninho de formigas.

Quando tudo terminou, o chão abaixo da árvore de Sam era um lago espesso de sangue, um pântano de carne pastosa e degenerada. O fedor que exalava daquilo fez com que o rapper sentisse enjoo, e ele já planejava como poderia evitar caminhar sobre aquilo quando descesse. Depois de tanta atividade, a arma estava quente em suas mãos, e as ondas de choque das centenas de cartuchos que atirara percorriam seu corpo como um eco interminável. Ele sentiu que a audição tinha entrado em estado de trauma, o maxilar doía por tê-lo trincado tão forte e a dupla pulsação em suas têmporas parecia disparar um latejar de resposta para a mordida na panturrilha.

Além do latejar do próprio corpo, durante diversos minutos depois que o tiroteio acabou, Sam não pareceu vivenciar outra coisa que não um silêncio profundo e quase penetrante. Suspeitava que, como ele, Purna e Logan estivessem sentados, em silêncio, sozinhos com os próprios pensamentos, talvez

tentando fazer as pazes com a realidade estranhamente intensa do que tinham acabado de fazer, ou tentando compreender as emoções conflitantes de deslumbramento e autoaversão que brigavam pela supremacia em suas mentes. Sam se sentia desgastado, mas, ao mesmo tempo, tão alerta que era como uma onda de cafeína. Sentia-se pesado e leve, concentrado e distraído, iluminado e obscurecido. O tempo parecia insignificante, e, ao mesmo tempo, ele estava quase dolorosamente ciente de cada segundo que se passava. Sam fechou os olhos por um momento e, quando os reabriu, parecia que o mundo havia mudado.

Finalmente, devagar, ele desceu da árvore. Quando chegou ao galho mais baixo, deslizou por ele até que começasse a se curvar, então saltou. Apesar de ter tentado se afastar uns bons metros da base da árvore, ainda aterrissou na beirada da área das mortes, o pé sem sapato pousando em sangue com consistência de gelatina fria e parcialmente pronta. Com uma careta, o rapper se dirigiu para a rua principal de terra, deixando um rastro de pegadas vermelhas atrás de si.

Como se por consentimento mútuo, Purna e Logan emergiram no mesmo momento do espaço entre as cabanas do outro lado da rua, e todos caminharam em direção um ao outro, como foras da lei que se encontravam para um duelo ao meio-dia. Ninguém disse nada, embora os olhares que trocavam pareciam demonstrar como se sentiam com muito mais eloquência do que palavras. De uma só vez, eles se viraram e caminharam na direção do aglomerado de árvores na ponta da aldeia, e, conforme se aproximaram, os sobreviventes começaram a cair no chão, um a um, como frutas esquisitas.

O mais proeminente entre eles era um homem com cabelos longos e emaranhados, cujo corpo, de pele escura, estava pintado com formas espiraladas vermelhas e brancas. Ele vestia uma capa de pele de crocodilo e, quando caminhava, os ornamentos de ossos que adornavam seus punhos, tornozelos e pescoço sacudiam de modo agourento. Sem demonstrar medo, ele marchou até os três visitantes da aldeia e puxou uma faca cerimonial do cinto. Purna ficou tensa e ergueu de leve a arma, mas o homem parou a alguns metros de distância,

colocou a adaga na palma da mão com a lâmina apontada para o próprio peito e se ajoelhou. Ele dobrou o tronco para a frente como numa súplica, a testa por pouco não tocando o chão poeirento, e esticou a mão direita, oferecendo a adaga ao grupo.

Logan olhou para Purna.

— Acho que significa que ele gosta de você — disse.

Capítulo 16
A GAROTA MORTA-VIVA

— Koritoia-Ope.

Purna repetiu o nome vagarosamente e o xamã assentiu com satisfação. Apesar da aparência amedrontadora, o homem fora uma companhia bastante amigável. Eles estavam caminhando havia diversas horas, sempre em subida. Pelas primeiras três horas, o grupo abrira caminho através da selva espessa, mas agora haviam subido para além da altura das árvores e ascendiam pelo caminho de terra em uma trilha de montanha de picos irregulares. Sam não conseguia decidir se preferia se aventurar na vegetação densa, onde, pelo menos, o chão era nivelado e estavam abrigados do sol, ou se desgastar colina acima, onde estavam livres de cipós rastejantes e plantas que se enroscavam nos tornozelos, mas tinham de enfrentar o sol que os atingia impiedoso.

Pelo menos tinham partido ao nascer do dia, o que significava que o sol não estava no ponto mais alto. Mesmo assim, muito antes de alcançarem o destino, o suor escorria pelo rosto de Sam e a sua camiseta recém-lava estava grudada ao corpo. As botas de escalada que West emprestara (ele nem se dera ao trabalho de procurar pelo Reebok perdido no mausoléu de restos de zumbis na base da árvore) estavam machucando um pouco, mas Sam podia suportar aquilo. E, pela primeira vez em algum tempo, ele não estava fedendo a sangue de zumbi — o que era sempre um bônus.

Depois de conhecerem os aldeões Kuruni sobreviventes do dia anterior, Purna, Sam e Logan os haviam persuadido — por meio de uma combinação de gestos e vocabulário básico — a acompanhá-los de volta pela selva para o lugar onde Mowen esperava com o jipe. Depois de superar a surpresa inicial, Mowen conversou com o xamã e, embora as duas línguas tribais não fossem totalmente compatíveis, tinha pelo menos conseguido fazer o xamã entender as razões pelas quais os quatro haviam ido à aldeia e do que precisavam. Talvez, em troca de terem salvado as vidas deles, ou simplesmente porque presenciara, em primeira mão, como o vírus tinha saído assustadoramente do controle, o xamã — Koritoia-Ope — finalmente concordara em liderar o povo até o centro de pesquisa e permitir que West tirasse amostras de sangue das pessoas em um esforço para desenvolver uma vacina. Além disso, ele havia aceitado levar o grupo até o local sagrado de enterro dos Kuruni bem cedo na manhã seguinte, de modo que pudessem conseguir uma amostra da forma estável do vírus.

Sam jamais apreciara a felicidade pura que podia ser encontrada naquilo que ele sempre acreditara serem as coisas simples da vida: tomar banho, vestir roupas limpas, comer uma boa refeição, dormir em uma cama confortável. Poderiam ter se passado apenas 24 horas desde que o surto do vírus havia atingido proporções de pandemia, mas quando voltaram para o centro de pesquisas Sam finalmente pôde aproveitar um pouco de descanso. Ele se sentia como se estivesse lutando e correndo durante dias.

Ficou decidido que ele e Purna acompanhariam Koritoia-Ope até o cemitério ao nascer do sol no dia seguinte, enquanto Logan e Mowen monitorariam os procedimentos no centro de pesquisas e manteriam Ryder White a par das novidades. A princípio, Logan se oferecera para ir com Purna, para dar a Sam mais tempo para superar a última mordida de zumbi, mas Sam insistira que ele preferia fazer alguma coisa a ficar ali — e, além disso, embora não tivesse dito, tinha quase certeza de que o joelho de Logan não aguentaria o que Mowen informara-lhes que seria quase um dia inteiro de caminhada ida e volta sobre um terreno bastante difícil.

Estava óbvio que o mesmo pensamento ocorrera a Logan. Depois de dar de ombros, ele falou:

— Bem, se quer *mesmo* ir, cara, longe de mim estragar sua diversão. Ficarei mais do que feliz em permanecer aqui o dia todo. Sou bom nisso. E se ficar entediado, posso passar um tubo de ensaio para o doutor, ou algo assim.

Quando finalmente chegaram ao cemitério, Sam estava começando a se arrepender de ter dito a Logan que preferia fazer alguma coisa a não fazer nada. Ainda eram apenas 10 horas, mas o reflexo do sol no chão pálido era o bastante para fazê-lo desejar ter pedido a Mowen seus óculos escuros emprestados, e em toda saliência de rocha que Sam tocava com as mãos ou roçava as pernas estava quente demais. Ficou aliviado quando Koritoia-Ope parou e apontou para um arco de pedra entalhado que se projetava da entrada da caverna, que era selada por uma pedra tão alta e pelo menos três vezes mais larga do que o próprio Sam.

O xamã soltou uma torrente de palavras, assentindo e apontando para enfatizar o que dizia.

Purna assentiu de volta para ele.

— Acho que é aqui — murmurou para Sam.

Sam retirou a mochila dos ombros e vasculhou seu interior, feliz por ter aceitado o conselho de Mowen para levar bastante água. Depois de encontrar uma garrafa de 1 litro, ele abriu a tampa, tomou vários goles e derramou um pouco sobre a cabeça. O rapper ficou meio surpreso porque a água não chiou e evaporou em contato com sua pele.

— Não desperdice — falou Purna. — Ainda temos a viagem de volta, lembre-se.

— É, eu estava pensando nisso, e acho que talvez pegue um ônibus — disse Sam.

Koritoia-Ope esperou pacientemente enquanto Sam e Purna se reidratavam. Purna ofereceu a garrafa de água ao xamã, mas ele simplesmente olhou para ela com um misto de desconfiança, perplexidade e desprezo antes de balançar a cabeça. Ele certamente não parecia afetado pelo calor; sua pele estava tão seca e

encouraçada quanto antes de começarem a caminhada. Ao andar até a pedra que selava a entrada da caverna, ele fez um gesto de empurrar com as mãos.

— Ótimo — falou Sam. — Trabalho manual. Exatamente do que precisamos.

— Se você não parar de reclamar, serei forçada a quebrar seu nariz — replicou Purna com bom humor.

Sam gargalhou.

— Cara, aposto que você é uma garota exigente.

— Pode acreditar.

Depois de retirar as mochilas e apoiar as armas com cuidado sobre elas, Sam e Purna caminharam e apoiaram as mãos na pedra mais adiante. Mais uma vez, o xamã fez um gesto de empurrar.

— Acho que entendemos a ideia geral — murmurou Purna.

Com os dentes trincados, Sam e Purna empurraram o máximo que conseguiram. A princípio, a pedra pareceu imóvel, mas, finalmente, ela se mexeu um pouco antes de parar de novo.

— Acho que precisamos balançá-la — disse Purna.

— Eu passei a minha vida inteira me balançando — respondeu Sam.

Os dois tentaram de novo, coordenando os movimentos e dando à pedra uma série de empurrões, em vez de mexê-la com um esforço constante. Certamente, depois de uns dez segundos, a pedra começou a se balançar para frente e para trás, apenas um pouco a princípio, então mais e mais, conforme ganhava energia. Finalmente, com o rosto brilhando de suor, Purna falou:

— Mais um empurrão... Agora!

Os dois resmungaram e forçaram, então a pedra rolou para o lado antes de cair com um estrondo.

Liberado da caverna, uma onda de ar rolou para fora e, embora os dois agradecessem pelo frescor, Purna e Sam franziram os narizes diante do odor fétido. Os dois se viraram para o xamã, que tagarelava animado. Purna apontou para a abertura da caverna.

— Podemos entrar? — perguntou.

Ainda que não tivessem certeza de que Koritoia-Ope havia entendido a pergunta, aceitaram o aceno de cabeça em resposta como uma confirmação. Depois de recuperarem as armas e as mochilas, os dois se aventuraram para dentro, Sam à frente, Purna logo atrás e o xamã no fim da fila.

O interior da caverna estava úmido, frio e escuro, o chão era irregular. De fato, logo após a entrada havia uma série de degraus naturais, que quase cortavam o banho de luz do dia do lado de fora e faziam com que o nível do chão rapidamente baixasse diversos metros. Purna pegou uma lanterna da mochila e iluminou ao redor. A passagem à frente era estreita e sinuosa, as paredes se erguiam por ela em curva. Aquilo fez Sam pensar na antiga história sobre Jonas na barriga da baleia.

— Qual a distância? — perguntou ele ao xamã, mas o velho homem simplesmente gesticulou para que continuasse e os penduricalhos das pulseiras de osso no punho dele ecoaram bizarramente. O grupo se aventurou adiante, cauteloso para não tropeçar e torcer um tornozelo, ou algo pior, no chão escorregadio.

Na verdade, não se passou muito tempo até que o caminho se alargasse para uma imensa caverna, com o teto bem acima de suas cabeças e paredes repletas de alcovas esculpidas e enfileiradas na rocha. Em cada uma das alcovas havia um corpo, e de fato, todos eles agora não passavam de ossos cinza expostos e carne mumificada, as ataduras nas quais tinham carinhosamente sido envoltos apodrecera até se tornar retalhos cinza, tão inconsistentes quanto teias de aranha.

Ao olhar em volta, Sam falou, melancólico:

— Uns dois anos, foi o que West falou. Mas esses caras parecem estar mortos há séculos.

Koritoia-Ope, no entanto, já os tinha ultrapassado, assumido a liderança, e gesticulava na direção de uma abertura escura no fim da caverna. Ele falava com urgência, acenando o tempo todo.

— Esta é obviamente a caverna mais antiga — concluiu Purna. — Acho que depois que esta encheu, os Kuruni tiveram de ir para o fundo. É lá que a carne

mais fresca estará.

— Ótimo — falou Sam.

Seguiram adiante, passando pela abertura, como uma válvula, do outro lado da caverna, até outro túnel estreito. O facho da lanterna de Purna serpenteava pelas paredes, iluminando o brilho da umidade e as sombras escuras pontiagudas em um jogo de luz assombroso e, de certa forma, primitivo.

Depois de 50 metros ou mais de caminhada, o túnel se alargou para uma segunda e vasta caverna. As paredes dessa também lembravam uma enorme colmeia para os mortos. Como Purna imaginara, os corpos eram mais frescos ali, o que ficava evidente não só pela aparência deles, mas também pelo cheiro.

Sam sentiu a bile subir e a engoliu de volta com esforço. Respirando rapidamente, murmurou:

— Vamos fazer isso rápido. Não é legal aqui.

— Shh — fez Purna.

— Qual é o problema?

A garota ergueu uma das mãos.

— Apenas fique quieto por um minuto.

Sam ficou parado e ouviu, segurando a respiração. Ele conseguia ouvir o pingar frequente de água, e algo mais. Um som de arranhões.

— O que é isso? Ratos?

O facho da lanterna de Purna dançou à sua esquerda.

— Está vindo dali.

Assim que Purna começou a se direcionar para onde indicara, Koritoia-Ope correu e se pôs, com raiva, diante dela, bloqueando o facho da lanterna, balançando a cabeça e gesticulando com as mãos.

— Qual é a dele? — falou Sam.

Purna parou, olhando para o xamã agitado, pensativa, mas não retrocedeu.

— Obviamente tem algo que ele não quer que vejamos.

— Algo vivo, pelo som — replicou Sam.

— Ou alg*uém* — rebateu ela.

Koritoia-Ope se aproximou ainda mais de Purna e tocou seus braços, para afastá-la. A australiana o afastou com um gesto de ombros.

— Solte-me. O que está escondendo?

O xamã a empurrava, os olhos reluzentes e os lábios repuxados, revelando dentes pontiagudos.

Ao se afastar, Purna ergueu a lanterna e a iluminou ao redor do corpo do homem, até a parede oposta. Entre duas fileiras de alcovas havia uma abertura arqueada e selada não apenas com uma pedra, mas com um pedregulho quase tão grande quanto aquele na entrada da caverna, que estava apoiado sobre a pedra para mantê-la, firme, no lugar.

— Ei! — gritou Purna, a voz dela ecoando pelas paredes. — Tem alguém aí?

Houve mais uma onda de arranhões.

— *Tem* alguém! — exclamou Purna.

— A não ser que seja algum tipo de animal — respondeu Sam.

— Bata se consegue me ouvir — gritou Purna.

Houve uma pausa, então uma sequência de batidas fracas, mas inconfundíveis, do outro lado do bloqueio.

Sem hesitar, Purna girou o fuzil no ombro e apontou para Koritoia-Ope.

— Para trás — disse.

O xamã olhou quase incrédulo para a arma e começou a falar de novo. Embora não soubessem o que ele estava dizendo, percebiam pelo tom de voz que implorava, tentando fazê-los entender a loucura do que pretendiam realizar.

— Afaste-se — disse Purna com mais firmeza, inclinando a arma para indicar que o homem deveria sair da frente.

Koritoia-Ope pareceu furioso. Obviamente achava que Purna fazia algo bastante estúpido, de fato. O homem começou a gritar com ela de novo, gesticulando com os braços.

— Eu *disse*... *Afaste-se*. — Purna o empurrou com o cano da arma, forçando o xamã a retroceder alguns passos.

Koritoia-Ope balançou a cabeça e se controlou com esforço. Quando

começou a falar, fez isso baixinho e com seriedade, obviamente tentando apelar para a razão de Purna.

— Sam, acha que consegue empurrar o pedregulho para longe da porta? — perguntou ela.

— Posso tentar — disse Sam. Hesitante, acrescentou: — Você acha mesmo que estamos fazendo a coisa certa aqui, não acha?

Purna lançou um olhar incrédulo para ele.

— Libertando alguém que foi preso atrás de uma parede e deixado para morrer? Está falando sério?

— Sim, mas e se for, tipo... Um criminoso ou algo assim? E se for alguém que fez algo muito ruim?

— Mesmo assim não significa que mereça isso.

— Tudo bem, mas e se for um costume ou algum tipo de ritual no qual estamos interferindo? Sabe, tipo os Astecas? Eles tinham toda aquela coisa de vítima perfeita. Homens que *queriam* ser sacrificados para os deuses, porque era, tipo, uma grande honra.

As batidas, embora enfraquecidas, ainda eram frequentes.

— Tenho a sensação de que, quem quer que esteja aí dentro, não está porque deseja — falou Purna.

— Tudo bem — disse Sam, e ergueu as mãos para ceder ao argumento. Observado por um Koritoia-Ope horrorizado, ele caminhou para a frente e apoiou o ombro na pedra. Usando toda a sua força, Sam empurrou e, aos poucos, conseguiu deslocar o pedregulho para longe da porta. Sem o pedregulho para travá-la, foi mais fácil de mover a pedra menor. Ela se arrastou, centímetro após centímetro, pelo chão rochoso até que se abriu uma fenda grande o bastante para uma pessoa passar.

Ainda mantendo Koritoia-Ope sob a mira do fuzil, Purna entregou a Sam a lanterna. Ele a apontou para dentro da fenda entre a pedra e o portal, e os olhos dele se arregalaram.

— Merda! — exclamou.

Purna olhou para ele.

— O que está vendo?

— Uma garota — disse Sam. Ele ergueu a mão livre com um gesto tranquilizador, claramente direcionado para a menina, e falou: — Está tudo bem.

— Uma garota Kuruni? — perguntou Purna.

— Talvez, mas está vestida com roupas normais. Roupas ocidentais, quero dizer. Está amarrada e amordaçada. — Enquanto dizia isso, Sam apoiava a lanterna, agachava-se e esticava o braço para dentro da fenda. — Está tudo bem — Purna ouviu-o dizer de novo, a voz levemente abafada. — Estamos aqui para ajudar. Não vamos machucá-la.

No momento seguinte, Sam saía pela fenda com uma jovem nos braços. Ela parecia semimorta, as roupas rasgadas e sujas, o rosto, imundo e coberto de lágrimas, e sua cabeça, oscilante.

Com cuidado, Sam deitou-a sobre o chão rochoso da caverna e tentou desamarrar os cipós que prendiam seus punhos.

— Merda — disse ele após um momento. — Isto é impossível. Tem uma faca, ou algo assim?

— Na minha mochila — falou Purna, com um olho na garota e outro no xamã.

Sam encontrou a faca e retornou para a garota. Ele cortou a mordaça ao redor da boca e os cipós que prendiam seus punhos e tornozelos. Sam estremeceu diante das erupções vermelhas e feias causadas pelas amarras e torceu para que a perda de circulação nas mãos e nos pés não tivesse causado nenhum dano permanente na menina.

— Você está bem — dizia ele constantemente —, está segura agora.

Embora a jovem parecesse confusa, ela assentiu.

— Você entende o que estou dizendo? — perguntou Sam, surpreso.

— Sim — sussurrou a garota.

— Qual é o seu nome?

— Yerema.

— Oi, Yerema. Sou Sam e esta é...

Antes que pudesse dizer o nome de Purna, houve um grito repentino e Koritoia-Ope saltou adiante. Tirando vantagem da distração momentânea de Purna, causada pela confirmação de que Yerema sabia falar inglês, o xamã empurrou a australiana para o lado e pegou uma pedra do tamanho de um punho no chão. Ainda gritando, ele chutou Sam com força na lateral da cabeça com a planta do pé, derrubando-o, e ergueu a pedra, claramente determinado a esmagá-la contra o crânio da jovem.

O xamã estava prestes a dar o primeiro golpe quando dois tiros soaram. Koritoia-Ope foi impulsionado para a frente, sobre o corpo da garota, e buracos de bala foram abertos nas costas dele de onde jorraram sangue. A pedra caiu das suas mãos e rolou, inofensiva, para longe na escuridão. Por alguns segundos, houve silêncio.

Então Sam gemeu e se sentou, esfregando a cabeça. Um pouco zonzo, olhou para o xamã morto esticado sobre o corpo da garota aterrorizada.

— Ah, bom trabalho — murmurou ele.

— Não tive escolha — replicou Purna, contida.

— Você está bem? — perguntou ele para Yerema.

A jovem deu um único aceno de cabeça fraco.

Sam agarrou o braço de Koritoia-Ope e o puxou de cima do corpo de Yerema, então ajudou a jovem a se sentar. Virando-se para Purna, ele falou:

— Vamos apenas pegar aquela amostra e dar o fora daqui.

Capítulo 17
ANIMAIS ENJAULADOS

— Ei, você voltou! Então, como foi?

Logan deu um salto do beliche quando Sam entrou no minúsculo quarto que os dois dividiam no centro de pesquisas. Sam resmungou, tirou a mochila e jogou-a no canto, junto com a arma.

— Não pergunte — disse, cambaleando até o próprio beliche e desabando sobre ele.

— Já perguntei — falou Logan. — Então, vamos lá. Desembucha.

As pernas de Sam estavam formigando de cansaço. Ele achou que se fechasse os olhos poderia dormir por uma semana.

— Bem, conseguimos a amostra — murmurou Sam. — Purna a está entregando para West agora. Essa é a boa notícia.

— O que significa que há uma má notícia — disse Logan.

— Hã — resmungou Sam.

— "Hã"? O que significa "hã"? Sei que você caminhou um milhão de quilômetros hoje, mas se não me responder, vou ficar perguntando até que você enlouqueça.

Sam resmungou de novo e se mexeu até se levantar um pouco, então dobrou o travesseiro para apoiar a cabeça.

— Aquele xamã está morto — falou.

— Merda! Que isso, cara! O que aconteceu?

— Purna atirou nele.

Logan piscou.

— Tuuuudo bem. Por algum motivo em particular? Ele olhou para ela de um jeito engraçado, ou algo assim?

Rapidamente, Sam contou a Logan o que havia acontecido no cemitério. Quando terminou, Logan perguntou:

— Então, que *é* essa garota, Yerema?

— Era a filha do xamã, acredite se puder — falou Sam. — O papai dela foi quem a aprisionou lá dentro.

— Parece uma baita discussão familiar. Ela te contou por quê?

— Mais ou menos. Parece que decidiu que queria ver o mundo e buscar conhecimento, embora o pai desejasse que ela ficasse em casa, se tornasse esposa e mãe, seguisse as tradições, essa merda toda. Eles discutiram por causa disso, muito, acho, até que finalmente ela simplesmente se levantou e saiu.

— Fugiu?

— Acho que sim. De toda forma, ela nos contou que, a princípio, achou que jamais fosse conseguir voltar para casa, que se voltasse, a vingança do pai seria terrível. Mas então, depois de estar entre as pessoas "civilizadas" por um tempo e ver como elas podiam ser *racionais*, como escutavam você e como, às vezes, se você expusesse sua argumentação suficientemente bem, poderia conseguir que mudassem de opinião, Yerema começou a pensar que talvez seu próprio povo não fosse tão rigoroso e primitivo quanto pensava, que talvez ela *pudesse* fazer com que o pai entendesse seu ponto de vista.

— Estou imaginando que isso tenha sido um grande erro — disse Logan.

Sam fez que sim.

— O pai não somente não a ouviu, como tentou tirar o mal de dentro da filha ao fazer com que alguns dos rapazes da aldeia a torturassem e a estuprassem em um ritual.

— Cruzes — falou Logan. — Isso é doentio, porra.

Ainda fazendo que sim, Sam prosseguiu:

— E a questão é que parece que foi assim que essa merda toda começou.

— O que quer dizer?

— Os caras que estupraram Yerema? Ficaram doentes e morreram. Mas não somente isso... Eles *voltaram*. Ressuscitaram como os mortos errantes. Yerema disse que a princípio o pai interpretou isso como um sinal de perdão dos deuses. Ele achou que os deuses estavam dizendo que os caras tinham sido imortalizados, e que haviam devolvido os corpos deles para que o resto da aldeia pudesse comer os seus cérebros e se tornar imortal também. Então aconteceu um banquete de cérebros, e um monte de gente morreu e voltou. A questão é que a família Ope e os parentes próximos *não* ficaram doentes. Eles contraíram o vírus, mas ele não os modificou; simplesmente conviviam com ele. O pai de Yerema achou que o motivo disso era os deuses os terem amaldiçoado devido à fuga da filha e tudo o mais. Então, para apaziguá-los, ele a ofereceu em sacrifício. O xamã a trancou no mausoléu e a deixou lá para que morresse.

— E a praga começou a se espalhar por toda a ilha — concluiu Logan.

— Basicamente. Os Kuruni ficavam na deles na maioria das vezes, mas tinham contato ocasional com o mundo externo. Deve ter começado com um comerciante, ou algo assim; talvez até um dos vigias daqui a tenha contraído quando algum Kuruni fez uma visita, e a levou para a cidade com ele.

— Merda — falou Logan. — Acho que a garota deve estar se sentindo muito mal por saber que é a causa de tudo isso.

A testa de Sam se enrugou.

— Não é culpa dela.

— Eu sei disso — replicou Logan. — Só quis dizer que se ela não tivesse voltado para a aldeia... — A voz do ex-jogador sumiu e ele deu um risinho. — Ei, está a fim dela ou algo assim?

— Dá um tempo — murmurou Sam. — É só uma garota legal, nada mais. Não merece toda a merda com que teve de lidar.

— Acho que nenhum de nós merece.

— É, bem, alguns de nós criam os próprios problemas.

— O que isso quer dizer?

A testa de Sam relaxou e ele gesticulou, como se quisesse apagar o próprio comentário.

— Nada cara. Só estou cansado. Estava pensando mais em mim do que em você. Toda essa merda me fez perceber como culpamos outras pessoas pelas nossas burradas. Se eu conseguir sair daqui, vou endireitar minha vida de verdade, sabe?

Logan assentiu.

— Você e eu, cara.

Houve silêncio entre os dois por um momento, até que Sam falou:

— Então, o que está acontecendo aqui?

Logan deu de ombros.

— Nada de mais. West está analisando amostras de sangue.

— E quanto às pessoas que resgatamos. Estão bem?

— Na verdade, não. — Logan fez uma careta. — West precisou trancafiá-los.

Sam se sentou de súbito.

— Por que ele fez isso?

Logan hesitou, então disse:

— Venha ver por conta própria.

Embora Sam não quisesse mesmo ficar na vertical de novo, ele seguiu Logan pela base até que chegassem ao laboratório. West estava lá, conversando com Purna.

— Onde está Yerema? — perguntou Sam.

Purna se voltou para ele. Ela parecia exausta, mas estava aguentando bem.

— Está descansando.

— Tem problema se eu mostrar os pacientes para Sam? — perguntou Logan.

West fez um gesto vagamente afirmativo. Se é que isso fosse possível, ele parecia ainda mais exausto do que Purna.

— Sem problemas. Mas tome cuidado.

Havia uma segunda porta no fim do laboratório, a qual, até então, permanecera constantemente fechada. Logan digitou um código ao lado da porta e ela se abriu. Ele levou Sam para baixo por um lance curto de degraus e, depois, por um corredor mal iluminado até outra porta. Essa também foi aberta depois que Logan digitou um número no teclado.

— Segurança reforçada — comentou Sam.

— É, exceto pelo fato de que as paredes deste lugar são finas como papel — disse Logan, batendo na parede ao lado da porta e produzindo um som oco que dava a impressão de que ela era feita de nada mais substancial do que papelão espesso.

Além da segunda porta havia um corredor mais amplo. A parede à esquerda tinha sido preenchida por quatro gaiolas, cujas barras se estendiam do chão ao teto. Dentro das gaiolas estava o punhado de Kurunis que havia sobrevivido ao massacre na aldeia. Embora alguns estivessem pior do que outros, todos exibiam um estado bem ruim. Encolhidos em colchões no chão ou jogados, prostrados, contra a parede mais distante, estavam suados, febris e com olhos vazios. Alguns se remexiam, reviravam e murmuravam em um sono delirante, um ou dois até mesmo se contraíam e estremeciam, como se os corpos estivessem sendo assolados por uma série de pequenas convulsões.

— O que há de errado com eles? — perguntou Sam, embora tivesse quase certeza de que sabia.

— Estão revelando os sintomas do vírus — respondeu Logan. — Aconteceu pouco depois de chegarem. Considerando o quanto é contagioso, e o que acaba por acontecer aos infectados, foi decidido que era mais seguro trancafiá-los.

Sam detestava a ideia de trancar pessoas inocentes como se fossem animais, mas assentiu.

— Nada pode ser feito por eles?

— O que *pode* ser feito está *sendo* feito. West deu a eles drogas para tentar retardar a infecção. Se desenvolver uma vacina antes que ela os atinja por completo — Logan deu um "uhull" baixo e irônico —, hora de festejar.

— E quanto a West? — perguntou Sam. — O que impede que *ele* seja infectado?

Logan deu de ombros.

— Nada, eu acho. Mas talvez seja o melhor incentivo que ele tenha para desenvolver uma vacina.

Sam colocou as mãos na barra da gaiola e se inclinou para a frente. Ele sentiu um arrepio de desespero percorrer seu corpo.

— Merda, achei que esses caras fossem sobreviventes. Achei que fossem *imunes*.

— West disse que o vírus está em mutação o tempo todo, muda constantemente para encontrar um modo de derrubar as defesas das pessoas.

— Falando assim parece que ele está vivo. Como se *pensasse*.

— Talvez pense.

— Besteira! — A resposta de Sam foi inequívoca, mas havia ansiedade e até mesmo um toque de medo nos olhos dele. — Se essa coisa está em mutação o tempo todo, o que a impede de, em algum momento, encontrar um modo de derrubar *nossas* defesas?

Logan não respondeu imediatamente. Finalmente, admitiu:

— Aí você me pegou. Mas precisa se lembrar que há uma grande diferença entre nós e eles. — O rapaz apontou na direção dos Kuruni.

— E qual é? — perguntou Sam.

— Eles têm mastigado cérebro de zumbi sabe-se lá por quanto tempo. O mais perto que já cheguei disso foi o hambúrguer que comi no motel do aeroporto na noite anterior a nosso voo para cá.

Sam e Logan refizeram os passos de volta ao laboratório. Quando chegaram lá, Purna se virou para os dois e falou:

— O Dr. West e eu estávamos conversando e ele disse que vai levar pelo menos 12 horas, mas provavelmente mais de 24, antes que saiba se é possível desenvolver uma vacina. Por isso, para economizar tempo, acho que deveríamos voltar à aldeia de Mowen, buscar Jin e Xian Mei e voltar para cá de manhã.

Então, se o Dr. West *tiver* uma vacina para nós, podemos ir direto para a ilha da prisão para encontrar White.

— Por mim, tudo bem. — Logan deu de ombros.

— Por mim também — disse Sam, com um suspiro. — Então falou com White a respeito disso?

Purna assentiu, sorrindo um pouco ao responder.

— Sou muito eficiente. A ligação estava terrível, mas tive a impressão de que a mulher de White estava muito mal. Quando chegarmos lá, talvez seja tarde demais.

— Não podemos fazer nada em relação a isso — disse Logan. — Estamos todos prosseguindo o mais rápido que podemos. Não se pode apressar a genialidade, não é, doutor?

West deu um leve sorriso.

— Então, quando quer ir? — perguntou Sam.

— Bem, Mowen disse que está pronto a qualquer momento, então, sugiro comermos alguma coisa e partirmos — respondeu Purna. — Por que fazer depois o que podemos fazer agora, não é?

— É — suspirou Sam, com pesar. — Por que fazer depois o que podemos fazer agora?

Capítulo 18
PENSAMENTOS NOTURNOS

— Ei, você está bem?

Embora a voz de Sam fosse baixa, Jin se assustou e virou a cabeça com agilidade. Sob o luar, ele podia ver o brilho prateado de lágrimas nas bochechas da jovem, mas Sam já sabia o quanto ela estava chateada; tinha sido o choro de Jin que o acordara.

Ele ficou surpreso porque o som penetrou sua mente inconsciente. Sam estava tão cansado quando, enfim, se deitou no tatame que achou que seria preciso um terremoto, no mínimo, para despertá-lo do sono. O rapper imaginou que deveria estar mais alerta, subconscientemente, do que percebera — instinto de sobrevivência, pensou, algo que tinha desenvolvido sem saber nos dois últimos dias. Ele ergueu as mãos devagar para mostrar que suas intenções eram inofensivas. Quando Jin não respondeu, Sam murmurou:

— É que... Ouvi você chorando. Pensei em conferir se podia fazer alguma coisa.

Jin fungou, tomando fôlego. Com a voz baixa e entrecortada, disse:

— Desculpe-me por tê-lo acordado.

— Ei, sem problemas — respondeu Sam. — Minhas costas estão doendo um pouco, de toda forma. Aquele tatame não é o melhor apoio para a coluna.

Não era verdade, mas Sam não queria fazer Jin se sentir pior do que já se

sentia. Quando a garota permaneceu em silêncio, olhou para além dela, em direção ao céu noturno. Diferentemente das cidades com que estava acostumado, as estrelas ali eram incrivelmente brilhantes, e o céu, também, era de um azul profundo, forte e aveludado, inalterado pela iluminação dos postes da rua e de placas de neon.

— Linda noite — disse Sam.

Jin não comentou.

— Ei, quer um refrigerante, ou algo assim? Estou com um pouco de sede. E Mowen disse que poderíamos nos servir.

Por um momento, ele teve certeza de que Jin recusaria, então ela deu um breve e contido aceno de cabeça. Sam retornou à casa e foi até a cozinha. O chão de madeira polida estava agradavelmente frio sob seus pés descalços. A casa de Mowen era espaçosa e surpreendentemente aconchegante. Havia tapetes de cores vibrantes no chão e arte tribal em molduras nas paredes. O comerciante — Sam estava convencido de que parte desse comércio envolvia drogas e armas, assim como diversos outros bens de aquisição questionável — obviamente ganhava bem com o que fazia. A casa era uma das maiores da aldeia, e uma das poucas com eletricidade.

Embora Sam não tivesse, de fato, *confiado* em Mowen, o cara se revelara um anfitrião bastante agradável. Sem dúvida estava motivado pela generosa recompensa financeira que Ryder White lhe prometera e fornecera aos cinco um lugar para dormir e até mesmo preparara uma refeição para eles: um cozido de arroz com salsicha que lembrou Sam jambalaya que sua mãe preparava quando ele voltava para casa.

Ao entrar na cozinha, Sam não se incomodou em acender a luz. Embora todo mundo estivesse no andar de cima, ele não queria arriscar acordá-los. Pegou duas latas de refrigerante na geladeira e caminhou de volta pela casa até o quarto no qual dormia. Sam atravessou-o e passou pela porta de tela na varanda da entrada. Jin ainda estava sentada nos degraus de madeira, uma silhueta frágil e encurvada na escuridão.

— Aqui está — falou Sam, estendendo a lata para a jovem.

Jin a pegou.

— Obrigada.

Sam indicou um espaço ao lado dela nos degraus.

— Você se importa se eu me sentar?

A jovem deu de ombros e Sam se sentou, então abriu a lata, que ciciou. Ele tomou um gole do refrigerante gasoso por um momento, deliciando-se com a doçura, com o modo como o fazia se sentir instantaneamente mais vivo.

— Delicioso — falou o rapper, olhando para Jin, que bebia da própria lata em pequenos goles.

Atrás deles, mariposas do tamanho de beija-flores debatiam os corpos gorduchos e empoeirados contra a luz da varanda, que estalava baixinho.

Depois de alguns momentos de silêncio, Sam falou:

— Estranho pensar em como as coisas mudaram nos dois últimos dias, não é? Muito difícil de aceitar.

Novamente, Jin inclinou levemente a cabeça assentindo.

— É ruim o bastante para mim, mas acho que é cem vezes pior para você, pois este é seu lar.

Jin não respondeu, mas quando Sam olhou para ela, viu lágrimas descendo por suas bochechas.

— Desculpe — murmurou ele. — Não quis chateá-la.

— Não chateou — replicou Jin, fungando.

— É só que... — Sam deu de ombros. — Não sei... Só queria que soubesse que não está sozinha. Que estou aqui para você, *todos* estamos. E se algum dia quiser conversar, só precisa avisar. Está bem?

Jin fungou e assentiu.

— Tudo bem — disse Sam, então apoiou uma das mãos no degrau ao lado para se impulsionar e levantar-se. — Bem, acho que vou voltar para cama e deixá-la à vontade.

Ele se levantou. Jin ergueu o rosto para Sam.

— Eu gostaria — disse ela, com a voz baixinha.

— Hã?

— Eu gostaria de conversar.

— Tem certeza?

Jin hesitou, então assentiu.

— Então, tudo bem — falou Sam, abaixando-se de volta para o lado dela. — Então, sobre o que quer conversar?

Jin tomou fôlego profundamente e estremeceu, então disse:

— Ando pensando em meu pai, e pelo que ele deve estar passando, e como... Como tudo isso é injusto.

Sam assentiu, mas permaneceu em silêncio, sem querer interrompê-la.

— Ele é um bom homem — falou Jin. — Sempre foi. Cuidou de mim depois que mamãe morreu e sempre me protegeu, mas, por causa dessa... Dessa *doença*, ele vai se tornar como o restante deles lá fora. Um monstro, banqueteando-se da carne dos vivos...

Jin se interrompeu, curvou-se para a frente e apoiou a cabeça na mão, como se verbalizar aquele pensamento tivesse se revelado demais para ela. Depois de um momento, no entanto, continuou:

— Sei que pessoas boas ficam doentes e morrem, ou sofrem acidentes, mas isso é simplesmente... Simplesmente *errado*. Transforma as pessoas em algo nojento, algo que deve ser temido. Isso *usa* as pessoas e... E... — Jin parou de falar, incapaz de encontrar as palavras para expressar completamente o horror e a revolta que sentia.

Sam jamais tivera filhos, jamais sequer *pensara* em ter filhos, mas naquele momento, queria oferecer apoio paternal a Jin, dar a ela o conforto e a segurança de que tão obviamente precisava. Considerou fazer isso, então decidiu que talvez não fosse uma ideia tão boa. Depois do que lhe acontecera graças àqueles três caras, Jin havia — e não havia surpresa nisso — se tornado assustada e retraída. Sem dúvida, agora estava cautelosa e desconfiada em relação aos objetivos das pessoas com ela, principalmente objetivos envolvendo qualquer tipo de

proximidade física. Sam não queria piorar as coisas ao fazer algo que Jin pudesse interpretar errado. Então, simplesmente ficou sentado, mantendo a distância de cerca de 30 centímetros, e tentou, atrapalhado, expor o conforto com palavras.

— Acho que você precisa se lembrar que aquelas coisas... Os infectados, quero dizer... Não são as mesmas pessoas que um dia elas foram. Aquelas pessoas não existem mais, estão mortas... E o que quer que nos torne o que *somos* — Sam bateu no peito para enfatizar esse argumento —, e com isso quero dizer nossa alma, ou nossa essência, ou não importa o que seja... Partiu, seguiu em frente, foi para onde quer que vamos quando morremos. E as coisas que sobram... Os corpos... São apenas marionetes para o vírus. Não são pessoas. São apenas coisas. Não sentem amor ou dor. Não acham as coisas engraçadas, bonitas ou feias. Apenas têm... Fome. Isso é tudo o que têm. Apenas fome e instintos primitivos. E se seu pai se tornar um deles... Bem, aquele não será mais seu pai. É simplesmente algo que está usando a pele de seu pai como... Como uma peça de roupa. Seu pai está em outro lugar. Em algum lugar bom.

Sam teve a sensação de que não havia se expressado muito bem. Queria perguntar a Jin se entendia o que ele estava tentando dizer. Mas antes que pudesse, a garota falou:

— Eu costumava acreditar na bondade. Costumava acreditar que, embora existisse mal no mundo, havia um Deus que, em algum momento, consertaria as coisas, nos recompensaria. Mas agora sinto-me burra por ser tão... Tão ingênua. Quero dizer, que tipo de Deus permitiria tal sofrimento? Sei que estou sendo egoísta. Que é fácil continuar acreditando em Deus quando as coisas ruins acontecem com outras pessoas. Mas... Mas, mesmo assim, é como me sinto, e não posso evitar isso. Eu costumava ter fé, e agora ela se foi...

Jin começou a soluçar de novo, um soluço longo e forte dessa vez. Inutilmente, Sam observou-a, querendo dizer à jovem que não chorasse, que tudo ficaria bem, mas sabia como isso soaria falso. Finalmente, ele murmurou:

— Ei, quer um abraço? — Então acrescentou, apressado: — Não quero precionar você. É só que... Bem, é difícil ficar olhando alguém chorar e não fazer

nada a respeito, sabe.

Por um momento, Jin não respondeu, então assentiu e se inclinou na direção dele. Sam abraçou a garota, consciente do quanto era delicada como um pássaro. Ele se sentiu furioso e enojado ao pensar nos três homens na delegacia aproveitando-se da fragilidade física de Jin, e ao pensar em como ela devia ter se sentido aterrorizada e indefesa.

Durante um tempo, eles apenas ficaram sentados ali, Jin choramingando, Sam desejando poder protegê-la de coisas que já haviam acontecido.

Finalmente, os soluços de Jin diminuíram e ela se tornou mais silenciosa, mais calma. Sam estava começando a imaginar se ela havia adormecido quando Jin falou:

— Não acho que algum dia vou superar o que aqueles homens fizeram comigo.

Sem querer oferecer trivialidades vazias, Sam replicou:

— Talvez você jamais esqueça, mas um dia vai aprender a viver com isso. Essas coisas levam tempo.

— Você não sabe como foi — falou Jin, com um leve tom cáustico na voz.

Sam balançou a cabeça.

— É verdade. Mas li sobre mulheres que passaram pelo mesmo. E todas dizem que chega um momento em que você decide que não vai mais deixar os vilões arruinarem sua vida, que não vai deixá-los vencerem. Porque não valem a pena, e você vale.

— Eles gargalharam enquanto faziam... O que fizeram comigo — sussurrou Jin. — Eles fizeram com que eu me sentisse um nada.

— Tente não pensar em como fizeram você se sentir — falou Sam. — Tente não acreditar. *Aqueles* caras é que não são nada, não você. O que eles acham não interessa.

Jin caiu em silêncio de novo. Então sussurrou, quase culpada:

— Estou feliz que estejam mortos.

— Eu também — replicou Sam. — Pessoas como eles não merecem viver.

— O problema — falou Jin — é que eles não estão *realmente* mortos, estão?

— Pareciam bem mortos para mim — falou Sam baixinho. — Mas se quer dizer que está preocupada com que eles voltem...

— Não, não é isso. — Ela suspirou e prosseguiu: — Quero dizer que há muitos como eles lá fora. Pessoas ruins. Pessoas que não se importam com o quanto machucam outras. Que até mesmo *gostam* de machucar outras pessoas.

— É, elas estão lá fora — disse Sam. — Não vou te insultar dizendo que não estão. Mas o que você precisa se lembrar é que há muita gente boa também. E muito *mais* pessoas boas do que más, na verdade. Seja lá o que tenhamos visto nesses últimos dias, ainda existe bastante amor no mundo lá fora.

— Mas não aqui — sussurrou ela.

— Ei, valeu — falou Sam, com um sorriso.

— Não, não quis dizer isso. Quis dizer... O amor parece estar abandonando Banoi, e o medo e o ódio estão tomando conta.

— É — falou Sam baixinho. — É o que parece mesmo.

Os dois ficaram sentados, em um companheirismo silencioso, por mais uns trinta segundos, ouvindo o chiado despreocupado dos insetos noturnos escondidos.

Então, Sam perguntou:

— Então, vai com a gente amanhã?

Havia um acordo tácito de que, depois de visitarem o laboratório, todos os cinco iriam para a ilha da prisão com Mowen na manhã seguinte. Mas Sam se perguntara, mais cedo, se Jin estaria satisfeita com a ideia de seguir com o plano. Banoi era o seu lar, afinal de contas. Jin tinha mais em jogo naquele lugar do que o restante deles.

Jin deu de ombros.

— Acho que sim.

— Pensou no que vai fazer... depois?

Ela resmungou baixinho. Talvez fosse uma risada sem humor, mas poderia igualmente ter sido causada por uma pontada de dor no estômago.

— Como posso? Tudo o que tenho, *tinha*, está aqui. Lá fora — Jin gesticulou para indicar o mundo exterior — eu posso muito bem não existir.

— Bem, como disse antes — murmurou Sam —, você não está sozinha. Vamos cuidar de você: eu, Xian Mei, Purna, até mesmo Logan. Se precisar de um lugar para ficar, dinheiro, vamos dar um jeito, não precisa se preocupar com isso.

— Obrigada — falou Jin. — Agradeço. — Ela bocejou. — Acho que deveria tentar dormir um pouco.

— Você e eu — replicou Sam. — Mais um longo dia amanhã.

Os dois se levantaram. Antes de entrar, Jin segurou o braço de Sam.

— Obrigada por não mentir para mim — disse.

— Mentir para você?

— Dizendo que tudo vai ficar bem. Porque as coisas estão muito longe disso, não estão? Se essa infecção se espalhar, talvez as coisas nunca mais fiquem bem.

Sam olhou para Jin por um longo momento, o rosto sombrio.

— E não é que *é* verdade — murmurou finalmente.

Capítulo 19
SOBREVIVENTE

— Tem algo errado.

Logan olhou para Purna, surpreso.

— Você tem sentidos de aranha, ou algo assim? Parece bastante tranquilo para mim.

— Exatamente o que quis dizer — falou Purna. — Onde estão os vigias?

Do lado mais distante da clareira, o grupo olhava para a cerca de segurança máxima e para os prédios cinzentos além dela.

— Talvez tenham tirado uma folga? — sugeriu Xian Mei, de modo pouco convincente.

Purna lançou um olhar desencorajador para ela.

— Todos ao mesmo tempo?

— Tudo bem, gente — disse Logan, quase cansado —, travar e carregar.

Com as armas em punho, os seis se moveram pela clareira vasculhando a selva ao redor em busca de qualquer coisa estranha.

O veredicto de Purna não se baseava apenas na ausência dos seguranças. Ela havia tentado ligar para West naquela manhã, sem sucesso. Ficara decidido antes de partirem para a cidade de Mowen no dia anterior que se a tentativa de West, durante a madrugada de desenvolver uma vacina se provasse malsucedida, Mowen levaria o grupo direto para a ilha da prisão, sem que antes fizessem um

desvio inútil de volta ao centro de pesquisas.

No entanto, a incomunicabilidade de West significara que eles *teriam* de ir até lá primeiro, no final das contas. Se fosse meramente *possível* que uma vacina tivesse sido desenvolvida, então não poderiam deixar de ir. Purna sabia que ficaria com raiva se percebesse que haviam feito uma viagem inútil, mas provavelmente não era culpa de West. A rede de comunicações não tinha sido exatamente confiável nos últimos dois dias, e, embora o telefone no centro de pesquisas tivesse *parecido* tocar diversas vezes sem que fosse atendido, isso não significava, necessariamente, que ninguém tivesse se incomodado em atender.

O grupo estava a cerca de 5 metros da cerca de segurança quando Sam exclamou:

— Ah, merda.

— O que foi, garotão? — perguntou Logan.

— Purna está certa. Temos problemas.

Caminhando até a cerca, ele apontou por entre as barras de metal verticais para um caminho gramado a diversos metros de distância. Por ali, entre diversas poças de sangue, havia um AK 47.

— Deve ter acontecido uma rebelião — sugeriu Logan.

— Onde acha que estão agora?

— Dentro, creio.

— Talvez tenham saído pela selva — falou Xian Mei, olhando ao redor, nervosa.

Purna balançou a cabeça.

— Os infectados não escalam, e não há outra saída.

— Então, qual é o nosso próximo passo? — perguntou Sam. — Entramos atrás deles?

— Não vejo muita escolha — respondeu Purna. — Mas não vamos entrar atrás *deles*. Vamos em busca da vacina.

— Se é que há uma — sussurrou Xian Mei, quase para si mesma.

Purna fez uma careta, como se aquela fosse uma possibilidade que ela não

queria considerar.

— Também precisamos procurar por sobreviventes — disse Logan. — Talvez tenham se trancado em algum lugar onde os infectados não os alcançam.

Purna assentiu.

— Então, como vamos fazer isso? — perguntou Sam. — Quem vai entrar?

Depois de discutirem, ficou decidido que Purna, Sam, Logan e Xian Mei verificariam o lugar enquanto Mowen e Jin esperariam do lado de fora da cerca do perímetro, com as mochilas e as provisões.

— Mantenha seu fuzil pronto, só por precaução — aconselhou Purna a Mowen.

Ele lhe olhou como se ela o tivesse insultado.

— Eu sempre estou pronto.

— E cuide de Jin — acrescentou Sam, olhando para a jovem.

Mowen fez que sim.

Sem seguranças para afastá-los, escalar a cerca de segurança foi relativamente fácil. Todos subiram ao mesmo tempo, enquanto Mowen lhes dava cobertura para o caso da aparição inesperada e súbita de um ou mais infectados. Purna foi a primeira a chegar ao topo da cerca e descer, como um felino, dentro do complexo. Segundos depois, estavam todos do outro lado, adiantando-se rapidamente, mas com cautela, em formação unida, verificando cada direção.

A primeira porta à qual chegaram estava entreaberta e manchada com a marca de mão sangrenta, próxima ao chão, como se alguém tivesse tropeçado e estendido o braço para aparar a queda. Havia mais sangue na grama ao redor da porta e *muito* mais no interior do prédio. Pelos jatos e borrifos nas paredes e no chão, parecia que uma briga havia ocorrido, durante a qual vítima, ferida, fora arrastada por pelo menos diversos metros. Depois da longa mancha de sangue, no entanto, não havia nada além de um rastro de borrões vermelhos seguindo pelo corredor.

Purna encarou as marcas por alguns segundos, então falou:

— Parece que alguém foi atacado do lado de fora e então a luta se desenrolou

aqui. — Ela apontou para os borrões. — Imagino que a própria vítima tenha sido infectada e, depois de ficar deitada por um tempo, finalmente se levantou e saiu caminhando pelo corredor em busca de comida.

— Se todos estão infectados, de quantas pessoas estamos falando? — perguntou Xian Mei.

— Umas duas dúzias — estimou Purna.

— São seis pessoas para cada um de nós — disse Logan. — Sem problemas.

— Isso depende se elas virão uma de cada vez ou todas ao mesmo tempo — replicou Sam.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando um trio de silhuetas escuras surgiu no final do corredor. Uma das silhuetas emitiu um rugido agudo horripilante, então todas começaram a correr na direção do grupo.

Antes que o tiroteio começasse, Sam mal teve tempo de processar que um deles era um vigia e os outros dois eram Kuruni. O corredor ecoou o ruído metálico ensurdecedor dos tiros de fuzil, os zumbis agressores ergueram os braços em uma dança macabra e desengonçada conforme eram estraçalhados.

Em segundos, havia acabado o confronto e os infectados estavam deitados em uma pilha dilacerada de sangue e pedaços de cérebro que escorriam das paredes pintadas de vermelho.

— Nossa! — exclamou Logan, com um leve tremor na voz. — Isso foi...

— Cuidado! — gritou Xian Mei.

Sam e Logan engatilharam as armas em uníssono. Quase tarde demais, Sam percebeu que não havia três infectados no grupo que os atacou, mas quatro. O que estava ao fundo, uma criança pequena Kuruni, com 5 ou 6 anos, tinha conseguido se esgueirar sob o radar deles. Ela, evidentemente, havia escapado ilesa da saraivada de balas, não apenas porque tinha sido protegida pelo corpo dos três adultos, mas também porque a maioria dos projéteis passara sobre sua cabeça.

Ela se dirigia até eles agora, no entanto, rápida como um filhote de pantera, mas muito mais mortal. A criança saltou sobre a colina de zumbis mortos e

estava quase sobre o grupo surpreso. Purna ergueu o fuzil e atirou bem no momento em que a criança se lançou ao ar. O tiro arrancou a metade esquerda da cabeça e do rosto do zumbi em uma confusão de sangue e cérebro. O impacto fez a criança girar no ar, e Logan e Xian Mei saltaram para trás quando o corpo acertou a parede próxima com um ruído úmido e escorreu até o chão.

— Fiquem alerta — disparou Purna, mal olhando pela segunda vez para o corpo desmantelado da criança. — Não abaixem a guarda por um segundo.

O resto do grupo assentiu e eles prosseguiram. Sam prendia a respiração por causa do cheiro pútrido conforme eles, cautelosamente, passavam por cima da poça de sangue que se espalhava devagar vindo de debaixo do emaranhado de corpos dos quatro zumbis. Achara o centro de pesquisas abarrotado antes, mas no momento, estava certamente claustrofóbico. Os tetos eram baixos demais e havia muitos cruzamentos; as paredes cinza pareciam sugar a luz, apesar do forte brilho das lâmpadas, e projetar sombras demais.

Conforme se dirigiam ao laboratório, mais infectados surgiram, de súbito, de um corredor à esquerda. Havia seis deles dessa vez, e a luz refletida fez com que seus olhos parecessem penetrantes, o que lhes conferia a aparência de uma inteligência bizarra e selvagem. À frente do grupo havia um segurança, curvado como um símio. Os dentes superiores, manchados de sangue, estavam expostos em um rosnado, e todo o lado esquerdo do seu rosto era uma máscara vermelha pendurada, devido ao fato de que um dos infectados havia claramente agarrado seu lábio superior e o puxado para cima, rasgando a maior parte da carne. Sem pálpebras, o olho esquerdo do zumbi parecia esbugalhado e arregalado, como se tivesse o olhar fixo no grupo. Então, grunhindo e guinchando, os seis começaram a cambalear em disparada na direção deles.

Não exatamente com calma, mas certamente com eficiência e precisão adquiridas pela prática e necessidade, Purna, Sam, Logan e Xian Mei mantiveram suas posições e abriram fogo. O ar ficou vermelho conforme as cabeças dos infectados eram perfuradas, estilhaçadas, rasgadas. Os primeiros dois zumbis — o vigia e um homem Kuruni — caíram, fazendo com que os demais tropeçassem

neles e fossem abatidos, um por vez. De novo, a coisa toda acabou em menos de um minuto e o corredor ecoou o retumbar e o fedor da batalha.

Dez a menos, pensou Sam, então algo se atirou contra suas costas, derrubando-o no chão.

O rapper caiu para a frente, sobre a arma. Embora a coisa às suas costas fosse uma perturbação que guinchava e o agredia, o primeiro pensamento temeroso de Sam foi que a arma poderia disparar enquanto ele estava deitado sobre ela. Se isso acontecesse, então os projéteis rasgariam seu corpo como uma série de pequenas explosões, o que ocasionaria danos incontáveis — e certamente letais. Sam estava ciente dos berros, corridas, e pessoas reunidas em torno dele. O grunhido animalesco estava bem ao seu ouvido, então algo rasgou sua bochecha com um choque pungente.

Embora estivesse preso ao chão com um peso sobre as costas, Sam fez o melhor que pôde para afastar o agressor. Ele se empinou e encolheu, golpeou com o cotovelo para trás então sentiu que se conectou com algo sólido e carnudo.

De súbito, Sam percebeu que o peso era afastado de si, e cuspes e grunhidos se distanciando da orelha para algum lugar mais longe. Livre para se mexer, ele rolou para um dos lados, pegou a arma e se sentou, apontando o fuzil para onde achava que o agressor estaria.

Era uma jovem Kuruni infectada, o sangue em sua boca e acumulado sob as unhas dos dedos retorcidos. Xian Mei e Logan a haviam puxado das costas de Sam e agora lutavam com a zumbi, cada um segurando um braço, para tentar fugir do maxilar que se abria e fechava. A mulher tribal se contorcia e debatia como uma cobra raivosa, e os dois, obviamente, tinham dificuldade de segurá-la. Exalando para desanuviar a mente, Sam mirou e puxou o gatilho.

O topo da cabeça da mulher se desintegrou, borrifando os três com sangue e cérebro. Instantaneamente, a zumbi ficou inerte, caiu contra a parede e deslizou para o chão conforme Logan e Xian Mei soltaram seus braços.

Com uma careta de nojo, Logan limpou coágulos de sangue e nacos de

cérebro do rosto e das roupas.

— É isso aí, amigo — disse ele.

— Desculpa — respondeu Sam, usando a manga da camisa para limpar o sangue da testa.

— Você está bem? — perguntou Xian Mei.

Sam passou o dedo pelo corte no rosto. Ele ficaria com uma cicatriz considerável quando melhorasse.

— Acho que sim. Machuquei as costelas quando caí sobre a arma.

Purna deu um passo à frente, ofereceu uma das mãos a Sam e o puxou de pé.

— Está tornando o velho combate mano a mano um hábito, não é? — disse ela com um sorriso sombrio.

Sam deu uma risada de escárnio.

— Acho que sou apenas o mais saboroso entre nós.

— É, e quer saber? Não estou nem um pouco com inveja — comentou Logan.

De repente, Xian Mei ergueu uma das mãos.

— Ouçam.

Todos pararam e ergueram as cabeças. Vagamente, ouviram que alguém gritava por socorro.

— É Yerema — falou Sam.

— Deve ter ouvido o tiroteio — replicou Logan.

— Acho melhor irmos resgatá-la — afirmou Sam, e ergueu as sobrancelhas para Purna. — Isso também está se tornando um hábito.

— Veio daquela direção — falou Xian Mei, apontando.

— O laboratório — confirmou Purna. — Se Yerema ainda estiver viva, então é provavelmente onde o restante dos infectados estará. Lembrem-se, todos: ainda há, potencialmente, 12 deles aqui dentro, então fiquem alerta e tomem cuidado.

Logan bateu uma continência sarcástica, o que lhe garantiu um olhar de reprovação, e o grupo correu em direção ao laboratório.

Conforme se aproximaram da porta, perceberam que estava aberta. Purna levou um dedo aos lábios e se adiantou com cautela, com os demais um ou dois

passos atrás. Yerema ainda gritava pedindo ajuda, embora, agora que estavam bem diante do laboratório, percebessem que estava a algumas salas de distância. Sam imaginou que a garota deveria estar na área das celas, e que provavelmente havia se trancado em uma das gaiolas. Ele se perguntou se ela seria a única sobrevivente, e o que teria acontecido com West.

Assim que entraram no laboratório, a pergunta foi respondida. West havia sido despedaçado: havia pedaços mastigados dele espalhados por toda a sala. As pernas do cientista, ainda vestindo o jeans de designer e as botas Timberland, estavam apoiadas contra a parede mais afastada. Havia um de seus braços mastigados, o relógio ainda funcionando no punho, sobre o balcão, e um tronco, parcialmente coberto por uma camisa xadrez vermelha e preta como uma enorme almofada de carne, no meio do chão, o rastro de vísceras como se fosse estofamento. A cabeça do cientista estava recostada sobre uma das, agora vazias, gaiolas de animais, e o rosto de West, surpreendentemente intacto, estava virado para o grupo. A boca permanecia aberta em um grito congelado, os olhos azuis pálidos os encarando de modo acusatório.

Vocês causaram isso, era o que parecia dizer. *Vocês os trouxeram para cá. Estou morto por causa de vocês.*

O chão estava banhado com o sangue de West e as paredes, cobertas com ele. Parte do equipamento tinha sido jogada ao chão e esmagada, e todas as gaiolas de animais estavam abertas e os ocupantes, desaparecidos — comidos por zumbis, perguntou-se Sam, ou retornaram para a selva?

A porta do lado oposto do laboratório também estava aberta e, conforme Sam acreditava, era dali que a voz de Yerema saía. Havia outros sons lá dentro com a garota: grunhidos, rosnados e batidas metálicas constantes.

— Yerema! — gritou Sam.

Houve um arquejar agudo.

— Sam? É você?

— Sim. Ouça, você está bem aí?

Conforme ele esperava, a jovem gritou:

— Estou trancada em uma das gaiolas. Os infectados estão se atirando contra as barras, tentando entrar.

— Quantos estão aí com você? — gritou Purna.

— Não sei. Cerca de... doze?

Purna assentiu: era o que esperava.

— Tem algum próximo à porta?

— Não. Estão todos tentando me pegar.

Voltando-se para os demais, Purna disse:

— Vou entrar e atraí-los para fora. Quero que vocês três os peguem em um fogo cruzado assim que eu sair, mas me façam apenas um favor, está bem?

— Qual é? — perguntou Xian Mei.

Purna deu um sorriso leve.

— Tentem não ficar animados demais no gatilho. Preciso de um tempo para me afastar antes que comecem a atirar.

O grupo assumiu suas posições, Logan à esquerda da porta, Sam no meio e Xian Mei à direita. Sem hesitar, Purna passou pela porta aberta até a área das celas, e os outros ouviram-na descendo os degraus e caminhando, determinada, pelo corredor, em direção à segunda porta nos fundos, as passadas sumindo conforme ela se afastava. Por um minuto ou mais, houve silêncio, então eles a ouviram gritar, desafiadora:

— Ei, vocês! Por que não mexem com alguém do seu tamanho?

Os rosnados e grunhidos dos infectados mudaram de tom, tornando-se de repente mais urgentes e ansiosos. Depois, os três ouviram os passos de Purna, que se aproximavam rapidamente, em cujo encalço seguia o clamor bestial da perseguição. Os passos ficaram mais altos e alcançaram um crescente conforme Purna subia os degraus. Ela irrompeu pela porta, quase escorregando no sangue de West antes de recobrar o equilíbrio.

— Estão logo... Atrás de mim... — ofegou.

Purna mal saíra da linha fogo quando os infectados invadiram a sala. Assim que surgiram, Logan, Sam e Xian Mei começaram a atirar, derrubando homens,

mulheres e crianças. Sangue, carne e ossos voaram para todos os lados. Em menos de um minuto, a porta estava entupida com cadáveres. No entanto, ainda chegavam mais infectados, despreocupadamente tropeçando sobre os colegas caídos, pisando nos rostos deles e escorregando no sangue, em seu desejo desesperado por carne viva e quente.

Conforme o tiroteio continuava e os últimos dos infectados caíam no topo do emaranhado do que uma vez foram corpos humanos, também prosseguia a onda de sangue que escorria e jorrava de dezenas de feridas e rupturas espalhadas pelo chão. Sombriamente, Logan, Sam e Xian Mei permaneceram nas posições enquanto a maré de sangue subia por suas botas, escorrendo ao redor como algo vivo.

Finalmente, no entanto, estava acabado, e as armas ficaram silenciosas. Sam, nervoso, sentiu os braços penderem na lateral do corpo, aquela sensação de dormência, de irrealidade, de uma leve autoaversão tomando conta de si novamente. Ele estremeceu, afastando-a, e deu um passo para trás, para longe do sangue; as solas das botas fizeram um ruído grudento de ventosa quando recuou. Do que pareciam ser as entranhas do planeta, a voz de Yerema chamou:

— O que está acontecendo aí em cima?

Sam tentou responder, mas, por um segundo, sua voz não saiu. Foi Purna quem respondeu.

— Estamos todos bem.

— E quanto aos infectados?

Purna hesitou, como se buscando um modo de descrever o que havia acontecido sem fazer parecer tão feio e brutal quanto tinha sido. Finalmente, no entanto, ela simplesmente falou:

— Estão mortos. Pegamos todos.

— Então sou a última — falou Yerema, com um toque de descrença surgindo na voz. — A última dos Kuruni.

Durante os minutos seguintes, os quatro se ocuparam com a tarefa sombria de arrastar os corpos espalhados e misturados que bloqueavam a porta. Ninguém

falou e, quando terminaram, estavam cobertos de vermelho e com as roupas, mais uma vez, manchadas e fedendo a sangue de zumbi.

Embora Yerema tivesse ficado feliz por ser resgatada e abraçado cada um deles, ela não estava exatamente exultante, pois reconhecia que aquela era uma vitória vazia.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Purna.

Yerema balançou a cabeça.

— Foi um dos seguranças. Uma criança Kuruni estava doente, tendo convulsões, então ele abriu a gaiola. Ou não havia sido totalmente informado sobre o vírus, ou simplesmente não entendia como era perigoso. De toda forma, ele foi atacado e os infectados se libertaram. Acho que os demais seguranças devem ter relutado em usar as armas a princípio, provavelmente achavam que os infectados respondiam a ameaças. Quando perceberam o erro, era tarde demais.

— Mas você foi esperta o bastante para se trancar em uma das gaiolas — observou Xian Mei.

Para a surpresa do grupo, Yerema balançou a cabeça.

— Eu não *me* tranquei — disse a garota. — O doutor me trancou aqui mais cedo.

— West? — exclamou Logan. — Por quê?

— Queria me usar como cobaia, me dar uma injeção da vacina que havia desenvolvido para ver como afetaria o vírus latente em meu sistema. Mas eu não queria que ele fizesse isso. Achei que era perigoso demais. West admitiu mais cedo que se não acertasse, a vacina poderia ter o efeito oposto e ajudar o vírus a reagir. Ele tentou me injetar à força, mas derrubei a seringa e a pisotiei. Então West me arrastou até as celas e me trancou, dizendo que, assim que preparasse outra dose, voltaria. Alguns minutos depois, porém, o segurança chegou para alimentar os prisioneiros e cometeu o erro de abrir a gaiola, e foi quando tudo começou a dar errado. Os infectados fugiram e mataram a todos, então se voltaram para mim. Eu não sabia o que tinha acontecido com West até agora. Apesar de tudo, eu esperava que ele conseguisse fugir.

— Então ele *desenvolveu* uma vacina antes de morrer? — falou Purna.

— Foi o que me contou. Mas não sei o quanto é segura ou eficiente. Sei que não a havia testado adequadamente.

— Mesmo assim, é o melhor que temos — falou Purna, olhando ao redor do laboratório. Havia muitos equipamentos ainda intactos nas estações de trabalho, mas nada que se destacasse, nada óbvio. — Então, onde está? — perguntou.

Yerema balançou a cabeça.

— Não faço ideia.

— Temos de encontrar — disse Purna, com firmeza. — Não podemos ir embora até encontrarmos.

Capítulo 20
MINA INIMIGA

— Vá para a esquerda.

Xian Mei passou a instrução para Mowen quando o detector de minas portátil, pouco maior do que o controle remoto de uma TV, começou a apitar insistentemente. O detector consistia em uma tela, na maior parte, escura, que mostrava o barco de Mowen como um pontinho branco que se movia vagarosamente. Sempre que se aproximavam de uma das minas subaquáticas escondidas ao redor da ilha da prisão, um ponto vermelho piscante surgia, acompanhado de um apito estridente. Quanto mais se aproximavam da mina, mais frenéticos ficavam o piscar e o apito. Mowen dissera ao grupo que de vez em quando costumava fazer algumas tarefas para o chefe da prisão, e recebera o dispositivo para que se movesse com segurança pelas águas entre Banoi e a ilha menor que ficava a poucos quilômetros no mar. Mowen não tinha sido mais detalhado quanto à natureza das tarefas, e ninguém perguntou.

Considerando que precisavam estar quase sobre uma mina para que o detector capturasse o sinal, o progresso pelas águas era lento. Por um tempo, parecera que a ilha escura, projetando-se do mar, dominada pela torre cinza proibitiva como os domínios de um feiticeiro malvado em um conto de fadas, não estava se aproximando nem um pouco. Não que Sam, por sua vez, se importasse. Apesar do destino do grupo, ele apenas ficava feliz em ir para longe

de Banoi e respirar ar puro não contaminado pelo fedor da decomposição. Era um dia maravilhoso, o azul-pálido do céu estava refletido no azul mais escuro do oceano calmo e reluzente. Era estranho pensar que, como a própria Banoi, a beleza do mar escondia um perigo tão mortal à espreita sob a superfície.

Inevitavelmente, no entanto, o grupo se *aproximou*, finalmente, da ilha. As pedras pretas e pontiagudas pontilhavam a costa como as garras convidativas de um enorme leviatã. A própria ilha, que se erguia em um planalto no qual a prisão estava construída, parecia se elevar do oceano. Conforme Mowen, vagarosa e habilmente, manobrava o barco entre as rochas até uma pequena reentrância, Purna discou o número de Ryder White.

— Chegamos — disse ela quando foi atendida. — Como entramos?

A recepção estava ruim, um monte de estática através da qual a voz de White mal podia ser ouvida.

— Subam pela cerca elét... Vou cortar... Tricidade por uma hora depois que subirem ao planalto... Dar uma chance de vocês...

Uma explosão prolongada de estática sufocou as palavras seguintes. Purna se encolheu e afastou o telefone do ouvido.

— Estou perdendo contato, White — gritou ela. — O que disse?

Por um momento, simplesmente houve mais ruído, então ele se reduziu um pouco e Purna ouviu a voz de White, fraca e distorcida, erguendo-se sobre o barulho de novo:

— ... Vão ao Setor Sete. Repito, Setor Sete. Mas cuida... Fectados por toda parte.

— Entendi — falou Purna. — Vemos você em breve.

Ela desligou e transmitiu aos demais o que White dissera. Eles navegaram até a costa e Mowen desligou o motor. À frente do grupo, água transparente batia, com delicadeza, em uma praia rochosa e inclinada. Além dela, erguia-se um leve penhasco, que chegava ao planalto, cerca de 30 metros acima. Ao redor do planalto havia uma cerca de segurança de 4 metros de altura, encimada por lanças de metal. Placas a um intervalo de 5 metros entre si exibiam uma caveira

sob um raio ziguezagueante, branco sobre vermelho. Embora a cerca estivesse bem acima deles, o grupo conseguia ouvir o leve zumbido, e através dela, discerniam vagas silhuetas escuras caminhando sem rumo — os infectados sem um alvo para atacar.

Purna suspirou. A vida dela parecia ter se reduzido a pouco mais do que uma sucessão de obstáculos, e ali havia mais deles. Olhou para os colegas sobreviventes: um grupo de estranhos maltrapilhos e heterogêneos que, nos dois últimos dias, haviam vivenciado um inferno, tanto coletiva quanto individualmente, e que tinham sido forçados a se transformar em uma unidade de guerra impiedosa para sobreviver. Purna esperava fervorosamente que o fardo estivesse, finalmente, chegando ao fim, que em breve eles pudessem voltar para as antigas vidas e (dentro do possível) deixar aquele episódio terrível para trás. No entanto, bem no fundo, suspeitava que o desfecho *não* seria tão simples e direto assim, e que mesmo que tudo, no fim das contas, *desse* certo, ainda haveria batalhas para serem travadas e vencidas.

O grupo desembarcou, cada um deles carregando uma arma e uma mochila com provisões. Purna, Sam, Logan e Xian Mei ainda tinham os fuzis de assalto que haviam conseguido na delegacia e em cujo uso tinham se tornado razoavelmente proficientes nos últimos dois dias. As garotas mais jovens, Jin e Yerema, carregavam, cada uma, pistolas semiautomáticas Smith & Wesson. Desde o evento terrível na delegacia, Jin abandonara os princípios pacifistas e parecia ter aceitado que a única forma de sobreviver seria se armar e preparar para a luta. Embora Purna estivesse contente pela mudança de atitude da garota, ela não desejaria o que a causara para seu pior inimigo, e mesmo agora ainda ficava revendo o episódio na mente diversas vezes, desejando ter tomado decisões melhores.

Depois que chegaram à praia, Mowen ergueu uma das mãos em adeus.

— Eu vou agora.

Logan deu um passo à frente e apertou a mão do comerciante.

— Cuidado, cara — disse. — Obrigado por tudo.

Mowen fez que sim, implacável como sempre, os olhos ainda escondidos atrás dos óculos escuros.

— Boa sorte — respondeu.

— Para você também — falou Sam, e igualmente apertou a mão de Mowen, enquanto Xian Mei e Yerema sorriram e assentiram em concordância. Purna, no entanto, simplesmente exibiu um breve aceno com a cabeça, reconhecendo a ajuda de Mowen, mas sabendo que o relacionamento entre o grupo e o comerciante era frágil e temporário, no máximo. Era baseado — da parte de Mowen — não em respeito mútuo ou na vontade genuína de ajudar, mas somente em lucro monetário.

Eles observaram o barco de Mowen roncar, devagar, para longe, então se viraram para o assunto em pauta. Purna liderou o caminho, como costumava fazer, conforme o grupo se dirigia para o penhasco levemente inclinado e começava a escalar.

Não foi uma jornada longa ou particularmente árdua até o cume, mas o calor e o peso das mochilas eram suficientes para drenar as forças do grupo. Quando chegaram ao planalto, estavam todos ofegantes e suados, e ansiosos por uma bebida. Enquanto bebericavam água e olhavam, através da cerca elétrica que zunia, para o prédio tediosamente agourento da prisão do outro lado da extensão de 200 metros quadrados de um pátio de exercícios plano e empoeirado, os infectados que perambulavam do lado de fora começaram — de acordo com as habilidades físicas — a cambalear, correr ou rastejar na direção deles.

— Lá vamos nós de novo — falou Sam, quase exausto, e tirou o fuzil do ombro. No mesmo momento, o zumbido da cerca elétrica cessou.

— White a desligou. Isso nos dá uma hora — disse Purna.

— Como ele soube que estávamos aqui? — perguntou Jin.

Purna apontou, silenciosamente, para uma das muitas câmeras de circuito interno, instalada tão alto nas paredes da prisão que não poderia ser danificada ou desligada. Um segundo depois, o primeiro dos infectados se atirou contra a cerca de segurança com um ruído metálico.

Era um homem grande, careca, com a tatuagem de uma víbora erguendo-se na lateral do pescoço. Como a maioria dos zumbis ali, ele vestia macacões laranja de prisioneiro. Para a surpresa de todos, foi Yerema quem ergueu a pistola e atirou na cabeça do homem. Ele caiu como um saco de cimento, o rosto virando-se, desleixado e quase como o de um bebê enquanto a selvageria, de súbito, deixava o seu corpo.

— Já fez isso antes? — perguntou Purna, olhando para a garota com astúcia.

Yerema balançou a cabeça, tentando não parecer chocada com a própria atitude.

— Não, mas eu sabia que para sobreviver teria de matar. E também sabia que quanto mais adiasse, mais difícil seria.

Purna assentiu em aprovação sombria e tentou não olhar para Jin.

— Se ajudar, tente não pensar em matar — falou Sam. — Tente pensar nisso como desligar uma máquina perigosa. Quem quer que tivesse sido aquele cara, morreu há um tempo. E tudo o que você fez foi impedir que o vírus usasse o corpo dele.

Yerema acenou em agradecimento conforme mais infectados se atiravam contra a cerca de segurança. Eles enfiavam o rosto entre as barras, urrando e mordendo como cães de guarda malignos, porém frustrados.

Não foi preciso dizer a ninguém que teriam de lidar com as criaturas antes que os seis pudessem sequer *pensar* em escalar a cerca para dentro da prisão. Como crianças em um jogo de tiro ao alvo, eles silenciosamente se organizaram em fila, ergueram as armas e começaram a derrubar os infectados, um por um.

Havia cerca de sessenta deles, talvez mais, porém tudo acabou em questão de minutos. Assim que o último dos infectados caiu, Purna, Sam e o restante do grupo abaixaram as armas e caminharam para mais à frente da cerca, parando em um ponto longe o suficiente da carnificina para que não precisassem desviar da poça de sangue crescente quando pulassem para o outro lado.

Purna foi na frente, escalou a cerca com facilidade, então Sam e Logan ajudaram as outras garotas antes de vencerem a barreira eles mesmos. Os dois

trincavam os dentes conforme o esforço da escalada estirava e tensionava os músculos nos braços e pernas, fazendo com que as diversas mordidas — a de Logan, no ombro, e a de Sam, na panturrilha — latejassem de dor. No entanto, cada um foi estimulado pela determinação do outro e, finalmente, conseguiram atravessar.

Assim que se apressaram pelo espaço aberto na direção do prédio da prisão, um coro de sons diferentes irrompeu. Por um momento insano, Sam achou que tivessem disparado algum tipo de alarme, então percebeu que o barulho vinha *deles*, e eram os toques combinados dos celulares.

— Que porra é essa? — perguntou Logan, abaixando o rosto para o bolso como se um escorpião tivesse acabado de sair de dentro dele.

Purna, no entanto, já estava com o celular na mão.

— Sim? — disparou ela, sem perder o ritmo.

Os outros não conseguiam ouvir nada além do estalar de estática e o vestígio de uma voz baixinha.

— Tudo bem, obrigada — disse Purna antes de desligar e colocar o celular de volta no bolso.

— White? — adivinhou Sam.

Purna fez que sim.

— O que ele falou? — perguntou Xian Mei.

— Disse para irmos para a nossa esquerda e que a primeira porta que encontrarmos deve ser a entrada número 4. Assim que chegarmos lá, ele a destrancará para nós.

Sam olhou para cima e ao redor.

— Não gosto da ideia de ser observado — disse ele. — Isso me deixa aterrorizado.

— Se isso vai facilitar nossa tarefa, então, pessoalmente, sou a favor — respondeu Purna.

O grupo se moveu rapidamente até o prédio e divisando a parede até chegar a um refúgio que parecia um beco pequeno de paredes altas. No fim do beco havia

uma porta de metal com um número 4 pintado de preto com estêncil, e acima dela estava uma câmera de segurança em uma grade de proteção. Assim que entraram no campo de visão da câmera, uma série de *clangs* vigorosos soaram, sugerindo que diversos mecanismos de segurança pesada eram desativados. Relanceando o olhar para a câmera acima, Purna se dirigiu até a porta, abaixou a maçaneta e a empurrou.

A porta rangeu ao se abrir devagar e pesadamente, como a porta de um cofre de banco. Além dela havia um corredor pequeno e vazio. O piso era feito de alguma substância preta semelhante ao vinil e as paredes de pedra nuas estavam pintadas de um tom creme institucional. No fim desse corredor havia outra porta de metal com uma nova câmera de segurança acima. Mais uma vez, ouviu-se uma série de ruídos estalados.

— Abre-te, sésamo — murmurou Sam.

— Alguém mais está achando que isso está quase fácil *demais*? — perguntou Logan.

Purna lançou a ele um olhar severo.

— Não seja presunçoso. White falou que o lugar está fervilhando com infectados.

— Estou desconfiado, não presunçoso — replicou Logan.

— O homem está ajudando a gente porque está desesperado pela vacina — falou Xian Mei.

No final do grupo, Yerema gritou:

— Devemos fechar a porta externa ou deixá-la aberta?

Purna pensou por um momento, então falou:

— Deixar aberta. Isso nos torna mais vulneráveis a um ataque, mas, em contrapartida, prefiro ter uma rota de fuga.

Cuidadosamente, ela abriu a segunda porta. Além dela, havia um grande refeitório com fileiras feias e funcionais de mesas e cadeiras pregadas ao chão. Ao longo da parede à esquerda havia uma fileira de bufês *self-service* de aço inoxidável, os quais, no horário das refeições, sem dúvida continham minúsculas

bandejas de carne cheia de nervos, vegetais queimados e purê de batata empelotado — ou qualquer que fosse o equivalente em uma prisão de Banoi.

Tudo estava silencioso ali também, embora na ponta do recinto houvesse dois conjuntos de portas de metal com barras, além das quais podia-se, fracamente, ouvir o eco de um coro descoordenado de estampidos e estalos, acompanhados de gemidos baixos.

— Feliz agora? — perguntou Purna para Logan, conforme os dois se moviam cautelosos pelo salão.

— Em êxtase — murmurou Logan.

— Vamos ligar para White — falou Sam —, ver o que...

Antes que conseguisse terminar a frase, uma das garotas atrás dele gritou. Sam, Logan e Purna se viraram, as armas empunhadas instintivamente. Xian Mei também se virou para encarar a porta pela qual haviam entrado, seguida por Yerema. O que viram foi Jin, que tinha ficado para trás do grupo, e um homem de barba preta em macacão de presidiário. Com a mão esquerda, o homem havia torcido os braços de Jin nas costas dela, o que a fez soltar a arma, e agora a mantinha presa diante de si como um escudo humano. Na mão direita, o homem segurava um canivete grande e aparentemente bastante afiado, cuja lâmina estava pressionada contra a garganta de Jin.

— Ei! — gritou Sam, com raiva, e deu um passo à frente, mas se deteve quando o homem segurou Jin com mais força. Ao mesmo tempo, ele rasgou a pele da garganta dela apenas o suficiente para tirar sangue e um soluço estridente de terror da garota. Purna ergueu uma das mãos para indicar que todos, inclusive o agressor, deveriam permanecer calmos.

O prisioneiro lambeu os lábios e deu um sorriso lascivo, obviamente regozijando-se com o fato de que — apesar de estar armado com apenas uma faca — ele estava no controle total da situação.

— Larguem as porras das armas e recuem — disse com escárnio —, ou rasgo a amiga de vocês como se fosse merda de porco.

Capítulo 21
SITUAÇÃO COM REFÉM

— Olhe, vamos conversar sobre isso.

A voz de Purna era calma e seu comportamento, relaxado. A jovem permitiu que o cano da arma abaixasse um pouco e olhou, casualmente, para Sam, Logan e Xian Mei para indicar que deveriam fazer o mesmo.

Por sua vez, o prisioneiro parecia ansioso, nervoso. Gotas de suor se destacavam na testa, e prendia a faca com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos com a tensão. Ele deu outro sorriso com os dentes trincados e balançou a cabeça.

— Não precisamos conversar — disse. — Vocês só precisam abaixar as porras das armas ou juro que vou matá-la.

Purna suspirou.

— Sabe que não podemos fazer isso.

O prisioneiro a encarou com os olhos arregalados.

— Vocês podem e vão fazer, caralho.

— Veja bem, a questão é que — disse Purna, de modo racional — se deixarmos que pegue nossas armas, o que o impedirá de nos matar? Qual é o seu nome?

A pergunta pareceu confundir o homem.

— Por que quer saber? — disparou ele.

— Só estou tentando ser amigável. Acho que podemos nos ajudar aqui.

— Não preciso da sua ajuda — falou o homem, a voz esganiçada pela ansiedade. De repente, ele gritou para o grupo: — *Agora abaixem a porra da arma ou eu mato essa vadia!*

— Uau — disse Sam. — Calma, cara. — Movendo-se devagar, colocou a arma no chão. — Aqui está.

Purna olhou para ele com os lábios contraídos.

— Sam, o que está fazendo?

Sam fitou-a com raiva e gesticulou na direção de Jin, trêmula e obviamente aterrorizada.

— Não acha que ela já sofreu muito?

— *Todos* nós já sofremos muito — falou Purna. — Esse não é o caminho.

Ignorando-a, Sam falou com o agressor:

— Tudo bem, amigo, é o seguinte. Nós abaixamos nossas armas e recuamos um pouco, e você solta Jin. Então conversamos. O que acha?

O prisioneiro o encarou com os olhos semicerrados, desconfiado.

— Acredito que esteja preso aqui por causa daquelas coisas lá fora, certo? — Sam apontou para as batidas e os gemidos que vinham de detrás das portas metálicas com barras no final do salão.

— Continue falando — disse o homem.

— Podemos ajudá-lo com isso. Nós podemos matar aqueles desgraçados para você. Como acha que chegamos aqui, para início de conversa?

— Na verdade — falou Xian Mei —, você pode ir embora agora mesmo se quiser. As portas estão abertas e o pátio está livre. Os infectados que estavam lá fora estão todos mortos.

O homem lançou-lhe um olhar de desdém.

— Ah, é, e ir para onde? Há uma cerca elétrica lá fora e depois, 3 quilômetros de oceano minado, se é que não reparou, porra.

— Então, qual é o seu plano? — perguntou Logan.

O homem hesitou, então, para surpresa de todos, a pergunta foi respondida

por uma voz do outro lado do salão:

— Acho que talvez devêssemos ouvir o *seu* plano primeiro.

Eles se viraram e viram um homem saindo de detrás da fileira de bufês *self-service* à esquerda deles. Outro prisioneiro, alto e magro, de rosto inquisidor como o de uma raposa e com óculos de aro escuro que lhe davam um ar de estudioso. Ao contrário do colega com a faca, ele parecia calmo e contido, embora Sam tivesse tido a impressão imediata de que, sob o exterior frio, a mente do sujeito trabalhava a toda, que mesmo naquele momento ele estava avaliando a situação e a forma como poderia mudá-la a seu favor.

O homem com a faca arquejou diante do magricela.

— Que porra está fazendo? Por que está se revelando?

O magricela lançou um olhar quase de desprezo para o homem com a faca.

— Achei que uma troca de informações poderia ser mutuamente benéfica.

— Mas poderíamos ter conseguido as armas deles! — protestou o homem com a faca.

O magricela deu um riso de escárnio e gesticulou com a cabeça para Purna.

— Aquela ali jamais teria desistido da arma. É pragmática demais para isso. E muito impiedosa. — Ele deu um leve sorriso. — Estou certo, não estou?

Ao invés de responder à pergunta, Purna indagou:

— São só vocês dois?

O homem sorriu de novo, como se aquele não fosse um confronto tenso entre dois grupos de pessoas desesperadas, mas um simples jogo de estratégia. Olhando para os dois lados, ele murmurou:

— Cavalheiros?

Mais homens espantados e mal-humorados de macacões laranja começaram a surgir de ambos os lados do magricela: três à direita e quatro à esquerda, somando nove prisioneiros no total.

— Quer que a gente levante as mãos? — perguntou o magricela com tranquilidade.

De novo, Purna o ignorou.

Ao olhar para a direita, ela falou, determinada:

— Xian Mei, veja se não há mais ninguém lá atrás. Eles podem estar escondendo alguns homens. Não queremos ser enganados por uma falsa sensação de segurança, não é mesmo?

O magricela deu uma risadinha quando Xian Mei assentiu e se adiantou.

— Preciso dizer que, se alguém tentar pegar a arma de Xian Mei, eu atiro? — acrescentou Purna.

O magricela pareceu divertir-se.

— Não. Acho que não precisa.

— Tudo limpo — gritou Xian Mei alguns segundos depois.

— Bom — respondeu Purna. — Nesse caso, cavalheiros, acho bom ficarem aqui. Por que não nos acomodamos em uma dessas mesas para conversar?

Os homens, contrariados, se arrastaram de detrás do bufê e se sentaram à mesa escolhida por Purna. Quando estavam todos sentados, o magricela apontou para o homem com a faca e falou:

— Você perguntou ao meu amigo o nome dele mais cedo.

Purna assentiu.

— Ele relutou em responder.

— Ele é terrivelmente tímido — falou o homem magricela —, mas eu não sou. Meu nome é Kevin. Não vou nos envergonhar ao estender a mão para vocês apertarem. Então, qual é o *seu* nome? — Ele lançou a Purna um olhar penetrante.

— Purna.

— Purna. — O homem deteve a palavra na boca como se a degustasse. — Esse é novo para mim.

— É australiano — respondeu ela. — Sou meio aborígine.

— Que exótico — falou Kevin. — Então, diga-me, Purna, por que você e seus amigos estão aqui?

Purna olhou para ele por um longo momento, como se decidindo o que deveria lhe contar — se é que contaria alguma coisa. Então, falou:

— Fomos contatados por um homem chamado Ryder White. Ele nos disse

que se pudéssemos chegar a esta ilha, ele poderia obter acesso a um helicóptero e nos tirar daqui.

Kevin olhou para ela com astúcia.

— Por que White ajudaria *vocês*?

— A mulher dele está doente — respondeu Sam. — Temos algo para ele.

— Ah, mesmo? E o que é?

— Uma vacina. Esperamos — respondeu Purna.

— Vocês esperam?

— Não foi testada adequadamente — admitiu ela.

— Tinha tanta coisa acontecendo na hora — acrescentou Logan. — Simplesmente não chegamos a fazer isso.

Kevin olhou para os demais prisioneiros, que permaneciam sentados, estoicos, permitindo que ele controlasse a conversa.

— Talvez *possamos* nos ajudar — falou finalmente.

— Sem querer ofender, mas como *vocês* podem *nos* ajudar? — disse Sam.

— Tenho quase certeza de que White estará entocado no Setor Sete — disse Kevin.

Xian Mei assentiu.

— Setor Sete, isso. Foi aonde disse que teríamos de ir.

— Nesse caso, posso mostrar o caminho até lá para vocês — disse Kevin —, mas em troca, preciso de uma garantia de que, como parte do acordo pela vacina, vocês vão fazer White concordar em fornecer uma saída segura da ilha para mim e meus amigos. Do modo como as coisas andam, ficamos presos aqui e já estamos sem comida e água, e ninguém parece saber ou se importar. Pelo pouco que consegui perceber, acho que a situação em Banoi não é muito melhor e, nesse caso, duvido que a gente esteja na lista de prioridades de qualquer pessoa.

— Não precisamos que nos mostre o caminho — falou Sam. — Temos Ryder White para fazer isso.

Kevin suspirou.

— Nesse caso, deixe-me colocar de outra forma. Se não nos ajudarem, vou

ordenar que o Rafa aqui corte a garganta de sua amiga.

— Se ele fizer isso, atiramos em todos vocês — respondeu Logan.

Kevin ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo? Estariam preparados para abater nove homens a sangue-frio? Se for o caso, estariam nos fazendo um favor. Melhor morrer rapidamente em um tiroteio do que devagar, de fome.

Purna suspirou.

— Ninguém precisa morrer. Você me descreveu como impiedosa mais cedo, mas eu não os abandonaria para morrerem de fome. Têm minha palavra quanto a isso.

— Sua palavra — falou Kevin. — Bem, isso é maravilhoso. Tenho certeza de que isso tranquiliza as mentes de *todos* nós.

Alguns dos prisioneiros riram com escárnio.

— Por que não ligamos para White agora mesmo? — sugeriu Xian Mei.

— Isso, façam o acordo de modo que *todos* possam ouvir — acrescentou Logan.

Purna deu de ombros e pegou o celular, então digitou o número de White. Tudo o que se ouviu, no entanto, foi estática. Ela tentou de novo; obteve o mesmo resultado.

— Merda, não completa — disse.

— Que *conveniente* — zombou Kevin.

— Então, como ele vai ajudá-los a chegar ao Setor Sete agora? — falou um dos prisioneiros, com esperteza.

Purna fitou-o.

— Ele está monitorando nosso progresso pelo circuito de TV fechado, destravando portas conforme as alcançamos.

Kevin pareceu pensativo. Finalmente, falou:

— Tudo bem, eis o que vai acontecer. Nós ficaremos com sua amiga aqui como garantia, caso decidam fugir de nós. Não se preocupem, ela não sofrerá mal algum, têm nossa garantia disso.

Ao ouvir essas palavras, Jin soluçou.

— De jeito nenhum. Ela vem com a gente — falou Sam.

Kevin ergueu as mãos e disse com tranquilidade.

— Ora, por favor, sejam racionais. Acham realmente que...

— Foda-se a razão! — gritou Sam.

Ao erguer uma das mãos para apaziguar o diálogo, Purna explicou:

— Tentamos isso uma vez. Não funcionou para nenhuma das partes envolvidas.

Kevin suspirou.

— Se o problema é *esta* garota em particular, então ficaremos felizes em levar aquela. — Ele indicou Yerema com a cabeça.

— De jeito nenhum. — Sam balançou a cabeça. — Ficamos todos juntos. Ninguém é deixado para trás.

Kevin comprimiu os lábios e a sobrancelha se franziu de leve, como se ele estivesse resolvendo um enigma complicado.

— Nesse caso, isso só me deixa uma alternativa.

— Ah, é? E qual é? — perguntou Logan.

— Vou pessoalmente. Para me certificar de que cumprirão o acordo.

Houve um murmúrio de descontentamento entre os prisioneiros sentados à mesa. Um deles, um sujeito negro e corpulento com redemoinhos elaborados raspados a navalha na lateral da cabeça, falou:

— De que vai adiantar? Assim que sair deste salão, eles te matam.

Kevin balançou a cabeça, os olhos sempre fixos nos de Purna.

— Não — disse ele, baixinho —, realmente acho que não farão. Esta aqui é a mais perigosa, mas não é desonesta. Na verdade, é uma mulher de *honra*.

— Como sabe disso? — perguntou o homem negro.

Kevin lançou um sorriso quase encantador.

— Sou um excelente avaliador de caráter.

— E quanto aos malucos? — falou outro prisioneiro, um homem careca, exausto, de cerca de 50 anos e com um pomo de adão proeminente.

— O que acha que são estas coisas? — falou Logan, erguendo a arma. — Acessórios de moda?

— Há muitas daquelas coisas lá fora — disse um homem parecido com um rato de cabelos amarelos espetados. — Eles mordem você, até mesmo *babam* em você, e quando isso acontece você está fodido, cara.

— Não nós — falou Sam. — Somos imunes. — Ele enrolou a perna da calça jeans, tirou o curativo da panturrilha e mostrou a mordida a eles. — Vejam só.

Houve murmúrios de espanto e inquietude.

— São *todos* imunes? — perguntou o grandalhão negro.

— Todos menos Jin — falou Purna. — Falando nisso...

— Ah, é claro. Sinto muito — disse Kevin. Ele ergueu uma das mãos e dobrou um dedo. — Solte a jovem, por favor, Rafa.

Rafa obedeceu, embora relutante, e Jin arquejou e disparou para a frente, quase caindo nos braços de Xian Mei.

— Não acho que isso seja uma boa ideia — murmurou Rafa.

— Sim, bem, pensar jamais foi seu forte, não é, Rafa? — falou Kevin, incitando algumas risadinhas dos outros homens.

Ele se levantou devagar, então uniu as mãos e sorriu, como um vigário contemplando uma excursão de igreja.

— Certo, então — disse Kevin. — Vamos lá?

Capítulo 22
CAMPO DE BATALHA

— Então, o que há diretamente atrás desta porta?

— Deixe-me desenhar um diagrama — falou Kevin em resposta à pergunta de Purna. — Rafa, se puder me emprestar sua faca por um momento?

Olhando para Purna, Sam e para o resto do grupo com o ressentimento amargo de um garotinho que teme que seu brinquedo preferido seja tomado, Rafa pegou a faca do cinto e a entregou para Kevin do outro lado da mesa.

— Obrigado — disse Kevin, e se virou rapidamente para sorrir para Purna. Erguendo a faca casualmente, falou: — Prometo que não vou tentar nada idiota com isto. Caso você estivesse imaginando.

— Não estava — respondeu Purna.

Dando risadinhas como se fosse uma piada interna, Kevin se voltou para a mesa e começou a riscar um xadrez na superfície com a ponta da faca. Enquanto trabalhava com paciência e dedicação, falou:

— É irônico, não é? Porque canetas e lápis são considerados armas perigosas em nossas mãozinhas suadas, preciso recorrer a uma faca como instrumento de escrita. Que mundo doido esse em que vivemos.

Depois de terminar, Kevin entregou a faca de volta a Rafa e recuou, revelando o trabalho manual com um floreio. Purna olhou desconfiada para os homens que estavam sentados antes de dar um passo para a frente. O que Kevin havia

desenhado era uma série de cinco círculos — dois no topo e dois na base, com um menor no meio —, unidos por diversos traços que ela presumiu serem corredores. Um traço mais longo que se distanciava do círculo central levava a um sexto círculo à direita.

— Se eu puder explicar? — falou Kevin, erguendo as mãos para mostrar que não havia nada nelas.

— Vá em frente — disse Purna.

— Embora não pareça pelo lado de fora — começou Kevin —, o interior da prisão é construído "ao redondo", que com isso quero dizer que as áreas das celas e as de atividades diurnas são circulares. Aparentemente, esse design funciona com maior eficiência como uma instalação carcereira. Não há cantos obscuros, o que significa que os campos de visão são claros e que há uma visão melhor de tudo o que acontece. Agora, estamos nesta área — ele apontou para o círculo do topo à esquerda —, embora dê para ver que *este* salão em especial não é redondo, porque é simplesmente um elemento do espaço, um quadrado dentro de um círculo, para melhor dizer. — Kevin ergueu o rosto e sorriu. — Ainda me acompanha até aqui?

— Continue — murmurou Purna.

— Precisamos chegar ao Setor Sete, que fica aqui. — O dedo dele se moveu até o círculo maior à direita. — Esta é a torre que você vê de Banoi, e está conectada ao resto das instalações basicamente por este longo corredor aqui. No entanto, embora essa seja a rota mais direta, também será a mais populosa. O que proponho, portanto, é que prossigamos diagonalmente através deste panóptico central, em direção à porta que leva à seção de segurança máxima por aqui. — Ele apontou para o círculo no canto direito. — Neste ponto, há acesso por um corredor para o quadrante inferior esquerdo da torre. Nossa intenção é chegar aqui. — Ele indicou uma cruz no fim do longo corredor, o qual se estendia quase até a metade do círculo à direita que retratava a torre.

— O que é isso? — perguntou Purna.

— Um elevador — falou Kevin. — Vai nos levar até o centro de operação das

instalações. E é onde precisamos estar. É o Setor Sete.

Purna estudou o diagrama com cautela.

— Explique o layout destas áreas circulares para mim — pediu.

— São muito simples — falou Kevin. — Celas em quatro andares em torno do exterior e uma grande área central no meio, onde os presidiários se reúnem durante o dia. Bem no meio de cada área central, como o eixo de uma roda, há uma torre de segurança, de talvez 10 metros de altura. A torre tem uma porta na base, a qual se abre para degraus que levam a uma vista panorâmica da área.

— Há janelas individuais? — perguntou Purna.

Kevin assentiu e semicerrou os olhos, como se visualizando.

— São oito no total, acho.

— E podem ser abertas?

— Não sei. Acho que sim. — Ele sorriu de novo. — Jamais estive lá em cima. Sou *observado*, não *observador*.

— Imagino que essas áreas estejam lotadas de infectados — disse Logan.

Kevin assentiu, quase alegre.

— Ah, com certeza, *fervilhando* com eles.

— Quais você acha que são nossas chances de atravessar? — perguntou Xian Mei.

— Sinceramente? Diria que as chances de *todos* atravessarmos são ínfimas. Teríamos de correr muito rápido e atirar com muita precisão. E, mesmo assim, alguns de nós provavelmente sucumbiriam sob os números.

— Mas você está preparado para vir conosco mesmo assim — disse Purna, desconfiada.

Kevin olhou para ela sem piscar.

— Sim.

— Por quê?

— Porque é louco — murmurou o homem negro.

Kevin pareceu ofendido.

— Obrigado, Clarence, por esse assassinato de caráter sucinto. — Kevin virou

toda a intensidade do olhar para Purna. — Porque sinceramente acho que vocês são nossa única chance de sobrevivência, ainda que seja mínima. E porque prefiro sair lutando a ficar sentado aqui apodrecendo.

Purna o encarou e Kevin retribuiu. Era como se estivessem tentando enxergar dentro das almas um do outro. Finalmente, ela falou:

— Não tenho certeza se acredito em você.

— Mas ainda me permitirá acompanhá-los?

Ela deu de ombros.

— Se quiser mesmo. Mas não vai ganhar uma arma.

Kevin pareceu aceitar a afirmativa dela com tranquilidade.

— Nesse caso, posso pedir um pequeno favor?

— Depende do que for.

— Se algum de vocês me vir entrar em... dificuldades com meus colegas presidiários lá fora, por favor, acabem com meu sofrimento. Ser devorado vivo por aquelas *coisas*, ou, pior, *virar* uma delas... — Ele estremeceu. — Bem, seria bastante indigno.

— Se aquelas coisas te pegarem — disse Sam com pesar —, será um prazer para mim dar um tiro na sua cabeça.

Kevin levou a mão ao peito.

— Sua gentileza me aturde.

Purna, enquanto isso, havia atravessado até outra mesa e tirava a mochila dos ombros. Após colocá-la diante de si, falou:

— Tenho algo aqui que pode melhorar um pouco as chances...

Três minutos depois, estavam prontos para partir. Depois de discutir e concordar na estratégia, Purna tentara ligar para White mais uma vez, sem sucesso. Frustrada com a inabilidade de completar a chamada, Purna seguiu até a câmera de circuito interno de TV mais próxima, encarou-a e, com cuidado, gesticulou a rota que planejavam pegar.

— Espero que consiga me ver e me ouvir — disse —, pois, se não puder, provavelmente estamos mortos, o que significa que sua mulher também está.

Conforme ela caminhava de volta pelo salão, todos ouviram as portas mais distantes se destravarem com uma série de ruídos. Sam, Logan, Yerema e Jin já estavam ajoelhados à passagem, de prontidão, ao passo que Xian Mei mantinha-se atrás deles, o fuzil diante da porta, apontado acima das suas cabeças. Kevin esperava com a mão na maçaneta e olhou em volta quase casualmente conforme Purna se aproximava.

— Imagino que tenha ouvido isso?

Purna assentiu.

— Todos prontos?

Todos murmuraram em confirmação.

— Tudo bem — disse ela, e inclinou a cabeça na direção de Kevin.

Ele empurrou a maçaneta para baixo e apoiou o ombro contra a porta de metal pesada, colocando toda a sua força esguia contra ela. Mesmo assim, a porta se abriu agonizantemente devagar, a fenda, conforme se alargava, dava ao grupo um relance gradualmente expansivo de um mundo infernal.

O salão circular como o de uma catedral estava lotado de zumbis. Eles perambulavam como ovelhas, rosnando e gemendo, esbarrando uns nos outros conforme se moviam da própria forma inútil e aleatória. De vez em quando, um tropeçava e caía, às vezes derrubava outros, mas não havia recriminações, nenhuma hostilidade. De fato, os infectados mal pareciam cientes uns dos outros, sequer operacionais. Era somente comida, ou a perspectiva de comida, que incitava qualquer tipo de reação neles.

Não foi, portanto, a porta que se abria que chamou a atenção das criaturas, mas o relance ou o cheiro de carne viva atrás dela. Enquanto Sam se agachava diante da porta, percebeu que corpos se viravam, atrapalhados, e cabeças estalavam na direção dele. O rapper quase conseguia ver os processos cognitivos primitivos das criaturas entrando em ação, os rostos pálidos e manchados se transformando com a única expressão que eram capazes de exibir: ódio e fome. Conforme os infectados se moviam na direção do grupo, como água fluindo da rachadura de uma represa, Xian Mei começou a atirar, cuidadosa e precisamente

erradicando as ameaças mais próximas e imediatas.

— Agora! — berrou Purna, ao que ela, Sam, Logan, Jin e Yerema puxaram os pinos das granadas e as atiraram em cinco direções diferentes, para dentro do salão à frente. Instantaneamente, Sam pegou a segunda granada do chão, e, vendo de esguelha que os demais faziam o mesmo, puxou o pino e a atirou também.

Assim que as dez granadas foram atiradas, ele deu um salto e ajudou Kevin a fechar a porta. Xian Mei ainda atirava pela fenda que, gradualmente, se estreitava. Àquela altura, mãos cinza-azuladas, unhas pretas e quebradas se enroscavam sobre a borda da porta, tentando abri-la à força novamente ou simplesmente arranhar os petiscos deliciosos do outro lado. Conforme Sam e Kevin lutavam contra a porta, Yerema, Jin e Logan golpeavam os dedos ávidos o melhor que podiam com as coronhas das armas. Purna se juntou a Xian Mei atirando pela fenda, o rosto tranquilo e concentrado como nunca, apesar da proximidade dos mortos enraivecidos.

Então, a primeira das granadas estourou e foi seguida por uma rápida sucessão de diversas outras. Kevin, Sam e as garotas foram atirados para trás quando a explosão bateu a porta e a fechou em uma lufada de ar superaquecido. Estavam se levantando, um pouco zonzos, quando Jin gritou enojada. Com a força da porta se fechando, a mão de um zumbi tinha sido arrancada na altura do punho e agora jazia sobre o chão, fechando-se e abrindo-se convulsivamente como um besouro caído de costas. Por alguns segundos, todos permaneceram imóveis, observando os estremecimentos mortais da coisa. Apesar de tudo pelo que haviam passado e visto, os dedos freneticamente tamborilantes provocavam uma náusea específica. Quando a mão finalmente parou de se mover, Purna deu um passo determinado para a frente e a chutou para a outra extremidade do salão, parando sob uma mesa, como um siri morto.

Enquanto observavam a mão, as granadas do outro lado estouravam. Acompanhando a primeira onda de explosões ouviram-se o tilintar de vidro quebrando e diversos estampidos úmidos contra as portas fechadas. Os ecos

ainda ressoavam nos ouvidos deles quando a segunda onda teve início, com cinco enormes explosões, uma após a outra. O salão estremeceu e uma enorme rachadura surgiu na parede espessa de pedras, do chão ao teto. Então, houve silêncio.

Foram os prisioneiros, ainda sentados em torno da mesa, a 15 metros de distância, que reagiram primeiro. Eles começaram a dar vivas e gargalhar; alguns bateram nas palmas das mãos dos outros.

Irritada, Purna ergueu uma das mãos para pedir silêncio, com o ouvido pressionado contra a porta. Depois de alguns segundos, falou:

— Ainda há movimento, mas acho que deveríamos entrar agora, enquanto aqueles que não explodiram em pedaços tentam se recuperar.

Embora os ouvidos de Sam ainda latejassam, ele assentiu e olhou ao redor.

— Todos prontos?

Houve alguns acenos de cabeça e murmúrios de confirmação.

— Vamos — falou Purna.

Ela abriu a porta com um empurrão, olhou ao redor e correu. Sam, um passo atrás, fez o mesmo, sentindo-se pouco diferente de um soldado cruzando um campo de batalha. O salão circular — panóptico, como Kevin havia chamado — estava em ruínas e, no chão, espalhavam-se metal retorcido e vidro estilhaçado. Ainda mais arruinados estavam seus ocupantes, a maioria em pedaços. Havia partes de corpos em todo lugar, e o piso estava tão coberto de sangue que parecia um lago vermelho entulhado de carne e escombros.

Apesar disso, alguns dos infectados ainda estavam ativos. Uma boa parcela desses, no entanto, estava tão terrivelmente ferida que não conseguia fazer mais do que se arrastar sobre os membros despedaçados. Um homem, cujos braços não passavam de cotocos dos quais lanças de osso partido se projetavam como asas vestigiais, correu na direção de Sam, os dentes trincados. Sam girou e atirou na cabeça do zumbi, mal perdendo o ritmo. Ele saltou sobre a mão em garra de um homem cujas entranhas saíram de um furo no abdômen. Próxima, uma cabeça, presa a pouco mais do que uma coluna dorsal e metade de um tronco,

rosnava e rangia os dentes.

Ficara combinado anteriormente que se uma boa parcela dos infectados sobrevivesse à explosão, os sete subiriam para a torre de observação no centro do salão e reencenariam a "Operação Peixe no Barril", derrubando os zumbis do alto. No entanto, as granadas, duas dúzias das quais haviam sido retiradas, além das armas, do arsenal de Banoi, tinham feito consideravelmente mais danos do que Sam suspeitava que Purna esperava. Como resultado, a australiana se virou rapidamente e gritou:

— Continuem! — Ela indicou a porta, na diagonal daquela pela qual haviam entrado.

Assim que chegou antes de todos à porta, Purna testou a maçaneta. Satisfeita porque a porta se abriria, gritou:

— Xian Mei, nos dê cobertura! O resto do grupo, granadas!

Ninguém precisava de mais explicações. Conforme Xian Mei se virava e começava a atirar nos poucos zumbis suficientemente inteiros para cambalear na direção deles (um vislumbre rápido confirmou para Sam que nenhuma das criaturas restantes de fato corria), ele, Logan, Jin e Yerema vasculharam os bolsos. Sam ajudou Purna a empurrar a porta para que se abrisse, então, quando os infectados do outro lado começaram a registrar a presença do grupo, os cinco puxaram os pinos da segunda leva de granadas e as atiraram no que Kevin dissera mais cedo ser a ala de segurança máxima. Purna começou a atirar nas criaturas mais próximas à porta enquanto Sam e os demais pegavam as granadas restantes e repetiam o processo. Então, Purna e Sam trocaram de lugar, Sam afastando os infectados enquanto Purna atirava a última granada *dela*.

Mais uma vez, foi a primeira e quase simultânea onda de explosões que bateu a porta. Dessa vez, Sam e os outros já recuavam de prontidão, mas isso não os impediu de serem deliberadamente borrifados com sangue de zumbi quando um dos infectados, que se esgueirava pela abertura entre a porta e o portal, foi praticamente partido ao meio, longitudinalmente, quando a primeira granada explodiu. Ofegante e tossindo, Sam ficou, pelo menos, secretamente grato ao

perceber que Kevin também recebera um jato úmido. O magricela abaixou o rosto para o macacão manchado de sangue coagulado com a expressão chocada de uma criança em uma festa cujo melhor amigo acaba de vomitar em sua camiseta preferida. Ainda limpando o fluido fétido que lhe escorria do rosto, Sam falou:

— Bem-vindo ao clube, amigo.

Por uma fração de segundo, a qual coincidiu com a segunda leva de granadas disparando no salão ao lado, Kevin olhou para Sam com uma expressão de puro veneno. Então, o seu rosto súbita e bizarramente voltou a exibir o familiar sorriso levemente enigmático e ele falou:

— Estou ansioso para receber o meu certificado de adesão.

Com Xian Mei e Logan ainda derrubando zumbis atrás deles, Purna e Sam reabriram a porta para verificar que danos a segunda leva de granadas havia causado. Como antes, os resultados eram tanto impressionantes quanto chocantes. Embora alguns dos infectados tivessem sobrevivido, a maioria havia sido despedaçada, e o lugar agora parecia o desfecho de um acidente de trem. Como acréscimo à cena, a torre de observação central havia implodido, o que significava que, assim como membros partidos e corpos despedaçados, o chão estava coberto de uma pista de obstáculos com metal retorcido e vidro quebrado.

Purna começou a atravessar o salão, abrindo caminho através e sobre os escombros, dirigindo-se à porta que Kevin indicara no diagrama, que ficava entre duas fileiras de celas na parede mais distante. Conforme avançava, ela atirou em dois zumbis que se aproximavam com eficiência impiedosa, e Sam, alguns passos atrás, fez o mesmo. Logo atrás de Sam seguiam Jin e Yerema, atirando com as pistolas quando precisavam, e logo atrás *delas*, com a cabeça abaixada, estava Kevin.

No fim do grupo, Logan e Xian Mei lutavam para fechar a porta, de modo a barrar o punhado de zumbis que tinham sobrado no salão anterior e se aproximavam. Ao se virarem, notaram que estavam separados do restante do grupo enquanto pelo menos duas dúzias de infectados os cercavam por todos os

lados. Algumas das criaturas tinham sido feridas na explosão, mas a maioria ainda estava suficientemente inteira para permanecer perigosa.

— Hã... gente — gritou Logan, quando ele e Xian Mei, de costas um para o outro, começaram a atirar nos zumbis mais rápidos, que se aproximavam. De repente, algo caiu de cima e, embora só os tivesse acertado de raspão, bastou para derrubar Xian Mei e fazer com que a arma dela voasse das mãos. Logan mal teve tempo de registrar que o que havia se chocado contra eles tinha sido um dos infectados, o qual, pelo visto, estava tão desesperado para atacar que havia tomado a rota mais rápida da varanda superior, antes que o restante dos zumbis os cercassem.

— *Pessoal*! — gritou ele de novo, atirando, desesperado, contra o grupo de mãos em garra e rostos rosnando maldosamente. Em algum lugar próximo, ele ouviu Xian Mei gritar de terror e dor, então, empurrado e golpeado por todos os cantos, ele caiu. Logan começou a lutar freneticamente, socando e chutando conforme rostos se atiravam contra ele. O ex-jogador sentiu uma dor aguda na perna, depois outra no braço.

Não!, pensou. *Não vou morrer assim, porra!*

Então ouviram-se tiros, pés correndo, uma confusão de barulho, e, de súbito, ele foi coberto de sangue e cérebro quando os rostos terríveis e cheios de ódio acima de Logan eram estourados, um a um. Alguns segundos depois, aqueles rostos foram substituídos por outro que ele reconhecia. Era Sam, os olhos vivos arregalados com ansiedade e preocupação.

— Ei, cara, você está bem? — perguntou o rapper.

— Apesar de quase ter virado um sanduíche, estou ótimo — respondeu Logan. Ele tentou se levantar e sentiu dor irradiar pelo braço esquerdo e pela perna direita. — Ai! Porra! Isso dói!

— Você foi mordido, cara — disse Sam. — Consegue se levantar?

Logan trincou os dentes.

— Sim, posso me levantar. Do contrário, estou morto, certo?

Com a ajuda de Sam e, surpreendentemente, de Kevin, Logan se levantou.

Vagamente, em meio à dor constante na cabeça, ainda percebia tiros sendo disparados, zumbis caindo como gado em um abatedouro.

— Como está Xian Mei? — perguntou ele, arquejante.

— Vai ficar bem. Venha.

— Aonde vamos?

— Chega de perguntas. Apenas *venha*.

Cambaleante, mancando, apoiado de um dos lados por Kevin e do outro por Sam, que atirava na altura do quadril e estourava zumbis que se aproximavam conforme prosseguiam, os três chegaram à porta do outro lado do salão.

Depois de atravessarem, Sam rapidamente, mas com delicadeza, abaixou Logan até o chão. Logan ficou sentado com as costas contra a parede, imaginando onde teria ido parar sua arma, desejando que a cabeça parasse de girar. Tudo ainda era um borrão, no entanto, um emaranhado de ruído e atividade. Estava ciente de pessoas correndo em sua direção, de mais tiros sendo disparados, então o que pareciam ser soluços de dor. Logan tentou se concentrar, mas os ruídos disparavam juntos, se distorciam, e ele sentiu como se estivesse afundando em um poço profundo. Tentou rastejar de volta, na direção da luz, mas a escuridão espessa e aveludada o tomou, fazendo-o oscilar como ondas. Finalmente, incapaz de encontrar forças para combater aquilo, Logan desmaiou...

... E acordou, ao que pareceu, segundos depois, ofegando em choque.

— Como você está? — perguntou uma voz.

Sam. Era Sam. Logan piscou para ele.

— Onde estou?

— Na cadeia — respondeu Sam, e com isso, as lembranças fluíram.

Logan esfregou o rosto e gemeu.

— Faz sentido. Minha mãe sempre disse que eu acabaria na cadeia. Como está Xian Mei?

— Pior do que você — respondeu Sam —, mas ficará bem.

— O que fizeram com ela?

— Arrancaram bastante pele do braço dela. Purna fez um curativo muito bom. Tome.

Sam ofereceu uma garrafa d'água para Logan, que a recebeu com gratidão e bebeu tudo. A água o ajudou a reavivar-se, então ele olhou ao redor. Estavam em um corredor. Era vazio, meio deprimente, mas silencioso. Abençoadamente silencioso.

Todos estavam sentados no entorno, descansando, superando o que havia acontecido. O grupo parecia o restante de um exército após uma batalha muito difícil — exaustos, manchados de sangue, em choque. Xian Mei, com o braço esquerdo completamente enfaixado desde as pontas dos dedos até o ombro, como se fosse a Noiva de Frankenstein, estava com olheiras escuras ao redor dos olhos e uma expressão tão pálida que os lábios pareciam desprovidos de sangue.

— Ei — disse Logan para ela, e a garota o recompensou com um sorriso cansado.

A única pessoa que não estava sentada era Purna. Ela olhou para Logan, então para Xian Mei.

— Vocês dois estão bem para prosseguir?

Em qualquer outra situação, Logan teria gargalhado e dito a ela para se ferrar, mas naquele momento ele apenas fez que sim e, com a ajuda de Sam, se levantou.

— Está tudo bem — murmurou Sam. — Não há mais zumbis.

— Que bom — disse Logan —, porque acho que perdi minha arma. Espero que Purna não me faça pagar por ela.

Liderados por Kevin, os sete percorreram, devagar, o longo corredor até uma porta no final. Ela estava aberta, como as demais (*Obrigado, Ryder White*, pensou Logan), e dava para diversos escritórios administrativos vazios e corredores que se ligavam a um saguão central, para o qual diversos corredores convergiam. Não havia sinal dos infectados naquela parte do prédio, e, de fato, nenhum sinal de que tinham estado ali. Na parede à esquerda estava um elevador com portas de metal.

— É aqui — falou Kevin. — O Setor Sete aguarda.

Ele pressionou o botão e a seta apontada para baixo se acendeu. Por alguns segundos, o grupo esperou, sem conversar, como estranhos no saguão de um hotel. Houve um apito e as portas do elevador se abriram devagar. O grupo se acomodou e Kevin apertou o botão que exibia o número 7. Assim que as portas se fecharam, Logan ouviu um ruído sibilante, que, a princípio, ele achou que fosse o mecanismo do elevador. Então Purna falou:

— O que é isso?

— É o gás — falou Kevin, a voz estranhamente abafada.

Logan se virou, espantado, e viu que Kevin havia liberado uma pequena argola ao lado dos botões do elevador, que fizera com que uma aba caísse. Atrás da aba havia um compartimento, como um armário minúsculo, do qual Kevin, oculto pelas pessoas ao seu lado, retirara uma máscara de gás. Ele vestia a máscara no momento que a sibilação ficava mais alta.

— O que... — disse Purna, então as pernas dela se dobraram e a garota deslizou, inconsciente no chão.

Gás?, pensou Logan, tentando compreender o que estava acontecendo, mas subitamente sentiu a mente ficar lenta e anuviada, e a cabeça tão pesada quanto uma rocha. A última coisa que viu antes de o corpo apagar e ele desmaiar pela segunda vez em uma hora foram os olhos arregalados e mascarados de Kevin vindo em sua direção.

Capítulo 23
SEGREDOS E MENTIRAS

— Então é tudo por causa disto. Não parece grandes coisas, não é?

As palavras arrancaram Sam de um lago negro de inconsciência. Ele abriu primeiro um olho e depois o outro, a cabeça latejando como se sofresse a pior ressaca de todos os tempos. Sam tinha a vaga consciência de que estava sentado em uma cadeira, mas não fazia ideia de como havia chegado ali. A última coisa de que se lembrava era...

O elevador! A lembrança o despertou completamente e ele tentou se levantar.

Mas não conseguia se mover. Estava paralisado. O gás de Kevin o havia paralisado! Então Sam percebeu que suas costas doíam, que sentia uma mistura de câimbra e dormência nos ombros, e de que algo pressionava seus punhos.

Não estava paralisado, então. Graças a Deus. Não estava paralisado, mas, ainda assim, imóvel. Amarrado a uma cadeira.

Sam piscou para limpar a visão embaçada, virou a cabeça na direção da fonte das palavras que ouvira ecoando em sua mente. Ele viu um borrão laranja (*laranja como abóbora de Halloween*, pensou Sam, e sentiu uma pontada súbita de nostalgia da infância). Então, o borrão se comprimiu, se aglutinou e Sam percebeu que estava olhando para Kevin, que vestia o macacão de presidiário.

O homem magricela estava recostado sobre uma mesa de controle, iluminado por trás pelo clarão gélido de uma parede de telas de TV. As telas exibiam visões

estáticas diferentes da prisão — corredores e áreas das celas, cozinhas, pavilhões de chuveiros, a biblioteca, o pátio de exercícios. Sam conseguia ver que a maioria dos lugares estava deserta, mas, em alguns, os infectados perambulavam como sonâmbulos. Ele voltou a atenção para Kevin. O homem segurava um frasco de líquido amarelo que lembrava chá fraco ou urina.

— O que está acontecendo? — murmurou Sam, e Kevin olhou para ele.

— Ah, bem-vindo de volta — disse o homem. — Gostou da soneca?

Sam o ignorou, olhando ao redor para assimilar o ambiente. Ele ficou aliviado ao perceber que os amigos estavam ali, e aparentemente bem — apesar do fato de que, como o rapper, tinham sido atados a cadeiras e suas mochilas e armas haviam sido tomadas.

Entre os demais, Purna e Xian Mei eram as únicas conscientes. Logan, Jin e Yerema ainda estavam encurvados para a frente, os olhos fechados, respirando pesadamente.

Xian Mei parecia doente. Estava com a pele úmida, o rosto e o corpo retesados como se o menor dos movimentos lhe causasse dor. As ataduras espessas em torno do braço estavam manchadas de vermelho onde o sangue havia vazado do ferimento abaixo.

— Você está bem? — perguntou Sam.

Ela umedeceu os lábios e fez um aceno de cabeça minúsculo e nada convincente.

Ao contrário de Xian Mei, Purna parecia pronta para lutar, os olhos pretos brilhando de ódio.

— O que espera ganhar com isso, *Kevin*? — disse ela, fazendo com que o nome do homem soasse como um insulto.

— Ah, já ganhei — respondeu ele.

Purna fez uma expressão irritada.

— Do que está falando?

Enquanto sorria e colocava o frasco no bolso, Kevin respondeu:

— Deixe-me contar uma historinha para vocês.

— Ah, esta é a parte em que o vilão se gaba sobre como foi inteligente e os heróis ficam entediados? — perguntou Sam.

Kevin fitou-o por um momento, como se estivesse decidindo se socava ou não Sam no rosto. Então deu uma risada de escárnio e se acomodou confortavelmente contra a mesa, cruzando os braços.

— Não exatamente — respondeu ele. — É mais a parte em que pessoas pequenas e insignificantes descobrem como o mundo funciona de verdade, e como não podem fazer absolutamente nada com relação a isso.

— Isso parece ainda mais entediante — murmurou Sam.

— Então, conte-nos — falou Purna com desprezo cansado. — *Como* funciona o mundo? A *seu* favor?

Kevin deu um risinho.

— Por que acham realmente que estão em Banoi?

— Porque somos imunes — disse Purna. — Porque fomos trazidos aqui para sermos manipulados, para sermos usados como cobaias.

Kevin assentiu.

— E por que estão aqui agora? Na cadeia, quero dizer?

— Porque o tal Ryder White disse que nos tiraria da ilha se trouxéssemos a vacina para ele — falou Sam.

Obviamente divertido, Kevin ergueu uma das mãos e a agitou de um lado para outro.

— Bem... Isso está certo *em parte* — disse ele. — Mas creio que não seja a história *toda*.

— Tudo bem — cedeu Purna —, então por que não nos *conta* a história toda? Posso ver que está doido pela oportunidade de nos contar como tem sido esperto. Por que não começa nos dizendo quem é de verdade, já que, com certeza, não é um prisioneiro comum?

Kevin comprimiu os lábios, como se por dentro discutisse o quanto revelar. Finalmente, falou:

— Meu nome é Charon. Sou um agente infiltrado para a Organização...

— A *Organização*? — interrompeu Purna com tom de zombaria. — Oh, que misterioso.

O homem, agora chamado Charon, deu de ombros, insensível à provocação.

— Não tem um nome porque não existe oficialmente. É uma associação secreta dos indivíduos mais ricos do mundo que ganham dinheiro explorando certas oportunidades financeiras que surgem em áreas de conflito global.

— Então são como abutres? — perguntou Sam. — Alimentam-se da desgraça e da destruição de pessoas inocentes?

Charon riu com escárnio.

— Não esperaria que entendessem.

— Ah, entendemos mais do que imagina. — A voz de Purna respingava desprezo. — Sei como pessoas assim agem, e não são oportunistas. Podem ter sido um dia, mas quando o perfil financeiro atinge certo nível, não ficam mais sentadas passivamente, esperando que algo aconteça. Elas *fazem* as coisas acontecerem. Iniciam os incêndios. E, se desgraça e caos são bons negócios, então se certificam muito bem de que elas mesmas que os criem.

— Então começam guerras? — perguntou Sam. — E criaram esse vírus para usá-lo como arma que possam vender para o lance mais alto?

— É claro que sim. — Purna lançou um olhar de desprezo para Charon. — Não é?

Charon inclinou a cabeça.

— Em parte. Mas a Organização não *criou* o vírus. Ele já estava aqui, em Banoi. A Organização investe muito dinheiro em pesquisa e desenvolvimento. Ela investiga cada ramo da ciência em busca de novas armas em potencial, e tem olhos e ouvidos em todo canto.

— Então descobriram o vírus? — falou Sam.

Kevin assentiu.

— Os primeiros infectados a voltar à vida foram retirados da ilha e testados.

— Os estupradores de Yerema — falou Purna, olhando para a garota.

— Exatamente — respondeu Kevin. — E os testes mostraram que, em todos

os três, o vírus, Patógeno K, não podia ser isolado porque estava constantemente em mutação. Então, para criar uma arma biológica utilizável, uma forma estável do Patógeno K precisava ser encontrada, para que uma vacina pudesse ser desenvolvida.

— Porque sem uma vacina o vírus seria inútil como arma biológica — falou Purna.

— E foi aí que vocês entraram — explicou Charon, estendendo os braços de modo expansivo. — Foi descoberto que, apesar da natureza agressiva e do estado de mutação constante do vírus, um minúsculo percentual de pessoas era completamente imune. A Organização, então, usou seus recursos para vasculhar fichas sanguíneas por todo o mundo. Até mesmo criaram uma campanha de doação de sangue multinacional sob diversos endossos e iniciativas para ampliar ainda mais a rede. Por fim, vocês quatro foram selecionados entre milhões de indivíduos em potencial. Foi descoberto que possuíam os sistemas imunológicos mais vigorosamente resistentes, fortes o bastante para suportar contato próximo com a infecção. Além disso, encaixavam-se no perfil demográfico de sobrevivência requerido.

— Quer dizer que éramos jovens, em forma e não ficaríamos doentes — falou Sam.

— Precisamente.

— Então nos largaram no meio dessa merda toda só para que pegássemos a forma original e estável do vírus para você?

— Deixando uma trilha de migalhas para que seguissem ao longo do caminho, sim — respondeu Charon, presunçoso.

— Presumo que West estivesse na jogada? — perguntou Purna.

Charon deu um risinho.

— Mowen também. Uma pena o que aconteceu ao pobre Dr. West, embora tenha servido ao seu propósito. Tenho certeza de que a vacina que desenvolveu, combinada com as anotações que cuidadosamente vocês trouxeram, se provarão valiosas.

— Então toda aquela merda sobre a mulher de Ryder White... — começou Sam.

— Ah, isso tudo é verdade — falou Charon, ainda sorrindo com presunção. — É sempre mais convincente se você esconder algumas gotas de verdade em um oceano de mentiras.

Sam franziu a testa.

— Então esse Ryder White trabalha para a Organização também?

— Não.

Sam encarou Charon por um longo momento, então balançou a cabeça.

— Não entendo.

— Acho que eu entendo — falou Purna. Semicerrando os olhos, ela falou: — Não foi Ryder White quem nos contatou, foi? Foi você.

— Culpado — respondeu Charon, erguendo as mãos.

— Então Ryder não sabe nada sobre nós? — perguntou Sam.

— Ah, ele sabe que há agentes operacionais em Banoi tentando localizar uma forma estável do vírus, para desenvolver uma vacina com esperança de que ela salve sua mulher. Se Ryder não tivesse recebido *essa* informação, a ilha teria sido destruída e todo o árduo trabalho de vocês teria sido em vão.

— Todo nosso árduo trabalho? — gritou Sam. — Você faz parecer que essa porra de vírus é algum tipo de conquista.

— E é — replicou Charon. — A arma biológica máxima, pela qual compradores em potencial estarão dispostos a pagar quantias incalculáveis? — Ele gargalhou. — Como não gostar?

Sam parecia prestes a explodir, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Purna olhou para o rapper rapidamente.

— Espere um pouco, Sam. — Voltando-se para Charon, ela disse: — O que quer dizer com se White não soubesse que estávamos procurando por uma vacina a ilha teria sido destruída? Destruída por quem?

Charon suspirou, como se a falta de compreensão de Purna estivesse se tornando exaustiva.

— Depois de analisar o vírus, os cientistas que trabalhavam para a Organização puderam predizer que assim que a praga fosse introduzida na população geral, se espalharia rapidamente. O *quão* rapidamente, de fato, eles não tinham certeza, e na prática atingiu proporções pandêmicas muito mais rápido do que se previu, mas pelo menos sabiam que o *potencial* estava ali, e foram capazes de instigar diversas medidas de precaução.

— Tais como?

— Não é um fato totalmente conhecido, por razões óbvias, mas faz algum tempo que os governos ocidentais andam temerosos com a possibilidade de que grupos terroristas desenvolvam armas biológicas e químicas tão devastadoras que, se liberadas, dizimariam populações de países inteiros. Para contra-atacar, determinadas medidas foram acordadas, e que seriam recebidas com horror generalizado e condenação caso sua existência fosse revelada. Basta dizer que uma pandemia sem previsão de cura, como a que se disseminou nos últimos dias em Banoi, normalmente desencadearia a execução de protocolos de segurança, que resultariam na limpeza nuclear da área infectada.

— Limpeza nuclear? — disse Sam com desprezo. — Quer dizer que eles mandariam a porra do lugar pelos ares? Assassinariam milhares de pessoas inocentes?

— Para proteger bilhões, sim — respondeu Charon. — Mas sou apenas o mensageiro, não o instigador aqui, então não vamos nos deixar levar por discussões sobre as questões morais.

— Você disse "normalmente" — falou Purna —, o que imagino que signifique que, por causa dessas "medidas de precaução" que mencionou, o que deveria ter acontecido não aconteceu neste caso?

Charon confirmou.

Purna parecia prestes a fazer outra pergunta, então os olhos dela se arregalaram.

— Ai, meu Deus.

— O quê? — perguntou Sam.

Olhando atentamente para Charon, Purna falou:

— Deixe-me adivinhar: Ryder White era o homem responsável por ordenar um ataque nuclear em Banoi, certo?

O sorriso de Charon era todo confirmação.

— Não percebe? — falou Purna para um Sam ainda confuso. — O motivo pelo qual Banoi não foi varrida da face da Terra é porque a mulher de Ryder White está doente, e ele atrasou a ordem porque acha que a cura pode estar na ilha. Mas a questão é: por que ela ficou doente, para início de conversa?

Sam sentia-se como a criança na sala de aula que não entende o que todo mundo parece conseguir compreender — então, de repente, *entendeu*.

— Porque *eles* a fizeram ficar doente — disse Sam, indicando Charon com um aceno.

— Exatamente.

Sam balançou a cabeça, incrédulo.

— Desgraçados.

— Ah, por favor — falou Charon, cansado —, menos dessa porcaria de coração partido. Foi uma decisão puramente prática. A Organização simplesmente precisava de um modo de ganhar tempo. Foi descoberto que a mulher de Ryder White era médica aqui, então, a infecção foi implantada na prisão. Por cuidar de pessoas doentes em seu trabalho, era inevitável que ela contraísse o vírus em algum momento, por isso a ameaça nuclear, para a sorte de vocês, foi adiada.

— Então onde estão White e a mulher agora? — perguntou Purna.

— Na ala médica, aguardando notícias da chegada de vocês com a vacina. Assim que seus amigos acordarem, ligarei para ele, que pedirá, por rádio, um helicóptero para nos levar para bem longe daqui.

— E então o quê? O que acontece *a gente*?

Charon deu tapinhas no bolso.

— Vocês são minha garantia — disse ele —, caso a vacina não funcione.

Garantia. Purna estava começando a odiar aquela palavra. Os homens na

delegacia de polícia haviam mantido Jin como “garantia”.

— E se funcionar? — disse ela.

— Vocês ainda serão valiosos — respondeu Charon. — Depois que a notícia sobre o vírus se espalhar, tenho certeza de que haverá muitas facções desesperadas por imunidade.

— Então, o que está dizendo? — perguntou Sam. — Que nos venderá como gado para quem pagar mais?

— Talvez. Mas não se preocupem, garantirei que vocês serão mandados para bons lares.

— Achei que você trabalhasse para a *Organização*?

— Isso não quer dizer que não haja espaço para um trabalho como *freelancer*.

Purna lançou a Charon um olhar enojado.

— Você não passa de um oportunista, não é, *Kevin* ou *Charon* ou qualquer que seja seu nome?

— Prefiro pensar em mim como um empresário.

— Que negocia vidas humanas? — perguntou Purna.

— Por que não? — respondeu Charon. — Existe produto mais valioso?

Antes que alguém pudesse responder, ouviu-se um gemido e Yerema recostou-se na cadeira, apertando os olhos na tentativa de abri-los.

— Ah, e aí está a Paciente Zero — disse Charon —, o bem mais valioso de todos.

De repente, de modo brusco, ele caminhou até a fileira de cadeiras nas quais o grupo se sentava e sacudiu o ombro de Logan, então o de Jin, com brutalidade.

— Acordem — disparou Charon. — Está na hora de irmos.

Capítulo 24

SUPERZUMBI

— Vocês devem ser as pessoas que trouxeram a vacina.

Com o maxilar delineado e ombros largos, o coronel Ryder White parecia um militar completamente capaz e eficiente. Mesmo de pé sob o sol ardente, e apesar das circunstâncias adversas, a farda verde do exército estava imaculada — cada botão fechado, as calças enfiadas, com primor, por debaixo do cano dos coturnos brilhantes e bem amarrados, a boina vermelha dobrada com precisão sob a dragona do ombro esquerdo.

O estado da esposa dele, no entanto, não poderia ter fornecido um contraste maior. Amarrada sobre a maca com faixas de couro espessas, a mulher loira, que obviamente costumava ser esguia e bonita com o terninho branco lindamente costurado era agora uma megera que rosnava e cuspia. Os olhos dela já haviam assumido o brilho leitoso dos infectados terminais e a pele estava acinzentada e descolorida. Até mesmo o terninho parecia encardido e desarrumado, como se ela tivesse escavado terra, ou como se a corrupção do corpo estivesse passando para as roupas.

Um olhar era suficiente para que Sam soubesse que não havia salvação para ela. Se White acreditava que alguma vacina milagrosa traria a vida e a saúde da mulher de volta, então estava amargamente enganado.

— Somos nós — disse Logan em resposta à pergunta de White.

— Por que estão algemados?

— É melhor perguntar a ele — falou Sam, inclinando a cabeça na direção de Charon, que estava no fim do grupo, pastoreando-os através da grande extensão do terraço da torre com a ajuda do que antes fora a pistola de Yerema.

— Apesar da conclusão bem-sucedida do que o senhor, sem dúvida, entendeu como uma missão heroica, coronel, estas pessoas são mercenários cruéis e deveriam ser tratadas com a máxima cautela — falou Charon.

Purna soltou uma risada.

— Esse é um exemplo clássico do sujo falando do mal-lavado.

Apesar de ter feito a pergunta, White parecia desinteressado tanto na explicação de Charon quanto na resposta de Purna. Ao olhar para Charon com desespero maldisfarçado, ele exigiu saber:

— Onde está a vacina agora?

Charon bateu no bolso do macacão.

— Não se preocupe, coronel. Estou com ela aqui, sã e salva.

— Mostre-me.

— Não acho que seja, de fato, nece...

— Mostre-me — insistiu o coronel, utilizando o que Sam achou que fosse seu berro de concentração, um tom que não aceitava recusas. — Preciso *saber* que existe, que ainda há uma chance...

A voz dele ficou embargada e Sam percebeu como as emoções do coronel eram sinceras e a dificuldade com que ele lutava para mantê-las sob controle. Ao dar alguns passos para a frente, Charon suspirou e enfiou a mão no bolso, retirando de dentro o frasco tampado com o líquido amarelado.

— Aí está — disse ele, como se falando com uma criança mimada. — Feliz agora?

White retirou uma Beretta M9 do coldre e apontou para Charon.

— Entregue-a.

Sam olhou para Charon, que agora estava de pé à direita dele. O agente da Organização revirou os olhos.

— Ah, por favor, coronel, abaixe isso. Está se envergonhando.

— Entregue-a.

— Por quê? — perguntou Charon. — Para que possa dar à sua esposa como se fosse um remédio? Não seja ridículo. Precisa ser completamente testada, e um antídoto deve ser fabricado. Isso vai levar tempo.

— Não *temos* tempo — insistiu White, e ele parecia ansioso agora, agitado. Gotas de suor brotavam na testa. — Minha mulher está doente, não vê?

— Sua esposa está *morta*, coronel — intrometeu-se Purna. Ela inclinou a cabeça na direção de Charon. — E *ele* a matou.

— Morta? — White balançou a cabeça com raiva. — Não... Não, ela está muito doente. Mas vai ficar bem.

Charon gargalhou.

— É claro que vai, coronel. Não ouça esta mulher. Só está tentando nos dividir.

— É verdade, coronel — gritou Purna pelo espaço entre os dois homens. — Este homem, Charon ou Kevin, ou como quiser ser chamado, introduziu o vírus no hospital, sabendo que sua mulher o contrairia. Ele fez isso para atrasar a sua ordem de destruir a ilha caso a infecção chegasse a proporções pandêmicas, as quais, é claro, ela rapidamente atingiu.

Charon riu ainda mais forte.

— Jamais ouvi tamanha besteira.

— É tudo verdade — gritou Logan. — Ele mesmo nos contou. Todos ouvimos, não foi, gente?

Todos assentiram.

— Ele o estava ludibriando, coronel — gritou Sam. — O tempo inteiro. Ele e as pessoas para quem trabalha querem usar o vírus como arma. Só queriam uma vacina para que pudessem controlá-la.

White arquejou na direção dele, obviamente sem saber em que acreditar. Aparentemente inabalado, Charon falou:

— É *claro* que dirão isso, coronel. Mas nós dois sabemos que não é verdade,

não sabemos? É apenas uma tentativa patética de dividir e conquistar. Mas não vai funcionar, vai? Nós dois somos mais fortes e inteligentes do que isso.

— Olhe para sua mulher, coronel — gritou Purna. — Olhe para o que Charon fez com ela.

White abaixou o rosto para a mulher, confuso e indeciso, o comportamento habilidoso e eficiente de alguns minutos antes havia se desmoronado por completo.

— Você fez isso? — perguntou ele.

— É claro que não — disparou Charon, exasperado. — Eles estão apenas...

E foi aí que Sam o golpeou.

Aproveitando-se da distração momentânea de Charon, Sam se atirou de lado, com as mãos ainda algemadas diante do corpo. Os 86 quilos de músculos quase sólidos esmagaram o abdômen do homem magricela e o nocautearam no chão. Os dois aterrissaram em um emaranhado, Charon de costas, Sam caído ao lado dele e absorvendo o impacto total no ombro. Embora Charon ainda segurasse a arma, o frasco da vacina voou de suas mãos e caiu no chão, a cerca de 5 metros de distância. Apesar de trata-se de vidro, não quebrou, mas, em vez disso, rolou pelo terraço plano de concreto da torre. Furiosamente, Charon afastou Sam aos chutes, então ergueu a mão que segurava a arma e acertou o rapper na lateral da cabeça. Sam, que tentava se levantar, gemeu e desabou de novo, zonzo. Charon saltou, colocando-se de pé, os dentes expostos em um grunhido selvagem.

Enquanto Sam e Charon estavam se atracando no chão, Jin, principalmente por impulso, havia se separado do grupo capturado e corrido em direção ao frasco que rolava. Caindo de joelhos, a jovem inclinou o corpo para a frente e, de modo desajeitado, agarrou o frasco com uma das mãos algemadas, depois ficou novamente de pé e correu na direção do coronel e da esposa. Jin tinha uma vaga noção de que a vacina estaria melhor nas mãos de White do que nas de Charon, de que na jurisdição do exército, fariam bom uso dela, não a venderiam simplesmente, junto com o próprio vírus, para quem pagasse mais. A jovem avançara cerca de dois terços da distância e não estava a mais de 10 metros do

coronel ainda hesitante quando Charon atirou nela.

Não houve aviso. O magricela apenas ergueu a arma e atirou. Houve gritos de horror do grupo aprisionado quando sangue surgiu do ferimento aberto que apareceu nas costas de Jin. Com os braços estendidos, a garota foi atirada para a frente, como se a tivessem atingido com uma marreta, e caiu com o rosto no chão. O corpo de Jin se convulsionou por um momento e então relaxou, à medida que a vida se esvaía dela.

Houve um momento de silêncio estupefato. O rosto de Xian Mei estava contorcido de choque, a boca aberta de incredulidade. Os olhos de Purna queimavam com ódio. Logan se virou para encarar Charon, com o rosto brilhando, vermelho.

— Por que você fez isso, porra? — gritou ele. — Você a matou! Você a matou, porra, seu filho da puta assassino!

Com determinação maligna, Charon virou a arma e a mirou no rosto de Logan.

— Atirarei em você também se não calar a boca.

Ainda um tanto confuso, Sam se sentou com dificuldade e cuspiu sangue. Olhando, entorpecido, para o corpo inerte de Jin, ele falou, com a voz baixa:

— A primeira porra de chance que eu tiver, juro que vou matar *você*.

— É mesmo? — falou Charon com escárnio. — Nesse caso, é melhor eu me certificar de que você não tenha essa chance, não é? — Então ele se virou para longe de Sam e apontou a arma para um novo alvo. — Recue, coronel.

Enquanto todos sentiam a morte de Jin, White havia se adiantado e retirado o frasco da mão sem vida da garota. Ele o erguia diante de si naquele momento, olhando para o objeto com algo parecido com fascínio. Ignorando o aviso de Charon, White se virou e caminhou de volta até a mulher.

— Coronel, estou falando sério! — berrou Charon.

Quase casualmente, White olhou ao redor, ergueu a arma e atirou. A bala foi disparada para o alto, mas todos se jogaram ao chão, inclusive Charon. Quando ergueram as cabeças, White havia recolocado a arma no coldre e retirava a tampa

do frasco.

— Coronel, não! — gritou Charon, com um toque de pânico na voz. Com a arma empunhada para o alto, ele começou a correr os 30 metros de espaço aberto entre os dois.

White estava virando o conteúdo do frasco na boca da mulher quando Charon atirou. Temeroso de que disparar em White fizesse com que ele derrubasse o frasco e derramasse seu conteúdo, Charon mirou deliberadamente acima da cabeça do coronel. Esperava que a simples ameaça fosse o bastante para fazê-lo parar, talvez até mesmo trazê-lo de volta à razão.

— A próxima bala eu *não* errarei! — prometeu Charon com a voz selvagem. — Devolva o frasco *agora*, ou matarei você *e* sua mulher.

Mas White não estava ouvindo. Levado pelo desejo obsessivo de salvar a mulher que amava, o coronel agora estava perdido no próprio mundo, surdo tanto para ameaças quanto para a razão. Charon só conseguia assistir, chocado, enquanto White derramava o conteúdo inteiro do frasco na boca da mulher, que rosnava e mordia.

— *Não!* — rugiu ele. — O que você fez?

Furioso, ergueu a arma e puxou o gatilho, e de novo, e de novo, e de novo.

White se contorcia e se encurvava, sangue jorrando de dentro de si enquanto balas rasgavam-lhe o corpo. O coronel caiu sobre a maca da mulher e deslizou para o chão. Friamente, Charon virou a arma, apontou para a mulher do coronel e puxou o gatilho. Vazia, a arma emitiu um clique. Depois de xingar, Charon vasculhou o bolso do macacão em busca de mais munição.

Reduzidos, no momento, a meros espectadores, Purna, Sam e os demais observavam a 30 metros de distância. Sam sentiu uma satisfação descontrolada ao ver os planos cuidadosamente arquitetados de Charon irem por água abaixo, mas não podia deixar de imaginar como a perda da vacina afetaria não apenas as perspectivas no longo prazo dele e dos amigos, mas também do resto do mundo, caso o vírus se espalhasse para fora da ilha.

De repente, Logan, gritou:

— Ei, olhem para a Sra. White.

— O que está acontecendo com ela? — murmurou Yerema.

— Deve ser a vacina — falou Sam.

Ainda presa à maca, a mulher do coronel estava tendo algum tipo de convulsão. A própria maca chacoalhava, perigando virar. Então, a Sra. White começou a mudar. O corpo dela pareceu inchar, crescer com projeções amorfas esquisitas. Elas irromperam por toda a mulher, as roupas dela rasgando conforme braços, pernas e tronco se expandiam. Era quase como observar uma reação química violenta, pensou Sam, ou talvez um filme acelerado sobre abuso crônico de esteroides. A mulher infectada gritava de ódio ou agonia conforme seu rosto também começava a se dilatar e distorcer. Dentro de segundos, a zumbi havia crescido até duas vezes, talvez três, o tamanho normal, e havia se tornado tão bizarramente deformada que mal podia ser reconhecida como ser humano.

— Merda — disse Logan, espantado, conforme a criatura horrível se sacudia de um lado para o outro, partindo as amarras espessas de couro da maca como se fossem fios de algodão. — Ela virou uma porra de superzumbi.

O que um dia tinha sido a mulher do coronel urrou mais uma vez e cambaleou até ficar de pé, transformando a maca em metal retorcido e atirando-a para longe com um único golpe do braço maciço.

Charon, enquanto isso, conseguira recarregar a arma e recuava, incrédulo, com o rosto erguido para a criatura à medida que ela se erguia. O zumbi se levantou, oscilando por um momento, como uma árvore antiga retorcida feita não de seiva e tronco, mas de pedaços compactos e horrivelmente inchados de carne morta.

Então ela atacou.

A criatura avançou na direção de Charon como um elefante. O grito terrível e esganiçado era como uma lâmina pontiaguda de som que rasga o ar. Sam precisou dar crédito ao magricela — pelo menos, o sujeito tinha colhões. A maioria das pessoas teria corrido, mas Charon defendeu seu território, empunhou a arma e começou a atirar. Com o braço firme, ele não parava de

atirar na cabeça da criatura — ou pelo menos na protuberância grotescamente inchada nos ombros do zumbi que agora *servia* de cabeça. Cada tiro rasgava pedaços de carne do tamanho de massa de pão, e um fluido espesso e enegrecido jorrava das feridas abertas. As primeiras balas mal reduziram a velocidade da criatura, então, o obstáculo começou a surtir efeito. Com múltiplas perfurações, a criatura começou a cambalear e rodopiar, deixando um rastro preto como óleo de motor atrás de si. Ainda assim, Charon recuava diante dos avanços dela; ainda assim, ele atirava, recarregando rapidamente quando necessário. Finalmente, não conseguia mais recuar. Ele parou a 1 metro da beirada do terraço da torre. A criatura seguia aos tropeços agora, sibilando conforme se aproximava. Charon parou de atirar e, devagar, ergueu os braços, como um saltador ornamental se preparando para um mergulho água abaixo.

— Venha — gritou ele. Então berrou para a criatura: — *Venha*!

Como se reagindo à provocação, a criatura disparou em uma nova corrida, colocando o restante de sua energia em um ataque final. Charon esperou até que ela não estivesse a mais do que poucos metros de distância, então se jogou para o lado. Com um guincho final, a criatura, incapaz de deter a inércia para a frente, mergulhou na beirada da torre e desabou, muito abaixo. Houve um momento de silêncio, seguido por um estampido ruidoso, como um imenso circuito elétrico em curto.

Antes que alguém pudesse reagir, ouviu-se o leve ronco de um motor de algum lugar acima. Sam ergueu o rosto e viu uma sombra preta no céu, que ficava cada vez maior. Ainda que Charon estivesse ocupado com a criatura nos últimos dois minutos, o restante deles simplesmente assistia. Se estivessem em qualquer outro lugar, poderiam ter usado a distração para escapar, mas ali, no terraço, não havia lugar *para onde* escapar. Agora, Charon caminhava de volta na direção deles quase causalmente, a arma apontada para o grupo.

— Fiquem bem para trás — gritou ele. — Deem ao piloto espaço para pousar.

Sam não sabia muito sobre helicópteros, mas notou que aquele era bem grande. Era preto e corpulento, como uma mosca gigante e bem alimentada.

Conforme a aeronave descia na direção deles, a corrente inferior dos rotores barulhentos fazia com que as roupas deles voassem e os cabelos das garotas chicoteassem e se atirassem contra os seus rostos. O helicóptero pousou com graciosidade, as rodas mal roçando o concreto antes que ele parasse por completo. Charon gesticulou novamente com a arma.

— Entrem — gritou.

— Para onde vamos? — A voz de Purna quase se perdeu sob o barulho.

Charon deu um sorriso torto.

— Para um passeio mágico e misterioso.

Ainda algemados, os cinco, com Charon atrás, marcharam na direção do helicóptero. O piloto com capacete e óculos pretos mal olhou para o grupo enquanto subiam a bordo. No interior, sentaram-se em duas fileiras de três assentos, Logan e Xian Mei atrás, Sam, Purna e Yerema na dianteira. Charon se sentou na frente, ao lado do piloto, embora tivesse se virado no assento para manter a arma apontada para os cinco. Com um aceno de cabeça para o piloto, Charon falou, com deboche:

— Senhoras e senhores, estamos neste momento deixando o paraíso.

Com um ronco ensurdecedor dos motores, o helicóptero se afastou do terraço da torre. O estômago de Sam se revirou quando a aeronave deu um leve tranco e se inclinou para um dos lados. Ao olhar pela janela, ele viu a criatura que um dia tinha sido Dana White empalada na cerca elétrica. Ela queimava, a massa túrgida que era a cabeça estava pendurada, os enormes braços abertos numa pose de crucificação. Conforme subiam em direção às nuvens, Sam viu a ilha de Banoi se afastando abaixo. Ao virar o rosto, fitou os olhos frios e imóveis de Charon e se perguntou o que o futuro reservava.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Dead Island

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/dead-island-202748ed227390.html

Wikipédia do autor
http://en.wikipedia.org/wiki/Mark_Morris

SUMÁRIO

Capa
Rosto
Créditos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Saiba mais
Dead Island